Anna Ribeiro
de Goes Bittencourt

LONGOS SERÕES DO CAMPO

VOLUME 2

Infância e Juventude

EDITORA
NOVA FRONTEIRA

Longos Serões do Campo

VOLUME 2

Infância e Juventude

Anna Ribeiro de Goes Bittencourt

LONGOS SERÕES DO CAMPO

VOLUME 2

Infância e Juventude

Organização e notas
Maria Clara Mariani Bittencourt

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Direitos desta edição reservados à

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 – CEP 22251
Botafogo – Tel. 286-7822
Endereço telegráfico: NEOFRONT
Telex: 34695 ENFS BR
Rio de Janeiro, RJ

Atualização do texto da autora
Antônio Guimarães

Capa
Victor Burton

Cip-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bittencourt, Anna Ribeiro de Goes, 1843–1930
B542L Longos serões do campo / Anna Ribeiro de Goes Bittencourt ; organização e
2 v. notas Maria Clara Mariani Bittencourt. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1992.
2 v.

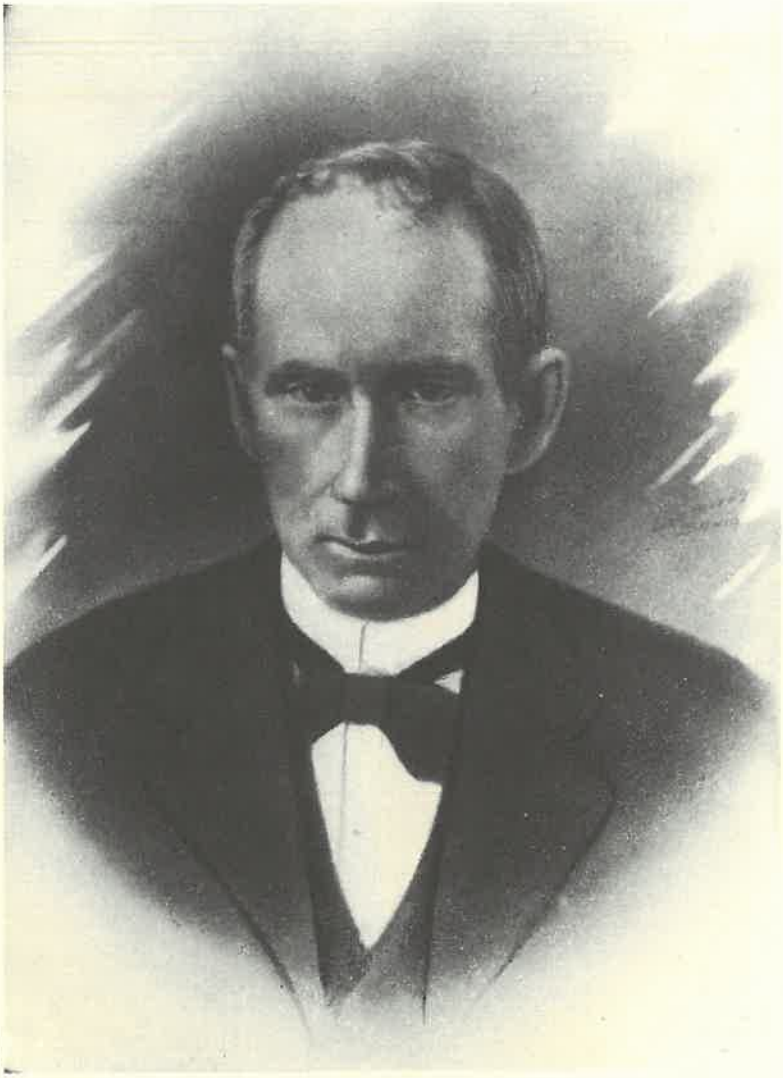
Conteúdo: v. 1. O major Pedro Ribeiro – v. 2. Infância e juventude.
Bibliografia.
ISBN 85-209-0370-3 (v. 1) – 85-209-0367-3 (v. 2)

1. Ribeiro, Pedro – Biografia. 2. Ribeiro (Família). 3. Araújo, Ribeiro de (Família). 4. Goes, Ribeiro (Família). 5. Bittencourt, Anna Ribeiro de Goes, 1843–1930 – Biografia. 6. Bahia – História – Séculos XVIII e XIX. I. Título.

CDD – 929.2
92-0312 CDU – 929.2

BBM

Este livro foi patrocinado pelo Banco da Bahia Investimentos S.A.



Mathias de Araújo Góis,
pai da escritora.

Dr. Sócrates de Araújo Bittencourt,
marido da escritora.

Sumário

Capítulo I 1
Capítulo II 11
Capítulo III 27
Capítulo IV 35
Capítulo V 47
Capítulo VI 57
Capítulo VII 65
Capítulo VIII 75
Capítulo IX 81
Capítulo X 91
Capítulo XI 103
Capítulo XII 111
Capítulo XIII 125
Capítulo XIV 139
Capítulo XV 151
Capítulo XVI 161
Capítulo XVII 173
Capítulo XVIII 181
Capítulo XIX 189
Capítulo XX 201

Capítulo XXI 215
Capítulo XXII 223
Capítulo XXIII 237

Notas 253

Bibliografia 311

Capítulo I

Tendo dado alguns esclarecimentos sobre a família de minha mãe,[1] devo dá-los também sobre a de meu pai. São estes esclarecimentos bem escassos por não ter eu quem os fornecesse mais amplos. Mas, pelas poucas informações que pude obter e pelo que ainda conheci da situação da família, sei que os Araujo Goes, do Catu, que ali ocupavam vasta área de território, gozaram sempre da reputação de homens probos, cumpridores de seus contratos, nunca desmentindo da espécie de aristocracia formada pela classe muito considerada dos senhores de engenho, que era a segunda nobreza do país, como era na França a magistratura.[2] Tendo gozado de grandes privilégios nos tempos coloniais, conservavam ainda bastantes garantias no Império, como ainda vi na minha mocidade.

O primeiro Araujo Goes que se estabeleceu no Catu foi Lourenço de Araujo Goes, que comprou uma parte considerável da extensíssima sesmaria dos frades do Carmo, onde levantou o engenho Santinho. Teve quatro filhos e três filhas. Por sua morte, o engenho Santinho coube a seu filho mais velho, Joaquim Sant'Anna de Araujo Goes. Ao segundo, Manoel José de Araujo Goes, meu avô, tocaram as terras onde edificou o engenho Conceição. Ao terceiro, Antonio dos Santos de Araujo Goes, as terras onde fez o engenho Tereré, nome de um riacho que ali existe. Os terrenos desses engenhos, hoje extintos, foram divididos em fazendas, atualmente possuídas por pessoas estranhas à família, exceto a da

Conceição, pertencente ao engenheiro Alexandre Reis de Araujo Goes, neto de meu avô. A casa, embora reformada e embelecida, é a mesma por ele edificada. Também existe uma parcela das terras do engenho Santinho que pertencem ao Dr. Antonio José Teixeira, tetraneto de Lourenço de Araujo Goes. Do engenho nada mais existe; da casa, apenas uma pequena parte, aumentada com novas construções.[3]

O filho mais moço de Lourenço, chamado Mathias de Araujo Goes, que não recebeu terras em herança, comprou o engenho das Flechas, e nas terras que deu a um seu genro, Joaquim Gomes, fez este o engenho Cassarangongo. Tinha aquele o mesmo nome de meu pai, de quem era tio e padrinho.

Das filhas de Lourenço, uma, D. Anna, morreu solteira, outra casou-se mas não teve sucessão, e a terceira, Theodora, casou com um senhor de Cachoeira e não voltou ao Catu. Só conhecemos um de seus filhos, Joaquim Gomes de Araujo Goes, que se casou com sua prima, Atanasia, filha de Mathias, proprietária das Flechas.

Manoel Joaquim de Araujo Goes, segundo filho de Joaquim Sant'Anna de Araujo Goes, comprou o engenho Remédio, e D. Antonio de Uzeda e Luna, cunhado do primeiro e genro do segundo, casado com Maria Ignez de Araujo Goes, comprou o dos Arauariz, chamado *de D. Antonio.*[4] Vendido depois a José da Gloria Borges, aparentado por afinidade com a família, o dos Arauariz foi dito, a partir de então, *de Zé da Glória.* Esses engenhos foram também subdivididos em fazendas, e só uma parte do Remédio pertence a um bisneto de Lourenço de Araujo Goes — Paulino de Araujo Goes, Barão de São Miguel.[5]

Todos estes proprietários relacionavam-se amigavelmente, ao invés do que sucedia em outras zonas, como no Recôncavo de Santo Amaro, onde viviam inteiramente retraídos, principalmente as senhoras, que não conheciam as suas mais próximas vizinhas.

Tal sociabilidade amenizava a vida, tornando-a muito suportável no campo. Havia certo espírito de família, e, se surgia alguma dissensão, os mais respeitados dentre os parentes tratavam de harmonizá-la. Nas grandes ocasiões, todos se reuniam e auxiliavam-se mutuamente.

Além das visitas freqüentes, havia festividades modestas e singelas, como era tudo naquele tempo, porém nas quais a ausência de cerimônias, a franqueza e a boa vontade proporcionavam horas bem agradáveis a todos. Tal era o modo de existência que ainda encontrei.

De meu avó paterno, que não conheci, mas que minha mãe conheceu, dele fazendo o melhor conceito, tratarei agora. Manoel José de Araujo Goes era muito religioso e de uma probidade ilibada. Contava minha mãe que, estando em casa dele, viu-o entrar com dous escravos, conduzindo um fardo de fazendas encontrado na capoeira, perto da estrada. Aberto o envólucro de encerado, constatou-se serem peças de fazenda como madrastos, chitas, etc. Uma das filhas pequenas de Manoel José, Jesuina ou Maria da Gloria, vendo uma chita de bonito padrão, disse:

— Meu pai, eu quero um vestido desta!

— De modo nenhum, minha filha, tornou ele; vou ver se descubro o dono. Só quero o que é meu.

Baldadas as averiguações, mandou meu avô um anúncio para ser pregado na porta da Igreja. Era esse um meio muito usado e com resultados, já que os campônios vinham, de muitas léguas de distância, ouvir missa. Nada descobriram. Perguntou meu avô, ao vigário, o que devia fazer, e este aconselhou-o a vender as fazendas e, com o dinheiro, mandar celebrar missas em tenção do dono. Assim foi feito.

Este sentimento de probidade levado ao extremo fazia-o não querer constituir-se devedor nem por um dia. Para isso cooperava

a sua falta de cultura intelectual, razão por que talvez não aumentasse sua fortuna, como era de esperar de sua atividade de trabalho. Quando Manoel José perdeu sua primeira mulher, D. Maria do Carmo, o médico chamado chegou tarde, tendo de assistir a morte desta. Naquele momento doloroso, porque amava com adoração a esposa, Manoel José não se descuidou de sua norma de proceder. Vindo o médico despedir-se, disse-lhe:

— Senhor Doutor, o dinheiro que tenho em casa é para o enterro de minha mulher. Fica satisfeito levando em paga esta escrava?

E apresentou-lhe uma rapariga africana que comprara há poucos dias. A paga era mais que suficiente, e o médico aceitou.

— Então mande seu lacaio leva-la à garupa, tornou meu avô.

E assim foi feito. Demais, Manoel José era um homem de coração. Sem ser instruído, como sucedia a todos os filhos de proprietários não destinados ao sacerdócio, era ele de extrema delicadeza com a esposa, filhos e noras. Com os filhos homens era duro, seguindo a teoria errônea daquela época, em que os pais entendiam dever exercer absoluta autoridade sobre os filhos, embora empregando o rigor. "As mulheres", dizia ele, "são fracas, precisam ser tratadas com brandura, e é dever do homem protegê-las." No seu testamento, deixou a terça parte dos bens às filhas. "Os filhos que trabalhem para ter. As filhas precisam mais, visto não terem meios de aumentar seus haveres."

Notando minha mãe que seu sogro tratava com particular afeto um de seus agregados, pai de numerosa família que se distinguia pela honradez e virtude, respondeu-lhe meu avô:

— Tenho razões para prezar muito esse homem; além de muito honrado, prestou-me serviços que nunca esquecerei. Na morte de minha primeira mulher, foi tal a minha dor que tive a idéia de acabar com a vida. O Silva não me deixava um instante. Conversava, dizendo que, se eu cometesse aquele ato de desespe-

ro, seria para sempre separado de minha mulher que, sendo uma santa, devia estar no céu.

Falava Manoel José com tanta ternura da primeira esposa que minha mãe lhe disse gracejando:

— Parece que vosmecê amava mais a primeira que a segunda mulher!

— De modo nenhum, minha filha, tornou ele. Esta é a mãe de meus filhos e é muito boa; bem vê como vivemos. Não posso, porém, me esquecer de Maria do Carmo. Se a visse, diria, como todos que a conheceram, que era uma criatura santa.

Manoel José de Araujo Goes morreu aos sessenta e dois anos de idade, como verdadeiro cristão, deixando a seus filhos um nome sem mancha.

Tratarei agora dos filhos de Manoel José, meu avô. Aos descendentes dos outros, só me referirei quando for preciso no correr destas *Memórias* para não as tornar muito extensas e enfadonhas. Teve ele de seu segundo casamento, com a prima Joanna Maria de Araujo Goes, oito filhos.

O primogênito, também chamado Manoel José, igualmente casou-se duas vezes. De suas primeiras núpcias, com D. Jeronima, teve dez filhos; do segundo casamento, com D. Guiomar, sua cunhada, treze. Destes, muitos já não existem, outros estão disseminados por diversos lugares. No Catu, só o engenheiro Alexandre Reis de Araujo Goes conservou a fazenda, outrora engenho Conceição.

O segundo filho de meu avô, Mathias, só teve a mim. Mathias de Araujo Goes herdou, sob muitos pontos de vista, o caráter do pai. De probidade intransigente, em muitos de seus negócios teve prejuízo para não faltar à sua palavra. Considerava acima de tudo a honra e a dignidade. Inteligente e de memória pouco vulgar, cursou as aulas de latim durante dois anos. Grave moléstia obri-

gou-o a deixar o estudo, e, como fosse considerado vadio, o pai tirou-o de vez e fez dele o seu auxiliar nos trabalhos rurais, nos quais logo desenvolveu grande atividade, não obstante só ter quinze anos.

A terceira filha de Manoel José, Joanna Damasceno de Araujo Goes, casada com seu primo Paulo de Araujo Goes, filho de Joaquim Sant'Anna de Araujo Goes, teve três filhos: uma filha também chamada Joanna — Janinha — que morreu solteira, Paulino de Araujo Goes, depois Barão de São Miguel, e Antonio Uzeda de Araujo Goes.

A quarta, Miquelina, foi a segunda esposa de seu primo Manoel Joaquim de Araujo Goes, filho de Joaquim Sant'Anna de Araujo Goes, proprietário do engenho Santinho. Manoel Joaquim deixou numerosa prole, tendo sido casado em primeiras núpcias com sua prima D. Anna Francisca, filha de D. João de Uzeda e Luna e de D. Francisca Ribeiro de Araujo, irmã de meu avô materno. Desse seu primeiro consórcio, vive ainda, no Catu, um filho, Alexandre Luna de Araujo Goes, e, do segundo, uma senhora, sem sucessão. Existem também alguns netos, que já não moram no Catu, entre os quais nomearei, por serem pessoas de minhas relações, o Dr. Paulo Rodrigues Teixeira e o Dr. José Rodrigues Teixeira, ambos com sucessão.

A quinta filha, Carolina, casou-se duas vezes: com Pedro Augusto de Araujo Goes, e depois com o irmão deste, Manoel Joaquim de Araujo Goes Filho, mas não deixou descendentes.

A sexta, Jesuina, casada com meu tio pelo lado materno, Dr. Pedro Ribeiro de Araujo, também não deixou filhos.

O sétimo, Teofilo, casado com Maria José Novais, prima de minha mãe, teve cinco filhos.

A oitava, Maria da Gloria de Araujo Goes, morreu solteira.

Da numerosa descendência de meus parentes, muitos vivem no Rio de Janeiro e em outros lugares, e a maior parte deles não

conheço nem de vista. Para que nomeá-los? Contudo, mencionarei ainda uma filha de Mathias de Araujo Goes, quarto filho de Lourenço, mais conhecido como Coronel Mathias das Flechas. Chamava-se Miquelina e era esposa de João de Araujo Froes; sua filha, Maria Benedita, casou-se com o Coronel João Garcez dos Santos. São pessoas de nossa amizade e têm sucessão. Existem muitos outros netos do Coronel Mathias, entre os quais citarei o Cônego Evaristo de Araujo Goes Bittencourt e os vigários Liberato Ferreira de Goes Bittencourt e Antonio de Araujo Goes Bittencourt.[6]

Como já disse acima, são escassos os esclarecimentos que posso proporcionar sobre a família Araujo Goes, da qual apresento como tronco Lourenço de Araujo Goes. E não há hoje quem mos possa dar melhores.[7] No entanto, para que não julguem que Lourenço era um indivíduo de rasteira condição, direi que meu avô Pedro Ribeiro, escrupuloso como eram os antigos quando se tratava de uniões matrimoniais, respondeu a um amigo — segundo me contou minha mãe — que lhe perguntava sobre a família do noivo da filha:

— É da família Araujo Goes, do Catu; e sei que é boa, porque meu tio Pedro Caetano, quando casou minha irmã Theresa com um Araujo Goes, disse-me: "São de muito boa família e têm até fidalguia; não fazem disso, porém, cabedal, porque são lavradores e homens todos dados ao trabalho."

Lembro-me também de que, quando menina, vi, em casa do tio de meu pai, Antonio dos Santos, um respeitável ancião chamado Innocencio Marques de Araujo Goes. Tratavam-se por primos e eram muito amigos. Um filho de Innocencio Marques de Araujo Goes, do mesmo nome, casado em segundas núpcias com uma sobrinha do Marquês de Abrantes, ocupou cargos importantes na magistratura e chegou a desembargador, sendo depois agraciado

com o título de Barão de Araujo Goes. Um filho deste, também do mesmo nome, representou papel saliente na política, no tempo do Segundo Reinado, tendo sido Deputado Geral e Presidente de Pernambuco. Retirado da política, tornou-se advogado notável. Foi casado com sua prima D. Maria Constança, senhora de elevados dotes de espírito e de coração. Não tiveram filhos.[8]

Dando estes esclarecimentos, creio que não posso ser encrepada de vaidade, porque escrevo estas páginas somente para a minha família e só tenho em mira resguardar meus descendentes das calúnias que entes malévolos e de origem baixa buscam assacar contra as famílias de origem limpa, como se isso apagasse as nódoas que mancham sua própria ascendência. O que posso da melhor fé afirmar é que os primeiros Araujo Goes, que ocuparam uma grande extensão de solo no Catu, eram homens probos e muito conceituados no meio de seus contemporâneos. Entre eles, dizia minha mãe, destacava-se meu avô, homem de consciência pura e que colocava a honestidade e a honradez acima de tudo. Não falarei de outros.

As gerações sucedem-se como ondas que rolam no oceano da vida e acabam por confundir-se, não ficando nenhum vestígio de sua passagem. Em outros tempos, quando os nobres gozavam de privilégios, algumas famílias conservavam uma longa série de nomes de ascendentes porque, quanto mais antiga, mais conceituada era a nobreza. Hoje, porém, que tudo isso desapareceu, só se pode guardar de memória o nome de algum que se haja salientado de modo a passar ao domínio da História. Fiquemos, pois, no olvido, como temos de ficar, os que nomeio e eu mesma, quando desaparecerem as gerações de meus descendentes que me conheceram.

Nasci na fazenda Retiro, termo da Vila de Itapicuru, a 31 de janeiro de 1843. Foram meus pais Mathias de Araujo Goes e sua esposa, D. Anna Maria da Annunciação Ribeiro Goes. Minha

mãe, Anna Maria da Annunciação Ribeiro, nasceu em 1817. Era a segunda filha do Major Pedro Ribeiro, meu avô, cuja história já contei.[9] Casou aos dezoito anos com Mathias de Araujo Goes. Sete anos depois, vim eu ao mundo, sendo o único fruto deste consórcio. Pelo que pude coligir de suas conversações e das pessoas que a conheceram em solteira, foi minha mãe sempre um modelo de amor filial e fraterno e de uma virtude exemplar. Perdendo a mãe aos quinze anos, foi, para três irmãos menores, mãe extremosa. Quando tive uso da razão, ainda vi uma dessas irmãs, Maria, que com ela residia. Pouca diferença havia entre o afeto que nos dedicava, à filha e à irmã.

O pai, cego durante muitos anos, servira-lhe de mestre. Lia e escrevia regularmente, e começara a aprender o latim, que o pai conhecia a fundo. Não continuara porque, casando-se a irmã mais velha, Josepha, sua companheira de estudo, aborreceu-se de estudar só e, pouco tempo depois, também se casou.

Nas conversações, o velho Pedro Ribeiro dava-lhes noções de História Antiga e contava-lhes fábulas por ele colhidas nos autores latinos. Incentivara-lhes também o pai o gosto pela leitura, com que as filhas lhe amenizavam a triste vida de cego. Minha mãe nunca perdera este gosto, ao invés das outras senhoras da família que, depois de casadas, só tratavam dos misteres domésticos e, nas horas vagas, de trabalhos manuais. O gosto pela leitura ela jamais perdeu. Pessoas de suas relações forneciam-lhe alguns livros, que lia aos domingos e dias santos. Tudo isto tornava a conversação de minha mãe aprazível, distinguindo-a das outras senhoras, inteiramente nulas em tais assuntos.

Quanto a meu pai, apesar da pouca cultura intelectual, era ele de um tino admirável para avaliar as coisas e conhecer as pessoas. Às vezes minha mãe comentava: "Este homem tem, como diz o povo, *boca de praga*. Deus me livre que ele manifeste seus maus juízos a respeito dos meus." Ela era excessivamente parentista.

Depois compreendi ser a perspicácia natural de que ele era dotado que o levava sempre a ver realizados os seus conceitos. Era tão metódico e ordeiro em todos os seus atos, em tudo que o cercava, que um de seus parentes dizia: "Se o apelido devesse expressar o caráter do indivíduo, como pensam alguns, você devia chamar-se *Mathias da Ordem.*"

Nas circunstâncias do meu nascimento, muito vulgares, só houve de mais o doce alvoroço que proporcionou a meus pais — depois de sete anos de consórcio, não esperavam mais ter sucessão — e sobretudo, no coração de minha mãe, a grata certeza de que fora eu um presente de Sant'Anna, segundo costumava dizer.

Em uns apontamentos biográficos enviados pelo meu parente Dr. Innocencio de Araujo Goes a Sacramento Blake, autor de um *Dicionário bibliográfico e histórico*, sou considerada filha do Catu.[10] Foi um engano, mas não valia a pena ser retificado. Sou realmente mais filha do Catu do que do Itapicuru, de onde vim com idade de dois anos; no Catu tem decorrido quase toda a minha existência.

Até próximo aos sete anos, minhas recordações, como expus em um conto inspirado por um episódio de minha infância, *Primeira injustiça*, não são muito nítidas.[11] É justo, pois, que comece minhas *Memórias* após a morte de meu avô, o primeiro acontecimento de que conservo clara lembrança.[12]

Capítulo II

Depois dos dias de lágrimas e luto, a vida em nossa casa seguiu o seu curso habitual. É inegável que a morte de uma pessoa avançada em idade, embora muito cara, traz um justo motivo de resignação. Pensa-se: "Não podia viver muito tempo; já havia tido uma longa vida." Não é assim quando se trata da perda de um ser na flor da idade, na pujança da vida! Então, só a fé viva pode suplantar a revolta que, a nosso pesar, se ergue em nosso ânimo e sufocar o brado de desesperação que a cada instante procura irromper da alma.

Minha mãe voltara à sua vida habitual. Era ainda bela, apesar da ausência dos atavios da moda, o que era usual naquela terra nas senhoras casadas, que aos trinta se julgavam velhas, não dispensando de embiocar-se em um chale se tinham de sair ou receber alguém. Tinha fina cor morena-clara, magníficos cabelos pretos e grandes olhos negros, lindíssimos. Não era, porém, o seu físico que lhe granjeava a simpatia e consideração de quantos a conheciam. Eram os dotes intelectuais e morais! Muito inteligente, tinha desembaraço natural, graça e facilidade de expressão. Mas o que a salientava sobretudo, eram a bondade, a grandeza d'alma, o espírito de caridade. Esta última qualidade, ela a possuía, pode-se dizer, por hereditariedade. Sua avó materna, D. Josepha Ferreira de Brito, era de uma caridade sem limites, e sua mãe, D. Joanna — Sinharinha —, tinham-na em Itapicuru como a mãe dos pobres e desvalidos. Muitos anos após a morte

de Sinharinha ainda conservavam, naquela terra, a lembrança daquela virtuosa senhora.

A reação de minha tia Maria à morte do pai foi diversa da irmã. Em abatimento profundo, quase não saía do quarto, onde permanecia envolta em sombria tristeza.

Lembro-me de minha tia. Era de estatura mediana, cheia de corpo sem ser gorda. Tez alva levemente rosada. O rosto oval era emoldurado por lindos cabelos castanhos. Os olhos grandes não tinham a viveza que ilumina o rosto; eram um pouco amortecidos em virtude de uma grave moléstia de olhos que a tornara muito míope. Isto aumentava-lhe talvez a expressão suave que era o cunho de sua fisionomia. Seu sorriso era gracioso; ria muito, tanto que — dizia minha mãe — o pai, ao ouvir-lhe as risadas cristalinas, perguntava às vezes:

— De que ri, Maria, com tanto gosto?

Sem ser um tipo de beleza, era uma dessas moças de fisionomia meiga que fala ao coração, em quem se adivinha a mulher sensível e boa, apta a tornar o homem feliz. Guardava minha mãe grata lembrança da última festividade a que fora com a irmã, pouco tempo antes da morte de meu avô, em casa de um dos nossos parentes Araujo Goes. Pouco antes, Maria havia recebido um presente de alguns vestidos, oferecidos por seu padrinho, o Monsenhor Silveira, que os mandara fazer no Rio de Janeiro.[13] Trajava ela, na festa, um desses vestidos, que era de filó bordado. A saia tinha um largo folho, e, da gola baixa, descia uma renda até quase a cintura; uma fita cor-de-rosa prendia a renda à gola do vestido e formava na frente um laço. As mangas curtas e franzidas eram meio encobertas pela renda da gola que lhe ocultava parte dos alvos braços, terminando em mãos delicadíssimas, esculturais. Esta *toilette* ficou-lhe tão bem, que ela sobressaía entre as outras jovens, apesar de haver na família Goes moças bonitas, e as que

não o eram, pelo menos não eram feias. O irmão, Pedro Ribeiro, dissera-lhe a gracejar:

— Como está hoje bonita a mana; meteu em um chinelo todas as outras!

Neste dia, contava ainda minha mãe, estava ela muito alegre e jovial, porque, apesar de ser um tanto acanhada diante de pessoas com quem não tinha intimidade — o que era natural em vista do excessivo recato com que eram as moças criadas —, entre as pessoas de sua amizade era uma conversadora inteligente e agradável. Parece-me que foi naquela festividade que, estando Maria a conversar alegremente com as outras moças de sua idade, entrou meu tio Manoel José e, gracejando, falou-lhes:

— Estão todas estas jovens a render cultos a Cupido...

Maria respondeu prontamente:

— Menos eu, que só rendo cultos a Minerva, a quem teria dado o pomo de ouro se fosse Páris.

— Bravo, D. Maria! exclamou meu tio.

Creio que aquele apreciador da mitologia experimentou a mesma agradável surpresa que Sienkiewicz, no *Quo Vadis,*[14] faz sentir a Petronio quando, saudando Ligia com um verso de Homero, ela surpreende-o, respondendo-lhe com outro verso do mesmo poeta:

"Eu estou de joelhos... deusa ou mortal...
Se tu és uma das mortais que existem na Terra
Três vezes felizes teu pai e tua mãe venerada
Três vezes felizes teus irmãos..."
(Saudação de Ulisses a Nausicaa)

"Estrangeiro, tu não pareces um homem
de baixo nascimento ou de pouco espírito."
(Resposta de Nausicaa a Ulisses)

Pouco antes da morte do pai, sofrera Maria um grande choque, antes efeito de uma imaginação exaltada, do que de verdadeiro sentimento. Felizmente o pai ignorava-o. Um imaginado sofrimento físico explicava, tanto a ele como aos que freqüentavam a casa, a mudança que ela apresentava.

Estava, pois, minha mãe muito apreensiva com o estado de minha tia depois da morte de meu avô. Meu pai oferecera a Maria a sua casa para ela continuar a morar, e o irmão Pedro e a cunhada Jesuina também ofereceram a deles. Preferiu ficar conosco, dizendo ao irmão:

— Sei que poderia muito bem viver com sua mulher, mas prefiro ficar com Naninha que, como sabe, me fez as vezes de mãe.

Tinham minha mãe e meus tios recebido do Rio uma carta do Monsenhor Silveira em resposta à que lhe dirigiram participando a morte de seu velho amigo. Depois de se mostrar sentidíssimo, comunicava o religioso ter de seguir sem demora para Sergipe, onde tinha assuntos seus a tratar. Tencionava antes passar no Catu, mas, em vista da triste notícia, resolvera ir diretamente a Sergipe por mar e, na volta, viria então abraçá-los. Fora o Monsenhor, naquela época, ferido por um grande desgosto.

É indispensável dar algumas explicações sobre a vida particular deste padre, uma das vítimas do celibato a que, sem proveito, atualmente a Igreja condena os seus ministros.[15] Havia ele, na sua mocidade, encontrado uma senhora viúva, de boa família, e, afeiçoando-se os dois mutuamente, esquecera ele os deveres do seu estado e ela a honra de sua família. Ameaçado em sua vida pelos parentes da viúva, ele a levou para Sergipe. Ali permaneceu algum tempo até que, julgando acalmada a tempestade, voltou ao Rio. Ela, porém, nunca mais voltou. Talvez se envergonhasse de encontrar os parentes, ou receasse o padre que a vista da viúva viesse atear o ódio da família ultrajada. Tiveram cinco filhos: dous rapa-

zes e três meninas. Meu avô sabia da existência desses filhos do Monsenhor, mas dizia minha mãe que, diante dela e das irmãs, não tocava em tal assunto.

Quando as meninas chegaram à idade de aprender, Monsenhor Silveira viajou com elas para o Rio e as meteu em um bom colégio, tendo a mais velha aproveitado bastante. Algum tempo depois, não sei por que, voltaram para Sergipe, onde não se descuidou o Monsenhor da educação das filhas. Um seu amigo, que abrira na Estância um colégio, lecionava-lhes particularmente gramática portuguesa e francês, e um outro que ali fora estabelecer-se, o Dr. Lima, dava-lhes lições de música e piano. Bem se vê que, para aquela época, receberam elas uma educação apurada.

Em uma de suas passagens em casa de meu avô, o Monsenhor pedira-lhe para que meu tio Pedro, seu afilhado, fosse passar alguns dias com ele em Sergipe. Meu avô consentira. Creio que o intuito do Monsenhor era, pondo o afilhado em contato com o seu filho que estudava na Estância, influir sobre o primeiro para que fizesse o mesmo, coisa que o padrinho muito parecia desejar. O filho do Monsenhor, que tinha o mesmo nome do pai, Antonio, era por este destinado à carreira de médico. De feito, meu tio voltou de lá muito influído, dizendo que ia pedir a meu avô para estudar na Estância. Não o fez, porém: pouco tempo depois voltava à vadiagem, fazendo com que o pai tratasse de casá-lo antes do tempo.

Ora, voltando de Sergipe, meu tio falava com entusiasmo da beleza da filha mais velha do Monsenhor, Emilia, então de quatorze anos, e da terceira, Henriqueta, uma travessa de onze anos que o metia na troça, embora de modo delicado, para fazê-lo deixar a casca de tabaréu que ele provavelmente tinha bem grossa. Quanto a D. Marcolina, mãe dessas meninas, contava meu tio que só a via de longe. Não lhe fora apresentada pelo padrinho, não ia à mesa, e a filha mais velha é que fazia as honras da casa. Bem se vê que

aquele padre guardava as conveniências, não fazendo como outros que parecem ter garbo em ostentar suas faltas, afrontando as leis da Igreja e da sociedade. Dizia minha mãe que aquele homem parecia ter nascido para ser pai de família. Mostrava apreciar os prazeres do lar e era muito respeitador das famílias dos outros.

Pouco antes da morte de meu avô, o Monsenhor, que estava no Rio, soube haver o filho mais velho, em Sergipe, feito um casamento desvantajoso sob todos os pontos de vista. Desesperado, considerando perdido o rapaz em quem tinha grandes esperanças, viajou para a Estância, e lá, censurando acremente D. Marcolina de não lhe haver comunicado as intenções do filho, declarou-lhe que tirava as meninas de sua companhia para levá-las a um convento. Uma delas, a segunda, foi pedida em casamento por um primo, e efetuou-se o consórcio antes da partida das outras.

Da Estância, creio que em outubro ou princípio de novembro, participou o Monsenhor que passaria pelo Catu trazendo duas de suas *afilhadas*, tratamento que costumavam dar aos filhos os padres que guardavam as leis da decência — estando já idoso, depois de minha mãe casada, ele já lhe falava dessas meninas e até mostrava-lhe objetos que para elas levava, vindo do Rio. Pediu ele a meu tio que o hospedasse em sua casa porque lhe seria muito penoso entrar naquela onde até então tinha o prazer de ver e abraçar seu velho amigo — meu avô.

Na véspera do dia em que os visitantes eram aguardados, minha tia Maria foi para a casa do irmão, Pedro Ribeiro, na Marmota. No dia previsto, estava minha mãe dispondo-se a sair quando teve comunicação de que o Monsenhor chegara mais cedo do que esperavam. Apressou-se em partir. Meu pai levava-me ao cabeçote da sela, como se costumava fazer às meninas de minha idade. Almoçavam em casa de meu tio quando entramos. Levantaram-se para nos receber, voltando depois aos seus lugares.

Não prestei atenção alguma ao encontro do Monsenhor com minha mãe. Deve ter sido tocante, como sempre são os encontros de pessoas que choram com igual dor um ente querido arrebatado pela morte. Toda a minha atenção era absorvida na contemplação das duas filhas do Monsenhor.

Estavam sentadas entre minhas tias Maria e Jesuina — a mulher de meu tio Pedro. Ocupava eu um lugar em frente e não podia despregar os olhos daquelas jovens. Nunca vira criaturas tão bonitas! A mais velha, Emilia, era de mediana estatura. Delgada sem ser magra, tinha as formas arredondadas que denotam na mocidade o vigor e a saúde. Alva, de cabelos e olhos pretos, seu rosto era oval, de feições corretas. Os olhos, sobretudo, eram belíssimos: grandes, brilhantes e expressivos, eram destes olhos que falam a linguagem do coração e aos quais nem mesmo a idade pode destruir a beleza. A boca bem delineada, com lábios de vivo carmim, quando sorria formava nas faces duas graciosas covinhas que alegravam aquele rosto naturalmente sério. A testa, um tanto baixa, ficava a descoberto porque os cabelos, repartidos dos lados, subiam como uma faixa para o alto da cabeça e dos dous lados formavam bandós que iam enrolar-se acima da nuca. Trajava vestido de cassa branca com listras azuis. A saia ampla e lisa, segundo era a moda então. O corpete, com a cintura em bico, formava sobre o colo uma pequena abertura, guarnecida de rendas como as mangas, que eram largas até meio braço. Das brancas rendas, emergiam braços alvíssimos terminando em mãos de princesa.

A outra, Henriqueta, um tanto mais alta e cheia de corpo, não deixava por isso de ter um ar infantil e era, na verdade, uma menina de dezesseis anos. Ainda mais alva do que a irmã — a alvura das louras —, o rosto redondo e corado não apresentava a correção de traços que se via na outra. Havia, porém, tanta viveza em seus olhos claros, tanta graça e alegria no freqüente sorriso, que a todos parecia encantadora. O cabelo dourado e abundante

era todo levantado e ia enrolar-se acima da nuca, formando o penteado que então se chamava *à chinesa*. Ia-lhe maravilhosamente, moldurando aquele rosto de jasmins e rosas e aquele pescoço de neve onde brincavam alguns anéis de cabelos de ouro. Um vestido de cassa cor-de-rosa, do mesmo feitio que o da irmã, ficava-lhe muito bem, harmonizando-se com o todo primaveril daquela figura encantadora.

Ora, pode-se fazer idéia do quanto aquelas jovens sobressaíam entre as outras moças às quais faltavam a elegância, o *chic* que tanto realçam a beleza. Vieram muitos dos nossos parentes, e entre estes algumas senhoras, visitar o Monsenhor, muito querido de todos os nossos. Veio também o Padre Uzeda e, com a sua habitual franqueza, disse à minha mãe:

— Estas meninas são duas flores. Repare, prima, como se destacam das outras moças! É inegável que o cultivo intelectual e o trato da sociedade dão grande prestígio à mulher!

Trazia o Monsenhor também o filho mais moço, Joaquim, de idade de treze a catorze anos. Contou-me depois minha mãe que Henriqueta mostrava-se alegre e gracejadora, ao passo que Emilia caía em freqüentes preocupações e tristeza. Encontrando-a com os olhos marejados de lágrimas, perguntou-lhe:

— Está com saudades de sua mãe e irmãos?

— E posso esquecer, principalmente minha mãe, que tanto está sofrendo? Imagine que tem de viver só, porque minha irmã casada, que ainda ficou em casa, deve acompanhar o marido, que irá morar no engenho do pai. Calcule o que ela sentirá vendo-se separada de todos os filhos, principalmente de Joaquim, a quem adora.

Minha mãe teve uma longa conversa com o Monsenhor. Queixou-se ele amargamente do filho Antonio, que considerava perdido com aquele péssimo casamento. Quis minha mãe conven-

cê-lo a que não abandonasse o rapaz para que este não fosse prejudicado na carreira a que o destinara. Mas o Monsenhor não concordou: estava irritadíssimo. Perguntou-lhe igualmente minha mãe se destinava as meninas ao estado de freiras. Respondeu que muito estimaria que elas o abraçassem, mas a isso não as obrigava. Não concordava, porém, que voltassem para a Estância, porque temia que fizessem, à sua revelia, um casamento como o do irmão. Desse assunto, passou à situação de minha tia. Não esperava encontrá-la tão abatida. Fora já vista por algum médico? Disse-lhe minha mãe que haviam chamado o Dr. Brum, logo depois da morte de meu avô, achando-a o médico muito nervosa e dando-lhe alguns calmantes; pouco melhorara. Depois dessa conversa, Monsenhor Silveira chamou meu tio e propôs-lhe levar Maria à Bahia.

— Irá com as meninas, disse ele a minha mãe. Se os médicos julgarem que ela pode curar-se no convento, aí ficará. Se não, você e meu afilhado, que também irá, darão qualquer providência. O que é indispensável é arrancá-la daqui, onde tristes recordações lhe estão minando a existência.

Ao lhe falarem da viagem à Capital, minha tia respondeu:

— Não tenho doença alguma!

E chegou a dizer à minha mãe:

— Quando perdi meu pai, preferi a sua companhia à de meu irmão e em tão pouco tempo já lhe sou pesada?

— Fala assim, replicou a irmã, a ver se deixo de instar pela sua ida, mas continuarei a insistir. Não é possível que prossiga deste modo.

Finalmente Maria concordou, sendo assentado que voltaria no caso de julgarem os médicos que poderia curar-se mesmo fora da Capital. Foram a casa cuidar dos preparativos. Como devessem voltar no mesmo dia, não as acompanhei.

Depois de tudo preparado, recomendou Maria a minha mãe:

— Naquela arca, deixo algumas disposições e uma nota de promessas feitas aos Santos, as quais ainda não pude cumprir. Está tudo em uma caixinha.

Indo ao oratório rezar, como sempre foi costume em nossa casa antes de qualquer viagem, falou chorando:

— Meu Deus Menino, deixo-o à Nossa Senhora das Mercês: só a Ela o confio. Nossa Senhora lhe pertencerá, Naninha.

A imagem tinha sido de meu avô. Quando as escravas vinham despedir-se e choravam, abraçando-lhe os joelhos, porque para todos era boa, dizia-lhes:

— Peçam a Deus por mim.

Tinha o ar triste de quem dava a todos o último adeus. Tudo isso não deixou de impressionar a irmã, mas esta o atribuiu ao estado nervoso em que se achava Maria, há algum tempo falando sempre na morte como se a desejasse. Lembro-me perfeitamente da partida em casa de meu tio, do abraço que me deu, apertando-me muito ao seio convulsionado pelos soluços, e de vê-la a cavalo, vestida de preto, voltar o rosto pálido e banhado de lágrimas, para dizer-nos adeus, acenando com a mão.

Meu tio voltou só, alguns dias depois, trazendo notícias que tranqüilizaram minha mãe, muito impressionada e arrependida de haver promovido aquela viagem. Os médicos que examinaram minha tia disseram que ela estava com uma afecção pulmonar, porém muito em princípio; que haviam feito bem em levá-la, porque mais tarde seria duvidosa a cura.[16] Perguntara o Monsenhor aos médicos se podia ela ficar no Convento das Mercês, ao que os médicos responderam que sim, o que não admira, pois o local do convento era saudável.[17] Mas, recomendaram, se não apresentasse melhora, seria conveniente sair.

Maria não mostrava má vontade em ficar. Era muito natural: nunca havia visto uma cidade, e as duas sergipanas, que também

não conheciam a capital da Bahia, haviam pedido ao Monsenhor para lhes facultar alguns passeios. Conseguiram as meninas que o Monsenhor adiasse, com este fim, o ingresso delas no convento. Logo ao chegar, mandou ele fazer para a afilhada um vestido de luto decente e comprar uma capelina preta — era o que se usava — para a entrada nas Mercês.[18]

Tudo isso relatara Maria em carta à irmã, e meu tio confirmava. Falava do carinho e delicadeza com que era tratada pelas companheiras, de sorte que minha mãe teve de louvar-se do que fizera, arrancando-a ao meio em que sofrera o desgosto que lhe ia minando a existência.[19] Dias depois, mandou minha mãe um portador ao convento e recebeu novas cartas de Maria e das outras moças. Mostrava-se ela satisfeita. Havia ali encontrado uma senhora de Inhambupe, D. Antonia, amiga de minha avó, que ficara encantada de ver a filha de sua antiga camarada. Era florista e ofereceu-se para ensinar-lhe esta prenda, tendo já Maria começado o aprendizado. Nesse tempo, as freiras quase que primavam, exclusivamente, nestes trabalhos: flores, bordados e doces. Revelava minha tia até desejos de prolongar a sua estada no convento, apesar das saudades que sentia dos seus.

Passado algum tempo, foi meu tio visitar a irmã e trouxe ainda notícias agradáveis: achou-a mais nutrida, com melhor cor, e persuadiu-se de que a mudança lhe fora proveitosa, distraindo-a da sombria tristeza que a todos impressionava.[20] Instava Maria para que o irmão e a cunhada fossem pelo Natal a fim de ver os bailes pastoris que estavam ensaiando no convento e que prometiam ser muito interessantes.[21] Esses bailes eram executados pelas educandas, que havia em grande número em todos os conventos. Contudo, à hora da despedida, pediu Maria ao irmão que estendesse a mão, e ela fez o mesmo através das duas grades que separam os visitantes das reclusas. Não se puderam os dedos tocar! Então disse ela contrariada:

— Mas isso é uma prisão! Não poderei ficar aqui muito tempo; diga a Naninha que não demore muito a vir buscar-me. Quando sair, Pedro, hei de dar-lhe um abraço bem apertado.

Não sei por que minha mãe não foi pelo Natal. Entrara o ano de 1850. Logo no princípio de janeiro, escrevera Maria à irmã comunicando-lhe estar a febre amarela assolando a nossa capital. O terrível flagelo fizera a sua primeira invasão em nossa terra no fim do ano de 1849. Acrescentava Maria que estava grassando com mais intensidade na Cidade Baixa, vitimando principalmente os estrangeiros.[22] Supunham até que não chegasse ao local das Mercês, muito afastado dos pontos em que reinava a cruel epidemia. Apesar disso, dizia ela que estava com medo e pedia ao irmão para ir buscá-la. Ficou ele certo de ir; não sei, porém, a razão por que não foi imediatamente, como devia; talvez por estar fazendo preparativos, pois, naquele tempo, ir à Capital era o mesmo que ir à China.

Nesta ocasião, fui eu passar uns dias com uma de minhas primas, Janinha. Estávamos a brincar na varanda da casa quando chegou minha tia Joanna, que falou:

— Santinha, tua mãe mandou buscar-te. Maria está muito doente no convento, e, como pretende ir à Capital, quer ver-te antes.

Entrando para ir preparar-me, passei perto de um dos meus primos, o Paulino. Ora, todos sabem que menino não é gente boa: não perde ocasião de fazer pirraças aos outros. Paulino disse-me baixinho: "Está doente nada... Sua tia morreu." Desatei a chorar. A mãe de Paulino, decerto querendo evitar da minha parte um berreiro, ralhou com o filho, dizendo-me que ele fizera aquilo para pirraçar-me. Calei-me, mas no meu íntimo ficou a convicção de que minha tia estava morta.

Meu tio Paulo levou-me para casa. Quando entrei, minha mãe, abatidíssima, apertou-me ao peito chorando aflitivamente.

Também chorei e, pelas expressões de condolências que meu tio Paulo dirigiu a minha mãe, tive plena certeza de não existir mais minha tia Maria. Contudo, não fiz perguntas. Creio que o meu caráter reservado começava então a revelar-se. Conservei-me muito tempo ao pé de minha mãe. O Padre Uzeda, que eu ali encontrara, dirigia-lhe às vezes a palavra, sem dúvida para insuflar-lhe no espírito a resignação que, dizia ela depois, faltou-lhe inteiramente nesta ocasião.

Minha ama, uma respeitável mulata, contou-me o que se passara: viera uma carta do convento participando haver Maria sido atacada de febre amarela e estar em estado gravíssimo. Minha mãe, louca de dor, quis partir imediatamente, mas meu pai e meu tio ponderaram que, em vista do atraso da carta — tinha sido escrita há quatro dias —, ia ela provavelmente fazer um sacrifício estéril. Mandaram, pois, em busca de notícias, um escravo ao qual recomendaram toda a diligência, do que fez ele um prodígio, voltando no outro dia com a triste nova. Quando receberam a carta que comunicava ter Maria sido atingida do mal, já estava ela morta.

Nesse tempo, nem se conhecia aqui a existência das estradas de ferro, e pode-se imaginar as dificuldades que tiveram as filhas do Monsenhor em encontrar um portador que viesse trazer a carta ao Catu, quinze léguas distante da Capital.[23] O Padre Uzeda ofereceu-se para ficar em nossa casa durante nove dias celebrando missas pela alma da pranteada jovem. Uma de minhas tias veio tomar a direção da casa porque minha mãe a coisa alguma atendia. Contava ela que, embora algumas nuvens se levantassem depois entre esse padre e a nossa família, não podia esquecer o serviço que lhe prestara então: como sua palavra eloqüente, persuasiva, conseguiu insinuar no coração de minha mãe o conforto, a consolação que somente o cristianismo pode proporcionar ao verdadeiro crente.

Dizia-me minha mãe depois que, havendo perdido muitos entes caros, seus pais, duas irmãs — uma que ela também havia criado, Josefina; a outra, Josepha, sua companheira de mocidade e com a circunstância de ter deixado dous filhos pequenos —, morte alguma lhe causara tão profunda dor como a de Maria. À sua mágoa, vinha juntar-se uma espécie de remorso, lembrando-se da repugnância que mostrara a irmã em sair da fazenda e da sua insistência para que resolvesse dar aquele passo.

Na arca designada por Maria, encontraram os apontamentos de algumas missas, novenas, etc., e uma solicitação nestes termos, dirigida à irmã: "Peço a você e a Pedro que, se eu morrer, alforriem Josepha que, além de haver sempre me servido bem, foi de extrema dedicação nos meus últimos trabalhos, velando todas as noites ao pé de mim." Foi cumprido esse pedido. Contou Josepha que Maria, antes de ir para o convento, passava as noites a passear no quarto, recostando-se às vezes aos travesseiros a chorar amargamente.

Depois da morte da irmã, veio minha mãe a saber que Maria exercia em grande escala a caridade segundo o preceito evangélico: ocultamente. Muitos pobres vinham lhe dar pêsames, relatando os benefícios recebidos. Maria empregava algumas escravas em costura, principalmente em confeccionar rendas de filó bordado que tinham muita extração em Itapicuru, para onde as remetia a uma senhora de sua amizade, encarregada de vendê-las.[24] Um dia minha mãe perguntou-lhe:

— Que faz você deste dinheiro, Maria?

— Compro filó, linhas, etc.

— Então que resultado tira você disto?

Ela sorriu-se e mudou de assunto, e a irmã, que já suspeitava de qual o emprego daquele dinheiro, não insistiu mais.

Refletindo às vezes sobre essa jovem de vinte e um anos, bela, inteligente e boa, porém de imaginação viva e exaltada, pergunto a mim mesma: a morte seria para ela um bem? Creio que sim. Se Maria continuasse a viver, talvez casasse com algum indivíduo intelectualmente a ela inferior, como os que existiam em nosso meio, havendo já alguns sido recusados pelo grande apreço que ela dava à cultura intelectual. Não seria feliz. Se não casasse, levaria a vida sem ter um lar próprio, sujeita aos dissabores de decepções por que passavam as solteironas naquele tempo em que os direitos da mulher eram *letra morta* para os incultos filhos do nosso Recôncavo. Deixando o mundo envolta na túnica virginal e imaculada de que sempre se revestiu, nos corações que a amavam dela ficou uma imagem suavíssima e pura, como as que entrevemos em sonhos, nas mansões espirituais.

Capítulo III

Completara eu sete anos em 31 de janeiro, idade em que as crianças daquela época começavam a aprender alguma coisa. Os proprietários ou mesmo os lavradores que tinham certa abastança contratavam mestres de primeiras letras para os seus filhos. Algumas meninas já eram, nesse tempo, admitidas em tal aprendizado; as que, porém, não eram destinadas a isto aplicavam-se a trabalhos manuais: costuras chãs, bordados, rendas, atividades às quais eram também destinadas as pequenas escravas, que, para isto, eram entregues às costureiras da casa ou às agregadas que gozavam fama de peritas em tal mister. Neste tempo não havia máquinas de costura.

Não pude eu entrar em nenhum aprendizado: uma grave moléstia de olhos, adquirida na idade de três ou quatro anos e que não fora de todo debelada, provavelmente pela improficuidade dos meios para isto empregados, impossibilitava-me tanto a leitura como a costura. Além da vista curta, tinha eu grande sensibilidade à luz e, de vez em quando, era acometida de fortes inflamações que muito me faziam sofrer.

Parece estranho que, sendo filha de pais que possuíam recursos, não me levassem à Capital para me submeter a um tratamento médico. Eu, porém, compreendo perfeitamente a razão daquilo que poderia passar por indesculpável incúria. A ciência de Hipócrates não estava então em grande crédito entre os habitantes de nosso campo, e, para desanimar meus pais, havia tristes casos em

nossa família: meu avô, depois de diversas consultas, voltou da Bahia desenganado e em pouco tempo ficou cego; um cunhado de minha mãe, Manoel Paulino, que permanecera lá, sujeito durante alguns meses a um tratamento assíduo, também cegara; parentes e conhecidos citavam exemplos análogos.

Ficaram, pois, esperando, minha mãe, crente fervorosa, a intervenção divina, e meu pai, mais tíbio na fé, a ação do tempo e da natureza. De fato, fui eu experimentando, embora lentamente, alguma melhora; como aquele incômodo não me privasse de brincar e correr, e eu enxergasse o suficiente para guiar-me, foi passando o tempo sem que meus pais mudassem de resolução, apenas empregando alguns remédios caseiros.

Entretanto, tal moléstia foi o tormento de minha infância e prolongou-se até a mocidade. Era eu robustíssima e, se não fosse aquele mal que de vez em quando se agravava, nunca teria tomado remédios de sabor péssimo que muito me custava tragar, nem haveria sido submetida ao cruel tratamento de cáusticos, então muito usados, que tantas horas de insuportáveis dores me valeram.[25] Continuei, pois, como até então, a brincar com bonecas em companhia das negrinhas de minha idade e a correr no quintal em busca de frutas, de que era muito gulosa e de cujo abuso resultou-me mais tarde um sofrimento de estômago.

Todo aquele ano, passou minha mãe entregue a uma sombria tristeza que a absorvia quase inteiramente. Tinha espírito forte, mas dois golpes consecutivos, sendo o segundo a morte de minha tia, muito cruento, abalaram-lhe profundamente o ânimo. Faltou-lhe uma pessoa amiga que tivesse sobre ela alguma superioridade para levantar-lhe o espírito. O irmão e o marido não estavam neste caso, e o Padre Uzeda, que nos primeiros dias facultou-lhe eficazes consolações, foi, por motivos justos, afastado de nossa casa. Meu tio Manoel José que, dos parentes, era o que morava

mais próximo, no engenho Conceição, fora ferido por um grande golpe com o falecimento da esposa, Jeronima, que deixara dez filhos, o mais velho dos quais com doze anos e o último com oito meses. Morrera em janeiro, havendo apenas intervalo de poucos dias entre sua morte e a de Maria. Não podia deste modo Manoel José fornecer consolações das quais também precisava.

Recusava minha mãe todos os convites para as festividades familiares então usadas porque, dizia, a vista da alegria dos outros lhe era insuportável. Quando, muitos anos depois, começou a andar em voga o espiritismo, minha mãe já não acreditava nas comunicações que diziam poder existir entre nós e os espíritos dos mortos. Isto porque, na ocasião da morte da irmã, ainda acreditando em tal possibilidade, pedira a Deus e aos santos, com todas as energias de sua alma, que lhe outorgassem qualquer revelação do espírito daquele ente querido e nada obtivera.

Outros desgostos vieram ainda abater o ânimo de minha mãe. Teve de fazer-se a partilha dos bens deixados por meu avô e minha tia Maria. Constavam de escravos e fazendas no Sertão. Os herdeiros eram minha mãe, meu tio Pedro Ribeiro e dois filhos de minha tia Josepha: Pedro Ribeiro da Trindade e Manoel Paulino Ribeiro, um de quatorze e outro de doze anos de idade.[26] Os escravos que a eles tocassem tinham de ficar sob o domínio do pai desses meninos, Manoel Paulino, homem de coração duro para com os cativos e que, apesar de cego, instigado por uma mulher que com ele vivia, exercia castigos rigorosos, levando esses infelizes a virem algumas vezes implorar a proteção de meu avô.

Ora, minha mãe era de uma indulgência excessiva, até inconveniente para aquele que tem de governar, principalmente a seres ignorantes como eram os escravos. Todos queriam pertencer-lhe. Em vão procurava convencê-los de que não podia ficar com todos. Conformavam-se em ficar com meu tio Pedro e a esposa, que não

eram cruéis; mas irem para o poder de Manoel Paulino causava-lhes horror. Quando suspeitavam que isso poderia acontecer, vinham lançar-se aos pés de minha mãe, chorando, pedindo que os livrasse daquele duro cativeiro. Pode-se avaliar quanto isto custou à minha mãe, que tinha criado alguns desses escravos, tendo visto outros a seu lado, desde que nascera, sempre tratados com humanidade.

Assisti então à cena repugnante da avaliação dos escravos, à qual eu não dei então a devida importância. Fiquei com as negrinhas em um lugar donde via o que se passava na sala em que se achavam o juiz municipal, o tabelião e outros funcionários. Os escravos entravam de um a um e ficavam em pé diante dos avaliadores. Cada herdeiro apresentava o seu avaliador: eram estes, portanto, três. Nem sempre combinavam no preço, o que dava lugar a discussões sobre a qualidade da *mercadoria*, como se esta não fosse de seres dotados de razão e, por conseguinte, de amor-próprio para se doerem de ver os seus defeitos patenteados em meio a escárnio e irrisão. Se era alguma rapariga bonita, cochichavam entre si apreciações bem contrárias à moral, o que dava motivo à hilaridade de todos. Não podia eu ouvir tais julgamentos, mas lembro-me de risadas ruidosas, e das próprias escravas moças comentarem os qualificativos ridículos ou deprimentes dados às suas companheiras feias ou velhas.

Feita a partilha, sendo conhecido o resultado, foi em casa *um dia de juízo*, segundo a expressão popular. Choravam não só os que couberam aos filhos de minha tia Josepha, como os parentes e amigos destes, porque, entre os nossos escravos, havia afeições sinceras e espírito de família, o que não se dava com os escravos de cativeiro bárbaro, onde os sentimentos naturais pareciam asfixiados pelos maus tratos e humilhações. No dia em que foram esses escravos levados, lembro-me de que também derramei bastantes lágrimas, não só por testemunhar a aflição desses infelizes e de

minha mãe, como pela saudade de duas negrinhas, minhas companheiras de folguedos.

Minha mãe conversou largamente com Antonio Florencio, pai de Manoel Paulino. Era um bom e respeitável ancião e, dizia minha mãe, desaprovava muito o procedimento do filho, atribuindo-o à mulher que com ele vivia. Minha mãe pediu-lhe que fizesse valer a sua autoridade sobre o filho toda vez que ele se entregasse a tais desatinos, insinuando ainda aos escravos que procurassem o ancião quando se vissem ameaçados de rigorosos castigos. Insistiu ainda com eles para que não deixassem de rezar e deu, aos que não tinham, imagens e registros de Nossa Senhora e de santos, dizendo-lhes que os tomassem por seus patronos. Deu-lhes também úteis conselhos, que os guiariam pelo caminho do dever, repetindo, talvez sem muita convicção, o dito usual: *Não há senhor mau para o escravo bom.* Acenou-lhes — e isto convictamente — com a eterna recompensa que aguarda, na outra existência, os que sofrem com paciência os trabalhos desta vida, prometida por Cristo nestas palavras: *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.*

Recordo hoje com íntima satisfação o procedimento de minha mãe em relação aos escravos. Creio não ser atribuível somente ao seu bom coração e a ter sido criada em uma casa onde eram os escravos tratados com humanidade. Julgo que devia-se, principalmente, à energia de seu caráter, que a levava a ter convicções inabaláveis. As crenças religiosas cooperavam também para isso. Em minha mãe, a virtude da caridade mais se manifestava tratando-se dos pobres escravos, porque o seu ânimo generoso sempre tomava o partido do fraco contra o forte, o opressor. Naquele tempo em que o escravo era considerado um ser muito inferior ao senhor, acarretou-lhe isto algumas críticas de espíritos atrasados, até de pessoas de sua família, críticas que ela desprezava sobera-

namente, como os espíritos superiores desprezam as censuras dos zoilos, e não a faziam alterar seus princípios. Tendo ocasião, não temia afrontar a opinião contrária, dizendo que o escravo era nosso semelhante e como tal devíamos tratá-lo.

Era lamentável, então, ver como até pessoas de boa índole eram duras para com esses infelizes, pelo conceito errôneo que as fazia encarar os escravos como seres muito diferentes de nós. Usavam das frases mais ferinas para rebaixá-los, e, à força de humilhações e maus-tratos, chegavam eles às vezes a um tal aviltamento, que se diria não pertencerem, na verdade, à espécie humana. Entretanto, nas casas onde eram tratados com humanidade, encontravam-se belos espécimes nessa raça desprezada.

Repetia sempre minha mãe a frase de Mistress Stowe em *A cabana do pai Tomás*: "Tratem-nos como homens, e eles procederão como homens; tratem-nos como cães, e eles procederão como cães." Isto citava ela procurando convencer os outros, porque, antes de conhecer o livro de Mistress Stowe, já professava idéias idênticas às da benemérita escritora norte-americana.[27] Sua mão jamais empunhou uma palmatória ou um chicote, e, a este respeito, citava uma frase do Dr. Lino Coutinho no seu livro intitulado *A educação de Cora*: "Nada mais feio do que ver a mulher, que deve ser o símbolo da clemência e da piedade, armada de um instrumento despedaçador da carne humana, a corrigir impiedosamente um escravo indefeso."[28] Decerto repetia este trecho com o intuito de infundir-me horror ao papel de carrasco, que algumas senhoras daquele tempo exerciam com garbo, para serem consideradas boas e enérgicas donas de casa.

Recordo com prazer ver minha mãe sentada em uma cadeira baixa, em frente de uma almofada de renda, pousada em um estrado onde as escravas trabalhavam. O estrado era um móvel indispensável na sala de jantar, que ao mesmo tempo era de costura. As escravas, ali sentadas, faziam renda ou coziam, tendo ao

lado o balaio com os utensílios de costura ou pedaços de fazenda com que confeccionavam as peças de vestuários. Minha mãe falava-lhes benevolamente, muitas vezes contando-lhes histórias, quase sempre tiradas da Bíblia, em que era muito versada.

Certa vez, chegou-lhe aos seus ouvidos a crítica de uma senhora que dizia: "Ela não pode ser respeitada pelas escravas, porque conversa e ri amigavelmente com elas." Minha mãe respondeu a quem lhe referiu a censura. "Diga-lhe que eu sou talvez mais respeitada do que ela com os seus rigores e, demais, que costumo agir de acordo com minhas convicções e assim continuarei a proceder. Se converso com minhas escravas, se lhes conto histórias, é para lhe dar conselhos e exemplos de moral e de virtude." E não viu desmentidas as suas idéias. Ainda há pouco faleceu uma ex-escrava crioula da nossa casa, avançada em idade, chamada Marciana, que era o tipo das mais sólidas virtudes. Honra, bondade, dedicação, tudo possuía em subido grau. Meus filhos e alguns netos ainda a conheceram. Por sua honestidade e nobres sentimentos, além da alforria, mereceu ser considerada como membro da família. Uma mulata que me serviu de ama-seca muito se assemelhava a Marciana, e recordo-me que uma vez, manifestando ela o seu modo de pensar e proceder diante de uma jovem senhora da nossa família, esta disse-lhe sorrindo:

— Geralda, você só por engano da natureza saiu mulata e escrava; não conheço senhora branca de sentimentos mais elevados que os seus.

Poderia ainda nomear outra: chamando eu, em certa ocasião, uma ex-escrava, há muito alforriada, para auxiliar as criadas de casa em um trabalho a que eu assistia, disse-me ela:

— Porque vossemincê não conta uma história, como fazia Iaiá quando cosiam ao pé dela? Assim a gente não tinha sono nem preguiça de costurar.

— E você lembra-se dessas histórias? perguntei-lhe.

— Ora, se me lembro! Era a história de José de Egito, de Jó e outras, todas muito bonitas.

E, fazendo-lhe algumas perguntas, vi não só que as guardava de memória, porém que as havia bem compreendido.

Capítulo IV

Passara-se um ano após a morte de meu avô e de minha tia Maria e minha mãe continuava de luto pesado, bem como eu, o que a fez incorrer na crítica de alguns parentes; isso não a demoveu, porém, da resolução, porque isto era próprio de seu caráter. Dizia que prezava Maria como se fosse filha e que, sendo esta minha madrinha e havendo despendido comigo desvelos e carinhos maternais, devia ser considerada também minha mãe, cabendo-nos a ambas aquela demonstração de sentimento.

Cada um de nossos parentes costumava festejar um santo que tomava por patrono de sua casa. No dia a ele consagrado, mandava celebrar missa, tendo antes sido rezada a novena, com os costumados festejos de foguetes, iluminação, etc. Minha mãe recusava-se aos convites para tais festividades porque a estas seguiam-se folguedos que iriam avivar-lhe as mágoas. Creio porém que, religiosa como era, não levaria o propósito a ponto de esquivar-se a ir à missa dos domingos, que costumávamos ouvir no Tereré, engenho de Antonio dos Santos, tio de meu pai. Só deixou de fazê-lo porque Antonio dos Santos se ausentara do engenho naquela época, levando mais de um ano no Coqueiro, fazenda que possuía à beira-mar, com trapiche para receber açúcar e barco para o transporte do mesmo, e também na Capital, onde tinha casa própria e ia passar tempos com a família. A partir de então, nos domingos, rigorosamente guardados, como manda a Igreja, lia minha mãe um livro de sermões, havendo um sermão próprio para cada um

desses dias santificados. *A voz do Pastor* era o título, e o autor, de cujo nome não me recordo, dedicava-o àqueles que se vissem impossibilitados de ir à missa.[29]

Depois, teve minha mãe remorso da sua falta de resignação, na verdade imprópria de uma verdadeira cristã, como ela era, e considerava como um justo castigo alguns desgostos que veio a sofrer. Todavia, não se encerrava tanto minha mãe em seu egoísmo de dor — pode-se assim chamar — que me votasse a uma vida erma de distrações. Consentia ela, que dificilmente se separava de mim, fosse eu passar um ou dois dias com minha prima Janinha na fazenda das Pacas, de meu tio Paulo, ou na Marmota, de meu tio Pedro Ribeiro, onde nos encontrávamos minha prima e eu. Nesta última, permitia que me demorasse mais, não só por ser perto de nossa casa, como porque ficávamos sob a vigilância de minha tia Jesuina que, não tendo filhos e sendo muito criteriosa, merecia-lhe toda a confiança. Creio que, a esta minha tia, era grata a presença das sobrinhas que iam alegrar-lhe o lar, ao qual faltava a vida que, inegavelmente, dão as crianças. Minha prima sofria ainda mais dos olhos do que eu. Tinha, porém, vista bastante para se dirigir e era muito fértil em inventar novos brinquedos. Nada havia aprendido, e, apesar dela ser mais velha do que eu quatro anos, estávamos no mesmo nível quanto ao desenvolvimento intelectual, o que estabelecia boa harmonia entre nós.

Não há muitos anos, passei perto da fazenda Marmota e tive imensa saudade desse tempo. Avistei a casa e o rio Una que corria pouco distante, ao fundo da mesma. Recordei os ótimos banhos ali tomados. As margens são guarnecidas de altas buracicas que, na época da florescência, dão alegre aspecto àquelas paragens. As flores cor de ouro, dispostas em pirâmides, formavam ramalhetes que, sendo por nós ligados pelas extremidades, nos serviam de capelas — e também com eles ornávamos os improvisados altares para os batizados de bonecas. Os banhos eram magníficos. Pela

manhã, minha tia ia conosco. À tarde, mandava a irmã, Maria da Gloria, moça de dezenove anos, fazer-nos companhia. Esta, um tanto simplória, tomava parte em todas as travessuras que nos sugeria a nossa imaginação de criança. Às vezes era preciso que minha tia nos fizesse buscar para o jantar porque não nos resolvíamos, voluntariamente, a sair do rio.

Todas estas agradáveis recordações só vêm hoje avivar-me a saudade, *a grande alma triste do passado*, como a chama Afranio Peixoto.[30] Bem triste, sim, porque todos estes vultos, amigos ou simpáticos, que via outrora ao pé de mim, já desapareceram da cena da vida!

Durante este tempo, meu pai vivia muito afastado de casa, onde apenas vinha tomar as refeições e entregar-se às poucas horas de repouso que deixava um trabalho assíduo. A edificação do engenho, a moagem que se seguiu, absorviam-lhe todo o tempo. Aos domingos, ia passear em casa dos parentes. Demais, ele, sem poder qualificar-se de mal casado, segundo confessava minha mãe, não vivia com ela na doce comunhão de idéias e de sentimentos que deve ser o *desideratum* dos casados. A divergência de idéias ocasionava às vezes entre eles ligeiras discussões, felizmente sem conseqüências.

Pode-se bem avaliar que um lar nessas condições e demais entristecido por um grande desgosto não era atraente para um homem de trinta e dois anos. Lembro-me de que só via meu pai nas refeições apressadas, como costumavam ser as dos lavradores ativos, e que só nestas ocasiões dirigia-me ele alguma palavra de carinho ou gracejo; fui apegando-me cada vez mais à minha mãe, amando-a muito mais do que a ele. Era, de minha parte, uma ingratidão, embora inconsciente, porque meu pai me adorava. Hoje vejo nisto uma uma manifestação das funestas conseqüências que, para os filhos, resultam da desunião dos pais, coisa em

que os cônjuges não cogitam quando, cedendo às paixões e caprichos, rompem, diante de seus filhos, os laços que deviam manter inquebrantáveis para fazer a felicidade da família. Em um dos meus contos, *Dulce e Alina*, procuro desenvolver este assunto.[31]

Entretanto, por escrúpulo religioso creio, não se esquivou minha mãe de ir às missas de Festas no engenho Remédio, propriedade de Manoel Joaquim, casado com Miquelina, irmã de meu pai. Havia meu tio contratado o Padre Lourenço Boaventura para ensinar português aos filhos pequenos e latim e francês aos maiores. O padre viera logo para celebrar as missas de Natal, abrindo em seguida as aulas. Saímos na véspera, à tarde, e chegamos ao Remédio ao escurecer.

Quando entramos na casa, esta já estava repleta de parentes e amigos, visto ser a única propriedade da família onde havia missa. O próprio Antonio dos Santos, que voltara ao Tereré depois de um ano, fora, pela primeira vez, privado da missa do Natal em sua casa — pela ausência de seu capelão, que, tendo ido visitar a família, ignoro por que, não voltara a tempo. Estava assim Antonio dos Santos também no Remédio com a esposa. Impressionou-me logo a presença de pessoas estranhas à família: lá estavam o já citado Padre Boaventura, homem alto, de cor parda, cabelo cortado muito rente, talvez para ocultar-lhe a qualidade, muito aproximada da carapinha, falador e afável no trato, e dois filhos de um cirurgião amigo do dono da casa que morava no Pau Lavrado, povoado próximo ao Catu. O rapaz era estudante de preparatórios e a moça, chamada Rachel, sem que pudesse ser classificada de bonita, tinha a graça florescente dos dezoito anos, sendo além disto alegre e desembaraçada, talvez demais para aquele tempo, o que lhe granjeou o qualificativo de *saída* entre as graves senhoras da família. Havia ainda um rapaz, de nome Sinfronio, acadêmico do terceiro ou quarto ano de Medicina, que viera em companhia

dos filhos do cirurgião. Era um moço de vinte e tantos anos, de tez clara; porém, tanto na cor como no cabelo, mostrava não ser de pura raça caucásica. Creio que era um conversador agradável e parecia ter as honras da palestra entabulada na sala, na qual tomava parte muito saliente o padre. Meu tio Pedro Ribeiro, bastante inteligente e já com foros de estudante — tinha aulas de latim há um ano e tanto com o Padre Uzeda —, também se animava a tomar parte na conversação.

Depois das expansões usuais entre pessoas amigas que se encontram, minha mãe pediu um cômodo para agasalhar-me e conduziu-me ao quarto que lhe foi designado, onde, cansada de uma viagem de duas léguas, logo adormeci. Algum tempo depois, acordei ao som de uma flauta e de modinhas acompanhadas de violão. Foi-me grata aquela harmonia que há muito tempo deixara de ouvir, e despertei completamente. Os alegres convivas divertiam-se para mais facilmente esperar pela missa de meia-noite. As cantoras eram Rachel, minha tia Carolina e uma senhora, mulher do caixeiro do engenho;[32] este tocava violão, e o filho de ambos tocava flauta. Rachel tinha voz muito forte, mas estridente, que feria o ouvido, segundo a opinião de minha mãe. A voz de minha tia era agradável, embora sem cultivo; não recebia, porém, aplausos tão calorosos como a filha do cirurgião. Já a esposa do caixeiro, idosa e não bonita, só recebia elogios tíbios, isto mesmo talvez em atenção ao marido e ao filho — os dois instrumentistas. Meu pai, apaixonadíssimo por modinhas, era um dos que davam palmas e bravos mais entusiásticos.

Pouco antes da meia-noite, veio meu pai avisar-nos de que se aproximava a hora da missa. Lembro-me de ouvir minha mãe dizer-lhe, sorrindo:

— Estava você gostando da voz de Rachel?

— Qual! tornou ele, também rindo; mas era uma moça, e que havíamos de fazer senão aplaudir?

Assim, na sociedade tão simples daquele tempo, a lisonja não deixava de exercer o seu domínio. Quando entramos, a vasta sala onde havia o oratório estava repleta de gente, bem como a varanda e até a área de terreno que se estendia na frente da casa, cujas janelas e portas abertas permitiam aos de fora avistar o celebrante. Em todos os rostos lia-se a franca alegria das almas simples e boas que então ainda se encontravam em avultado número. Era interessante ver o movimento na varanda e fora da casa, no pessoal todo composto de gente do povo. As mulheres, mesmo as que não eram negras ou escravas, usavam de saia de chita ou cassa, camisa fina enfeitada de renda ou bordado e xale vermelho com barra amarela. Só alguma mocinha de família remediada, querendo ostentar *certo luxo*, usava de vestido.[33] Os homens em geral trajavam jaqueta, e só algum moço, metido a *taful*, apresentava-se de paletó.[34]

Nessa noite, então de verdadeira festa popular, as moças tomavam a liberdade de pedir doces aos conhecidos, e alguns, querendo ostentar generosidade ou predileção, enchiam-lhes os lenços, que não eram pequenos, dos doces de frutas secas de que estavam repletos os grandes tabuleiros. Viam-se pequenos botequins para onde afluíam os homens, convidando os parentes e amigos a tomar bebidas, entre as quais figurava a gengibirra. Todos os *tabaréus* como que tinham timbre de gastar nesta festa o resultado do trabalho, às vezes bem pesado, de muitos dias.

Logo após a missa, os que moravam longe trataram de se pôr a caminho. Nesses ajuntamentos populares, a partida dos primeiros é o sinal da dispersão de todos. As pessoas da família cuidaram também de aproveitar as últimas horas da noite para o sono. Era interessante ver como nessas festas, em uma vivenda relativamente pequena, arranjava-se dormida para tanta gente. Os donos da casa cediam logo o seu quarto, como o lugar mais confortável, ao hóspede mais graduado: era de praxe. Nesta ocasião, quem gozou

da prerrogativa foi Antonio dos Santos, decano da família. Nos outros quartos e salas, arranjavam-se como podiam os mais: em camas, lastros de esteiras, arcas e até sobre as mesas. Ninguém ficava mal satisfeito porque os donos da casa, cedendo o que havia de melhor aos hóspedes, ficavam com o pior. A própria falta de comodidade era um motivo de riso e galhofa para todos.

Por se haverem deitado às duas ou três horas da madrugada, não deixaram todos de se levantar cedo na manhã seguinte, pois este era o costume usual dos lavradores, e todos sabem que *o hábito é uma segunda natureza.* O dia do Natal passou alegremente na doce intimidade em que vivia então nossa família. Também em casa de Manoel Joaquim, nessas festas, não podia deixar de reinar a maior expansão e alegria, porque era ele um dos homens de mais franca hospitalidade que conheci. Tinha três filhas: uma de minha idade, outra um ano mais velha e a última um ano mais moça. Seria natural que nos uníssemos para brincar. No entanto, assim não sucedeu — é que já se acentuava em mim o modo reservado que foi o cunho de meu caráter. Só tinha expansões infantis com minha prima Janinha, e esta, não sei por que motivo, não viera à festa. Não deixei, pois, durante todo o dia o lado de minha mãe e assim é que posso recordar algumas coisas que aí se passaram.

Ao almoço, servido lautamente, como era usual, aventou-se uma questão que foi calorosamente discutida. Meu tio Pedro declarou aos parentes o projeto de ir para a Capital estudar, com o intuito de formar-se em Medicina. Esta idéia fora sugerida pelo Padre Uzeda, quando começara a dar aulas a meu tio, ainda em vida de meu avô. Com a morte deste e a de minha tia Maria, que se lhe seguiu, não se tratou mais disso, preocupados todos com os negócios que são a conseqüência desses tristes acontecimentos. As conversações com o Padre Boaventura e o Sinfronio vieram avivar em meu tio aquela idéia, que tomou o caráter de uma resolução.

Quase todos desaprovaram. Um homem casado, estabelecido em sua fazenda, com recursos para viver, abandonar tudo para adquirir um título de doutor, sem o qual podia muito bem passar... Seria uma loucura! Minha mãe, porém, aprovou aquela resolução. A esposa de meu tio, Jesuina, foi quem fez mais séria oposição. Vim a compreender depois que esta resistência era devida à necessidade de haver ela de separar-se do marido, por lhe ter ele já declarado não poder levá-la para a Bahia em virtude de suas circunstâncias pecuniárias.

Minha pouca idade não me permitia guardar de memória os argumentos pró e contra que presenciei. Lembro-me, porém, que minha tia Jesuina levantou-se da mesa muito vexada e que vi minha mãe a conversar depois com o padre e o acadêmico sobre o mesmo assunto. Decerto, conhecendo ter minha mãe idéias mais adiantadas que as outras senhoras da família, incitavam-na a empregar sua influência sobre o irmão a fim de que utilizasse a bela inteligência com que Deus o dotara e chegasse assim a conquistar um futuro brilhante. Ela prometeu, pedindo-lhes, porém, que não insistissem naquele assunto que podia lhe granjear a má vontade da família e assegurando-lhes que esperava tudo conseguir com o auxílio de Deus. De fato, assim o fez, e com tal tática, que minha tia não lhe guardou por isto má vontade. Insisto neste assunto porque, dessa resolução de meu tio, dependeu a mudança que se operou no modo de existência de nossa família, mudança que hoje não sei se foi proveitosa ou prejudicial; e a oposição feita por minha tia Jesuina, olhada por minha mãe como desarrazoada, parece ter sido um pressentimento dos desgostos que a aguardavam. Andamos neste mundo às cegas, encontrando o mal onde julgamos deparar com o bem, e vice-versa! Só a luz divina nos pode esclarecer nas trevas que nos ocultam o futuro!

Passado o almoço, os homens formavam grupos nas varandas, na sala de visitas, e as senhoras nas salas interiores e nos quar-

tos. Naturalmente se dividiam assim porque, embora todos fossem parentes, as senhoras sentiam-se acanhadas em presença dos homens e não podiam ter a franca expansão que, como se sabe, faz o encanto das sociedades familiares. Lembro-me de ter visto em um desses grupos uma parda, que viera em companhia de Antonio dos Santos, relatar um fato ocorrido não há muito tempo na elite da sociedade baiana, e eu, que já apreciava um tanto as narrações sensacionais, vim fazer parte do auditório que rodeava a mulata pernóstica, a qual muito se ufanava de haver sido criada na Capital da Bahia.

Direi também alguma coisa do jantar daquele dia por ser o primeiro de que guardo alguma lembrança. Recordo os brindes feitos em longos discursos pelo Padre Boaventura, o acadêmico Sinfronio e meu tio Pedro, que já apresentava tendências para o terrível discursador de jantares que depois se tornou. O Sinfronio, além de fazer discursos, recitava versos, alguns dos quais talvez fossem improvisados, porque depois vim a saber que era ele repentista. Eu era muito pequena para guardar qualquer coisa desses discursos ou dos versos do Sinfronio, os quais, naturalmente, não tinham para mim o interesse que começavam a ter as narrações; apenas lembro que a poesia recitada por ele no brinde feito a Rachel, a quem arrastava a asa, deu lugar aos comentários e críticas das senhoras. Tais coisas eram então motivo de grande reparo.

Os outros homens, embora *tabaréus*, não se acanhavam de levantar brindes que, com pequenas variantes, eram deste teor, quando se tratava de senhoras: *Peço licença para fazer uma saúde à Excelentíssima Senhora D. ***, senhora (ou moça) de toda consideração e respeito* — e aqui se designavam as boas qualidades da pessoa. *Espero que toda a mesa me ajudará a abrilhantar esta saúde como ela merece.* Quando se tratava de um homem, diziam pouco mais ou menos o seguinte: *Peço a palavra para fazer uma saúde ao Senhor*

****, homem de toda a probidade, amigo de seu amigo* — seguia-se a série de elogios —, *e espero que todos aqui presentes me ajudem a abrilhantar esta saúde, como ele merece, comigo cantando.* E principiava, acompanhado por todos, uma dessas canções usadas aos jantares, sendo as mais usuais as seguintes:

Como canta o papagaio?
O papagaio canta assim:

Papagaio verdadeiro
Até na cor é brasileiro
Donde é toda esta gente?
É do Brasil independente.

Amigos bebamos
Sem esmorecer
Que a glória dos bravos
É sempre vencer.

Que livre nasceu,
Que livre será;
E jamais escravo
Se tornará!

Mas, quando a chamada
Tocar o tambor
Corramos à glória
Deixemos o amor

E outras muitas que seria longo transcrever. Às vezes pediam a uma das senhoras para cantar alguma modinha. Nesse jantar, minha tia Carolina e Rachel foram, como na véspera, as cantoras.

Em seguida, aquele que levantara o brinde bradava com entusiasmo: *Hip, hip, hurra! Viva o Senhor* *** ou *a Senhora* ***! E todos repetiam: *Viva, viva!* Nos intervalos dos brindes, comia-se desembaraçadamente: os garfos eram valentes, porque os estômagos eram bons. Entretanto, as senhoras não comiam com a sem-cerimônia dos homens. Instintivamente compreendiam quanto são prosaicas as manifestações da gula.

A dona da casa nunca vinha à mesa: a vigilância e a inspeção do serviço doméstico não o permitiam. Não deixava, porém, de ser chamada para receber o mais pomposo brinde de seus convivas. Lembro-me de ver neste dia minha tia Miquelina, uma anafada e simpática senhora — boa alma! —, em pé junto à mesa ouvindo risonha os elogios que lhe dirigia o Padre Boaventura. As senhoras assim chamadas a receber os brindes que lhes eram dirigidos, depois de agradecerem com um *muito obrigada* ao autor da saúde, também retribuíam com uma inclinação de cabeça a todos que a ela se dirigiam de copo em punho, repetindo-lhe: — *À sua saúde.* Então ela, lançando mão do copo do conviva mais próximo, levava-o aos lábios, dizendo: — *Eu satisfaço.* Esta expressão que se usava nos agradecimentos dos brindes tinha o significado de *correspondo a, pago* ou *retribuo* a saúde.

Os homens é que serviam as senhoras. Os vinhos não eram variados: recordo-me de ter visto vinho tinto *Figueira* ou *Lisboa* e vinho branco, usados com muita sobriedade. Só em ocasião de grande *influência* algum dos homens excedia-se, ficando *alegre*, como se dizia, e os outros metiam-no na troça. Havia uns que se gabavam de os nunca terem visto *alegres.* Homens dados às bebidas não os havia na família. O qualificativo de *bêbado* era um dos mais injuriosos. Tinha eu tão pouca idade, que não sei bem se as recordações que conservo foram todas desse primeiro jantar a que lembro ter assistido. Talvez algumas sejam de outros de que, em seguida, participei, porque eram a repetição daquele com pequena

diferença. A civilização parecia estacionária naquele abençoado cantinho onde se vivia uma vida quase patriarcal.

Apareceram há tempos no *Jornal de Notícias* uns artigos com título *A Bahia de outrora*, assinados por Manuel Querino, descrevendo um jantar nesta Capital. Vê-se claramente que é um jantar da baixa classe, do povo; os proprietários de engenho formavam uma classe mais elevada, ainda os que não eram de origem nobre. Além de outras coisas, diz o articulista que foi levantado um brinde à cozinheira. Ora, não havia um proprietário ou mesmo pessoa de certa importância que não tivesse cozinheira escrava, e a uma escrava não se levantava um brinde.[35]

Terminado o jantar, ainda com a luz do dia, todos se dispuseram a voltar às suas vivendas, vencendo a resistência do dono da casa, Manoel Joaquim, que em tais ocasiões parecia desejar reter os hóspedes por toda a vida em sua morada. Lembro-me de que um dos mais renitentes em não querer ficar foi Antonio dos Santos:

— É preciso cuidar da vida, dizia ele.

E repetia um aforismo, não sei se de própria lavra ou de outrem:

Risos, brinquedos e vadiações
Não curam da vida as precisões.

Os sobrinhos troçavam-no às escondidas, chamando-o de sovina. De fato, velho, sem filhos e o mais rico da família, não tinha ele tanta necessidade de cuidar da vida. Não houve quem o demovesse de seu intento. Meu pai foi dos que também partiram. Chegamos a casa à noite.

Capítulo V

Continuamos a vida monótona e usual daquele tempo, com a diferença de que minha mãe parecia disposta a modificar-se, deixando a reserva em que se encerrava havia mais de um ano. No dia primeiro de janeiro, fomos à missa na igreja do Catu, povoado a que minha mãe fora raras vezes e eu nunca fora. Um pedido do irmão de meu pai, Manoel José, motivou essa nossa ida ao Catu, quando meu pai preferia sempre ir à missa em casa de algum dos seus parentes. Esse meu tio, como já disse, perdera a esposa em janeiro do ano que terminava. Vivera com ela *como Deus com os anjos,* segundo a expressão então muito usada. Ficara com dez filhos, o mais velho com doze anos e o mais moço com oito meses. Este último, uma das tias o tomara para criar, vindo a morrer a criança pouco tempo depois.

Ora, em tais circunstâncias, o homem precisava casar-se. Quem cuidaria da ninhada de filhos? É verdade que a sogra tomara as meninas sob sua guarda, mas isto não remediava tudo. Teve, pois, meu tio Manoel José a idéia de casar com a cunhada. Exprobravam-lhe tratar disso tão cedo, e principalmente as senhoras criticavam-no dizendo: "E acreditem no amor dos homens." Seguiam-se os comentários mais ou menos judiciosos.

Guiomar, a cunhada de Manoel José, era uma jovem de vinte anos, de presença agradável e gênio alegre e afável. Creio que a perspectiva de uma família já onerada com nove filhos fez com que tanto a moça como os parentes não anuíssem àquele pedido

de casamento. Talvez também influísse a circunstância de Guiomar ser madrinha de uma das filhas de Manoel José. O casamento entre compadres fazia arrepiar a todos, muito mais do que o de cunhados. Perspicaz e conhecedor do coração humano, Manoel José não descoroçoou, mostrando-se solícito e apaixonado junto à cunhada. Lançou até mão da musa adormecida em sua mente desde a época do seu primeiro consórcio, e julgo que tal expediente deu bom resultado. Muitos anos depois, estando Guiomar já idosa e viúva, em nossa casa, tirou de uma jarra de flores um bogarim que mirou com certa satisfação.

— Gosta desta flor, vovó? perguntou-lhe um dos netos.

— Gosto, respondeu ela, porque me lembro de uns versos que seu avô me fez que terminavam assim:

És um lindo bogarim;
És a flor do meu jardim.

Finalmente obteve o trovador catuense o consenso da jovem e da família. Algum tempo depois houve um reviramento, e contava minha mãe que Manoel José veio ter com ela e meu pai vituperando furiosamente os parentes da falecida mulher e da noiva. Meu pai, homem de uma só palavra, estava indignado:

— Se não queriam, para que prometeram? exclamava ele. Você não se deve lembrar mais de tal moça. Eu não a queria nem que fosse de ouro! — expressão então muito usada.

Dizia Manoel José que não se podia retirar de todo da casa da sogra por amor às filhas. Minha mãe, mais conhecedora do coração humano, nada dizia contra Guiomar, porque não achava impossível reatar-se o laço desfeito, e disto advertiu meu pai, aconselhando-o a ser mais reservado a respeito da jovem.

Logo depois do Natal no engenho Remédio, quando voltamos para casa, Manoel José, que passara esta festividade com as

filhas, veio ter com meus pais. Pedia-lhes que fossem à casa de sua sogra remover certas dificuldades por parte desta e dos filhos, visto que a cunhada estava de novo disposta a aceitá-lo por marido. Dirigindo-se depois a meu pai, disse:

— Você decerto está me chamando de *descarado*, mas pouco me importa: se estivesse no meu caso, faria o mesmo.

Isso porque meu pai sempre conservou certa altivez de caráter, que considerava dignidade. Recordo um de seus parentes dizendo-lhe que um filho ia ser administrador de engenho de certo proprietário; ele lhe respondeu:

— Você não tem terras? Por que não o aconselha a trabalhar nelas? Não há interesse que me forçasse a exercer tal emprego. Poderia aceitar um emprego público, porque então iria servir a meu país; porém servir a outro homem. Nunca! Preferia trabalhar com a enxada na mão.

Naquelas circunstâncias, porém, só restava a meu pai rir, e foi o que ele fez, prometendo levar minha mãe ao Catu no dia do Ano Bom, porque assim aproveitariam para ouvir a missa na Matriz.

Saímos no dia 31 à tarde e fomos pernoitar na fazenda de D. Maria Rosalina, D. Ziza, apelido pelo qual era geralmente conhecida a sogra de Manoel José. Esta senhora tocava a ser ainda parenta de minha mãe, e tratavam-se por primas. Fizera meu tio grande empenho em contar com a presença de minha mãe, provavelmente porque reconhecia nela muito tino e certo espírito diplomático indispensável a tais negociações.

Chegando ao Sítio — assim se chamava a fazenda —, fomos agradavelmente recebidos, e vi-me cercada das primas, duas das quais eram um pouco mais velhas do que eu e duas mais moças. Não nos encontrávamos havia perto de um ano, e a mais velha inspirava muita simpatia. Passamos alegremente o serão. Creio que nesta mesma noite foram feitas as negociações matrimoniais, pois

vi meu pai combinando, na manhã seguinte, com os filhos de D. Ziza, a época do casamento, marcado para o fim do mês.

Depois do almoço fomos à igreja, que era perto do Sítio, de onde a avistávamos. Foi a primeira vez que vi uma igreja e a impressão não foi agradável. Imaginava-a muito mais bonita, pela descrição que me fazia minha mãe. Em vez de altares dourados, pinturas e outras magnificências que esperava, vi um edifício apenas caiado, com altares de madeira sem nenhum ornato: é que a igreja estava em conserto.[36]

As casas que formavam o arraial em nada se distinguiam das nossas habitações campestres, então muito simples, nas quais só se tinha em mira a comodidade e não a elegância. Depois da missa, lembro-me de que minha mãe perguntou a meu pai qual era o local onde fora sepultado meu avô. Ele indicou-lho e ela, ajoelhando-se ali, orou algum tempo muito comovida. Também ajoelhei-me a seu lado e orei. Naquela época, em nossa terra, não deitavam pedras mortuárias sobre as sepulturas das pessoas, ainda as mais gradas do lugar, que todas eram sepultadas dentro do templo. Só em 1855, por ocasião da epidemia de cólera, foram proibidos os enterramentos nas igrejas.[37]

Voltando ao Sítio, recebemos a visita de uma família do arraial. Era de um homem estabelecido ali com uma sapataria. Chamava-se Lisboa, e minha mãe dele tinha notícias por haver ele prestado um serviço a meu avô, a quem apenas conhecia de nome. Ora, foi minha mãe uma das criaturas em quem vi mais predominar o sentimento da gratidão; desejava, portanto, conhecer o Lisboa, bem como sua filha mais velha, Sinfronia, que diziam ser uma jovem de notável mérito. O mesmo sucedia com esta moça, muito amiga de Guiomar, que provavelmente falava-lhe sobre minha mãe de modo a atear-lhe o desejo de procurar com ela entrar em relações.

Sinfronia tinha dezoitos anos e, sem ser bonita, passava por mais feia do que realmente era. Muito loura, o que então constituía grande defeito na opinião das pessoas de nossa terra, não tinha, na verdade, bonito cabelo. Não era desse louro dourado que é tão lindo, porém do louro afogueado, que chamavam cor de cabelo de milho, a que na verdade se assemelhava. Alva, porém com o rosto coberto de grandes sardas, e as feições não se podiam dizer corretas, sem contudo mostrarem pronunciada fealdade. Entretanto, era muito bem-feita, o que fazia alguns dizerem: "É pena que o rosto não corresponda a um tão belo corpo." Desembaraçada, jovial sem ser *saída* — o que, como já disse, constituía um grande defeito —, Sinfronia, depois de algumas horas de trato, deixava de ser feia para tornar-se atraente e simpática. D. Maria, a mulher do Lisboa, era uma senhora ainda muito bela apesar de ter já filhos adultos. Dos menores, uma menina de doze anos prometia ser, como ela, bonita. Acompanhava-as um dos rapazes, Ludgero, aspirante de padre. O Lisboa mandava desculpar-se, pelo filho, de não poder vir.

Falo tão minuciosamente da família de Sinfronia porque as relações de meus pais com esta moça fizeram nascer no espírito deles a idéia de dar-me uma educação superior à que recebiam as moças de nossa família neste tempo. Foi para mim um bem? Não sei; às vezes me parece que este pequeno desenvolvimento intelectual só serviu para despertar em mim aspirações que, pela maior parte, dão origem a inúmeras decepções. Assim é o mundo, onde só andamos como verdadeiros cegos: às apalpadelas.

Sinfronia e sua mãe estavam tristes com a morte de uma menina de nove anos, ocorrida poucos dias antes. Era a penúltima filha de D. Maria. Quando se retiraram, prometeram continuar as relações entabuladas, o que também fez minha mãe, que muito gostara da moça. Depois de terem elas saído, disse Guiomar à mi-

nha mãe que Sinfronia e a irmã tocavam flauta e rabeca — não se chamava então violino — e cantavam por música. Se não estivessem tão sentidas com a morte da irmã, teria pedido para mandarem buscar os instrumentos e passaríamos uma tarde bem divertida. No dia seguinte, voltamos para o engenho.

Logo chegaram à nossa vivenda Manoel Paulino e Pedro da Trindade, os dois sobrinhos de minha mãe, o que foi para ela motivo de grande contentamento. Em vida de meu avô, já eles não vinham à nossa casa com muita freqüência. Com a morte deste, receava minha mãe que não tornassem por um desarrazoado capricho do pai deles, que não era afeiçoado ao meu, nem a meu tio, embora não fosse declarado inimigo. Um dos rapazes tinha quinze anos e o outro treze. Ora, havia o projeto de um reisado em casa de D. Antonio de Uzeda e Luna, dos Arauariz.[38] A idéia tinha sido de Manoel Joaquim, cunhado de D. Antonio, e, segundo o costume, convidara este os outros parentes a tomarem parte na festa. Como era usual, reuniam-se todos na fazenda mais próxima da morada daquele a quem iam *tirar os reis.* O ponto de reunião foi a Marmota, fazenda de meu tio Pedro Ribeiro. Minha mãe não se esquivara a tomar parte, creio que com o desejo de fazer com que os sobrinhos se divertissem, exibindo ao mesmo tempo a prenda então muito apreciada, a dança por eles adquirida há pouco tempo. Como é o primeiro reisado de que guardo lembrança, relatarei o que conservo de memória.

Reunidas as famílias na Marmota, partiu o imenso terno às oito ou nove horas da noite. Cada família levava alguns de seus agregados que tinham filhas que dançassem bem o *lundu*, única dança então conhecida em nossa terra, à exceção de uma valsa de que depois falarei.[39] Eram também convidados alguns desses agregados só pela estima ou deferência que mereciam do proprietário; iam como meros espectadores. Algumas senhoras iam a cavalo,

bem como os homens. Todas as famílias, porém, levavam carros puxados a bois, não só para as senhoras que preferiam aquele modo de transporte, como para os meninos, agregados e mucamas, porque iam também as que dançavam bem ou tinham boa voz para *tirar os reis.*

Os instrumentos musicais eram ordinariamente flauta, rabeca e violão. Chegando a certa distância apeavam-se os que iam nos carros, cujo chiado estridente podia ser ouvido na vivenda. Os que iam a cavalo prosseguiam até mais perto. Então, reunidos, a pé, no maior silêncio, dirigiam-se à casa do proprietário. Não tanto para causar surpresa aos donos da casa, que haviam sido avisados, mas para que se conservassem as portas fechadas e em silêncio, talvez para simular surpresa. Era a praxe.

No silêncio profundo da noite, rompiam de repente os sons de vozes e instrumentos. Era de um efeito agradabilíssimo. Às trovas em referência ao nascimento do Messias, seguiam-se as de saudações aos donos da casa e outros membros da família. Vinham depois as quadras mais ligeiras e alegres, pedindo para ser aberta a porta. Com pequenas variantes, tudo isto era obedecido até há pouco tempo. Aberta a porta, era a sala invadida em alegre alvoroço. Não ricamente mobiliada, como acontecia com as nossas vivendas campestres, todas muito simples, a sala estava, porém, adornada com o mais precioso adereço para os hóspedes, a alegria e bom acolhimento dos donos da casa. Então, todos em pé formavam a circunferência de um grande círculo vazio que devia ser ocupado pelos que dançavam. Somente os instrumentistas tinham cadeiras.

As mais peritas *cantadeiras* entoavam as alegres cançonetas chamadas *chulas,* acompanhadas dos instrumentos e palmas dos assistentes. Algumas dessas *chulas* não deixavam de ter o sainete da graça e espírito popular.[40] Depois, o que dirigia o *samba,* logo que terminava a última copla, saía na roda dançando, acompanhado

dos instrumentos.[41] Os homens não tinham em grande apreço o *lundu* baiano, executado pelo sexo masculino. Portanto, só saíam dançando para ter lugar de tirar as belas raparigas. Davam algumas pernadas, sempre em ar de galhofa, e iam *topar* — era o termo — em uma das dançadeiras. Cantavam então a segunda copla no fim da qual saía à roda a rapariga. Se era bonita e conhecido seu mérito dançante, as palmas dobravam de entusiasmo, e estrepitosos bravos cruzavam-se no ar. Isto não durava muito tempo: todos desejavam o descanso depois da caminhada. Era dado o sinal, e a dançarina *topava* no instrumentista da viola ou do violão. Eram oferecidas bebidas, e todos se dispersavam pelas salas e outros aposentos, conversando alegremente.[42]

Findo o breve descanso, devia recomeçar o *samba*. Desta vez, porém, não foi assim. Todos ardiam na impaciência de ver as danças altas — assim eram chamadas — que iam ser executadas pelos sobrinhos de minha mãe. Estas danças eram de bem poucos ali conhecidas, e foi tal a aglomeração de espectadores, que com dificuldade deixaram o espaço, no centro da sala, para a execução das mesmas. Vi, pela primeira vez, a *gavota*, a *cachucha*, o *minueto*, o *fandango* e o *solo inglês*, que foi o mais apreciado em razão das múltiplas figuras ou modos de dançar.[43] O rapaz mais moço, Manoel Paulino, de treze anos, era muito vivo e engraçado, sendo por isso muito aplaudido. Do mais velho, Pedro da Trindade, já sério e refletido, diziam: "Dança bem, mas não tem a graça do outro." Depois houve a repetição do *samba*, a que não assisti. Minha mãe nessas ocasiões tratava de arranjar um cômodo para agasalhar-me: o sofrimento dos olhos, que foi o constante martírio de minha vida, não me permitia perder as noites, e ela, pouco apreciadora do *samba*, não voltava à sala.

Pela manhã, encontrei as senhoras cuidando dos preparativos do almoço. Todas, parentas e amigas, auxiliavam a dona da casa,

embora não fosse preciso, visto o crescido número de escravas empregadas em todas as casas no serviço doméstico. Mas é que todas aquelas senhoras tinham muito garbo de boas donas de casa e gostavam de ostentar seus conhecimentos culinários, embora muito simples, como era tudo naquele tempo. Os homens, ao se levantarem da mesa, dispersavam-se pelas salas da frente, e as senhoras agrupavam-se nos aposentos interiores, onde estas conversavam sobre coisas domésticas e costuras, que mostravam comentando a beleza ou os defeitos. Em todas as casas havia costureiras e rendeiras escravas que trabalhavam somente para a família. Depois do suculento almoço, todos voltavam às suas vivendas satisfeitos, a combinar novos reisados, que repetiam na maior parte das casas.

Capítulo VI

Pouco depois realizou-se o casamento de meu tio Manoel José no Sítio, fazenda de D. Ziza. Minha mãe, apesar de mostrar-se já conciliada com a sociedade, não foi, não sei porque, ao ato a que só assistiu meu pai. Não se recusou, porém, a ir esperar os noivos na residência de meu tio. Uma irmã da noiva, D. Guilhermina, foi preparar a casa para a recepção, não só dos noivos, como dos parentes que os precediam. Foi uma das festas mais movimentadas a que na minha infância assisti. A chegada foi animadíssima, tornando-a ruidosa o espocar de numerosos foguetes. A família do Lisboa e outros amigos acompanhavam os noivos. Os homens vinham a cavalo, bem como a noiva e Sinfronia, filha do Lisboa. Ostentava-se então certo luxo não só na qualidade dos cavalos como nos arreios e trajes dos cavaleiros, o que tornava mui luzida a cavalgada.

Vinham em carro de bois a mulher do Lisboa, sua segunda filha e as meninas de meu tio Manoel José. As filhas do Lisboa e um seu irmão aspirante a padre cantavam e tocavam flauta e rabeca. Um senhor do Catu cantava e tocava violão. Eram as modinhas brasileiras então muito apreciadas: foi a música a principal diversão daquela festa familiar. Logo após a agitação da chegada, iniciou-se o pequeno concerto musical. Sinfronia não era dotada da melhor voz, o que era compensado pela graça e pela boa vontade com que acedia aos pedidos dos circunstantes, embora fossem às vezes bem exigentes. A outra tinha bela voz, mas se fazia

muito rogar, o que, em certas ocasiões, aborreceu até o próprio Sr. Lisboa, vaidoso de exibir as prendas das filhas.

Seguiu-se o jantar, ainda com a luz do dia, e pareceu-me muito mais lauto do que aqueles a que tinha eu até então assistido. Havia até um luxo relativo na confecção dos pratos, enfeitados com papéis recortados e fitas. Neste e em outros jantares, lembro-me de ver as senhoras modificarem o arranjo dos pratos para introduzir mais alguns que julgavam lisonjear o paladar dos comensais e merecer elogios, manifestados ingenuamente. Esta refeição, sem cerimonial, foi bem aproveitada por estômagos sãos, como costumam ser os dos homens de trabalho. Logo depois da sopa, fez-se o primeiro brinde, não muito palavroso, como os que se segui-ram, sem dúvida por um tácito acordo: era preciso satisfazer as necessidades do estômago. O primeiro brinde fora feito pelo noivo, que declarou atender a pedido da noiva: solicitava a alguns parentes com os quais tivera atritos para ser lançado um véu sobre tudo aquilo.

Guiomar, já muito simpatizada por toda a família, exigira do noivo convites para aqueles parentes com o intuito de uma conciliação. Estes não se negaram ao convite porque tal recusa seria olhada como uma grosseria, e creio mesmo que estariam desejosos de voltar à antiga harmonia familiar. Houve abraços comovidos, tocaram-se os copos entre os conciliados, e alguns, trançando os braços que empunhavam as taças, esvaziavam-nas ao mesmo tempo. Tudo isso simbolizava a amizade duradoura, o que não evitava que esta fosse, tempos depois, alterada. Esta bela qualidade de Guiomar, o empenho de harmonizar os parentes do marido, jamais se desmentiu.

Muitos anos depois, dando-se uma desavença entre dois irmãos seus e um de seu marido, convidou-os para o batizado de um filho. Ela própria dirigiu-se aos três, pedindo-lhes acabassem

com aquela inimizade que muito a desgostava. Dois logo concordaram, mas um dos irmãos de Guiomar mostrou-se renitente. Então ela falou-lhe energicamente, dizendo que o alijaria de sua estima se não lhe fizesse a vontade. Ele mostrou-se comovido e acedeu. Naquela oportunidade, um dos sobrinhos de minha mãe, o já acadêmico Pedro da Trindade, levantou um brinde a Guiomar, enaltecendo-lhes as belas qualidades que lhe davam o domínio sobre os parentes e terminou com estes versos:

Eis, senhora, hoje firmado
Sobre nós teu nobre jus;
Tu és o anjo da paz
Na terra da Santa Cruz!

Voltemos ao jantar de que tratávamos. Após o brinde do noivo, seguiram-se outros, todos breves. Como já disse, creio que por um tácito acordo exigido pelos estômagos, nenhum dos convivas se estendia muito nas saúdes ao princípio do jantar. Depois, levantaram-se todos para ser arranjada a mesa de doces. A este arranjo, presidiu Sinfronia, auxiliada pelas outras senhoras. O Lisboa tinha parentas num convento. Nessas casas religiosas é que eram confeccionados os melhores doces, apreciados não só pelo sabor como pela beleza dos enfeites — ramos de flores e frutos de alcorce e papel, trabalhos na verdade delicadíssimos. Sinfronia recebia presentes que lhe serviam de modelo, pedia receitas e, muito curiosa, como então se dizia, tornou-se perita nesses trabalhos, o que lhe valia elogios do seguinte teor: "Nos conventos não se faz melhor!" A mesa, muito larga, ficou repleta. Seu aspecto vistoso e florido muito agradou a todos, segundo os comentários que ouvi.

Entre os convidados, havia lavradores e agregados que mereciam a estima do proprietário para ter lugar à sua mesa. Havia diferença entre o lavrador e o agregado. O lavrador era o que,

possuindo escravos e carros, tinha meios de plantar canas e dava lucro ao senhor de engenho, que lhe outorgava certas garantias; o agregado era sempre gente pobre que trabalhava com seu braço, para si e sua família, e não pagava renda. O proprietário tinha direito de exigir dele algum serviço, o que raras vezes sucedia, pois todo o trabalho era feito pelo escravo. Alguns desses agregados, que se distinguiam por seu caráter ou serviços prestados, eram convidados e tratados com atenção.

Houve muitos brindes. Era de praxe que todos os recebessem. Seria uma desatenção não fazer uma saúde a um qualquer, que ficaria triste, julgando-se desconsiderado. Lembro-me de ver, em jantares subseqüentes, algumas senhoras segredarem ao cavalheiro mais próximo: "Faça uma saúde a *fulano*; olhe que ele ainda não foi lembrado." Alguns homens do povo, mais desembaraçados, abalançavam-se a levantar brindes em português estropiado e frases disparatadas, o que às vezes era comentado, porém de modo que não fosse percebido pelo autor do brinde, porque o dono da casa bem como os parentes empenhavam-se em que todos os hóspedes saíssem satisfeitos, sem o menor vislumbre de queixa. Terminada a mesa, repetiu-se o pequeno concerto musical que tanto havia agradado a todos. Aquela festa durou dois dias, e até meu pai, que era um dos primeiros a retirar-se, não o fez desta vez. Ele era doido por música, principalmente por modinhas.

Minha mãe, por suas maneiras afáveis e insinuantes, havia conquistado a amizade do Lisboa e da família, tanto que concordaram em que Sinfronia fosse passar uns dias em nossa casa, depois dos que prometera ficar com sua amiga Guiomar. Meu pai convidou Ludgero a acompanhar a irmã. Este, estando em férias, prontamente acedeu. Creio haver alguma analogia entre minha mãe e Sinfronia. Ambas ajuizadas, conversadoras, alegres e muito religiosas; ambas prezavam a leitura. Logo minha mãe ofereceu-

lhe os livros que possuía, e ela prometeu mandar os que o pai lhe trazia quando ia à Capital. Livros morais, pois não se admitiam leituras livres às moças. Logo no primeiro dia, dissera Sinfronia a minha mãe que lhe desse alguma costura para fazer. Minha mãe recusando, tornou-lhe:

— Não posso estar ociosa; pergunte a Guiomar se não faço o mesmo em sua casa?

Deu-lhe minha mãe um vestido meu para fazer, sabendo já ser a moça muito hábil nesse mister.

À noite Ludgero e a irmã tocaram, e, quando meu pai instou com a moça para que ela cantasse, respondeu Sinfronia que não gostava de acompanhar-se com a rabeca, tanto que pedira ao pai para tomar lições de violão com um homem do Catu que tocava bem; já teria começado se não fosse a festa que a fizera sair do arraial. Teve meu pai, então, a idéia de sugerir ao Lisboa que mandasse o homem vir dar começo às lições, hospedando-se em nossa casa. Veio o mestre, e então passamos uns tempos cheios. Durante o dia, Sinfronia, quando não estudava a lição, cosia com minha mãe, conversando agradavelmente. À noite, cantava-se e tocava-se. O mestre de violão tinha boa voz e possuía um vasto repertório de modinhas, que eu em poucos dias reproduzia, admirando a Sinfronia a prontidão com que eu decorava a música e a letra, e merecendo-lhe elogios a minha voz, que, na verdade, era afinada. Surpreende-me hoje a rapidez com que então se estreitavam as relações de amizade. É que as pessoas eram francas e leais e contavam encontrar nos outros iguais qualidades. Voltou Sinfronia para o Catu, deixando, creio, muitas saudades, mas com promessas de uma visita nossa em breve prazo.

Não tardou minha mãe a cumprir a promessa, marcando para isto um dia santo com o fim de aproveitar, dizia ela, a missa na Igreja de Sant'Anna. Saímos à tarde, chegando ao Catu ao escu-

recer. Foi sumamente agradável a impressão que experimentei ao chegar à casa do Lisboa. Depois de tantos anos, minha memória, tão rebelde quando se trata da atualidade, representa-me nitidamente a casa, as pessoas, o doce alvoroço que animava os semblantes, tudo enfim. A casa sem luxo, coisa desconhecida no modesto arraial do Catu, apresentava, bem como o mobiliário, aspecto mais agradável do que as rústicas vivendas de minha família, na qual os proprietários, embora abastados, só tinham em mira os cômodos para o uso de sua vida de lavradores. Creio que o gosto do belo, no ser humano, nasce muito cedo. Daí a boa impressão que experimentei.

O Lisboa e as filhas acolheram-nos à entrada da casa, e Sinfronia disse-nos:

— Não reparem minha mãe não vir recebê-los, está agasalhando o Mimoso, o caçula.

Enquanto o Lisboa levava meu pai à sala, Sinfronia conduzia-nos a um quarto do interior, e, empurrando a porta, vimos D. Maria junto a uma bacia em ação de dar banho a um menino de quatro anos, nuzinho, ao pé dela. Levantou-se rindo e disse à minha mãe:

— Perdoe-me não ter ido recebê-la. Este malcriadinho não quer que outra pessoa lhe dê o banho e o agasalhe. Dizem que eu o deito a perder, mas veja se não mereço desculpas? Se não é o mais bonito de meus filhos?

E apontava o pequeno que se encolhia, como vergonhoso da nudez do corpinho bem feito e roliço, encimado por um rostinho lindo e risonho.

Levaram-nos depois à sala, onde nos mostrou Sinfronia o retrato do irmão que estava no Rio de Janeiro. Tinha sido promovido a alferes ou tenente e estava toda a família muito satisfeita. À hora do chá reuniram-se todos, e o Lisboa apresentou a meus pais os rapazes dizendo:

— Além desses — eram quatro —, há um que toma conta de uma fazendinha que temos. Com o do Rio e os que já conhecem, são nove. Já é uma carga bem pesada, acrescentou rindo.

Então disse-lhe minha mãe que se devia considerar feliz porque tinha nove amigos, o que sempre sucedia quando os pais sabiam educar os filhos. Tanto o Lisboa como a esposa replicaram que não se desgostavam dos filhos; que o único pesar que tiveram fora a morte de uma menina. Entretida eu em tagarelice infantil com Sinhazinha — uma irmã de Sinfronia —, não prestei atenção a tais conversações. Só mais tarde, quando aquela família foi atingida por golpes cruéis e consecutivos, foi que minha mãe mas referiu. Não perdendo ensejo de me dar lições de moral, dizia-me quando eu já podia compreendê-la:

— Vê minha filha, quanto é precária a felicidade! Quando a julgamos sólida, quase sempre nos esquecemos de Deus e entendemos que é devida a nossos esforços; isto é próprio da natureza humana. Mas, de repente, vemo-la desmoronar-se, como um castigo de nossa presunção. No gozo do maior bem, nunca esqueçamos de que tudo nos vem de Deus, e sempre nos cumpre render-Lhe graças. Quase todos, porém, só o invocam na desgraça, nas tribulações.

Como, talvez, não tenha de voltar a esta família, relatarei logo aqui o que se passou: um dos rapazes, o mais bem-parecido e de boas maneiras, deu aos pais grandes desgostos, e, em seguida, perdeu o Lisboa dois filhos: o rapazinho de doze anos e o caçula, tão querido de D. Maria! Os dissabores dados pelos filhos levaram o Lisboa a mudar-se, vendendo o que tinha no Catu. Na Bahia, novos golpes feriram aquela família. Felizmente Sinfronia tomou o bom caminho de se acolher aos braços da Igreja, de que se tornou fervorosa adepta, não sendo freira para não deixar sua velha mãe. Fez, porém, parte de algumas congre-

gações religiosas, às quais deixou seus bens, ao morrer em idade avançada.

Reatando minha narração, direi que foi um dia cheio o que passamos no Catu: agradáveis conversações, música, etc. À tarde, voltamos a casa.

Capítulo VII

Após as festas e visitas, retomamos a vida no campo, mais animada agora, depois que minha mãe reagira, suplantando a tristeza a que se entregara. Readquiriu maneiras naturais ao seu gênio expansivo e alegre. Ao romper da aurora, levantávamo-nos. Meu pai ia para o trabalho, e minha mãe, depois de dar ordens às escravas relativas ao serviço doméstico, fazia comigo um passeio no quintal. Era um costume, aliás, útil, porque se verificava se havia frutas ou hortaliças que fosse preciso colher. Sempre trazíamos frutas para o almoço. Este era pouco mais ou menos às oito horas e coincidia com a chegada de meu pai. Em seguida voltava ele ao seu labor, e minha mãe ia coser ou fazer renda, o que executava com perfeição.

A sala de jantar era a mesma da costura. Havia ali o estrado, indispensável em todas as casas, no qual, logo pela manhã, se achavam sentadas as costureiras e rendeiras com as almofadas e os competentes balaios contendo os utensílios de costura e as peças do vestuário em confecção. Este local do estrado, que, em outras residências, era tão triste porque junto dele estava a senhora com ar severo para repreender ou castigar a escrava que errava o trabalho ou não o fazia com a exigida diligência, tornava-se, em nossa casa, muito aprazível. As escravas, que nas outras vivendas não ousavam erguer os olhos para a senhora, falavam desassombradamente à minha mãe, pedindo-lhe explicações sobre qualquer coisa, e ela dava-lhas benevolamente, expressando-se de modo a

fazer-se compreender. Se alguma se mostrava indolente ou descuidada, advertia-a sem aspereza dizendo:

— Olha que dessa maneira não acabas a costura; é preciso mais diligência!

E a rapariga a quem era feita a advertência abaixava a cabeça sem se mostrar ofendida porque reconhecia ter merecido a reprimenda. Isto observei eu, quando tive mais idade, na repetição de tais cenas.

Às vezes diziam as raparigas:

— Iaiá, conte uma história; a gente muito tempo cosendo tem sono.

E ela contava-lhes histórias quase sempre tiradas da Bíblia, próprias a incutir-lhes idéias de moral e de religião. Eu, que também já as apreciava, não me afastava, prestando-lhes toda a atenção. O jantar era às quatro horas, e, depois de breve descanso, ainda se costurava. Meu pai, se não havia urgência no trabalho, ia passear em casa dos parentes, na Conceição ou na Marmota, fazendas mais próximas. Algumas vezes minha mãe e eu o acompanhávamos nestes passeios, principalmente nas noites de luar, o qual tornava mais agradável a volta. Outras vezes eram os parentes que nos visitavam e se demoravam, usualmente até às dez horas, retirando-se depois do chá ou café, usados em todas as casas.

Foi nessa época que se deu a partida de meu tio Pedro Ribeiro para a Bahia. Entrou como interno em um colégio, deixando a mulher inconsolável com aquela primeira separação, após três anos de casados, vivendo ambos até ali na mais invejável harmonia. Meu tio não levara a senhora receando que os rendimentos de seus bens não chegassem para montar casa na cidade. Na família, olhava-se como muito desairoso um homem lançar mão de seus capitais: era indício de ser perdulário. Nas palavras de meu pai,

não havia fortuna que resistisse ao desmancho e a gastos supérfluos: "Quando as coisas se desaprumam", dizia ele, "é muito difícil equilibrá-las de novo." Ele havia, gratuitamente, se encarregado de administrar os bens do cunhado. Vindo este pelas férias da Semana Santa, mostrou-se desejoso de levar a mulher, e meu pai, animando-o, calculou que os rendimentos dos bens bastariam para mantê-los na Capital, e assim foi. Durante sete anos que ali estiveram, passaram comodamente, e recebeu os bens até aumentados. Falo nisso para provar a honradez de meu pai e a atividade e boa direção que dava aos seus trabalhos.

Daí em diante, tivemos mais uma diversão: eram as notícias vindas da Bahia. Ora, os proprietários mandavam, mensalmente, à cidade buscar carne de sertão — charque —, que era a principal alimentação dos escravos, e mais alguns gêneros que a lavoura não fornecia. Um escravo de confiança, levando a correspondência, inspecionava os outros, que conduziam os animais de carga e permaneciam em um dos portos de mar onde havia trapiche para o recebimento do açúcar. O de confiança tomava um barco e ia à cidade entregar as cartas ao correspondente do proprietário e ao freguês de carne seca, etc. A volta dos escravos era um acontecimento que vinha quebrar a insipidez daquela existência, porque quase sempre recebíamos fazendas e vários objetos para o uso da casa. Eram comprados pelo correspondente, que a isto se prestava para ser agradável ao senhor de engenho que lhe dava grandes lucros com a consignação do açúcar, de cuja venda se encarregava. Depois que meu tio Pedro Ribeiro foi para a Bahia, também recebíamos cartas dele e da senhora, e, como minha mãe igualmente escrevesse para o Convento das Mercês procurando notícias das filhas do Monsenhor Silveira, vinha correspondência não só delas como de D. Antonia, a amiga de minha avó, sempre acompanhada de presentes: doces e outros produtos da indústria

freirática, muito apreciados. Eram quase sempre a mim destinados e davam-me verdadeiro prazer.

Foi nesse tempo que minha mãe teve uma grande surpresa: Emilia, a filha do Monsenhor Silveira, escreveu-lhe participando que a irmã mais moça ia ser freira.

— Henriqueta, a mais graciosa e alegre, que parecia destinada a brilhar no mundo, ir sepultar-se em um claustro! comentou minha mãe.

Depois ela me disse que aquele fora um pensamento anticristão: devia-se considerar Henriqueta muito feliz por ter querido ser esposa de Jesus Cristo. Entrando logo no noviciado, Henriqueta deixou de escrever a minha mãe, a quem Emilia explicou que a noviça ficava inteiramente seqüestrada do mundo, até da própria família.

No fim do ano, voltou meu tio da Capital muito entusiasmado com as boas aprovações que obtivera. Mostrou um certificado de exame com uma larga fita, distintivo do *louvor* alcançado. Foram para mim uns dias alegres os que se seguiram à sua volta. Tanto ele como a mulher contavam muitas coisas da cidade, que não conhecíamos porque raramente iam as senhoras à Capital. Algumas o conseguiam, fazendo, em ocasião de grave moléstia, a promessa de uma romaria ao Senhor do Bonfim. Os homens também ali não iam com freqüência e quase sempre só o faziam no fim da safra para ajustar contas com o correspondente.

Creio que as Festas — Natal, Ano Bom e Reis — passaram-se como nos anos antecedentes, porque delas coisa alguma de novo recordo: missas, reisados, etc. Ainda no mês de janeiro, voltou meu tio à Bahia para se matricular na Escola de Medicina, tendo de fazer, no fim do mesmo ano, além dos exames da Academia, os dois preparatórios que lhe faltavam.

Mencionarei uma circunstância, na aparência frívola, que influiu muito no meu desenvolvimento intelectual. Indo passar alguns dias na Fazenda Pacas com minha prima Janinha, tive com ela uma discussão em que trocamos palavras ofensivas. Devido à minha pouca idade, não me preocupei com tal coisa e nem mesmo a relatei à minha mãe. Encontrando depois minha prima em casa de um de nossos parentes, procurei-a logo para brincarmos juntas como costumávamos. Ela recusou-se, tratando-me friamente. Minha mãe notou-o e perguntou a minha tia a razão. Esta respondeu que a filha ficara muito ressentida com o que eu lhe dissera. Hoje entendo que as duas senhoras deviam acabar com aquele arrufo, o que seria fácil, porém assim não o fizeram, e minha mãe disse-me que era melhor eu me afastar de minha prima que, sendo quatro anos mais velha do que eu, não devia tanto apurar. Instruiu-me para que não a convidasse a passar dias comigo, o que ela, orgulhosa como se manifestara, decerto também não faria. Recomendou ainda que não a tratasse mal, o que seria impróprio de uma menina de boa educação. Eu, que já tinha tendências para o orgulho, sem resistência acedi a estas determinações. Somente mais tarde vim a conhecer as razões que levaram minha mãe a proceder assim. O resultado disso foi aproximar-me eu cada vez mais dela, que, não usando da estulta severidade que a maioria das mães então empregavam com as filhas, tornava sua companhia para mim muito agradável.

Tinha eu entrado nos dez anos, e um desejo ardente de aprender a ler invadiu-me. Vendo minha mãe e sua amiga Sinfronia lerem histórias, parecia-me que, se o pudesse fazer, nada mais almejaria. Como eu apresentasse sensível melhora na vista, escreveu minha mãe um alfabeto com letras grandes e bem vivas para ensinar-me. Uma mulatinha de minha idade, destinada a ser minha ama de quarto, foi minha companheira de estudo por julga-

rem que assim eu não me aborreceria. Lembro-me dela com saudades; chamava-se Felicidade e morreu aos dez anos. Muito afeiçoada a mim, era, apesar da raça africana, que tinha já muito longe, mais branca do que eu e até loura. Um dos luxos das moças ricas daquele tempo era ter uma criada de quarto de cor branca. Mostrei grande facilidade para a leitura, e meus pais ficaram encantados, atribuindo aquilo a excepcional inteligência, sem levarem em conta o meu desejo de ler e a idade mais adiantada do que aquela em que os meninos começam o estudo das primeiras letras.

Não fui feliz na escrita. O mesmo se deu com a tabuada, pela qual manifestei pronunciada aversão. A Felicidade levou-me grande vantagem, ao passo que na leitura eu sempre me avantajava. Aborreci-me, pedindo à minha mãe para deixar de escrever, e ela concordou:

— Quando ficar moça, desejará escrever e se esforçará por fazê-lo.

Naquele tempo ensinava-se em primeiro lugar a letra de mão e, quando o aluno já a fazia correntemente, passava-se então à impressa ou redonda, como vulgarmente era chamada.

O meu *desideratum* era ler histórias, e, se minha mãe não me coibisse, bem depressa eu o teria conseguido. Ela receava que se agravasse o meu sofrimento da vista. De fato, quando a apurava por mais tempo, apareciam-me vermelhidão nos olhos e outros sintomas que provavam não haver o mal de todo desaparecido. Assim, foi para mim um motivo de verdadeira alegria quando me deram para ler um livro, *O tesouro das meninas* — o *Livro de Bonna*, como era chamado. Constava de diálogos entre uma mestra e suas discípulas, entremeados de histórias, que era o que eu mais apreciava. Podia repetir de cor todas estas histórias e até muitos dos diálogos. Depois passei a ler *O tesouro das adultas*, da mesma autora, Mme. Leprince de Beaumont.[44] Suas obras têm

muita semelhança com as da Condessa de Ségur, que tanto agradam às crianças, o que fez dizer certo escritor que ela é a avó de todas as crianças francesas.[45]

Nessa época recebeu minha mãe uma carta de Emilia comunicando-lhe que Henriqueta, a noviça, estava tuberculosa, com escarros de sangue e todos os sintomas da terrível moléstia, com razão temida. Dizia o médico que convinha sair a doente o quanto antes para um lugar de fora, e Emilia naturalmente se lembrara da nossa casa. Acrescentava que o médico dava muita esperança de cura, pois a moléstia estava no começo.[46] Nesta ocasião ainda, manifestou-se o caráter magnânimo e agradecido de minha mãe. A tuberculose só era encarada com horror, como contagiosa, no campo, ao passo que na cidade não se acreditava em tal contágio, do qual hoje ninguém mais duvida. Lembro-me de ouvir algumas de minhas parentas dizerem-lhe:

— Como recebe você em sua casa essa moça, atingida de tal moléstia? Não teme por sua filha?

E ela tornava-lhes:

— Podia eu negar minha casa a uma filha do Monsenhor Silveira? Terei todo o cuidado e espero em Deus que nada acontecerá.

Hoje admira-me como meu pai concordou. Creio que minha mãe empregou a diplomacia, que dizem ser inata nas mulheres, e venceu sua resistência.

Recordo-me da surpresa, ou antes espanto, que experimentei à chegada das duas moças. Vinham em liteira, acompanhadas por meu tio Pedro Ribeiro e outro nosso parente. Vira-as ao chegarem de Sergipe como duas flores que brotam pela manhã aos raios vivificantes do sol e guardava na mente esta risonha visão. Quando os condutores, desatracando os varais dos cavalos, pousaram a liteira no solo, meu tio e minha mãe abriram as cortinas para

ajudar as jovens a sair: fiquei perplexa! Eram duas criaturas pálidas e abatidas que pareciam saídas das profundezas de um calabouço ou subterrâneo, onde tivessem definhado longos anos. A noviça apresentava, no rosto alongado pelo emagrecimento, uma palidez marmórea: os cabelos, outrora tão lindos e dourados, estavam cortados rentes, o que aumentava a expressão triste da fisionomia alterada pelo sofrimento. O hábito preto parecia uma mortalha a envolver-lhe todo o corpo, deixando apenas ver as extremidades das mãos, de brancura doentia. Emilia não apresentava melhor aspecto. Da antiga beleza, só restavam os lindos olhos negros, porém de expressão profundamente triste, talvez pelas grandes olheiras que os circundavam, destacando-se das faces cavadas cor de pergaminho amarelecido pelo tempo. Com um vestido de chita parda e um grande xale escuro a envolver-lhe o corpo, os cabelos cortados ao redor do pescoço, tinha o ar de uma senhora idosa, embora só contasse vinte e dois anos!

Conduzindo-as à sala, minha mãe fez com que se sentassem num canapé, tomando lugar a seu lado, e conversaram em voz baixa. Vi minha mãe chorar e, por isto, julgo que falavam de minha tia Maria que fora há dois anos para o convento com aquelas moças e de lá não voltara, causando a sua morte tão horrível desgosto à irmã. Foram as duas levadas ao quarto a elas destinado. Era à tardinha; não as vi mais neste dia. Havia minha mãe recomendado que eu não entrasse no quarto de suas hóspedes; não podendo evitá-lo, que não me demorasse, observando que me portasse de modo a não dar na vista e não ofender a doente; fez-me ainda outras advertências. A noviça notou a minha reserva, porém minha mãe explicou-a pelo meu natural acanhamento, e ela de nada suspeitou. Minha mãe não evitava sua companhia, tratando-a com o maior carinho e desvelo. É que a sua viva fé a fazia afrontar o perigo contando que Deus a preservaria quando se tratava de fazer uma boa ação.

Em pouco tempo, apresentou Henriqueta sensível melhora; voltaram-lhe ao rosto as belas cores e o ar alegre que lhe era natural. Não evitou minha mãe, dali em diante, a minha permanência no quarto das duas irmãs. Vendo Henriqueta tão vigorosa, entendeu estar passado todo o perigo. Elas, talvez pelo hábito de clausura, só deixavam aquele aposento por ocasião das refeições ou para o passeio matinal no quintal ou no campo, pela tarde. Notava-se em Henriqueta certo contraste: às vezes demonstrava muita devoção e mesmo carolice; de repente, tornava-se alegre e até folgazã. Minha mãe o fez notar a Emilia, que respondeu:

— É porque o gênio de Henriqueta é assim prazenteiro e brincalhão. Creio, porém, que a sua vocação é sincera e tenho razões para acreditá-lo.

Desde a chegada das moças, deixara minha mãe de coser ao pé do estrado onde trabalhavam as mucamas; fazia-o no aposento das duas jovens, com elas conversando agradavelmente. Um dia, chamou-me, dizendo:

— É tempo de acabares com este acanhamento com tuas tias; vem ler e conversar aqui.

Eu, que não desejava outra coisa, fui radiante buscar o meu *Livro de Bonna* e tomei lugar um pouco afastado. Embora já lesse quase correntemente, costumava fazê-lo para mim e depois para minha mãe, que corrigia os defeitos de pronúncia ou pontuação. Terminada a leitura, ficava ouvindo a conversação com um interesse impróprio em minha idade.

Henriqueta pouco costurava, levando quase todo o tempo a ler o *Flos Sanctorum* e outros livros religiosos.[47] Quando a história de um santo mais a interessava, lia em voz alta para minha mãe ouvir, e então ficava eu encantada. Quando terminei os quatro tomos do *Tesouro das adultas*, tive imenso desejo de ler o *Flos Sanctorum*; não ousei, porém, pedi-lo à noviça. Um dia, folhean-

do-o para ver as vinhetas que encimavam cada história de santo, disse-me ela:

— Não estrague o livro!

Foi o bastante para que me retraísse. Passei então a ler outros livros. Já compreendia tudo o que lia, e minha mãe só se preocupava em evitar leituras contrárias aos princípios de moral que não cessava de incutir-me. Também ouvia com prazer a leitura, feita por Emilia, de uma gazeta enviada do Rio pelo Monsenhor, *A Tribuna Católica*.[48] Apreciava sobretudo os folhetins, historietas repletas de princípios morais e religiosos.

Capítulo VIII

Nesse tempo, foi anunciada uma missão no Catu. Uma *Santa Missão*, como a chamavam, era então um acontecimento de alta monta. Efetuava-se com grandes intervalos, tanto que minha mãe só assistira a uma, em Itapicuru.[49] Ela desejou ir. As moças também mostraram vontade, e meu pai, depois de alguma resistência, concordou, sob a condição de só irmos nos últimos três dias. "Com a falta de comodidade que deve haver," dizia ele, "Henriqueta pode piorar e Filhinha — era eu — sofrer qualquer coisa se ficarem mais dias." Achando razoável, minha mãe concordou.

O que a todos aguçava o desejo de assistir à missão era saber que o missionário tinha fama de grande pregador. Emilia e Henriqueta já o haviam ouvido no convento, e meu tio Pedro contou que ele e outros estudantes na Bahia muito o apreciaram, tendo-o visto pronunciar um belo sermão. Não fomos para casa do Lisboa por estar ele com dois filhos muito mal, os quais poucos dias depois morreram. Seguimos para a residência de um dos nossos parentes, onde ficamos pessimamente hospedadas. Meu pai voltou para o engenho.

Nunca vira eu tamanha aglomeração de povo! Desde as proximidades da igreja, a grande distância via-se a massa compacta de gente. Quantidade de casinhas improvisadas ou ranchos de palha acolhiam aqueles que não encontravam hospedagem nas casas do arraial, naquela ocasião muito menor do que hoje. Também alguns procuravam se abrigar debaixo das árvores. Daquela multi-

dão saía um ruído surdo, o conjunto de milhares de vozes, formidável quando traduz as paixões que agitam as turbas. Felizmente o espírito religioso que dominava as massas dava àquele murmúrio um tom de paz e de concórdia. O ar impregnado de poeira era sufocante. Minha mãe mandou logo duas escravas estenderem um tapete não longe do púlpito e permanecerem ali guardando nossos lugares.

Nossa partida da casa para o local do sermão despertou grande curiosidade. Creio que a maior parte daquela gente nunca tinha visto uma freira. A jovem noviça tornou-se uma espécie de animal raro, que todos desejavam conhecer de perto. Realmente, era uma figura de destaque. A graciosa touca branca emoldurava-lhe o lindo rosto alvo e corado. Comprido hábito preto cingido à cintura com um grande véu branco flutuando sobre ele tornava aquela jovem atraente e agradável a todas as vistas. Tivemos dificuldade para chegar ao local em que as escravas guardavam nosso tapete. Com esforço mantinham-se sobre ele, já todo ocupado por pessoas estranhas. Minha mãe fez sentar as duas jovens no lugar deixado pelas mucamas e, com muito bom modo, foi pedindo às mulheres para lhe darem um lugar para si e outro para mim. Estas de boa vontade acederam, não exigindo minha mãe que desocupassem o tapete, que era grande e admitia muitas pessoas. Falo nestas particularidades para provar que minha mãe, de acordo com suas teorias, conseguia tudo por bem, usando das maneiras brandas que lhe eram naturais.

O púlpito era armado perto da igreja, donde saía o padre para ali subir por alguns degraus que havia do lado posterior. Do local onde estávamos, não podíamos acompanhar sua subida ao púlpito. Vimo-lo, pois, surgir de súbito, e guardo na memória a viva sensação que em mim se produziu. As mulheres ajoelharam-se fazendo exclamações. Pareciam estar diante de um deus. A figura do frade era, na realidade, imponente. Frei Caetano de Troina,

religioso capuchinho, era de elevada estatura, feições belas e distintas. A longa e espessa barba negra descendo-lhe até o peito dava-lhe um aspecto majestoso. Com um gesto, impôs silêncio ao povo, e duas moças, com vozes belíssimas, entoaram a *Salve Rainha* em versos. Enquanto durou o cântico, o padre permaneceu ajoelhado, com a fronte encostada ao púlpito. Depois ergueu-se e falou. Sua voz forte, clara e vibrante aumentava o prestígio do notável orador. A minha idade não me permitia avaliar aquela peça oratória, mas todos que ali estavam em condições de fazê-lo muito apreciaram.[50]

Havia uma nota dada pela superstição do povo que destoava da majestade da cena. Quando o padre falava dos castigos reservados aos caluniadores — o tema era o oitavo mandamento —, toda aquela gente batia nas faces gritando: *Misericórdia!* Tal era o vozerio que não se ouvia o orador. Ele pedia silêncio; era atendido, mas, se pronunciava qualquer palavra que o povo, às vezes bem erradamente, interpretava como um apelo aos castigos do Céu, rompia de novo a gritaria. Os que estavam mais longe não ouviam o padre, mas, por imitação, tomavam parte no movimento: era a praxe. Bem se compreende que, no conceito dos espíritos mais cultos, isto tornava-se ridículo.

Terminado o sermão, veio meu tio Pedro convidar-nos a dar um passeio pelo imenso arraial: "Veríamos muita coisa curiosa", dizia ele. A noviça e a irmã não quiseram ir. Voltaram para casa com nossas parentas. O que mais impressionou-me neste passeio foi a visão dos penitentes. Assim chamavam àqueles que, depois do sermão, publicamente se disciplinavam, creio que para provar a sua contrição. Vi oito ou dez homens ajoelhados, nus da cintura para cima; usavam sobre as calças um saiote branco que descia até os joelhos. Empunhando uma disciplina de ferro, zurziam a si mesmos sem piedade. Das costas, manava-lhes o sangue que salpicava o saiote. Tinham os olhos vendados com um lenço que lhes

tomava quase todo o rosto, de modo a torná-los irreconhecíveis. Tal espetáculo horrorizou-me. Entretanto, ouvia pessoas que se aproximavam a dizer: "Ora, são muito poucos os penitentes; na outra missão havia muito mais." Entendiam que aquilo era prova de decrescimento do espírito religioso.

— Que horror! exclamou meu tio, convidando minha mãe a afastar-se.

Ela, que não podia suportar a vista do sangue, nem de qualquer tortura, não estava menos horrorizada. Chegados a casa, meu tio ainda deixava explodir sua indignação:

— A ignorância do povo, que o governo não trata de extinguir, dizia ele, é a principal causa; mas os padres têm também muita culpa. Deviam trabalhar para destruir as superstições e crendices do povo!

Minha mãe partilhava as idéias do irmão e contou que, em uma missão a que assistira, vira de fato grande número de penitentes; mas, dando-se poucos dias depois um roubo de cavalos, um dos ladrões aprisionados era um penitente, reconhecido pelas escoriações das costas.

Durante a noite, rezaram, cantando terços, hinos a que chamam benditos, e, pela madrugada, o *Ofício de Nossa Senhora.* Estas orações tão belas em sua simplicidade, cantadas àquela hora por milhares de vozes, tinham um encanto inenarrável.

Acordamos muito cedo. A noviça desejou confessar-se com Frei Caetano, e minha mãe arranjou, com o vigário, que o fizesse de modo a não ser perturbada pela enchente de povo que se atropelava para conseguir o que havia como um grande privilégio. Fomos à missa celebrada pelo pregador em um altar armado fora da igreja. Enquanto Emilia e eu ficávamos no tapete a alguma distância do altar, minha mãe e meu tio acompanhavam Henriqueta à mesa da comunhão, rompendo com dificuldade a massa com-

pacta do povo. Quando voltou, a noviça estava muito corada e comovida. Depois, ouvi minha mãe e o irmão conversarem, dizendo este:

— Tinha alguma dúvida sobre a vocação de Henriqueta, mas a expressão de sua fisionomia durante a comunhão fez-me acreditar na sinceridade de seus sentimentos.

E minha mãe acrescentou:

— Parecia transfigurada! Julguei ver um desses *êxtases* descritos na vida dos santos, em que eles são arrebatados em espírito ao Céu e seus rostos tomam uma expressão divina.

No sermão desse dia, deram-se as mesmas cenas do anterior. Somente, como do lugar em que nos colocamos víamos a passagem do padre da igreja para o púlpito, apreciamos as mulheres se atropelarem para lhe beijar o hábito a ponto de embaraçar-lhe os passos. Ele fazia gestos de impaciência até que a custo conseguiu galgar à tribuna.

Ao terceiro e último dia houve grande procissão. Depois o sermão, que muito agradou, exceto o final, censurado por alguns. O missionário fez uma invocação a Deus, pedindo-lhe o perdão daqueles pecadores e oferecendo-se para receber os castigos por eles merecidos. Arrancando em seguida o capuz, empunhou uma disciplina. Quando descarregou nas costas o primeiro golpe das correias, levantou-se da multidão um verdadeiro clamor. O vigário, subindo ao púlpito, ajoelhou-se aos pés do missionário, pedindo-lhe para suspender o que fazia e tomou-lhe da mão a disciplina. Só se ouviam prantos, gritos e soluços. Parecia assistir-se a uma grande calamidade pública. Creio que muitas mulheres ficaram de faces inchadas, tal era o furor com que a si mesmas se esbofeteavam. Minha mãe disse depois que vira tudo aquilo na outra missão a que assistira: também era a praxe.[51]

Apesar de já ser tarde, findo o sermão voltamos para a fazenda. Meu pai, que tinha vindo buscar-nos, assistira a esta última

prédica. Chegamos a casa alta noite, cansadíssimos, visto que a viagem foi de carro de bois.

No dia imediato, lembro-me de ter visto meu tio e meu pai rindo, a criticarem o que chamavam *farsa do missionário e do vigário* — as disciplinas do fim do sermão. Minha mãe recomendou-lhes que não tocassem nisso diante da noviça e da irmã: podiam escandalizar-se. Quanto a minha mãe, apesar de muito religiosa creio que desaprovava a maceração e outras torturas praticadas como penitência, e jamais as aconselharia porque repugnavam a sua natureza.

Ora, também era de notar a interpretação dada pela gente do povo às palavras do missionário — coisas as mais extravagantes e disparatadas. A bondade de minha mãe levava as mulheres a expandirem-se diante dela que, contendo o riso delicadamente, sem ofendê-las, explicava-lhes o verdadeiro sentido de cada frase. Daí pode-se deduzir o argumento de que as missões tornam-se infrutíferas para a moralização do povo; enganam-se porém os que assim pensam. Pelo menos vêm as missões afirmar, naqueles espíritos simples, a crença numa existência além da morte, onde há prêmio e castigo; ensinam também que não devem as pessoas limitar-se nesta vida a ganhar dinheiro para satisfazer as necessidade materiais. Se naquele tempo era assim, quanto mais hoje, com a falta do ensino religioso nas escolas. Assisti depois a duas outras missões de lazaristas. Notei que desmereciam muito da veneração do povo.

Capítulo IX

Pouco depois da Missão, veio Sinfronia, em companhia de um irmão, despedir-se, porque ia com a família de muda para a Bahia. O Lisboa e a mulher desculpavam-se de não fazê-lo pessoalmente, pelo recente desgosto que haviam sofrido — a morte dos dois filhos. Minha mãe e Sinfronia despediram-se bastante saudosas porque eram muito amigas, como o provaram até o final da existência. Logo a noviça, achando-se vigorosa e livre de qualquer suspeita de moléstia pulmonar, falou em voltar ao convento.

Creio haver já dito que minha mãe, desde que conhecera Sinfronia, tinha tido a idéia de, em tempo oportuno, convidá-la para me ensinar música. A mudança da amiga para a Capital desvanecera este projeto que ainda não fora concretizado. Resolveu, pois, minha mãe falar a Emilia para ser minha mestra de música. Animou-a a isto uma conversação que a moça com ela tivera. A propósito dos rigores a que eram sujeitas as noviças, seqüestradas completamente do mundo e da família, havia-lhe dito Emilia:

— Imagine a revolta que eu sentia vendo Henriqueta passar por mim sem me dirigir uma palavra nem um olhar! Cheguei a arrepender-me de ter pedido a meu pai para ficar no convento até ela professar.

Quando minha mãe lhe fez o convite, Emilia pareceu hesitar. Custava-lhe separar-se da irmã; minha mãe lembrou-lhe o que dissera. Pareceu abalada, e minha mãe acrescentou:

— Reflita também no que vou lhe ponderar em seu interesse. Lembre-se de que, quando aqui chegou, a todos espantou o seu estado: parecia ainda mais doente do que Henriqueta. Tem melhorado muito com certos medicamentos e talvez com a mudança de ares, mas não está de todo curada. Voltando ao convento, pode o mal recrudescer ao passo que aqui espero vê-la de todo boa.

Ela se mostrou convencida, mas observou:

— É indispensável consultar meu pai.

— Nem eu lhe pediria que o fizesse sem a aprovação de meu padrinho, retrucou minha mãe.

Escreveu Emilia ao Monsenhor. Não tardou a resposta, tal qual minha mãe esperava. Dizia o religioso à filha que devia julgar-se muito feliz por ter ocasião de prestar um serviço àquela que lhe prodigalizava, bem como à irmã, carinhos e desvelos maternais segundo ela própria lhe comunicara. No dia da partida da irmã, Emilia chorou tanto que minha mãe lhe disse:

— Se está arrependida, eu irei levá-la ao convento. Não quero que fique contrariada.

Ela, porém, tornou-lhe:

— Não estou arrependida; mas deve compreender que é a primeira vez que me separo de todo de Henriqueta, a única irmã que comigo convivia. Bem sabe que vivo hoje distante de todos os meus.

Assim, iniciei com Emilia o meu aprendizado de música aos onze anos incompletos.

É preciso dizer alguma coisa sobre a formação do meu espírito, que começara algum tempo antes daquela época e então mais se acentou. Muitos tratados de educação se têm escrito. Nenhum porém pode ser completo: seria preciso um para cada menino. Só o tino da mulher pode remediar esta falta. Este, porém, algumas vezes falha. A mãe, a mais atilada e bem-intencionada, nem sem-

pre acerta com a direção que deve dar ao tenro ser confiado a seus desvelos, levando-o, às vezes, a desviar-se da senda que conviria à sua índole e posição. Foi o que se deu com minha mãe. Não tratou de apagar a tendência que, julgo, tinha eu para a vaidade, o que veio bastante a prejudicar-me.

Até os sete anos, era eu uma verdadeira criança, alegre, irrequieta, expansiva, não só com a minha prima Janinha, como com as pequenas escravas, minhas companheiras de folguedos. Recordo que proporcionava horas bem divertidas a meu avô, indo ao seu aposento com minhas companheiras executar *bailes pastoris*, muito apreciados então, e que minha tia Maria promovia sempre pelo Natal. Minha mãe achava muita graça em vê-lo ajudar-nos a cantar, o que aliás era muito natural, pois os avós fazem-se crianças para comprazer aos netos. Também me recordo de ouvir meu avô e minha mãe repetirem às pessoas que freqüentavam a casa os meus ditos e respostas, que eles, indulgentemente, julgavam espirituosos. Minhas aspirações não iam além de possuir muitas bonecas e brinquedos. A chegada das filhas do Monsenhor Silveira despertou-me o instinto do belo. Vinha-me amiúde o pensamento: "Oh! se eu fosse bonita!" Recordava as palavras do Padre Uzeda: *É inegável que só uma boa educação pode dar tal brilho à mulher.*

Pouco depois chegou a inesperada notícia da morte de minha tia Maria, causando profundo desgosto à minha mãe. Fui naturalmente levada a fazer-lhe constante companhia, e ela, decerto para que eu não me aborrecesse, contava-me histórias para as quais muito cedo revelara eu muito gosto. Esgotado o repertório das histórias da carochinha, passou ela a narrar episódios tirados da Bíblia e de outros livros que lera. Admirava-se de ver-me escutá-las com o mais vivo interesse, mostrando tudo compreender. Nessas narrações, as heroínas eram sempre dotadas de excepcional virtude, de inteligência cultivada e de recato perfeito nas maneiras e

nas palavras. Foi despontando em meu espírito o desejo de ser, quando moça, uma dessas heroínas. Contudo, a natureza à vezes reclamava os seus direitos, principalmente quando eu me achava com minha prima Janinha. Corria, saltava e brincava como dantes. Foi nesse tempo que conheci a família do Lisboa.

Vendo Sinfronia, amiga de minha mãe, tão apreciada pela educação e prendas musicais que a distinguiam das moças de minha família, desejei imitá-la e, quando ela e minha mãe conversavam, eu não me afastava de seu lado. Estas conversações versavam quase sempre sobre as teorias que eu vira desenvolvidas nas histórias. As virtudes, uma inteligência cultivada, um recato exagerado nas maneiras e nas palavras é que davam todo o valor à mulher. Ora, tendo ocorrido nesse tempo o meu afastamento de minha prima, não procurei mais brincar com as pequenas escravas. Suas conversações pareciam-me estúpidas e sem interesse; seus brinquedos, ridículos. Deixei a tagarelice e tornei-me séria.

Um fato basta para mostrar a feição de meu espírito. Um jovem médico que viera clinicar no Catu, José Zepherino de Menezes Brum, tornara-se muito amigo de minha família e, quando ia à nossa casa, beijava-me carinhosamente. Um dia, eu não quis mostrar-me. Depois de haver ele saído, minha mãe perguntou-me por que motivo assim procedera:

— É porque ele me beija, respondi.

— Ele beija-te para te agradar, replicou minha mãe.

— Mas, tornei, eu não gosto; porque não beija ele as outras moças?

Creio que minha mãe achou graça na minha pretensão a ser tratada como moça e talvez se regozijasse daquela precoce manifestação de recato. Vindo de novo o médico à nossa casa, perguntou à minha mãe:

— Por que Santinha não me aparece? Está zangada comigo?

Então contou ela rindo o que eu dissera.

— Diga-lhe que pode vir; não a beijarei mais, tornou ele rindo.

Quando apareci, disse cortejando-me cerimoniosamente:

— Embora me custe, não a beijarei mais; trata-la-ei como uma senhora respeitável

E decerto no seu íntimo censurava a minha impostura e a demasiada condescendência de minha mãe, não se manifestando pelo respeito e estima que esta lhe merecia.

Algum tempo depois, como já contei, vieram novamente para nossa casa as filhas do Monsenhor Silveira. Se elas não se impunham mais à minha admiração pela beleza física, como da primeira vez, tiveram grande influência em minha formação moral pelas idéias religiosas manifestadas nas leituras e conversações que entretinham com minha mãe. Lembro-me de ouvir Henriqueta, a noviça, dizer, após uma leitura do *Flos Sanctorum*:

— Repare, Naninha, que quase todos os santos são padres, frades ou freiras: sinal de que a vida religiosa é a que melhor conduz ao Céu.

Minha mãe contestava:

— Em todos os estados se pode servir bem a Deus!

E, como conhecia também a vida de muitos santos, dava exemplos de santos casados. De outra feita, escutei a noviça sugerir:

— Como seria louvável, Naninha, que você criasse sua filha com a idéia de ser uma religiosa!

— Deus me livre! disse minha mãe. Desde que a tive, formei o projeto de não me separar dela, embora case. Deus não me levará a mal, pois bem sabe quanto isto me custaria. Nem repita tal coisa diante de minha filha, para que ela não tenha tais idéias. O pai e eu nos oporíamos com todas as forças.

Não se pode imaginar a impressão que tudo isso me causava. Quando li um episódio da vida de Bernardin de Saint-Pierre,

lembrei-me do que me sucedeu.[52] Tinha Bernardin sete anos, e a ama contava-lhe as histórias dos anacoretas dos desertos e grutas da Tebaida. Fugindo para um bosquezinho próximo da casa paterna, o menino esperou em vão a visita do anjo que devia trazer-lhe alimento, e, já arrefecido seu ardor religioso, a ama o foi encontrar arrependido, acossado pela fome, tendo debalde esperado o mensageiro celeste que devia trazer-lhe sustento. A ama ameaçou-o de severo castigo se fizesse uma nova tentativa de eremitagem. Felizmente não havia perto de nossa casa um mosteiro, e, aos nove para dez anos, creio que não seria eu tão ingênua como o escritor francês aos sete. Passou portanto despercebida a minha fervorosa vocação para a vida religiosa, poupando-me o ridículo que me acarretaria se fosse conhecida. Custou-me apenas algumas lágrimas, derramadas em segredo, lamentando não poder tornar-me uma dessas santas que me entusiasmavam pelos seus êxtases, pelas suas celestes visões e até pelo seu heroísmo no martírio. Havia, porém, a coagir-me o grande amor que tinha a minha mãe, e decerto não me aventuraria a contrariá-la.

Entrando eu no aprendizado de música, graças a Emilia, foi arrefecendo o meu ardor religioso, talvez fomentado até então pela ociosidade a que me condenava a moléstia de olhos, já agora um pouco debelada. Emilia pedira para mandar buscar o piano que ficara no convento. Confessava ela ser principiante, mas contava, no Rio, continuar o estudo e não queria perder o que sabia com uma longa interrupção. A chegada do piano foi um acontecimento. Ninguém em nossa casa jamais tinha visto tal instrumento, o primeiro que chegou ao Catu. Viera em barco até o porto de Almas, e ali dez negros possantes o receberam.[53] Ao trazê-lo, revezavam-se porque a distância era longa: nove léguas. Era um piano de mesa, gênero que hoje poucos conhecem.

Quando armado o piano, Emilia correu os dedos pelo teclado. A sala estava repleta de gente. Sendo minha mãe muito indulgente com os escravos, todas as mucamas deixaram seus afazeres e acorreram, bem como o batalhão das crias, à sala. Os carregadores permaneceram, e alguns agregados que haviam avistado o piano aos ombros dos escravos os acompanharam: todos queriam ouvir o estranho instrumento. Romperam as mais extravagantes exclamações:

— É mais bonito do que flauta e rabeca! diziam uns.

— Parece uma música de igreja! diziam outros.

E todos, a seu modo, expressavam o seu entusiasmo.

Entretanto, sofri uma grande decepção. Possuindo eu já alguns conhecimentos musicais, Emilia mandou-me sentar ao piano e colocou uma partitura na estante. Àquela distância via eu confusamente as figuras e não distinguia as linhas. Minha mãe consolou-me, dizendo:

— De algum tempo para cá, tens tido constantes melhoras da vista. É de esperar que em breve possas começar o estudo do piano.

Assim, no afã do estudo da música, que me deixava poucas horas para divagações, foi-se atenuando o meu ardor para a vida religiosa, não diminuindo porém a minha prematura seriedade. Minha mãe e Emilia para isso cooperavam. Se eu dizia qualquer coisa com o modo frívolo ou leviano característico de minha idade, logo me advertiam de que aquilo era impróprio de uma menina ajuizada, e eu, que não sabia dizer coisa melhor, ficava calada. Ouvia também alguns de meus parentes comentarem: "Santinha tem um modo que parece de uma moça de juízo!" E eu, que não queria perder minha fama, cada dia me coibia mais de falar, de correr, e assim fui perdendo a viveza infantil.

Ora, Emilia era naturalmente sóbria de palavras, e, com os dois anos passados no convento, creio que mais se acentuou esta

qualidade. Tornara-se, no meu entender, o mais perfeito modelo de moça, e eu desejava ardentemente imitá-la. Habituei-me, pois, a quase nunca manifestar as minhas idéias e suspeito que daí me veio a dificuldade de expressão de que sempre me ressenti. Ao pegar na pena, acudiam-me facilmente as palavras; quando tinha de falar, fugiam-me, e eu não conseguia expor claramente minhas idéias. Foi-me prejudicial esta direção dada ao meu espírito? Creio que não. Proporcionou-me sãos princípios de moral, base da virtude da mulher. Subtraiu-me, porém, muitos gozos próprios da juventude e, em um meio mais culto, ter-me-ia até levado ao ridículo — prova de que tudo a exagero é inconveniente.

Recordo que, quando meu tio Pedro Ribeiro, já acadêmico, o Padre Uzeda, homem inteligente e instruído, e meu tio Manoel José, que possuía alguma cultura, travavam conversações sobre assuntos sérios e elevados, minha mãe e Emilia não se afastavam, mostrando ouvi-los com interesse. Já minhas primas e outras senhoras iam, pouco a pouco, se retirando. Desejava eu fazer o mesmo, não porque deixasse de compreendê-los: o diminuto cultivo de meu espírito já o permitia. Cedendo, porém, ao impulso de minha pouca idade, preferiria conversar com minhas primas, filhas de meu tio Manoel José, cujo natural alegre e brincalhão me fornecia a fresca alegria da juventude. Temia, porém, incorrer na crítica de minha mãe e de Emilia. Ouvira-as algumas vezes dizer:

— Quanto são frívolas estas moças! Apenas ouvem uma conversação mais séria, bocejam manifestando o tédio e acabam retirando-se. Se coisa alguma entendem!... Falem em vestidos e enfeites e verão como se animam, se expandem!

Considerar-me-ia eu rebaixada se incorresse em tais censuras. E assim foi cada vez mais se acentuando a minha tendência para o retraimento, o que deu origem a certos dissabores que relatarei na continuação de minhas *Memórias*. Assim permaneci por muito tempo. Como estudasse com bastante gosto, em pouco tempo

adquiri conhecimentos musicais que me permitiram cantar modinhas, *desideratum* de meus pais. Quando cantei a primeira modinha, *por música*, acompanhada ao piano por Emilia, minha mãe mandou chamar meu pai no engenho, onde estava em seu continuado labor, e creio que ele experimentou uma verdadeira alegria.

Alguns meses depois da partida de Henriqueta para o convento, minha mãe recebeu dela uma carta comunicando ter reaparecido o incômodo do peito e pedindo para passar algum tempo em nossa casa, seguindo a prescrição do médico que aconselhara a mudança para o campo. Foi a condução buscá-la, e meu tio Pedro veio com ela. Muito pouca diferença fazia a noviça, mostrando que o incômodo fora passageiro. A irmã, que se alarmara com a notícia, logo se tranqüilizou, e em poucos dias estava Henriqueta restabelecida. Por este tempo, participou o Monsenhor Silveira, do Rio de Janeiro, que iria a Sergipe, talvez tratar de negócios políticos e particulares, porque além de chefe da política daquela província, ali possuía bens. Iria por mar, mas voltaria por terra a fim de passar em nossa casa.

A vinda deste amigo, um dos melhores homens que tenho conhecido, era sempre um grande e jubiloso acontecimento para toda a família. Depois das primeiras expansões naturais entre pessoas que se estimam, minha mãe convidou o Monsenhor a ouvir-me cantar. Ele elogiou minha voz e admirou meu aproveitamento em tão pouco tempo, lamentando que eu não tivesse podido começar o estudo do piano. Então minha mãe declarou-lhe a resolução que afinal tomara de levar-me à Capital para fazer uma consulta a um oculista e submeter-me a tratamento, se fosse possível. Em seguida, manifestou-lhe a sua gratidão a Emilia pelo interesse que por mim mostrara e o modo pelo qual me tratava. Em vista de tudo isso, já tinha assentado com Emilia de não a

deter mais tempo em nossa casa, para que ela pudesse cumprir seus louváveis intentos.

O desejo da moça era empregar-se no colégio que cursara quando estivera no Rio, ali ensinando qualquer coisa em que fosse mais preparada e habilitando-se, assim, a montar uma casa de ensino por sua própria conta e desse modo garantir o seu futuro. Foi, pois, determinada, dentro em poucos dias, a partida de Emilia e da irmã que, estando já restabelecida do ligeiro incômodo que sofrera, voltava ao convento. Senti uma saudade imensa, e o mesmo experimentaram minha mãe e até meu pai, porque me lembro de ouvi-lo dizer à hora da refeição:

— Não estão fazendo tanta falta aquelas moças?

E minha mãe respondeu:

— É o que acontece quando se trata de pessoas de boa educação. Aquelas meninas não deixaram queixas nem entre as escravas que as serviam!

E continuou o panegírico das jovens nos termos mais calorosos, talvez com o intuito de despertar em mim o estímulo para imitá-las.

Capítulo X

Durante algum tempo a nossa vida correu monótona e tranqüila, como acontece no campo. Aquela monotonia era, contudo, interrompida pela chegada dos portadores da Bahia, o que se dava uma vez por mês. Traziam cartas de meu tio Pedro, que prosseguia em seus estudos acadêmicos, do convento e do Rio de Janeiro — do Monsenhor e de Emilia. Em uma de suas cartas, dizia ela: "Por que Santinha não me escreve? Diga-lhe que espero, sem falta, uma carta sua." Tinha eu pronunciada aversão à escrita — por isso fiquei sempre com péssima caligrafia. Creio que estraguei muito papel para escrever duas cartas, pois minha mãe entendeu que eu devia escrever também ao Monsenhor. Como era briosa e me esforçava para me sair bem de qualquer coisa que empreendia, parece-me que não me fui mal. Emilia contou-me depois que, enviando minha carta ao pai, este lhe remetera também a que recebera, por achá-la boa, sem dúvida em relação ao meu atrasado cultivo e idade — tinha eu, então, doze anos.

Emilia deixara-me uma coleção de modinhas das quais várias eu já cantava, e minha mãe me fazia estudar de vez em quando alguma para não esquecer, dizia ela, o que aprendera. Também o Monsenhor me presenteava, de quando em vez, com uma nova modinha das que estavam em voga no Rio, porque este gênero de música ainda era apreciado ali e usava-se nos salões. Tornei-me a cantora de nossas festinhas familiares, cargo que era até então exercido por minha tia Carolina, que tinha boa voz; mas contava

eu com a vantagem de possuir um repertório mais extenso de modinhas novas e *cantava por música*, como se dizia então.

Não sei quantos meses assim decorreram até que minha mãe recebeu uma carta de Henriqueta. Reaparecera a moléstia e, segundo o conselho do médico, era conveniente passar algum tempo fora do convento. Pedia para mandá-la buscar. Lembro-me de ouvir meu pai dizer:

— Ora, isto é brinquedo? Ela o que está é arrependida!

Foi novamente mandada a condução, uma liteira, e ela viajou com a família de meu tio Pedro, que vinha passar na fazenda as férias. Chegou Henriqueta, e todos notaram que não estava pálida nem abatida.

No dia imediato, ficamos admirados de vê-la sair do quarto trajando um vestido cor-de-rosa como suas faces, que mais se enrubesceram quando minha mãe perguntou-lhe admirada:

— Deixou o hábito?

Henriqueta respondeu que, tencionando permanecer mais tempo no campo para se restabelecer, resolvera usar de vestidos, por lhe ser muito incômodo o hábito, principalmente nos passeios. Creio que teve alguma conversação particular com minha mãe porque ouvi esta dizer aos nossos parentes, que reparavam na mudança da moça, que ela não podia professar. O Arcebispo, visitando o convento, dissera-lhe que não daria licença para tal, pois se arrependera de havê-la dado a Belinha Vilela, vendo-a morrer poucos meses depois da profissão. Esta Belinha Vilela era uma moça muito bonita e da melhor sociedade baiana. Um desgosto de amor levara-a ao convento. Saindo algumas vezes durante o noviciado para curar-se da tuberculose que lhe minava a existência, veio a morrer pouco tempo após professar.

Henriqueta mostrava-se alegre e, como a irmã deixara o piano e o *Método*, tocava exercícios e alguns pedacinhos fáceis: era muito

principiante. Em tudo, manifestava suas intenções de voltar ao mundo.

Finalmente meu pai prometera levar-nos à Bahia. Esta ida tinha duplo fim: cumprir minha mãe uma romaria ao Senhor do Bonfim, promessa feita por ocasião do meu nascimento, e fazer uma consulta médica sobre minha moléstia de olhos. Como ver uma Semana Santa na Bahia era o *desideratum* das senhoras daquele tempo que moravam no campo, foi essa data escolhida para a nossa partida. Ainda me lembro do meu alvoroço esperando a realização daquele ardente desejo.

Fizeram-se os preparativos: o que maior prazer me deu foi a compra de um selim de montaria de senhora, roupão e mais acessórios para isso próprios. Já havia tempo desejava eu andar a cavalo só. Meu pai opunha-se, receando que minha fraqueza de vista me expusesse a uma queda. Sempre que saíamos, ele levava-me ao cabeçote da sela, quando eu era bem pequena, e, mais crescida, à garupa, maneira de andar a cavalo a mais detestável e incômoda. O ensaio foi um passeio à Conceição, engenho de meu tio Manoel José. Ao achar-me sobre o selim, tive medo e creio que empalideci, pois meu pai disse:

— Não tenhas medo: o cavalo é muito manso!

Fez-me as advertências necessárias à equitação e, quando voltamos, já estava senhora de mim e dava indícios de ser a impávida cavaleira que com efeito fui.

Fizemos vestidos de sarja de seda preta, fazenda que não sei se existe ainda, e Henriqueta, que estava de luto, fez de alpaca. O vestido preto era indispensável para a Semana Santa. Aliás, às igrejas, em qualquer tempo, as senhoras só iam de preto. Só as raparigas de saia (à moda baiana) iam de roupa de cor; ainda assim as mais ricas ou graduadas usavam saia de seda preta pregueada e beca da mesma cor.

Antes de nossa partida, deu-se um fato que depois eu soube ligar-se à vida de Henriqueta. Chegou inesperadamente à nossa casa um sobrinho do Monsenhor Silveira, o Dr. Joaquim Esteves. Ora, este moço já ali estivera havia algum tempo, quando estudante do segundo ou terceiro ano de Medicina. Naquela ocasião, havia ele utilizado, quando esta voltou ao engenho, a condução que levara o Monsenhor à Bahia e, chegando à nossa casa, descansara dois ou três dias antes de seguir para a Estância, onde ia passar as férias com a família. Era um rapaz alvo, louro, de olhos azuis, rosto redondo e parecia muito com Henriqueta. Como a prima, também era de gênio alegre, e meu pai e meu tio Pedro gostaram muito dele. Nesse tempo, era moda dar-se aos poetas motes para glosar, e eles, sabendo que Joaquim Esteves fazia versos, davam-lhe motes, que ele glosava com graça e facilidade.

Quando o moço disse quem era, meu pai, que não o reconhecera, recebeu-o com afabilidade, chamando logo minha mãe e Henriqueta para vê-lo. Elas não tardaram de vir. O moço estava irreconhecível. Parecendo mais alto, talvez em razão da extrema magreza, mostrava palidez doentia, e o aspecto era carrancudo e fatigado, em todo diverso do que fora outrora. Tinha por companheiro um senhor sergipano. Disse Joaquim Esteves que, havendo se formado alguns meses antes, não pudera logo seguir para a Estância por achar-se adoentado. Melhorando, resolvera ir por terra e aproveitar a companhia de um co-provinciano. Alugara uma montada, contando que meu pai lhe fornecesse outra até Itapicuru.

Depois do agasalho que se costumava fazer aos hóspedes, foram eles convidados a almoçar. Joaquim Esteves, apesar do agrado que lhe era dispensado, conservou um ar reservado e aborrecido; parecia dominado por um humor pessimista. Quando, após o almoço, ergueu-se, Henriqueta dele se aproximou, falando-lhe em voz baixa. Seguiram juntos para a extremidade da sala e, encostados a uma janela, conversaram algum tempo. Lembro que isto

causou-me grande estranheza, porque nessa época havia uma linha divisória entre rapazes e raparigas, mesmo parentes. Passadas as horas dos grandes calores, Joaquim Esteves pediu as montas. Minha mãe ainda lhe ofereceu para descansar mais tempo, deixando a partida para o dia seguinte. Recusou peremptoriamente. Logo que ele partiu, ouvi meu pai dizer, conversando com minha mãe em um aposento contíguo:

— Agora é que compreendo por que Henriqueta arrependeu-se de ser freira: ela gosta do Joaquim Esteves.

Minha mãe, que talvez já soubesse de qualquer coisa, defendeu-a:

— Você não sabe que as moças educadas na cidade diferem muito das criadas cá fora? Demais, este moço vai para a Estância e pode ser que Henriqueta tivesse alguma coisa de particular para mandar dizer a D. Marcolina, mãe dela.

— Ora, tornou ele, não é só por ter ela ido para um canto afastado conversar com esse rapaz, o que não é bonito; desde que ele chegou, notei que há alguma coisa entre eles, isto é, mais da parte dela, porque, se ele estivesse realmente apaixonado, não deixaria de demorar a partida para amanhã.

Depois acrescentou:

— E como está aquele tipo pedante e aborrecido! Será por ser já doutor? Se não fosse o Monsenhor, ele não acharia meus cavalos e portador para levá-lo a Itapicuru.

De fato, dar uma montada boa e um criado a cavalo para ir até Itapicuru — vinte e tantas léguas distante — não era pequeno favor. Era viagem de cinco a seis dias, e às vezes os animais voltavam estropiados de modo a não prestarem serviço durante muito tempo.

Dentro de poucos dias, partimos para a Capital. Vestíamos roupões de pano fino preto. Era fazenda de preço, pois que dela

faziam-se casacas e outros trajes considerados bons para os homens. Se hoje existe tal fazenda, é decerto com outro nome. Não sei como o bom senso, tão usual naquele tempo — idéias de velha — não abolia o uso de fazenda tão incômoda e quente, substituindo-a por outra mais leve e clara que não fosse um suplício sob os raios ardentes do sol. Os casaquinhos de abas curtas caíam sobre as saias longas e amplas. Usávamos chapéus brancos de palha, de abas redondas, com uma fita preta de duas polegadas de largura que, cingindo a copa baixa, caía em laço nas costas.

Saímos muito cedo. Eu ia radiante. Quando, mais tarde, li *O judeu errante*, romance antigamente muito apreciado e hoje sem valor, ao ver o episódio em que duas meninas criadas na Sibéria, encantadas com a descrição que sua mãe lhes fazia de Paris — chamavam-na *cidade de ouro* —, lembrei-me das belezas e magnificências que imaginava encontrar na Bahia e do alvoroço que experimentei ao julgar que ia realizar-se definitivamente esse sonho querido.[54] Levávamos dois lacaios. Um deles, com farda agaloada e chapéu de oleado, carregava na garupa uma grande mala de lona com alguma roupa e, à frente, no cabeçote, os alforjes com alimentos próprios para a viagem. O outro ia sem farda, como *companheiro*, e trazia na garupa uma escrava para servir-nos na viagem. Meu pai, como dizia minha mãe, deixava as impertinências em casa e era um alegre companheiro de viagem. Ia cantarolando e gracejando com Henriqueta, que não poupava as réplicas zombeteiras. Era ela mui hábil cavaleira, e eu queria imitá-la. Apostávamos carreiras, apesar das advertências de minha mãe:

— Viagem de vinte e tantas léguas não é de uma ou duas, principalmente para Santinha, que não tem hábito de andar a cavalo!

O modo de viajar naquele tempo era o que ainda é usado no Centro do país, onde não há caminhos de ferro: pede-se *pousada*

nas casas próximas à estrada. Minha mãe, seguindo o costume de meu avô, que viajara muito pelo Sertão, preferia pedir pousada a gente pobre. "Porque", justificava, "conta-se com a boa vontade dos donos da casa, fazendo-se qualquer donativo às crianças, obsequiando-se de qualquer modo as pessoas da casa." Meu pai preferia abrigar-se onde houvesse certo conforto, onde encontrasse comodidades: "Qual é o homem que não recebe com satisfação um hóspede de certa ordem? Que custa uma hospedagem?" Falava assim, julgando os outros por si, pois nunca houve homem de mais franca hospitalidade. Nossa casa ficava perto de uma estrada muito freqüentada pelos habitantes do Centro que iam à Capital, e do lado oposto havia uma grande árvore que dava vasta sombra aos passageiros que vinham ali se arranchar: muitas vezes meu pai mandava convidá-los para a casa, oferecendo-lhes almoço ou jantar com a maior franqueza.

Quando o calor foi-se tornando incômodo, avistamos o engenho dos Betis.

— Não era bom que aqui descansássemos? propôs Henriqueta.

— Poderemos ficar mesmo na varanda do engenho, disse minha mãe. Para o descanso do meio-dia qualquer lugar serve.

Dirigimo-nos para a varanda, onde um negro trabalhava de carapina. Meu pai perguntou-lhe se podíamos ali descansar.

— Pois não, meu senhor! disse ele alegremente, oferecendo um banco para descermos dos animais.

Notamos porém que o chão não aterrado era coberto de cavacos, e tudo que ali se via tinha o aspecto desagradável da ausência de asseio. Então perguntou meu pai ao preto:

— Seu senhor está em casa?

— Meu senhor está em viagem.

— E não há em casa alguma pessoa a quem possa eu pedir pousada?

— Tem a mãe de meu senhor.

— Vamos para lá, disse meu pai, fazendo-nos de novo montar.

Seguimos a vereda que, do engenho, ia à pequena elevação onde se via a vivenda. À porta estava uma mulher de cor parda a quem meu pai falou para transmitir o pedido à dona da casa. Demorou a resposta, e, como estivéssemos cansados, apeamos, sentando-nos em um banco que havia na varanda. Finalmente veio a mesma mulher e disse:

— A senhora diz que o senhor doutor não quer que se dê rancho aqui a ninguém; se quiserem, vão se arranchar no engenho.

Meu pai ficou indignado.

— Pois diga a esse doutor que, quando quiser, vá ao engenho Coqueiro Novo, no Catu, e lá aprenderá a tratar as pessoas que pedem hospitalidade.

Montamos nos cavalos e partimos imediatamente. O procedimento desse homem era tão contrário ao proverbial espírito de hospitalidade dos baianos, que julgo, se ele estivesse em casa, tal não faria. Provavelmente em virtude de qualquer aborrecimento com passageiros, dera aquela ordem, que a senhora, tímida como costumavam ser as mulheres ignorantes daquele tempo, não ousara infringir.

Pouco adiante, encontramos uma casa coberta de palha, sinal de habitação de gente pobre. À porta, uma mulata lavava roupa rodeada de crianças: era a dona da casa. Meu pai pediu-lhe para ali descansar, e ela acedeu com a melhor vontade, convidando-nos a entrar na sala, onde só havia uma mesa tosca ladeada de dois bancos. A mulher foi buscar uma esteira e estendeu-a no chão para nos sentarmos enquanto se preparava a refeição. Só utilizamos a água e o fogo. Ao despedirmo-nos, minha mãe deu algum dinheiro às crianças, e a pobre mulher mostrou-se muito grata e satisfeita.

Decidira meu pai pernoitar em Bandeira, pequena povoação já dele conhecida, onde contava encontrar cômodo para os ani-

mais, porque isto era questão primordial em tais viagens.[55] Ali conhecia um homem que tinha uma vendola e costumava dar pousada aos passageiros. Ao chegarmos, fomos recebidos com agrado. Quanto ao cômodo, não foi dos melhores, mas, como diz o povo, uma noite má depressa se passa. Logo que amanheceu, partimos depois de ligeiro almoço. Meu pai determinara, para o descanso do meio-dia, o local do Rio das Pedras. Ali chegamos quando o calor já estava insuportável.

Era um ponto de descanso conhecido, onde também havia uma vendola. Avistamos, porém, do lado oposto da estrada, uma casinha de palha muito nova, à porta da qual se achava um homem de cor escura, de fisionomia simpática, vestido com asseio. Dirigimo-nos para lá, e meu pai pediu-lhe para descansar.

— Pois não, meu senhor, respondeu cortesmente, a casa é pequena e falta tudo, pois há poucos dias acabei-a e agora é que estou tratando de mudar-me, mas está às ordens de vosmecê.

Tudo ali era pobre, porém limpo, e a circunstância dos utensílios serem novos tornava seu aspecto mais agradável. O chão da sala era bem aterrado e varrido, e, a um ângulo, via-se, em pequena cantareira, um pote novo coberto com uma toalha alvíssima. Pendente de um torno, um *coco* de tirar água, desses que preparam, no Sertão, do casco de nossa fruta baiana, com cabo artisticamente torneado. Ao lado do pote, um copo transparente inculcava a cuidadosa lavagem. Na cozinha, um fogão aterrado, com trempe e algumas panelas de barro; em uma prateleira, algumas peças de louça grossa: em tudo prevalecia o cuidado e rigoroso asseio. Entro nestas minudências para provar uma verdade já conhecida, porém nunca por demais repetida: é que o pobre pode, pelo asseio e ordem, dar à sua vivenda um aspecto agradável e torná-la até confortável. E ainda mais: o pobre nestas circunstâncias torna-se atraente e desperta, nas almas generosas, o desejo de auxiliá-lo para aumentar-lhe o conforto a que aspira; ao passo que

a incúria e o desmazelo sempre se nos afiguram o sintoma da miséria moral no indivíduo que a isso se entrega.

Depois da refeição, fomos ver o rio, que diziam ser belíssimo. Não era notável pelo volume da água; esta, porém, muito cristalina, corria sobre um leito de areia alvíssima. De espaço a espaço, grandes pedras formavam pequenas cachoeiras ou cascatas magníficas. Entre duas destas cascatas, havia um trecho em que o rio, mais profundo, era ladeado de árvores e arbustos que davam sombra convidativa ao banhista, não ficando ele exposto às vistas de alguém que dali se aproximasse. Era impossível resistir a um regalo tão adequado a fortalecer o corpo moído de uma longa viagem. Mandamos a rapariga escrava ficar a alguma distância para deter alguém que dali se avizinhasse. Assim tomamos o banho mais delicioso que se pode imaginar. Foi preciso que meu pai mandasse advertir-nos serem horas de viagem para deixarmos com saudade aquele incomparável recanto. Meu pai agradeceu ao bom homem a hospedagem e, dando-lhe seu nome e morada, ofereceu-lhe seus préstimos. Seria pouco delicado dar dinheiro a um indivíduo válido que indicava, pela linguagem e maneiras, não ser totalmente inculto e que, conhecemos, além do ofício de carapina, não era um analfabeto.

Seguimos. Daí a pouco tempo, a estrada foi se tornando agradável. Surgiram casas de bela aparência com jardins na frente. Eu, que nunca vira a plantação metódica das flores, muito apreciei aqueles jardinzinhos, divididos em tabuleiros cercados de verde grama e marchetados de flores, muitas das quais não me eram conhecidas. Ao avistarmos essas roças, Henriqueta e eu apressávamos os cavalos para, durante algum tempo, contemplarmos os jardins, e ela, com o seu costumado desembaraço, até pedia flores se via alguém ali. Quando meu pai alcançava-nos, fazia-nos seguir, pois havia necessidade de chegarmos cedo à Bahia.

Apesar de todo o meu afã de ver a cidade, sendo cavaleira muito novata, cansei e pus-me a chorar. Felizmente já estávamos perto da roça de Frei Custódio, frade carmelita, amigo do Monsenhor Silveira, que com Emilia e Henriqueta ali havia descansado por ocasião de uma viagem para a Bahia. Naquela oportunidade, meu pai, que os acompanhava, tomara conhecimento com o frade. O aspecto da roça agradou-me sumamente, o que era natural para quem não conhecia as magnificências das habitações da Bahia. Um largo portão de ferro dava para um vasto jardim também dividido em tabuleiros nos quais, artisticamente plantadas, viam-se flores variadas. Nas grades que ladeavam o caminho que ia até a casa, ostentavam-se lindas trepadeiras.[56] O administrador veio com a mulher receber-nos com agrado, convidando-nos a entrar. Não aceitamos. Para um descanso de pouco tempo, era preferível repousar nos bancos do jardim. Havia ali um mirante, e Henriqueta provocou-me:

— Se não estivesses tão cansada, convidar-te-ia a subir ali, donde se avista toda a cidade.

Prevaleceu a curiosidade, e subimos a longa escada que levava ao mirante. Valeu a pena o esforço. A vista era admirável!

— Se o sol não estivesse já posto, disse Henriqueta, ainda mais esplêndida te pareceria a cidade!

Na vasta aglomeração de casas, destacavam-se as torres de numerosas igrejas: espetáculo grandioso e novo para mim. Não demoramos mais tempo, porque meu pai advertiu-nos serem horas de continuar a viagem.[57]

Capítulo XI

Meu tio morava no Largo do Pelourinho. Não sei o nome das ruas percorridas da Lapinha até ali; recordo-me, porém, da decepção que sofri à vista de casas enegrecidas, ruas tortuosas freqüentadas por moleques esfarrapados ou sujos, negros maltrapilhos, enfim, gente da ínfima plebe. A luz mortiça dos lampiões de azeite de peixe tornava ainda mais tristonho o aspecto da cidade.[58]

Há algum tempo apareceram uns artigos, não me lembro em que gazeta, assinados Sênio e intitulados *A Bahia de há 66 anos.* Disseram ser do Dr. Silva Lima, ilustre médico clínico desta cidade, falecido não há muito tempo.[59] Descreviam os artigos com exatidão a Bahia que conheci na minha primeira viagem. Dez anos depois, quando vim residir aqui por alguns anos, a cidade era a mesma com pequenas modificações.

No dia imediato, quando acordei, minha tia levou-me à sala de visitas que dava para o Largo do Pelourinho, ladeado de casas de boa aparência, com pinturas frescas.[60] Aí transitavam homens de cor branca decentemente vestidos e cadeiras de arruar levadas por possantes negros africanos; quase sempre essas cadeiras traziam senhoras, mas às vezes também delas se utilizavam homens que não podiam ou não queriam fazer longas caminhadas.[61] Os carros puxados por cavalos eram raríssimos. Tudo me deleitava a vista, apagando a má impressão que experimentara na véspera, ao entrar na cidade. Este dia foi votado ao descanso. Não saímos.

A família de meu tio Pedro compunha-se dele, da mulher, Jesuina, e de uma sua irmã solteira, Maria da Gloria; não tinham filhos, porém meu tio recebera em casa seus dois sobrinhos, Pedro Ribeiro da Trindade e Manoel Paulino Ribeiro, com o fim de facilitar-lhes os meios de estudarem. Estavam também ali, temporariamente, dois estudantes parentes nossos, Antonio e Alexandre de Araujo Goes. Recordo que as refeições eram muito animadas, principalmente à noite, ao servir-se o chá. Meu tio era um conversador agradável. Quando contava qualquer fato, fazia-o tão ao vivo que parecia estar-se presenciando o que ele narrava. Referia episódios interessantes passados na Academia: estava ele no terceiro ano. Minha tia, embora sem instrução, conversava com muita graça natural. Os rapazes também relatavam acontecimentos do colégio — eram estudantes de preparatórios. Manoel Paulino e Alexandre tinham bastante espírito.

Ao recordar estas cenas de minha mocidade, sinto imensa saudade. Todas estas pessoas já não existem. De Henriqueta, apenas, não posso afirmá-lo, pois a perdi de vista há muito tempo; mas, calculando a idade que teria, oitenta e quatro anos, é provável que tenha já pago o tributo imposto a todo ser vivente. Dizem que os velhos vivem de recordações. É verdade; mas as recordações só despertam saudades que nos envolvem em uma nuvem de tristeza, como tudo que acompanha a velhice. Cada amigo que perdemos deixa em nossos corações um vazio que os gozos do presente, não feitos para nós, jamais poderão preencher. Mas Deus misericordioso concede-nos alguns instantes de consoladora ventura nos prazeres e prosperidades de nossos descendentes, que vêm percutir docemente em nossos combalidos corações. Graças Lhe sejam dadas!

No dia seguinte minha mãe quis ir à igreja. Era Quarta-Feira de Trevas. Minha tia advertiu-a da inconveniência de lá ir: rapa-

zes vadios, aproveitando a escuridão em que ficava o templo, pregavam de alfinetes os vestidos das senhoras, fazendo-os romper quando elas se levantavam, e praticavam outras pilhérias de mau gosto, de que eram principais vítimas as mulheres de capona, já então ridicularizadas. Nos artigos a que já me referi sobre *A Bahia de há 66 anos*, houve omissão desta classe de mulheres então ainda muito numerosa. É sabido que as senhoras não saíam à rua sem a companhia de um homem. As viúvas ou solteironas que precisavam sair usavam daquele traje de aspecto severo, com o intuito de serem respeitadas. Era uma capa de fazenda preta, guarnecida de pelúcia, que descia quase aos pés. Um capuz cobria a cabeça, prolongando-se numa aba larga que envolvia os ombros. Depois de certo tempo, começaram as *caponas* a cair no ridículo. Diziam que, com aquela capa de honestidade, elas levavam cartas e recados dos namorados e praticavam atos reprováveis. Desconfio que nisto havia exagero calunioso, mas o fato é que aquelas mulheres passaram até a ser perseguidas pelos moleques que, ao avistá-las, gritavam: "Olha a barata!" E os moleques da Bahia ainda eram, naquela época, uma classe terrível quando se encarniçavam sobre um pobre transeunte. Assim, foi diminuindo o número das *caponas*, que passaram a ser usadas apenas por pobres velhas como um meio de cobrir a miséria de seu traje, até que de todo desapareceram.[62]

Na Quinta-Feira Santa saímos pela primeira vez, em cadeiras, e fomos à Igreja de São Francisco. Não pude apreciar todas as belezas deste templo cujos altares estavam cobertos com véus, como costumam fazer nas cerimônias da Semana Santa.[63] O traje das senhoras pode-se dizer que era uniformizado: vestidos pretos, véus cobrindo-lhes a cabeça e envolvendo o busto. Quanto às cerimônias religiosas, graves como são, não podiam ter grande atrativo para uma pessoa de minha idade.

À tarde, fomos à Igreja do Colégio assistir ao lava-pés.[64] Ali veria, pela primeira e única vez, o Arcebispo D. Antonio Romualdo de Seixas, homem ilustre, cujas opiniões eram, dizia-se, respeitadas até na Cúria Romana. Meu tio e o Padre Uzeda faziam-lhe honrosas referências. Henriqueta e Emilia, tendo-o visto nas visitas ao convento, falavam dele com muita veneração: tudo me incitava a desejar vê-lo.[65] Chegando à igreja com antecedência para encontrar lugar, vimo-la repleta de gente. Por felicidade, deparamos com um senhor idoso, o Moitinho, amigo de meu avô Pedro Ribeiro, que, conhecendo meu tio, falou-lhe, oferecendo-se para nos conduzir a uma tribuna, onde se achavam as filhas de um seu amigo de Cachoeira. Aceitamos. A perspectiva de assistir à solenidade sob o calor asfixiante e o aperto no corpo da igreja era de amedrontar.

Subimos a longa escada. O Moitinho nos apresentou às duas moças, que se afastaram para nos dar lugar. O mesmo fez uma senhora que ocupava sozinha outra tribuna, de sorte que ficamos todas acomodadas, revezando-nos algumas vezes para que todas pudessem ver. Guardo a lembrança de uma dessas moças por ser uma das criaturas mais bonitas que vi em minha mocidade. De cor moreno-clara, feições regularíssimas, estatura pouco acima da mediana, era um tanto cheia de corpo, porém de formas esculturais. O penteado *à Maria Stuart*, então em moda, deixava-lhe descoberta a fronte iluminada por belíssimos olhos pretos. Estava ricamente trajada. A seda de seu vestido decotado e de mangas curtas, segundo a moda daquele tempo, era de superior qualidade. Dois longos fios de grossas pérolas desciam-lhe do colo suspendendo uma cruz de brilhantes que, pousada sobre o corpete do vestido preto, aí ostentava seu brilho faiscante. Cingiam-lhe os braços, admiravelmente modelados, pulseiras de brilhantes. Os brincos que lhe caíam das orelhas eram igualmente de brilhantes e, pelo tamanho, indicavam grande valor. A irmã, igualmente bem vestida, era muito menos bela.

Do lado fronteiro às tribunas, as janelas dão para o edifício da Escola de Medicina, antigo Colégio dos Jesuítas. Dali meu tio mostrou-nos a Academia e falou com minha mãe sobre os jesuítas, dos quais eram ambos muito apologistas em conseqüência das idéias transmitidas por meu avô. Lamentaram as injustiças praticadas contra esses beneméritos homens, que haviam construído aquele suntuoso templo, todo de mármore e com tão belas obras de arte, e fundado aquele colégio onde se formaram tantos homens ilustres que honraram a nação brasileira.[66]

Voltamos depois à tribuna para ver a chegada do Arcebispo. A minha miopia não me permitia distinguir-lhe bem as feições, mas sua figura pareceu-me majestosa dentro das magníficas vestes sacerdotais; sua fronte coroada de cabelos brancos de neve saindo do solidéu como uma franja de prata, tudo nele me impressionou agradavelmente. A cerimônia do lava-pés muito me comoveu. De fato, era belo ver aquele alto funcionário da Igreja e ao mesmo tempo grande homem, magnificamente paramentado, prestar tal serviço a homens da ínfima plebe, simbolizando assim a humildade do Divino Mestre. Que tocante exemplo dado por Ele aos homens tão fátuos e soberbos no meio de suas vanglórias e misérias![67]

À noite saímos a pé para a visitação das igrejas e fomos reunir-nos a umas parentas que moravam nas Portas do Carmo, amigas de minha tia, com as quais costumava ela fazer tais visitas.[68] Tinha minha tia poucas relações, conformando-se com a norma de vida traçada pelo marido. Entendia ele que as relações lhe roubariam o tempo que devia ser todo consagrado ao estudo e acarretariam despesas superiores aos seus rendimentos. Na nossa família, como já disse, considerava-se desairoso um homem entrar pelos seus capitais.

Aquela família, Monteiro, era aparentada com os Goes do Catu. Um Monteiro casara com uma Araujo Goes, que conser-

vara relações com os parentes do Catu. Mais se estreitaram tais relações quando outro Monteiro casou com uma filha de meu tio Joaquim, proprietário do engenho Santinho. Era uma família que, sem ser abastada, vivia decente e honestamente. Constava de duas solteironas, ainda bem dispostas, e uma viúva com três filhas e um filho. Sem recursos quando enviuvara, viera para a companhia das irmãs.

Chegando à casa de D. Jesuina Monteiro, encontramos outras senhoras de suas relações que vinham reunir-se às moças da casa para aquela visita às igrejas. Já referi que não se saía então sem cavalheiro. Além dos que vinham conosco, havia mais um sobrinho da dona da casa, Braulio Monteiro, segundanista de Medicina; mas, sendo maior o número das senhoras, cada cavalheiro levava duas. Eu, considerada como menina, fui de braço dado com a filha mais moça da casa, Clarinha. A minha companheira foi-me muito agradável: era conversadora e serviu-me de *cicerone.*

O traje das moças era menos severo: dispensavam o véu e traziam, sobre o vestido preto, uma renda que descia da gola quase à cintura, fechada na frente por um laço de fita. Só minha mãe, que se considerava velha, embora só tivesse trinta e sete anos, usava o véu. A igreja que mais me agradou foi a da Misericórdia. A ceia de Jesus e dos Apóstolos representados por imagens belíssimas de tamanho natural, sentados ao redor da mesa, que parecia provida para uma verdadeira refeição, encantou-me. Do corpo da igreja, víamos as órfãs nas tribunas.[69] Eram pela maior parte raparigas de cor; havia poucas brancas, e ouvi diversas pessoas notarem a beleza de algumas. Em casa, meu tio conversou sobre essas órfãs. Diziam que homens devassos, cobiçando alguma dessas pobres meninas, contratavam com algum miserável que a pedisse em casamento. Realizado o ato, davam ao infame marido o dote da moça, que era de quatrocentos mil réis, e a tomavam para satisfazer seus libidinosos apetites. Assim, uma tão humanitária

instituição era adulterada pela perversidade humana, desviando-se das beneméritas intenções de seus fundadores.[70]

Voltamos dessa excursão cansadas, porém eu, pelo menos, muito satisfeita. Participara Henriqueta à sua prima Madre Rosa a nossa chegada, pedindo-lhe que arranjasse do Arcebispo uma licença para ela entrar no convento com quatro senhoras de sua amizade. Na Sexta-Feira Santa teve ela a resposta da freira, dizendo que tirara a licença e nos esperava na segunda-feira depois da Páscoa. Pelo mesmo portador, recebeu também minha mãe uma carta e vários presentes de D. Antonia, a amiga de minha avó: em caixas e cartuchos de papel enfeitados, como costumavam ser acondicionados nos conventos, constavam de uma empada cuidadosamente preparada, confeitos e sequilhos. Entre todos os presentes, o que mais me agradou foi uma caixa primorosamente decorada contendo flores tão perfeitas que pareciam naturais. Era um agrado de D. Antonia para mim, enviado com a recomendação de que eu as usasse no domingo de Páscoa. D. Antonia era uma das mais exímias floristas naquele tempo, quando aqueles delicados trabalhos femininos só eram confeccionados nos conventos; cada religiosa tinha a sua especialidade em doces, bordados e flores.

Naquele dia, impressionou-me especialmente a Procissão do Enterro. A magnificência das pompas religiosas, o Presidente da Província e altos funcionários fazendo parte do imponente séquito e prestando assim homenagem ao Grande Mártir, que, como homem, devia baixar ao túmulo donde ressurgiria como Deus — tudo era próprio a exaltar a minha imaginação de menina, desenvolvida mais do que era de se esperar em minha idade.[71]

No Domingo de Páscoa, muito me agradou o aspecto festivo das igrejas, magnificamente ornamentadas. O traje das senhoras

cooperava para alegrar a vista. Não usavam véus e, sobre os vestidos pretos, traziam um casaco de seda colorida enfeitado de franjas; nos cabelos também traziam flores e fitas. Ninguém usava chapéu.

Capítulo XII

Finalmente chegou o dia, por mim esperado com ansiedade, em que tínhamos de ir ao convento. Foi combinado que Henriqueta iria pela manhã, e nós as outras à tarde, visto que as ocupações domésticas de minha tia não lhe permitiam passar o dia fora de casa. Henriqueta havia, sem que minha mãe soubesse, trazido o hábito e demais pertences de seu traje de noviça. Quando ia vestilo, observou-lhe minha mãe:

— Como? Ainda tenciona ser freira?

— Não, respondeu, mas se for ao convento sem hábito receio ser mal recebida.

— Mas, tornou minha mãe, não me disse você que o Arcebispo declarara perante todas as freiras que não lhe daria licença para professar? Demais, se lhe perguntarem se vem continuar o noviciado, que responderá você?

Minha mãe detestava soberanamente a mentira e a hipocrisia. Convencida por seus argumentos, Henriqueta deixou o hábito, tomando o vestido.

Minha mãe previa que lhe seria penosa esta visita ao convento onde havia morrido Maria, a irmã querida de quem guardava viva saudade. Não podia, porém, furtar-se ao dever de visitar D. Antonia, que se empenhava em fazê-la herdeira da amizade que a ligara à minha avó Sinharinha e que tantos obséquios despendera com minha tia Maria no tempo em que esta residira nas Mercês. Fomos recebidas à portaria por um grupo de religiosas, entre as

quais se achava a amiga de minha avó, que abraçou calorosamente minha mãe, ambas derramando algumas lágrimas.

Fomos em seguida levadas ao cubículo de D. Antonia, onde pudemos admirar um nicho contendo, além de outras belas imagens, uma do Deus Menino, magnificamente ornamentada. Nas paredes, além de belíssimos quadros de santos, havia alguns retratos de pessoas da amizade de D. Antonia, entre os quais me prenderam a atenção o do Arcebispo e o da Viscondessa da Torre, filha do Pires e Albuquerque — *Santinho* —, amigo íntimo de meu avô Pedro Ribeiro, de quem minha mãe diversas vezes me falara.[72] Minha mãe achando-a bonita, D. Antonia disse:

— Bonita e boa. Aqui onde foi educada ganhou todas as simpatias pela sua bondade e gênio alegre.

Notamos, neste e em outros cubículos que visitamos, que o leito e outros utensílios do uso das religiosas eram muito simples e modestos. O luxo que algumas, segundo seus haveres, podiam ter era empregado na ornamentação dos santos. Recebemos também a visita da Superiora e de outras freiras que desejavam conhecer a irmã de minha tia Maria, muito benquista no convento. Todas faziam dela as melhores referências, o que comovia e ao mesmo tempo consolava minha mãe.

Fomos depois ver as diversas repartições do convento. Percorremos os longos corredores ladeados de celas ou cubículos, como eram chamados nas Mercês, e o imenso salão, onde me prendeu a atenção uma bela imagem da Virgem, de tamanho natural, ricamente vestida. Lembro-me também de um altar colocado à entrada do noviciado, com uma linda imagem de Nossa Senhora Menina. Dizia Henriqueta que, ao pé daquela imagem, minha tia Maria fazia, diariamente, suas orações. Dali via-se o corredor para o qual davam os cubículos das noviças. As portas estavam hermeticamente fechadas.

— Há aí noviças? perguntou minha mãe.

Responderam-lhe que sim, mas não a convidaram para vê-las. As noviças eram incomunicáveis.

Voltamos ao cubículo de D. Antonia, onde nos foi oferecida delicada merenda de excelentes doces artisticamente confeccionados, que tanto agradavam aos olhos como ao paladar. Como já se fazia tarde, saímos muito satisfeitas daquela visita, exceto Henriqueta, que chorava ao despedir-se das freiras.

Chegando a casa, Henriqueta se recolheu ao quarto pretextando dor de cabeça, e não foi à mesa à hora do chá. Lembro-me, no entanto, de que a palestra aí foi bem animada. Falou-se do convento. A idéia da clausura perpétua revoltava meu tio e creio que também um pouco minha mãe.

— Quem tomou uma boa resolução, dizia ela, foi D. Antonia. Sei que foi o desgosto de um casamento malogrado que a levou ao convento. Todavia, reconhecendo que lhe faltava vocação para a vida religiosa, não professou. Com os bens que possuía e o seu trabalho, passa folgadamente. Soube, com seu gênio afável e obsequiador, adquirir boas relações, como a do Arcebispo, das irmãs deste e outras senhoras de prestígio. De vez em quando, arranja licença do Arcebispo, para o qual é ela um dos empenhos mais valiosos, e vai passar tempos fora com suas amigas. Entretanto, é muito benquista no convento, onde se torna útil sem estar sujeita às regras religiosas.

Falou-se depois do noviciado.

— Que local triste, disse minha mãe. Não foi só a idéia de que, no pavimento inferior, está sepultada minha irmã que me entristeceu. Aquele silêncio profundo, aquelas portas fechadas, quando se sabe que ali existem moças na flor da idade — tudo me apertou o coração. Henriqueta já me havia contado que quase todas as moças perdem ali as cores, a saúde, que algumas só recuperam quando professam, saindo de tão triste lugar, onde se sente frio até no verão.

— Então os enterramentos são no pavimento sobre o qual se acha o noviciado! exclamou meu tio. Sem dúvida, das sepulturas e carneiros, construídos sem os devidos preceitos higiênicos, desprendem-se exalações mefíticas que vão contaminar os organismos das infelizes *prisioneiras*. Os governos deviam acabar com tão odiosa instituição: é uma aberração no século XIX!

E os rapazes fizeram coro com ele, falando calorosamente contra os conventos, cuja clausura os revoltava, como é natural à mocidade, em que predomina o espírito de liberdade.

O dia seguinte foi destinado à visita às Irmãs de Caridade. Haviam estas vindo há pouco tempo para a Bahia. A Condessa de Barral, uma das senhoras de mais valor em nossa terra, fundadora da Associação das Senhoras de Caridade, tinha promovido a vinda destas religiosas com o duplo fim de servirem nos hospitais e de educarem meninas.[73] Já alguns pais haviam retirado suas filhas dos conventos, onde na verdade a educação era muito acanhada, para interná-las nas Caridades. Até o Arcebispo retirara uma sobrinha que se estava educando nas Mercês, transferindo-a para o educandário das filhas de São Vicente. O primeiro estabelecimento das irmãs foi o Coração de Jesus, que fomos visitar acompanhadas por meu pai, meu tio e os dois sobrinhos deste.[74] Uma irmã recebeu-nos com desembaraço e ar risonho, o que agradou a todos. Henriqueta a ela se dirigiu dizendo que esta senhora — e designava minha mãe —, tencionando colocar ali a filha para ser educada, desejava conhecer a casa. Convidou-nos a irmã a ver o colégio e, como meu tio e os outros homens não mostrassem intenção de acompanhar-nos, instou para que entrassem. Percorremos os salões de estudo, os dormitórios, tudo em muito boa ordem e asseio. Henriqueta indagou qual o traje das meninas. A religiosa foi buscar uma das internas, que estavam no recreio. Era uma menina de uns dez anos. Trajava vestido verde-claro salpicado de branco e

avental de alpaca preta. Depois avistamos, de uma janela, as outras, todas uniformizadas. Corriam e saltavam alegremente. Henriqueta perguntou do que era preciso para o enxoval das meninas, e a irmã prometeu mandar a lista. Perguntou também Henriqueta o que se exigia para entrar na Ordem, da qual desejava fazer parte, e a religiosa ficou também de lhe enviar o regulamento.

Ao sairmos, Henriqueta mostrou desejo de ir ao Convento do Desterro, onde tinha uma amiga.[75] Minha mãe manifestou a mesma vontade. Conhecia a freira amiga de Henriqueta, que era de Inhambupe e tinha pernoitado com a irmã no engenho de meu avô quando iam ambas para o convento, com o destino de se tornarem religiosas. Ao percorrermos a pequena distância de terreno, então baldio, que mediava entre as duas casas religiosas, meu tio — ainda encantado com as maneiras afáveis da Irmã de Caridade e a franqueza com que o convidara e aos outros homens a visitarem todo o estabelecimento — dizia:

— Agora vamos ver quanta formalidade e hipocrisia há neste convento.

Chegando, Henriqueta, dirigiu-se à porteira, dizendo que desejava falar a Madre Anna. A porteira foi ao interior do convento e, voltando algum tempo depois, disse-nos que a fôssemos esperar à grade. Ali ficamos até que vimos aparecer Madre Anna. A primeira coisa que fez foi exclamar com espanto:

— Como, Henriqueta? Deixou o seu hábito?

— Não podia professar, respondeu esta um tanto vexada; toda vez que entrava no convento adoecia.

Minha mãe, vendo Henriqueta um pouco embaraçada, para mudar de assunto perguntou à Madre Anna se não se lembrava de ter estado no engenho Periperi, do Major Pedro Ribeiro, ao que ela respondeu que sim.

— E sua irmã Leopoldina?

— Também professou.

— Posso vê-la? tornou minha mãe.

A freira falou com a outra que ficava sempre ali, durante as visitas, e depois de algum tempo vimos chegar a Madre Leopoldina. Dentre as severas vestes religiosas, surgia uma figura de mulher ainda muito bela, apesar de não estar na flor da mocidade. A touca branca fazia sobressair o rosto moreno de traços corretíssimos, animado por magníficos olhos negros. Meu tio, muito conversador, não perdeu a ocasião de falar das filhas de São Vicente, que tão favoravelmente o haviam impressionado:

— Viemos da Casa das Irmãs de Caridade, disse, visitamos todo o estabelecimento. É uma instituição admirável!

A Madre Anna, que, como todas as freiras daquele tempo, era enciumada do acolhimento feito aqui às Irmãs de Caridade, respondeu-lhe:

— Agora só se vêem elogios a estas estrangeiras; mas nós estamos muito satisfeitas com os nossos conventos, apesar de todos os seus defeitos.

Meu tio replicou:

— Deus me livre de atribuir defeitos às ordens religiosas, que muito respeito; não seria, porém, melhor que não houvesse essa clausura, tão contrária ao instinto de liberdade natural a todo ser humano? Que mal haveria em que uma freira saísse livremente?

— Ora! Para ouvir insultos e pilhérias na rua? tornou a freira.

— Perdão, minha senhora! Tal não sucederia. As Irmãs de Caridade não são insultadas por pessoa alguma e, nos hopitais, são respeitadas até dos estudantes mais trocistas. Disto sou eu testemunha ocular! Parece-me que a idéia de habitar toda a vida uma casa cujo limiar não nos seja lícito transpor seria horrível!

A Madre Leopoldina interveio:

— Quando professamos, disse ela, sabemos as condições a que temos de nos sujeitar. Ninguém nos obriga a aceitá-las.

Era a hipocrisia freirática que já a invadira. Ninguém podia menos falar assim do que ela.

— Mas, tornou meu tio, pode vir depois o arrependimento.

— Isto nunca acontece, atalhou a Madre Anna. Deus nos defende de tal. Demais, temos a permissão de sair em caso de moléstia. Foi indo daqui para as Mercês que conheci Henriqueta.

— Isto não é mais do que trocar uma prisão por outra, tornou meu tio.

As freiras não se mostraram zangadas e até sorriam às suas réplicas. Finalmente terminou a discussão como costumam acabar todas as discussões: cada um guardando suas convicções, verdadeiras ou simuladas. Despedimo-nos e, chegando a casa, ainda se falou da Madre Leopoldina:

— Faço idéia, disse meu tio, o que foi aquela moça ao despontar a mocidade! Quando erguia os olhos, como que o rosto se iluminava, e que boca linda, que graça no sorriso, que admiráveis dentes!

— Ainda hoje, disse Manoel Paulino, eu casaria de boa vontade com aquela freira!

— Menino, respeita as esposas de Jesus Cristo! Não digas loucuras! exclamou minha mãe.

Depois contou-nos minha mãe as circunstâncias em que aquela jovem professara. Fora ela, juntamente com a irmã, vítima da prepotência, não paterna, e sim materna, o que é mais de admirar.[76] No tempo em que as mulheres eram quase escravas, se acontecia alguma, por qualquer motivo, quebrar os grilhões do cativeiro, transpondo os limites marcados pela sociedade, atirava-se com inexcedível ardor na luta da existência. Então ultrapassava o sexo forte em energia, que às vezes degenerava em crueldade, e tornava-se o tirano até dos próprios filhos. D. Jacinta, mãe de Madre Anna e de Madre Leopoldina, era deste gênero. Declarava perempto-

riamente que nenhum de seus filhos havia de casar. Não queria deixar geração sua neste mundo. Além das duas meninas, tinha um filho que mandou estudar com destino a ser padre. Algum tempo depois, o rapaz declarou não ter vocação para o sacerdócio. D. Jacinta chamou o feitor e ordenou que levasse o moço para o trabalho do campo: desse-lhe tarefa igual à dos escravos, e, quando não a acabasse, castigasse-o de modo igual àqueles. O rapaz foi; mas, passados alguns dias, viu que aquilo era superior às suas forças. As mãos arrebentaram-se, e ele veio dizer à mãe que estava pronto a obedecer-lhe.

Quanto às meninas, não podiam ter a idéia de resistência. Por maior infelicidade de Leopoldina, sendo muito linda, foi pedida em casamento. Não sei se casualmente ela vira o pretendente e este agradara-lhe, ou se desejava casar devido à tendência natural das moças para o consórcio. A verdade é que se empenhou com todos os parentes que julgava terem influência sobre D. Jacinta para esta consentir no casamento, porém debalde: a mãe mostrou-se inabalável. Na viagem para o convento foi que minha mãe conheceu Leopoldina. Chorava amargamente e parecia dominada pelo desespero. A irmã, não bonita e sem pretendente, parecia resignada. O castigo daquela hiena de forma humana foi infligido pelo filho. Ordenou-se sem resistência, mas em seguida tomou uma amásia e deu uma série de netos bastardos àquela megera, o que a levava ao auge do desespero.

Na tarde daquele dia, experimentei certo mal-estar e, à noite, tive febre alta e delírio. Meu tio Pedro Ribeiro chamou minha mãe de parte, sem ver que meu pai estava perto, e manifestou-lhe seu receio de que fosse febre amarela, pois havia alguns casos na cidade. Meu pai, já muito impressionado com o meu delírio, soltou um grito angustioso e rompeu em pranto. Minha mãe não se aterrorizou. Disse nesta — como em outras ocasiões — que,

Sant'Anna lhe tendo dado uma filha, não permitiria que a perdesse naquela idade. Vale muito uma fé viva e profunda! Felizmente a doença foi menos grave do que parecia, e, em poucos dias, restabeleci-me. Meu tio troçava de meu pai, qualificando-o de esmorecido, ao passo que minha mãe, sendo mulher, mostrara mais coragem. Ele ainda não tinha filhos e não podia avaliar a dor de um pai extremoso, ameaçado de perder a filha única.

Ora, a idéia de ser Irmã de Caridade desvanecera-se em Henriqueta. Recebendo os papéis enviados pela superiora, vira que só eram admitidas as filhas legítimas. Com a volubilidade que a caracterizava, não sei se despertara de novo o desejo de voltar às Mercês. Creio que escreveu à Madre Rosa, que antes de seguir para fora iria ainda uma vez ao convento. Esta, porém, respondeu-lhe que a aconselhava a não se apresentar ali. A maior parte das freiras estava revoltada contra ela. Apresentar-se assim vestida à secular, sem prévio aviso, fora tomado como um insulto àquela ordem religiosa. Haviam sido tais os comentários, que ela, Madre Rosa, estava doente de cama. Depois, por conta própria, fazia Madre Rosa disfarçadamente, graves argüições à sua parenta. Henriqueta ficou contrariadíssima:

— Antes não tivesse tomado seu conselho e tivesse ido de hábito, disse ela a minha mãe, que ficou indignada.

— Mas você nunca me disse que essas freiras eram tão falsas e fingidas. Tratarem-na com agrado e depois conspirarem contra você deste modo!

— É verdade, tornou Henriqueta, que não me trataram mal; contudo todas fizeram reparo em não estar eu de hábito, aceitando, não obstante, as explicações que lhes dei, e nunca julguei que as coisas chegassem a tal ponto. Não devo procurá-las mais! Receio, porém, que meu pai leve isto a mal. Ele tem muita confiança em sua parenta, a Madre Rosa.

Meu tio falou de modo ainda mais desabrido contra as freiras.

— Até a Madre Rosa, disse ele, que, com o seu ar alegre, me levava a gracejar, supondo-a franca e desabusada, não passa de uma refinada hipócrita. Queria que essas freiras me dissessem para que foi feito o noviciado! Vamos que Henriqueta, sem o motivo da moléstia, conhecesse que sua natureza não se coadunava com aquele gênero de vida, quem, em consciência, poderia arguí-la, quando as regras dos conventos foram instituídas para verificar, por meio do noviciado, a vocação de qualquer para aquele gênero de vida!

Henriqueta, despeitada, não defendia, como outrora, as freiras.

Nesse ínterim, tratou-se da nossa mudança para o Bonfim.[77] Fui eu em cadeira, as cortinas pregadas de alfinentes, com recomendação de não as abrir pela curiosidade de ver as ruas, de sorte que nada vi nesta passagem. A casa por meu tio tomada era na ladeira do Porto da Lenha, lugar péssimo. A casa não era má; todas as outras, porém, ordinárias e habitadas pela ínfima plebe, o que tornava triste o local.

Fomos ver a igreja do Bonfim logo que me consideraram restabelecida. Achei-a na altura dos elogios que lhe ouvira fazer.[78] Meu tio nos servia de *cicerone*. Fez-nos notar, à entrada, os dois quadros vindos há pouco de Roma, dos quais já ouvira falar, *A morte do justo* e *A morte do pecador*.[79] Fez-nos reparar na magnificência da Cruz, oferecida há pouco ao Senhor do Bonfim, em substituição à antiga, singela, de madeira. Em razão de minha miopia, não pude apreciar a riqueza da Cruz nem os traços da imagem. Minha mãe observando que não era muito grande, meu tio referiu-lhe um dito do Dr. Gesteira, então lente da Academia.[80] Dizia ele, em certa ocasião em que se tratava de sorte, que existia em certa igreja da Bahia um Senhor do Bonfim maior e mais bonito que o de Itapagipe; entretanto, ninguém fazia caso dele, ao passo que o de Itapagipe é venerado do mundo inteiro.

"Donde se conclui", continuava ele, "que é preciso ter sorte até para ser Senhor do Bonfim."

Percorremos depois a Sala dos Milagres, representados em quadros ou em cera, e cuja quantidade era de pasmar. Li depois, nas *Memórias históricas da Bahia*, indicações sobre esta capela e o seu fundador, cuja pedra tumular ali se vê. Dos artistas que nela trabalharam, a minha falta de memória na atualidade não me permite consignar-lhes os nomes.[81]

Que coincidência! Acabava eu de escrever estas linhas quando me veio às mãos o número d'*A Tarde* de 25 de outubro de 1920, noticiando que ia ser elevada à categoria de Basílica Menor a Capela do Senhor do Bonfim.[82]

Aqui adiciono a notícia.

Vai ser elevada à categoria de Basílica Menor a secular Capela do Bonfim.

Apenas três igrejas no Brasil — a de Nossa Senhora da Aparecida, em São Paulo, a de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará, e a de Nossa Senhora do Carmo, em Pernambuco, mereceram até agora a graça e o privilégio dessa elevação conferida pelo Vaticano e que vai ser concedida à nossa Capela do Bonfim.

O Capitão-de-Mar-e-Guerra Theodorico Rodrigues de Faria, por devoção que tinha ao Senhor Crucificado, que se venera numa capelinha das vizinhanças de Setúbal, em Portugal, trouxe consigo de Lisboa uma imagem semelhante àquela e, com grande solenidade, fê-la colocar, pela Páscoa de 1745, na Igreja da Penha de Itapagipe. Resolvido a edificar uma capela para colocar a imagem que havia atraído já uma grande porção de devotos, deu começo a essa edificação no alto que hoje se chama do Bonfim e, a 24 de junho de 1754, conseguiu conduzir para a nova capela a imagem, processionalmente. Três anos depois faleceu e foi sepultado junto ao presbitério dela.

As circunstâncias da colocação da imagem, os milagres por ela operados, a edificação da capela com todas as pompas promovidas pelo devoto fundador explicam a veneração do povo, transmitida de geração em geração até nossos dias, sem recorrer à sorte, como disse o trocista Dr. Gesteira. É de notar o fetichismo que o povo conserva, apesar da atual civilização. É o atavismo moral devido a nossos pais selvagens? Conheci um indivíduo que, pedindo um favor a Santo Antônio, dizia: "Estou pegado com quatro Santos Antônios, cada qual mais milagroso, e portanto hei de alcançar o milagre." Até pessoas de idéias adiantadas não são isentas desses sentimentos. Quantos não vão em romaria ao Bonfim, a Nossa Senhora das Candeias e a outras igrejas, embora tenham em suas casas imagens idênticas às que são veneradas nesses templos?

Tratou-se então da minha ida à cidade para fazer a consulta médica sobre meu sofrimento de olhos, um dos motivos de nossa viagem. Como me considerassem ainda menina, assentaram que podia ir em gôndola, veículo em que só andavam homens e crianças.[83] Quando entrei na gôndola, fiquei vexada porque todos os olhares se fitaram em mim com admiração. Depois compreendi porque. Desde a idade de nove anos, pedi à minha mãe para usar de vestidos compridos. Concordou, satisfeita. Era uma manifestação precoce de recato. Ora, naquele tempo, as moças ocultavam pudicamente as pernas, ao invés de as mostrarem, desassobradamente, até os joelhos, como fazem hoje. Se com um movimento desastrado uma senhora deixava ver a perna, era para ela um motivo de grande vergonha. Deixava-se o vestido curto na transição de menina a moça. Explicava-se, pois, a admiração de meus companheiros de gôndola. Decerto me supuseram anã.

Chegando à praça onde parava o veículo, meu pai tomou uma cadeira e levou-me à loja do Leite, seu correspondente. Ali fui ainda um objeto de espanto para os que entravam. Nessa época,

as senhoras não iam às casas comerciais. Esse vexame durou algum tempo, enquanto meu pai, creio, fazia contas com o seu correspondente. Não poderia dizer o que havia naquela casa comercial, porque, logo que senti olhares curiosos sobre mim, não ergui mais a vista e dei graças a Deus quando meu pai meteu-me em uma cadeira e me fez seguir para a casa das Monteiro, onde devia ser apresentada ao médico. Felizmente ali não fui motivo de admiração: elas já estavam acostumadas às esquisitices de seus parentes, *tabaréus* do Catu, aos quais não deixavam por isto de tratar com a maior afabilidade.

Ali fiquei muito à vontade, enquanto meu pai foi se entender com o médico. Chegando meu tio com o Dr. Batista dos Anjos, lente da Academia, este, depois de me examinar os olhos, fez algumas perguntas a meu pai e disse que não era preciso me submeter a tratamento, que eu estava perto da época em que se dá uma grande evolução no organismo da mulher e era de esperar que eu melhorasse ou talvez desaparecesse o mal. Muito abalada com a presença do médico, senti um grande alívio com tal diagnóstico.

Antes disso, minha mãe aparecera com febre. Meu tio disse-lhe que era o tributo pago por todos que vêm a primeira vez à cidade. A febre, porém, prolongou-se, tomando o caráter de intermitente ou sezões. Sendo improfícuo o emprego de alguns medicamentos, foi resolvida a volta para o engenho, por ser considerada a mudança o meio mais eficaz para a cura de tal moléstia. A doente era a mais empenhada na viagem, dizendo que se sentia com disposição para isto: força de vontade era o que a ela não faltava. Pusemo-nos a caminho. A viagem foi semelhante à de vinda, com a diferença de que, em vez de dois dias, fizemo-la em três. Logo no primeiro dia, apresentou minha mãe sensível melhora e, chegando à nossa casa, em breve achava-se restabelecida.

Capítulo XIII

Continuou a nossa vida monótona e tranqüila, como é costume no campo. Henriqueta é que vivia um tanto triste. O que se dera no convento explicava suas apreensões. Recebeu minha mãe, da Bahia, duas cartas e conheceu, no sobrescrito, a letra do Monsenhor Silveira. Como Henriqueta estivesse no quarto, mandou levar-lhe a que lhe era dirigida e abriu a outra. Terminando a leitura, ouvi-a dizer:

— Estas freiras!

E guardando a carta, dirigiu-se ao quarto de Henriqueta. Acompanhei-a. Ali encontramos a jovem lavada em lágrimas.

— Que é isso? perguntou minha mãe.

Henriqueta apresentou-lhe a carta que tinha na mão. Por algumas palavras trocadas entre minha mãe e ela, vim a saber alguma coisa do pequeno romance da ex-noviça, de que só mais tarde tive pleno conhecimento. Em vista de minha pouca idade, não falavam elas, francamente, em minha presença, e eu, com a minha reserva habitual, coisa alguma lhes perguntei.

Quando Henriqueta viera de Sergipe, já havia trocado promessas de casamento com seu primo Joaquim Esteves, e este comprometera a realizá-las logo depois de formado. Havia oposição por parte de sua mãe, sobrinha do Monsenhor. Após um ano de residência no convento, a moça entusiasmara-se pela vida religiosa e pedira à irmã para escrever ao primo, desligando-o de sua palavra e pedindo-lhe fizesse o mesmo a seu respeito. Ele não se con-

formara com aquela decisão. Escreveu a Henriqueta uma carta volumosa, incluindo-a na que dirigia a Emilia, a quem pedia, instantemente, a entregasse à irmã.

Aí começa a superstição a representar o seu papel, criando escrúpulos exagerados. Não seria pecado entregar à irmã uma carta que talvez fosse desviá-la da louvável resolução de ser freira? Consultou Emilia o capelão do convento. Este, provavelmente homem de idéias acanhadas, aconselhou-a a queimar a carta. Afastar aquela jovem de uma tão santa resolução seria de feito um pecado. Se ela faltasse ao prometido para ligar-se pelo casamento a outro homem, deveria ser censurada; mas, para ser esposa de Cristo, isto só podia granjear-lhe louvores. Foi, pois, queimada a carta, sem que Henriqueta tivesse de tal conhecimento e sem que Emilia a lesse. Recordo que minha mãe, relatando isso a meu tio Pedro, ouviu dele:

— Não creio, minha irmã. Emilia só lançou a carta ao fogo depois de lê-la. Seria preciso que ela não fosse mulher!

Entretanto, não sei em qual dos dois sexos mais predomina a curiosidade...

Chegou o dia da tomada de hábito de noviça. Pela larga janela do comungatório, os que estavam na capela podiam assistir ao ato. Emilia viu Joaquim Esteves muito comovido. Algumas outras pessoas notaram a presença do moço por ser ele muito parecido com Henriqueta e julgaram-no seu irmão. Não o viu, porém, a noviça, com os olhos pertinazmente fitos no chão. Teria ela idéia de sua presença e receava encontrar o seu olhar, que iria perturbá-la? Na ocasião em que foram cortados os cabelos de Henriqueta, viram ao moço brotarem-lhe dos olhos as lágrimas e sair bruscamente da igreja. Foi publicada em uma gazeta de então uma poesia intitulada *A noviça* e tendo a assinatura J.E. Falou meu tio disto a minha mãe, dizendo que provavelmente a noviça era Henriqueta, porque o autor falava das "louras tranças que ele tanto amava e que vira cortadas por bárbara tesoura".

Quando minha mãe teve mais liberdade com Emilia, tocou no assunto, e ela relatou-lhe o que se passara, acreditando ser firme a vocação da irmã. Disse mais, que o Monsenhor escrevera-lhe particularmente, perguntando se aquela resolução da irmã era espontânea ou ditada por algum capricho. Convicta, respondera-lhe que sim, era de coração. A segunda vez que a noviça veio doente a nossa casa, minha mãe achou-a menos alegre, mas explicou a mudança pelo modo de vida, pode-se dizer que asfixiante, do noviciado. Na terceira vez, porém, não duvidou mais do arrependimento de Henriqueta; não procurou, todavia, conhecer-lhe os motivos. Entendia, como entendo também, que não nos devemos imiscuir nos segredos alheios, só conhecendo-os quando revelados por seu dono. Contou então Henriqueta à minha mãe toda a história de seu amor, do qual esta já conhecia a primeira parte. Por instintiva discrição me havia eu retirado e só mais tarde tive disso conhecimento.

Seguindo-se ao que já relatei, contou a moça que, alguns meses depois de tomar o hábito de noviça, arrependera-se, verificando que a vida que abraçara era demasiado pesada e contrária à sua natureza. Aumentou o arrependimento quando ela voltou a primeira vez do engenho. Coagia-a, porém, o receio de desgostar o pai. Ao voltar a segunda vez a nossa casa, não pôde mais resistir, e animada pelo que lhe contaram do primo por ocasião da tomada de hábito, resolveu escrever-lhe. Respondeu ele que não lhe guardava rancor mas que, muito embaraçado em sua vida, não lhe era possível casar atualmente. Só depois de formado podia dar-lhe uma resposta definitiva. Não era, portanto, conveniente ela manifestar-se. Vendo-o chegar à nossa casa, Henriqueta acreditou que viesse ele dar uma solução agradável à situação. Enganou-se, porém. Mostrou a mesma hesitação, dizendo que coisa alguma podia resolver sem conversar com sua mãe. Ora, era sabido que esta se opunha a tal casamento. Continuou dizendo que se achava

muito doente e, sem melhorar, não podia tomar um compromisso. Todavia, prometeu-lhe escrever da Estância, remetendo a carta para a Bahia. Chegando Henriqueta conosco à Capital, carta alguma encontrara, e foi aquilo que a levara a querer ir de hábito ao convento, do qual intento minha mãe a dissuadira. Queria ir de hábito porque, dizia a moça, se não casasse com Joaquim, iria professar, embora morresse depois. Já agora nada esperava do primo, que a enganara para se vingar do que ela lhe houvera feito; e, à vista do que se passara no convento, não poderia lá tornar.

Que lhe restava, pois, fazer? A carta que o pai lhe escrevera era, decerto, muito dura, e não o era menos a que dirigira a minha mãe tratando da filha. Soubera, pela Madre Rosa, que Joaquim Esteves estivera em nossa casa. Prevenia minha mãe que tivesse toda a vigilância sobre Henriqueta, pois talvez o primo intentasse raptá-la, não para casar, porque a ingrata de sua sobrinha a isto se opunha, mas para fazê-la sua amante. Minha mãe nunca mostrou à moça aquela carta. Consolava a amiga prometendo intervir a seu favor perante o padrinho que, como de todos era sabido, tanto a considerava. Não havia, porém, consolo para aquela jovem; pouco se alimentava, quase não dormia.

Alguns dias depois recebeu minha mãe uma carta de meu tio Pedro dizendo: "Faço-lhe esta sob a mais triste impressão. Acaba de chegar de Sergipe o Joaquim Esteves, tuberculoso no último grau!" Ficou minha mãe aterrada. No estado em que se achava, poderia Henriqueta resistir? No dia seguinte, deu-se um fato que muito nos impressionou. Dormia eu no mesmo quarto que Henriqueta, e, como aí se conservasse acesa a lamparina, via eu, quando acordava, a moça a passear ou com a cabeça encostada à mesa, ou mesmo no travesseiro, a chorar aflitivamente, o que muito me penalizava, sem que eu ousasse dirigir-lhe a palavra. Nesse dia, ela aproximou-se de minha cama e, vendo que eu estava desperta, disse:

— Tive um sonho bem esquisito. Vi na parede um braço cuja mão escrevia e esforçava-me debalde para ler aquela escrita. O braço era de homem, porque tinha manga preta e punho forrado de vermelho — era então a moda. A mão, muito alva, parecia a de Joaquim.

— O seu sonho, disse-lhe eu, parece o do rei da Babilônia; o pior foi não poder ler as palavras.

— Também lembrei-me disto, disse ela. Estará Joaquim doente, estará mal?

Acredito que lhe veio a idéia da morte, não ousando, porém, declará-la. Não dormi o resto da noite. Pela manhã, contei aquele sonho à minha mãe.

— Quem sabe se o pobre rapaz não morreu? O que mais admira é que Henriqueta nem sabe que ele está doente! Marca a data de hoje.

Assim o fiz. Poucos dias depois, recebeu meu pai cartas da Bahia e, como era costume, mandou levar a Henriqueta a que lhe era endereçada. Chamando minha mãe, entregou-lhe a de meu tio. Nesta vinha a notícia da morte de Joaquim Esteves. Verificamos a data: era a mesma do sonho que nos impressionara. Minha mãe dirigiu-se ao quarto de Henriqueta com o fim de ir preparando-lhe o espírito para a fatal notícia. Acompanhei-a. Passados tantos anos, parece-me estar ainda a vê-la. Lívida, com o olhar desvairado, parecia que ia morrer. Tinha na mão uma carta. Tomando-a, viu minha mãe ser da Madre Rosa. Aquela freira tinha se tornado a *asa negra* da pobre Henriqueta. Dava-lhe, bruscamente, a nova daquela morte, lamentando-a muito, não sei se sinceramente. Depois de haver ferido aquela moça com suas revoltantes intrigas, aplicava-lhe assim o último golpe.

Passamos, então, dias bem tristes. A ex-noviça definhava a olhos vistos. Para tomar algum alimento, era preciso que minha mãe lhe falasse com certa energia, observando-lhe que tal absti-

nência era um meio de suicídio lento, impróprio de uma verdadeira cristã. Meu pai conservava certo afastamento daquela moça, a quem julgava com bastante severidade: eram as idéias daquela época. Quando minha mãe lhe manifestava o receio de que não resistiria, respondia-lhe:

— Qual morrer! Se tivesse tanto amor ao primo não teria a lembrança de fazer-se freira. O que ela quer é casar. Apareça outro pretendente e verá como se consola. É uma leviana! Bem mostra de quem é filha!

Minha mãe defendia D. Marcolina:

— Qualquer criatura, dizia, está sujeita a cometer faltas. Mas tanto não é ela uma mulher desmoralizada, que soube dar às filhas uma boa educação!

— Ora, tornou meu pai, que conceito se pode fazer de uma moça de família que chega a ser amante de um padre?

Escreveu de novo minha mãe ao padrinho. Receava que Henriqueta não resistisse. A dor que lhe ia minando a existência era prova do amor imenso que tinha ao primo; isso devia ser atenuante às faltas cometidas. Pedia-lhe que escrevesse à filha, concedendo-lhe o perdão. Seria um lenitivo a tão acerbo sofrimento.

Mais cedo do que se devia esperar chegou a resposta do Monsenhor. Estava na Bahia e pedia condução para si e Emilia. Não só Emilia escrevia à irmã, como o Monsenhor, uma carta muito carinhosa. Henriqueta pareceu reviver milagrosamente. Deixou o leito e o quarto, auxiliando até minha mãe nos arranjos necessários para a acomodação dos queridos hóspedes.

Ao chegarem, ela dirigiu-se logo ao pai e, banhada em lágrimas, beijou-lhe a mão. Ele abraçou-a carinhosamente. O aspecto da moça, sua palidez e emagrecimento, eram próprios a inspirar compaixão a qualquer um, quanto mais a um coração de pai e um coração bom como era o do Monsenhor. Em seguida, as duas

irmãs abraçadas choraram algum tempo. Depois, minha mãe e o padrinho conversaram largamente. Mostrou-se ele indulgente com a filha, discordando, porém, quanto ao conceito que a afilhada fazia da Madre Rosa. Ela cumprira o seu dever: havia lhe entregado aquelas meninas, cumpria-lhe fazê-lo sabedor de tudo que lhes dizia respeito. Em suma, a sua amizade pela prima freira e a confiança nela eram inabaláveis.

Estava o Monsenhor satisfeitíssimo com Emilia. Portara-se perfeitamente no colégio onde lecionava; por isso, fizera-lhe a concessão de trazê-la para visitar a irmã, vendo-a aflitíssima ao saber do estado desta. Se Henriqueta lhe seguisse o exemplo, poderia perdoar-lhe os aborrecimentos causados por suas leviandades. Já combinara com Emilia submeter a irmã a um aprendizado para depois montar um colégio para ambas, sendo aquela a diretora. Propôs, então, a minha mãe ficarem aquelas moças um ano em nossa casa para dar eu começo ao estudo de piano e a algum outro que ela quisesse. Minha mãe aceitou, radiante, um oferecimento que lhe permitia conservar-me mais tempo a seu lado, adiando a separação imposta pela necessidade de minha educação.

O Monsenhor conversava muito com a afilhada, e, quando me achava eu perto deles, prestava atenção à conversação. Dizia ele que, no Rio de Janeiro, já havia a iniciativa, por parte das mulheres, de viverem de seu trabalho intelectual ou artístico, utilizando a educação, que nas classes elevadas, até certa época, era só proporcionada com o intuito de abrilhantar o espírito. Falou, sobre este assunto, a minha mãe, de uma senhora ainda moça que tomava todos os dias passagem na barca que fazia o trânsito de Niterói à Corte.

— Eu, que fazia o mesmo trajeto, pois morava em Niterói, perguntei-lhe um dia o motivo daquela viagem cotidiana. Ia à

Corte dar lições de música. E, continuando a conversação, soube ser aquela senhora de família distinta e rica. Reveses da sorte fizeram o marido perder tudo o que possuía. Este arranjara um emprego que não chegava para a subsistência da família, e ela, que estudara música por gosto, ensinava agora por necessidade, ganhando mais do que o marido, de sorte que viviam com modéstia, porém folgadamente. O que mais admirei naquela senhora é que se mostrava alegre e sem o acanhamento usual às pessoas que descem da posição que ocuparam, indício de fraqueza. Conservava, entretanto, um ar senhoril e distinto como é próprio dos espíritos fortes. Demais, prosseguia ele, tais idéias estão se generalizando, de sorte que se considera um grande atraso a mulher esperar tudo do casamento, o que tantas vezes traz péssimos resultados.

Logo que o Monsenhor seguiu para Sergipe, Henriqueta e eu iniciamos o nosso aprendizado com Emilia. Foi para mim um dia de imenso regozijo aquele em que recebi a primeira lição de piano. Conhecendo suficientemente música, não encontrei grande dificuldade. Emilia começara a estudar desenho no Rio. Minha mãe pediu-lhe que me desse umas lições. Também iniciei o estudo de francês com bastante gosto. Não aconteceu assim, porém, com o desenho. Mostrei-me desajeitada, como sempre fora para a escrita, ficando, por isso, com péssima letra. Depois de alguns dias, Emilia comunicou à minha mãe:

— Acho melhor Santinha não gastar com o desenho um tempo que pode aplicar em outra coisa: veja a diferença do desenho dela para o de Henriqueta. Entretanto, começaram ao mesmo tempo.

Minha mãe mostrou-se aborrecida:

— Ora, minha filha! Uma prenda tão bonita e que desejava eu tanto que possuísses! Faze um esforço e procura melhorar.

Senti o sangue afluir-me ao rosto e, tomando o modelo, comecei a trabalhar com afinco e cuidado. Quando o apresentei, Emilia, chamando minha mãe, disse-lhe:

— Está melhor que o de Henriqueta!

Esta mostrou-se despeitada. Foi uma das manifestações de sua leviandade:

— É porque hoje não estava com paciência e não me apurei, respondeu ela.

Quando penso no caráter daquela moça, concluo que foi o tipo mais acabado da volubilidade que tenho conhecido. Era, moralmente, o que são, fisicamente, certos animais que tomam as cores dos objetos com que se acham em contato. De gênio serviçal, alegre e brincalhão, era uma companheira agradável, mas sem caráter próprio: tudo nela dependia do meio e das pessoas com as quais convivia. Nos tempos que comigo privou, quando Emilia esteve no Rio, era para mim uma verdadeira irmã. Depois da vinda de Emilia, não só me tratava com indiferença como mostrava certa rivalidade no concernente aos nossos estudos. Tinha ela algumas noções, embora muito restritas, do francês, enquanto eu o começava. Dispondo de muita memória, um dia estudei além da lição marcada. Na ocasião de dá-la, disse Henriqueta:

— Não concorde, Emilia, o que ela quer é passar-me. Esta menina está se tornando muito vaidosa, é preciso reprimi-la!

E a irmã concordou, dizendo:

— As lições muito extensas vêm sempre mal sabidas.

Tínhamos horas marcadas para o estudo do piano, de que Henriqueta já tinha um princípio. Um dia, quando chegava a hora de eu ceder-lhe o lugar, disse-lhe:

— Minha tia, deixe-me ficar mais alguns instantes para acertar esta música.

Não cedeu:

— Pelo que vejo, quer também me passar no piano.

Isto magoava-me em razão do afeto sincero que consagrara àquela jovem; não me queixava à minha mãe, receando que ela não me desse razão em vista da amizade profunda que dedicava às filhas de seu padrinho. A prova mais frisante da leveza do caráter daquela moça foi o modo como se portou, esquecendo de pronto um amor que esteve para lhe custar a vida. Nem uma palavra ou alusão em referência ao Joaquim Esteves. Dir-se-ia que aquela imagem se havia evaporado, sem lhe deixar um vislumbre de saudade! A perspectiva de ir para o Rio de Janeiro absorvia-a inteiramente. Como dormíssemos as três no mesmo quarto, às vezes, depois de agasalhadas, prestava eu atenção à conversação das duas irmãs. Emilia falava da sua chegada ao Rio de Janeiro, da agradável impressão que recebera à vista daquela cidade — de que conservara alguma lembrança, tendo de lá saído aos dez anos de idade —, dos dias que passara com um seu irmão casado, cuja mulher e ele próprio levavam-na a passeios para fazê-la conhecer a cidade. Falava muito da Igreja da Candelária, de uma grande festividade a que assistira ali,[84] e do colégio em que se empregara, em Niterói, lecionando português em uma das classes e música às principiantes, ao mesmo tempo que aprendia desenho e recebia lições de piano. Contava episódios ocorridos no colégio e dos exames a que o Imperador assistira.

Descrevia os passeios à Corte em companhia de D. Maria Escolastica, diretora daquele colégio. Procurava interessar a irmã em seus projetos futuros. Eram esses projetos a fundação de um colégio de que seria diretora e a irmã, sua auxiliar. Assim haviam feito D. Maria Escolastica e a própria irmã. Asseguraram o seu futuro, tendo uma honrosa posição e avultados rendimentos pecuniários. Os novos horizontes que a irmã mais velha fazia descortinar a Henriqueta entusiasmavam-na mais do que à própria Emilia. Eis a causa da completa transformação que nela se operara. Eu, que perdia algumas horas de sono ouvindo-as, sentia

despertar em mim o desejo de conhecer aquelas magnificências, aquele viver para mim desconhecido; desejo que nunca realizei e hoje, no último quartel da vida, não realizarei mais.

Havia eu há pouco escrito esta parte de minhas *Memórias* quando soube terem sido trazidos para o Rio de Janeiro os restos mortais do Imperador D. Pedro II.[85] Recordei-me então de um episódio relatado por Emilia à irmã sobre o Imperador, por ocasião dos exames no colégio de D. Maria Escolastica, em Niterói. Todos sabem que assistia ele aos exames na Corte, mostrando quanto se interessava pela instrução do povo que estava sob sua sábia direção, e ninguém pode duvidar, em vista de seus amplos conhecimentos, de que fosse ele apto a avaliar essas provas do aproveitamento da mocidade que se prepara às diversas carreiras das letras. Isto era de imenso alcance, como bem se pode avaliar, desenvolvendo o estímulo tão necessário à juventude.

Havendo uma das meninas muito se distinguido no exame, o Imperador chamou-a e, abraçando-a sorridente, tirou uma rosa de um jarro próximo e ofereceu-lha. Então a professora, julgando suas colegiais muito preparadas em francês, pediu a D. Pedro para assistir ao exame. Sempre muito condescendente, ele anuiu. Foram-se bem as alunas nas provas estabelecidas no programa; neste, porém, não havia entrado a tradução do francês para o português, e o Imperador mandou que uma das meninas o fizesse, como era costume nos exames de preparatórios e ainda hoje é. Foi um fiasco! Uma das alunas chegou a traduzir *François* por *francês*, o que fez D. Pedro perguntar admirado: "Como?" E olhou para a professora, que se tornou rubra. D. Maria Escolastica, vexada, advertiu depois à professora que era preciso fazer as meninas traduzirem para o português, a fim de não sofrer ela a decepção por que havia passado.

Todavia, ainda hoje vejo as meninas que aprendem com mestras francesas, que são as preferidas, lerem qualquer livro francês

dizendo que o compreendem, sendo porém incapazes de fazer uma versão corrente e elegante em nossa língua. Não posso também concordar com a utilidade de obrigar uma criança a estudar uma língua estrangeira sem estar preparada na própria. Quanto à menina que recebeu a rosa, o pai ficou no auge do contentamento. Levou a filha ao Paço para agradecer ao Imperador e mandou uma notícia para um jornal enaltecendo o mérito da filha, de tal sorte, que D. Maria Escolastica aborreceu-se dizendo que ele parecia querer humilhar as outras alunas entre as quais havia algumas em nada inferiores àquela.

Entretanto, anos depois D. Pedro era expulso do Brasil! Quis agora o país remir essa grande culpa reclamando os restos mortais do magnânimo Imperador. Conseguira com isso apagá-la? Creio que não. Concordo com o autor do *Filho pródigo* quando diz que só Deus pode perdoar crimes que ferem mortalmente o coração.[86] Vemos, principalmente nos primeiros tempos do cristianismo, mártires que parecem atingir essa culminância de misericórdia, que se nos figura privilégio único do Homem-Deus. De quando em vez, a humanidade nos apresenta um raro exemplar desse tipo privilegiado. Creio que um destes foi Pedro de Alcântara.

Recordo o que me foi relatado por um médico, lente da Escola de Medicina da Bahia, logo depois do exílio do Imperador. Passando ele em Portugal, de viagem a Paris, foi com a mulher visitar o Imperador. Recebeu-o este com a lhaneza e o agrado costumados. A esposa do médico declarou então ter vindo visitar a Princesa, manifestando o desejo de vê-la. A Princesa Isabel apareceu, mas tendo no semblante estampado o despeito, a má vontade que nutria contra os brasileiros. Tinha ela o hábito de abraçar e beijar as senhoras que a procuravam, mas desta vez veio com a mão estendida como para significar que não daria esta mostra de amabilidade a uma brasileira. Quando soube que o Conde d'Eu, perguntando-lhe alguém se a Redentora viria ao Brasil, responde-

ra que não, em razão do mau estado de sua saúde, suspeitei que ela guardasse ainda o ressentimento contra sua pátria, e esta idéia mais se vigorou ao saber eu que determinara ser sepultada em certa igreja na Europa.[87]

Entendo que ela teve motivos para assim proceder. Não foram só o exílio e a perda do futuro trono. Foi ainda ofendida na pessoa de seu filho, quando os governantes de então lhe recusaram a entrada no território brasileiro.[88] Procedimento inqualificável! Que podiam recear do jovem príncipe? Era apenas um brasileiro que desejava visitar o seu torrão natal. Foi mais uma mácula que ficou no caráter nacional, além da que foi deixada pela ingratidão para com o velho e bondoso monarca. Entendo que a Princesa Isabel poderia dizer, como o romano Cipião: "Ingrata pátria, não possuirás meus ossos!" Isabel era inegavelmente boa e virtuosa, mas creio que não possuía a magnanimidade e as virtudes evangélicas do grande Imperador, seu pai.

Capítulo XIV

Apesar de procurarem abafar em mim a emulação, ao contrário do que se faz com as pessoas que estudam, creio que, possuindo tal qualidade em alto grau, não se apagou esta de todo, e eu teria conseguido grande adiantamento se circunstâncias imprevistas não viessem embaraçar-me nos estudos. A principal, a mais terrível, foi a aparição do *cholera-morbus*. Graças a Deus a nossa casa foi poupada, apesar de se darem bem perto de nós as devastações do terrível flagelo.[89]

A primeira notícia foi-nos enviada da Bahia por meu tio Pedro Ribeiro, pedindo condução para si e toda a família. A narração dos horrores de que a Bahia já era teatro gelou-nos de medo. Lembro-me de que senti uma frieza intensa invadir-me todo o corpo e, como diziam ser a algidez um dos sintomas do cólera, a cada passo julgava-me invadida do mal. Multiplicavam-se os braseiros por toda a casa, envolviam-se todos em roupas de lã. Mas o principal recurso de que se lançava mão era a oração. Não havia incrédulos naquela emergência! As rezas só eram interrompidas pelos trabalhos imprescindíveis ou para as escassas refeições. Digo escassas porque nesse tempo pouco se comia. Alimentação pouca e leve era um dos meios de preservar-se do mal. Afirma-se que muita gente morreu de fraqueza, auxiliada, creio, pelos grandes abalos morais. No meio de tudo isso, destacava-se a firmeza de ânimo, devida à fé inabalável, de minha mãe.

Esperamos meu tio três dias consecutivos. Chegando afinal, foi-nos explicada a demora: já havia grande número de casos na Capital, mas com os barcos que vieram de Cachoeira, cheios de doentes e cadáveres dos falecidos na viagem, o mal tomou proporções aterradoras. Em Cachoeira, a epidemia havia irrompido com mais violência que na Bahia, e o povo, possuído de verdadeiro pânico, entendeu que na Capital encontraria recursos contra a doença. Foi uma medida anti-higiênica que a ninguém aproveitou. Diante disso, meu tio não esperou os dias precisos para encontrar a condução mandada da fazenda. Meteu-se num barco com a família, sem mesmo se fornecer de gêneros alimentícios, exceto o pouco que havia em casa, e chegou à Restinga, onde teve de esperar dois dias, sofrendo as maiores faltas. Se mandavam a algumas das casas procurar o que comprar, os donos fechavam as portas sem atender ao chamado: tinham vindo da Bahia, traziam a epidemia! Logo que se puseram a caminho, cresceram as dificuldades. O espírito hospitaleiro do baiano fora suplantado pelo egoísmo, pelo instinto de conservação. Avistavam luz numa casa e para lá se dirigiam a pedir pousada para a noite. Batiam à porta, dizendo a frase habitual: "Ó de casa!" A luz apagava-se, e nada de resposta!

A alegria e o alvoroço da chegada dos parentes queridos foram bem depressa apagados pela narrativa dos horrores por eles feita. Minha tia contava o que ouvira; meu tio era testemunha ocular.

— No meio de sofrimentos terríveis, dizia ele, as carnes do doente somem-se debaixo das vistas do espectador, e, em pouco tempo, um rosto bonito torna-se horrendo, irreconhecível!

Dir-se-ia que o terrível flagelo era um ser pensante e caprichoso. Às vezes atacava todo o lado de uma rua, ficando todas as casas desabitadas, ao passo que o outro lado permanecia incólume. Da chegada dos barcos de Cachoeira, muito me impressionou o que me contaram de duas meninas de oito e dez anos. Provavelmente

haviam perdido na viagem os pais ou parentes e, desembarcando no tumulto dos passageiros, de mãos dadas percorriam as ruas, parando de quando em vez para se entreolharem, tendo nos lindos rostinhos estampado o horror do desamparo e do abandono. E um braço caritativo não se estendeu para lhes oferecer abrigo, proteção! O egoísmo humano suplantara a caridade natural no coração do homem, principalmente quando se trata de crianças.

Ouvia contar que, ao se despedirem os amigos e conhecidos, diziam: "Até amanhã ou até o dia do juízo." Nesse sentido, me relataram um episódio emocionante. Um estudante de Medicina vivia com outros numa *república* próxima de uma casa onde havia moças que tocavam e cantavam. Travara ele relações com a família e ia ali passar horas agradáveis. Uma noite, depois do aparecimento do cólera, as moças, que eram de gênio alegre, disseram em ar de galhofa as palavras então usuais, mostrando a dúvida de se verem no dia seguinte. Pela manhã, os rapazes observaram que porta e janelas da dita casa estavam fechadas, e, como assim se conservassem por tempo desusado, a polícia forçou a entrada: todos os habitantes estavam mortos! O estudante, horrorizado, partiu com um escravo que o servia para o Sertão donde era filho. Em Cachoeira, que ficava no seu itinerário, foi o escravo atacado do cólera. Aterrorizado com a idéia de morrer no abandono, pedia ao jovem senhor que o não desamparasse, e este, que era bondoso, esperou que o escravo expirasse para continuar a viagem, chegando felizmente à Vila da Barra, sua terra natal.

Quando não morriam todos da casa, às vezes um pai ou marido mais animoso cavava uma sepultura em um lugar mais reservado da habitação e enterrava o ente querido para não vê-lo ir na carroça pública e ser atirado à vala comum, na repelente promiscuidade em que aí ficavam os restos do homem de mérito, da virgem pura, da mulher virtuosa, como os do assassino, do malfeitor, de todos esses seres que são o opróbio da humanidade!

Finalmente chegou-nos, como uma bomba, a notícia de que o arraial de nossa freguesia fora atacado do terrível mal. Foi indescritível o horror que de todos se apoderou. Somente minha mãe, pelo seu temperamento e, principalmente, pela sua fé inalterável, conservava alguma calma. Um homem do Catu pediu a meu tio para ir ver uma pessoa de sua família. Ora, minha tia não quisera ir para a sua fazenda. Ficou conosco até o declinar da epidemia. É muito natural que, nas grandes calamidades, todos os amigos procurem estar reunidos. Instintivamente vêem que assim suportarão melhor o embate da desgraça, e, naqueles dias, todos a viam pendente sobre suas cabeças como a espada de Dâmocles. Minha tia, em pranto, pedia ao marido para não ir — ele ainda não era médico, estava no quarto ano, não tinha obrigação de acudir a tal chamado! Minha mãe, com o seu caráter forte e generoso, entendia que ele não devia negar-se a um ato de humanidade.

Meu tio fez o que todos fazem: tomou o conselho que mais se coadunava com o seu modo de pensar. Partiu com o seu lacaio, um escravo de confiança, deixando todos em uma aflição cujo lenitivo eram as preces, que cada dia mais se multiplicavam. Depois de dois ou três dias passados na maior ansiedade, avistamos meu tio e o criado na estrada que vinha do Catu e que ficava além da cerca da malhada. Como foi ele sempre muito espalhafatoso, gritou de lá que mandassem acender fogo na estrada e levassem um frasco de alcatrão, e assim se fez. O único desinfetante até então conhecido em nossas moradas era o estrume seco de gado, que, lançado ao fogo, fazia subir grande fumaça. O alcatrão já fora introduzido por meu tio. Feito o fogo com o competente estrume e o alcatrão, meu tio tirou o paletó, que suspendeu sobre a fumaça, saltando diversas vezes por cima do fogo, como fazem ainda hoje os matutos sobre os tições da fogueira de São João, para ali deixar *todos os seus males.* Depois, mandou o criado fazer o mesmo. Nós assistíamos sem rir, como faríamos em outras ocasiões,

muito satisfeitos de vê-lo voltar são e salvo. Terminada a desinfecção, meu tio chegou finalmente até nós e, apesar do horrível cheiro de que estava impregnado, o abraçamos calorosamente.[90] Cercado de todos, começou então a narrativa dos horrores que presenciara.

Em um arraial que era a metade ou a terça parte do que é atualmente, morriam mais de vinte pessoas por dia! Tal era o terror, que, em algumas casas, os parentes e amigos abandonavam os doentes, sendo Pedro Ribeiro e o criado forçados a prestar-lhes os mais ínfimos serviços. Quando meu tio nomeava entre os vitimados pessoas conhecidas, maior era a nossa compaixão. Lembro-me de um caso que muito me impressionou. Havia, em uma fazenda próxima ao arraial do Catu, duas moças, parentas de Iaiá Sinfronia, a amiga de minha mãe, que todos diziam serem as meninas mais bonitas do lugar. Meu tio havia tido ensejo de vê-las e achara-as lindas. Foram atacadas do cólera. Meu tio foi chamado para atendê-las. Quando chegou, uma já estava morta. Aproximou-se do leito da outra.

— Parecia um cadáver, dizia ele, a pele como cera, amarelecida, cobria uma caveira; olheiras negras desciam-lhe até o meio das faces encovadas e faziam parecer desmesurados os olhos negros outrora lindos! O seu aspecto era medonho! Instantes depois expirava.

Encontrara Pedro Ribeiro alguns medicamentos nos armazéns — não havia farmácias —, mas de pronto se acabaram. Ele então, dirigindo-se a algumas pessoas, lhes fez ver que a presença delas ali era inútil e aconselhou que os que se achassem sãos fugissem do arraial, que era um foco horrível da cruel epidemia. Muitos tomaram o alvitre, o que desagradou ao vigário, que dizia para não se afastarem de Sant'Anna, que só ela poderia dar remédio. Meu tio também aconselhou ao subdelegado e ao vigário que pedissem socorrros ao governo, como já haviam feito outras povoações atacadas.[91]

Já na nossa casa, chamou Pedro Ribeiro o seu criado e disse-lhe que precisava mandá-lo à Bahia comprar medicamentos. Não o obrigava, em vista do perigo de um tal passo; que só aceitava se o escravo o fizesse volutariamente. O lacaio, que era um rapaz bem disposto, respondeu:

— Eu vou, Sinhô; a gente só morre quando chega o dia!

De feito, partiu com um possante animal. Além dos medicamentos, lembro-me de que mandaram comprar meias de lã para todos. No fim de poucos dias, vimo-lo chegar são e salvo. Retirados alguns medicamentos para a casa, por prevenção, o mais foi enviado ao Catu, para onde seguiu Pedro Ribeiro, que já havia recebido reiterados chamados por parte dos habitantes do arraial.

Quando saiu, vimos chegar à nossa casa um irmão de Iaiá Sinfronia, Gaudencio. Estava espavorido e aterrado. Vinha pedir a meu pai um asilo enquanto durasse o cólera. Podia meu pai negá-lo a um irmão da amiga de minha mãe? Muito apreensivo com a idéia de que ele fosse portador do mal, recebeu-o dando-lhe para residência uma casa de um morador que se mudara, a qual ficava além da cerca da malhada. Mandou também uma escrava para servi-lo. Mas o homem não se conformava a ficar só; creio que era o medo que o dominava. Logo pela manhã o víamos na varanda de nossa casa; almoçava, jantava, só se retirando à noite, e soubemos depois que, em vez de recolher-se à casa que lhe fora designada, ia para a senzala do feitor. Uma noite, veio este, ao se agasalhar a casa, participar que o Gaudencio estava com vômitos e diarréia. Eram os primeiros sintomas do cólera. Todos, aterrorizados, choravam. Só minha mãe conservava a calma.

— Este homem, dizia ela, já trazia o gérmen do mal; mas não passará a outro, e assim ficará mais provado o poder de Sant'Anna.

E não foi desmentida a sua fé. O Gaudencio, medicado por meu tio, escapou, e nem a escrava que lhe serviu de enfermeira

teve o mal. Também uma família que foi para a fazenda de Pedro Ribeiro nada sofreu.

Neste ínterim, a Comissão e a ambulância chegaram ao Catu. Eram os membros da Comissão o Dr. Cyrilo, médico, Daniel, sextanista, e meu tio, quartanista.[92] A epidemia decrescera no arraial, estendendo-se, porém, em toda a vasta freguesia. Houve no Catu uma reunião entre os membros da Comissão, o vigário e autoridades do lugar sobre as providências a tomar. O governo recomendava a pronta inumação dos cadáveres, proibindo os enterramentos nas igrejas, como eram até então feitos os das pessoas graduadas ou abastadas; determinava ainda a desinfecção das casas, das igrejas, de todos os lugares de onde pudesse emanar o contágio.[93] Como sucede muitas vezes no meio de acontecimentos sérios ou tristes, apareceu desta vez uma nota cômica. Quem a deu foi o vigário, um bom velho, aliás, porém muito ignorante. Dirigindo-se aos demais membros da Comissão, disse com ênfase:

— Sim, meus senhores, acho muito boa esta medida do governo. Devemos, quanto antes, inumar as igrejas, todas as casas, enfim todo o *globo* de nossa freguesia!

Ele entendia que inumar era o mesmo que desinfetar. Imagine-se a troça que dele fizeram meu tio e o Daniel! Finda a reunião, foram os médicos assim distribuídos: o Dr. Cyrillo no arraial e seus arredores; o Daniel no Pau Lavrado e lugares circunvizinhos; e Pedro Ribeiro na zona onde ficavam as propriedades de nossa família.

Por esse tempo, relacionei-me com uma família de parentes de minha mãe que só conhecia de nome. D. Joanna Maria, sobrinha de meu avô Pedro Ribeiro, casara com seu primo D. Rodrigo de Uzeda e Luna. Este, remindo as dívidas pelas quais estava empenhado o engenho da Matta, que fora de seu avô, para lá se mudara. Homem trabalhador e inteligente, prosperara bastante,

segundo diziam os parentes que haviam ido ao seu engenho. Nós, porém, não tivéramos ensejo de lá ir.

É sabido que Santo Amaro foi a cidade onde o cólera fez maiores devastações. Não há muito tempo o Dr. José Wanderley de Araujo Pinho escreveu sobre isto um interessante artigo em um de nossos jornais.[94] Dizia que alguns proprietários enviaram valiosos socorros à cidade desolada e até alguns escravos para procederem aos enterramentos. Não relatou, porém, um ato de humanidade e justiça praticado pelo Visconde de Itapicuru, que muito me impressionou. Era ele proprietário do engenho São José, próximo à Vila de São Francisco.[95] Teve a idéia de mandar dois de seus escravos para efetuarem a inumação dos cadáveres. Reuniu os escravos e falou-lhes assim:

— Desejo mandar dois de meus escravos fazerem os enterramentos em Santo Amaro. Bem sabem que há perigo e os que forem estão arriscados a não voltar. Por isto não os obrigo a ir. Se, porém, algum quiser ir por sua vontade, prometo liberdade àquele que voltar. Bem sabem que podem confiar em minha palavra.

Dois robustos rapazes apresentaram-se declarando estarem dispostos a ir. Ora, é de notar que os negros tinham ainda mais horror ao cólera do que os brancos. Logo no princípio da epidemia, um negro enforcou-se para não morrer do cólera! Parece que os horríveis sofrimentos e o aspecto medonho dos moribundos horrorizavam-nos mais do que a morte pelo baraço. O anelo da liberdade é, porém, tão poderoso que sobrepujou todo aquele horror! Nesse tempo em que o senhor considerava o escravo como qualquer de seus animais domésticos — alguns não tendo até escrúpulo de matá-los no açoite, o que é horrível, o cúmulo da crueldade —, é digno de toda admiração e louvor o procedimento do Visconde de Itapicuru. Não o conheci pessoalmente, mas era considerado um homem bom e probo por todos os seus contemporâneos.

O terrível *viajante asiático*, depois de devastar Santo Amaro, penetrou no Recôncavo. O pânico foi terrível! Alguns proprietários tiveram prejuízos enormes: os escravos já estavam bastante valorizados.[96] Quando se manifestou no engenho próximo ao de D. Rodrigo, foi um alarme espantoso em sua casa. D. Saturnino, único filho varão que ele tinha, parecia fadado a sucumbir. Então o pai tomou uma dessas resoluções deseperadas, próprias das situações extremas: fugir, pode-se assim dizer, com toda a família, indo para a casa de seu cunhado D. Antonio, no Catu. No seu engenho, Arauariz, não havia chegado a epidemia, estando já quase extinta no arraial. Foi um verdadeiro *êxodo*. Além de todos os escravos, os agregados e lavradores vinham agarrar-se com ele e a família, pedindo para acompanhá-lo. De um dia para outro, puseram-se a caminho! Eram mais de cem pessoas: quatro carros cheios de mulheres e meninos. Os homens iam a pé e a cavalo. Nesse percurso de oito a dez léguas, sofreram horrores, sem encontrar pousada, descansando debaixo de árvores e dormindo ao relento.

Minha mãe, logo que soube da chegada de D. Rodrigo e sua família, foi com todos nós visitá-los. D. Rodrigo era um homem de uns cinqüenta anos, de fisionomia franca e simpática apesar da calvície. O filho, de vinte e tantos anos, era alto, de boa presença, cabelos louros e olhos azuis. Não era feio, apesar do estrabismo muito pronunciado em um dos olhos. A moça mais velha, Ritta, era uma bela morena de cabelos pretos e olhos azuis. A esquisitice da cor azul dos olhos, pouco usual nas morenas, não lhe ia mal; pelo contrário, dava-lhe certa graça. A outra filha, menos bonita, não podia ser classificada de feia e tinha a vantagem de, sendo bastante inteligente, conversar bem, tendo maneiras muito agradáveis. A prima de minha mãe, Joanna Maria, mostrava-se inteiramente acabrunhada pela situação. Tinha deixado uma terceira filha no Recolhimento dos Humildes em Santo Amaro.[97] Lembro-me de que minha mãe disse-lhe:

— Ó Joanna Maria, eu não teria vindo deixando minha filha no foco da epidemia!

— Mas que havia eu de fazer? tornou ela. Quando soube do horror em que estava a cidade, quis mandá-la buscar. Pessoa alguma se arriscava a ir ali; todos que o tinham ousado lá ficaram. Permanecer no engenho mais tempo era talvez a morte para todos nós. Próximo à partida, eu me abracei à Nossa Senhora do Bom Despacho — era uma antiga e venerada imagem da família — e disse: "Eu não saio de sob a vossa proteção, mãe de Deus!" D. Rodrigo veio ter comigo, falando: "Joanna, lembre-se de que Nossa Senhora fugiu para o Egito só para salvar o filho. Nós fugimos para salvar o nosso. Veja o estado de Saturnino!"

Creio que permaneceram no Catu dois meses. Depois receberam, do agregado que, voluntariamente, se prestara a ficar tomando conta da propriedade, a comunicação de que nos engenhos vizinhos não havia mais casos de cólera e de que ele e os poucos que ficaram na Matta nada sofreram. Voltaram, então, a seu engenho, D. Rodrigo e sua família, tendo antes se despedido de nós, que com eles tínhamos contraído as melhores relações. Poucos dias depois de chegarem a sua casa, manifestou-se o cólera. Morreram trinta e tantos escravos. "Parecia, disse D. Rodrigo a meu pai, que o cruel mal era um inimigo perverso, encarniçado em perseguir-me. Os escravos melhores, os que me faziam mais falta, como mestre de açúcar, carreiros, etc., foram os primeiros vitimados." Tiveram somente o consolo de não serem eles nem os filhos atacados. Também a filha que ficara nos Humildes nada sofrera, apesar de ser esse recolhimento muito atingido do mal e da ocorrência ali de muitos casos fatais. No correr dessas *Memórias*, voltarei a falar dessa família, com a qual, desde então, mantivemos estreitas relações.

Também os outros proprietários de nossa família nada sofreram. Nos terrenos de um deles, muito próximo de nosso engenho,

deu-se um fato bem esquisito. A casa de um agregado foi atacada. Morreram todas as mulheres, e os homens ficaram incólumes. Nem as casas vizinhas a esta, nem o proprietário coisa alguma sofreram. Felizmente o caprichoso e terrível *viajante* não nos fez outra visita! E isto há 66 anos. É bem certo que a natureza humana se afaz a tudo. Ainda as grandes dores, se não se extinguem, decrescem de modo que o espírito não conserva aquela tensão insuportável, a que ninguém poderia resistir. Pobres de nós se assim não ocorresse! Foi o que então aconteceu. Todos voltaram às suas ocupações habituais, apesar das tristes notícias que chegavam de quando em vez. Os adultos voltaram aos seus trabalhos, e Henriqueta e eu ao nosso aprendizado.

Capítulo XV

Um dia meu tio Pedro Ribeiro, vindo do Catu, disse a minha mãe: "Conversando ontem, falou-me o Daniel que lhe era insuportável a vida insípida que levava no Pau Lavrado. Respondi-lhe então que não o levava a passear em minha fazenda porque estávamos todos em casa de meu cunhado, mas que convidava-o para vir até aqui, certo de que vocês o receberiam com satisfação. Como sei que ele toca piano e canta bem, disse-lhe que aqui havia um piano — o único que se encontrava no Catu — e também duas moças bem-educadas que tocavam, sendo que uma cantava. Ele aceitou e virá amanhã."

Era um domingo. Esperava-se o doutorando. Na vida monótona do campo, qualquer coisa que promete uma diversão é esperada com afã. Na nossa morada simples não se faziam grandes preparativos para receber um hóspede, embora estranho. O indispensável era prover mais abundantemente as refeições. Os proprietários tinham muito em vista mostrar que passavam com fartura e abundância. Chegou o estudante. Sem ser feio, o Daniel não era homem que agradasse logo à primeira vista. De baixa estatura, corpo proporcional, rosto comprido, tez vermelha, cabelos arruivados cortados rente, tinha da mesma cor o bigode e o cavanhaque, o que lhe dava o aspecto de um inglês norte-americano. Os olhos pardos, grandes e belos, modificavam-lhe favoravelmente a fisionomia, sobretudo quando falava ou sorria.

Como era quase hora do almoço, servido às nove horas, logo

depois das apresentações, feitas por meu tio, foi ele convidado para a mesa. Recordo-me de que, antes de sentar-se, Emilia disse baixinho à irmã: "É bem esquisito o tal estudante." E esta sorriu-se, mostrando concordar. Era este também o meu conceito. Sem dúvida o tínhamos imaginado de melhor presença. Durante o almoço, creio que se modificou a opinião que dele fizemos. Era inteligente e agradável conversador. É sempre o incontestável predomínio do moral sobre o físico, que às vezes parece completamente transformá-lo. Falou-se que Emilia viera do Rio há poucos meses, e Daniel disse que estivera muito tempo naquela cidade, para onde tinha ido menino estudar, e ali permanecera até o quarto ano da Escola de Medicina, tendo vindo à Bahia passar os dois últimos anos escolares. Ele e Emilia conversaram animadamente sobre as belezas da Corte, já considerada como um paraíso em relação à nossa pobre terra. Depois falaram sobre outros assuntos, e meu tio, que era muito conversador, Henriqueta e minha mãe tomaram parte na palestra, que esteve muito animada, tendo sempre o doutorando as honras da conversação.

Findo o almoço, meu tio pediu a Emilia para tocar. Antes de fazê-lo, ela declarou que não era uma pianista, tendo tido pouco tempo de estudo, com muitas interrupções. Daniel também declarou que não era pianista, tocando apenas de ouvido algumas valsas e polcas, o que só fazia em reuniões muito familiares ou festas de estudantes. Creio que estas explicações eram desnecessárias, porque Pedro Ribeiro era o homem mais ignorante e falto de gosto quando se tratava de música. Quando Emilia terminou sua apresentação, pediram ao estudante para tocar, e ele o fez com graça e expressão. Meu tio rogou-lhe então que cantasse, e Daniel, tendo-se recusado a princípio, cantou de modo que muito agradou: sua voz era bela, e cantava com a mesma graça que tocava. Foi um dia cheio!

Depois do jantar, o Daniel mostrou desejo de retirar-se. Minha mãe, segundo o costume das donas de casa, insistiu que ficasse mais tempo, e o rapaz que com ele viera, filho do dono da casa onde o estudante se achava aboletado, observou que fariam melhor viagem partindo à noite, aproveitando o luar. Daniel acedeu. Naquela época, nossa vivenda era o ponto *chic* da localidade. Alguns parentes costumavam, principalmente nas noites de luar, vir visitar-nos, e aquela foi uma das mais animadas. O Daniel cantou diversas modinhas então em voga. Tinha ele a fala um tanto aportuguesada: era filho de um português e de uma francesa. Também pronunciava *de*, *me*, etc., com o som próprio e não alterando o *e* para *i*, como costumamos. Diziam ser o sotaque dos fluminenses e dos filhos dos estados do sul — Daniel era de São Paulo. Isto como que lhe aumentava a graça no cantar. Todos os episódios daquela noite se fixaram em minha memória tão nítidos que não posso subtrair-me ao desejo de reproduzir alguns.

Tinha Emilia trazido do Rio algumas canções italianas. As árias de certa força ela não cantava, porque tinha voz fraca. O Daniel vendo uma dessas músicas, pediu a Emilia que a cantasse. Então Pedro Ribeiro tomou a palavra, dizendo:

— Como se pode suportar a música italiana! Isto não é canto, é um conjunto de gritos sem harmonia!

O estudante e a moça entreolharam-se sorrindo à vista de tal heresia, e Daniel, depois de elogiar calorosamente a música italiana, como para dar um solene desmentido ao colega, insistiu com ela para cantar. Era um pedaço da *Sonâmbula*, e Emilia cantou-o com sua voz pouco extensa porém harmoniosa. Depois de aplaudir a cantora, o Daniel discutiu com meu tio sobre a beleza da música italiana.[98] Procurava a aprovação de Emilia, e esta, sorrindo, parecia concordar, sem tomar, porém, parte na discussão — ouvi-a uma vez dizer que não discutia com Pedro Ribeiro, o qual, além de desarrazoado, queria que sua opinião

sempre prevalecesse. Passou meu tio a elogiar a língua francesa em relação ao canto:

— Para expressar os sentimentos ternos, dizia ele, as *pieguices*, é até superior à nossa.

E pediu a Emilia para cantar uma romança que começava assim:

J'ai peur de croire en toi,
Pourtant, malgré moi-même,
Oh! Je le sens, je t'aime,
Toi, le seul bien pour moi!

Os versos haviam sido escritos por uma mulher. Oh! Com que prazer eu ouviria ainda hoje cantar aquela romança! Que doces recordações avivaria em minha alma! O Daniel também cantou um hino cujas primeiras estrofes eram:

Brulant d'amour en partant pour la guerre
Le troubadour, ennemi du chagrin,
Tout le matin à sa jeune bergère,
Disait ainsi, en chantant ce refrain:
Mon bras pour la patrie,
Mon cœur pour mon amie,
Mourir content pour la gloire et pour l'amour,
C'est devoir d'un vaillant troubadour.

Também eu fui chamada a cantar, e, em vista dos elogios recebidos, acreditei não me ter saído mal. Aquele serão correu agradavelmente, tanto que a Lua já se mostrara há algum tempo e o estudante não tratava de sair. Foi preciso que o companheiro o advertisse de que, se demorasse mais, fariam o final da viagem às escuras.

Como disse que a nossa casa era o ponto *chic* da localidade, devo explicar que isto sucedeu principalmente depois da volta de Emilia do Rio de Janeiro. Com sua presença, os serões eram ali mais aprazíveis do que nas outras vivendas: era essa a opinião dos parentes e vizinhos. Também o aspecto da propriedade era bastante pitoresco em sua campesina simplicidade. No alto fronteiro àquele onde estava a casa de morada, já os olhos se deleitavam descortinando-a tão branca, sempre caiada de fresco, cercada de varandas e com muitas janelas, ao fundo a copa verde escura das grandes árvores frutíferas que se elevavam acima do telhado. A vista abrangia um largo tapete de grama que se estendia desde a casa até a cerca da malhada, feita de fortes estacas com uma cancela de largas pranchas lavradas. Uma planta daninha não manchava aquela alcatifa de verdura a que serviam de relevo duas ordens de coqueiros que se estendiam em semicírculo, em frente da casa, ao pé de cada qual uma pequena casa-senzala, habitação de escravos.

Além dos coqueiros, erguia-se a casa de engenho, não muito vasta, porém nova e de aspecto agradável pelo rigoroso asseio em que se mantinha. Para além do engenho, deslizava um riacho próximo à cerca, cujas águas límpidas, quando batidas pelos raios do sol, simulavam uma fita de prata orlando aquela aprazível vivenda, na qual em tudo se revelava a mão ativa do lavrador zeloso: era esta a opinião que de seu dono faziam todos os seus parentes e vizinhos. Transpondo a cancela e a pequena ponte do riacho, o visitante, seguindo a trilha que terminava na varanda da casa, subia a escada de largos degraus que levava à sala de visitas, alegre porque era clara e limpa, embora modestamente mobiliada, como eram todas as da localidade. Aí encontrava o agrado franco com que a dona da casa a todos recebia.

Meu tio Manoel José era o freqüentador mais assíduo de nossa casa. Às vezes trazia a mulher, Guiomar, senhora sem ins-

trução, como eram naquele tempo as de nossa terra, porém de gênio alegre e dotada de graça e espírito trocista. Vinha também uma das filhas mais velhas, Jeronima, de apelido Sinhazinha; era muito admirada e, com sua viveza e graça, freqüentemente me fazia sair do sério, que era o meu estado habitual. Pelas férias, meu tio Pedro Ribeiro também vinha com a mulher, Jesuina, jovial e espirituosa, que cooperava a animar as palestras. Os outros parentes de mais longe vinham menos a miúdo, como era natural, pois quem trabalha durante o dia nem sempre está disposto a longos passeios à noite, e nesse tempo todos os da família trabalhavam. Pode-se, pois, avaliar que, com tantas visitas, as horas corriam prazenteiramente naqueles serões.

Ao escurecer, punha-se sobre a mesa da sala um candeeiro de latão: havia-os em todas as casas de alguma abastança. Desapareceram com o uso do querosene, e hoje, mesmo no campo, não os vejo em nenhuma vivenda. Uma haste de três palmos de altura pouco mais ou menos atravessava uma caixa de quatro bicos, de tampa movediça, em que se colocavam o azeite e os pavios. Terminava na parte superior por um anel e, na inferior, por um prato em forma de salva; de duas correntes pendiam um espevitador e uma cestinha para receber os detritos dos pavios. Uma chapa, espécie de *abat-jour*, presa a um anel corredio, era colocada do lado onde se queria sombra. Sempre bem areado, este candeeiro parecia de ouro e dava bom aspecto à sala que clareava satisfatoriamente. Quando as moças tocavam, colocavam ainda ao lado do piano uma vela. O piano era de mesa, hoje pouco conhecido.

Nas noites chuvosas em que não havia visitas, as horas não corriam aborrecidas para mim. Minha mãe e as moças, sentadas ao redor da mesa, liam qualquer coisa, enquanto meu pai, em uma rede armada sempre a um ângulo da sala, descansava dormitando, e eu, a quem não consentiam ler à noite, ia deitar-me em uma marquesa, de onde prestava atenção à leitura. Se era um con-

to, romance ou coisa que me interessasse, não dormia e ainda hoje recordo alguns que assim ouvi melhor do que os que ouço hoje. Uma vez o sono me pegou, e fiquei desapontada, com receio de perder o fio da história — um romance — que me interessava. Podia pedir para ler aquele pedaço do livro; não ousei, porém. Aquelas jovens, principalmente Henriqueta, não o consentiriam e talvez me proibissem de continuar ouvindo a leitura. Felizmente, mais adiante pude apanhar o fio do enredo. Vi depois que elas tinham razão; os romances, embora de princípios morais, não deixam de exaltar a imaginação das pessoas de pouca idade.

Depois da sua primeira visita, o Dr. Daniel tornou-se freqüentador assíduo da nossa casa, e os serões ficaram muito mais animados. Tinha ele um vasto repertório de modinhas e chulas, que cantava com expressão e graça. Contava anedotas com espírito e chiste e, em qualquer assunto, era um conversador agradável. Expandia-se mais com Henriqueta, vindo a todos a idéia de que estava gostando dela. Um dia em que se achava com as duas irmãs na sala, fez a Emilia uma declaração de amor, manifestando o desejo de pedi-la em casamento. Emilia, como mulher ajuizada, não aceitou logo. Disse-lhe que tinha a consultar seu padrinho, os donos da casa onde se achava e Pedro Ribeiro, amigo do Monsenhor. Eu soube que, à insistência dele para obter a aquiescência pelo menos de sua parte, ela respondera que havia muito pouco tempo que o conhecia. Imediatamente Emilia tudo contou a minha mãe, que no mesmo dia mandou chamar o irmão. Este disse que apenas conhecia o Daniel de vista, mas que iria à Capital tirar informações e, sendo elas favoráveis, escreveria ao Monsenhor de lá mesmo, a fim de que indagasse da família do Daniel em São Paulo e do seu comportamento no Rio. Demais, entendia que Emilia devia aceitar o casamento: era um rapaz quase formado. Dava-se nesse tempo grande valor a um homem formado, como

se dá atualmente ao rico. As idéias de Emilia com relação a fazer a sua independência pareciam a meu tio visionárias, tanto mais que ela só poderia realizá-las com o auxílio do pai, e este, velho e doente, estava arriscado a, de um momento para o outro, faltar. Pedro Ribeiro nunca acreditou na força de vontade das mulheres, proclamando abertamente que a mulher só podia ser alguma coisa apoiada ao braço forte do homem.

Meu tio foi à Bahia, e, tirando informações sobre o estudante, disseram-lhe ser um *bom rapaz*. Assim se designa geralmente o homem de boa aparência, maneiras polidas no trato e que, às vezes, se reconhece, depois, não passar de um *mau sujeito*. Entretanto, alguns se iludem, levianamente, com esta apreciação. Pedro Ribeiro, mesmo da Bahia, escreveu ao Monsenhor comunicando-lhe o ocorrido e sugerindo que convinha tirar informações do comportamento do estudante no Rio e da família em São Paulo, segundo as indicações dadas pelo Daniel.

Notei que, depois da volta de meu tio da Capital, o estudante, que estava um tanto arredio e triste, tornou ao seu natural. É que a moça, firmada nas informações ligeiras de Pedro Ribeiro, se expandira, dando-lhe mais amplas esperanças. Os tempos de então, não sendo como os mais antigos, em que os noivos pareciam antes inimigos, não eram como os de agora, em que há tão larga familiaridade entre eles que parecem já casados. A moça conservou à mesa o mesmo lugar em frente ao estudante, e as conversações eram gerais como dantes. Se havia entre eles qualquer expansão, seria junto ao piano, onde às vezes eu os via conversar, porém sempre em presença de Henriqueta.

A resposta do Monsenhor não tardou. Dizia que, se Pedro Ribeiro achava conveniente o casamento, não duvidava dar a sua aprovação. Informava ainda que se achava muito doente, vendo-se forçado a fazer uma operação. Se esta lhe fosse fatal, pedia ao seu afilhado que realizasse aquele casamento e que desde já adian-

tasse o dinheiro preciso para a confecção do enxoval; quando ele viesse, traria o traje do dia. Nada dizia sobre as indagações que meu tio aconselhara. Este não ficou satisfeito; era deixar-lhe toda a responsabilidade. Todavia, fez o que o Monsenhor determinara. Forneceu as fazendas, e foi iniciada a confecção do enxoval.

Tudo o que havia de rendas e bordados na casa foi posto à disposição de Emilia, bem como as costureiras e rendeiras. Henriqueta deixou de estudar e cosia para a irmã. Eu, porém, continuei com o estudo pois, dizia minha mãe, era bom aproveitar mais algumas lições, mesmo porque não podia auxiliar Emilia nas costuras: nunca havia pegado em uma agulha. O Daniel vinha mais a miúdo e, como as moças cosiam na sala, ficava ao pé delas conversando. Minha mãe via-se forçada a permancer ali, deixando de acudir a seus afazeres domésticos, o que contrariava meu pai. Um dia, ouvi-o falar:

— Por que não diz a estas moças que vão coser lá dentro?

— Elas não são minhas filhas, tornou minha mãe, e podem aborrecer-se. Bem sabe você que tiveram educação diferente da nossa. Entretanto, não posso deixá-las só com o doutor, porque causaria reparo a qualquer pessoa que aqui viesse. Por isso desejo quanto antes ver realizado este casamento.

Aquele noivado pareceu-me que não foi dos mais felizes. Algumas vezes via Emilia triste e até chorando. Choraria o desmoronamento de seus projetos de independência ou, com o convívio, embora não muito íntimo, conheceria os defeitos do caráter do estudante? Não podia avaliá-lo em vista de minha pouca idade e mesmo porque nunca assisti às conversações particulares dos noivos; vivia sempre no interior da casa, ocupada em meus estudos. Achava, porém, que o Daniel não realizava o ideal da pobre moça. É quase sempre o que acontece aos que fazem altos castelos.

Depois minha mãe contou-me que o estudante, noivo como há muitos, levara a leviandade ao ponto de fazer a corte a Henri-

queta, e ela, frívola como sempre foi, parecia aceitar aquele *flirt*, como hoje se diria. Daniel encomiava-lhe a beleza que, sob o ponto de vista plástico, era, na verdade, superior à da irmã; elogiava a sua *toilette*, ao passo que fazia ligeiras críticas à da outra. Estaria ele, arrastado pelos atrativos físicos de Henriqueta, propenso a preferi-la à irmã? Tudo é possível quando se trata de certos homens superficiais e inconsistentes, e casos idênticos já tenho visto, embora os homens falem *de boca cheia* quando se trata de leviandade, como se fora uma qualidade inerente ao caráter da mulher. Emilia encerrou-se em uma frieza digna. Minha mãe, com sua *diplomacia*, aplainou as dificuldades daquela situação. Henriqueta retraiu-se, e o estudante fez o mesmo, mostrando-se mais solícito com a noiva, a quem minha mãe aconselhou a abrandar o ressentimento. "Fiz isto", dizia ela, "porque não é bonito para uma moça desfazer-se um noivado, exceto por circunstâncias muito graves, e também no interesse de Henriqueta, que estava representando um triste papel."

Entretanto, chegou a carta do Monsenhor com a boa nova do feliz resultado da operação e de sua vinda em breve. Pedia que estivesse tudo pronto para a realização do casamento, visto que pretendia seguir, sem demora, para as Caldas da Missão: era o seu sanatório.[99] O Daniel foi para a Bahia tratar de seus arranjos. Falara ele algumas vezes de um irmão que fora estudar em Pernambuco os últimos anos de Direito e devia formar-se naquele ano. O Daniel, participando-lhe o casamento, pedira-lhe que, ao passar na Bahia, viesse assistir ao seu consórcio, o que ele prometeu, de sorte que o estudante declarou ficar na Bahia até a sua chegada, para virem juntos.

Capítulo XVI

Como da festa do casamento de Emilia e Daniel guardo a mais grata recordação, lembro com saudade todas as minudências. Houve logo o projeto de convidar a música do Catu, que se havia organizado há pouco tempo e que, para música de uma povoação do Centro, não era de todo má: era um luxo desusado, porque a parte musical de nossas festas consistia de flauta, rabeca e violão. Por motivo de moléstia, tinha vindo da Bahia, onde estava estudando, meu primo Manoel Paulino e ficara em nossa casa. Ele e o irmão haviam, em meninos, aprendido a dançar e tinham sido muito aplaudidos em uma festa, como já relatei. Henriqueta pediu-lhe para fazer parte da quadrilha que desejava organizar. Emilia, quando voltou do Rio, ensinara à irmã, a mim e à minha prima Sinhazinha a dançar o *schottisch*, que não conhecíamos.[100] Foi assim que soubemos terem as moças aprendido todas as danças então usadas, não havendo ainda exibido tal prenda em razão dos hábitos freiráticos adquiridos no convento. Mas não puderam nos ensinar quadrilha por falta de pessoal. Com a vinda de Manoel Paulino, Henriqueta, que gostava muito de dançar, viu a possibilidade de ensaiar a quadrilha: cinco pessoas eram indispensáveis. Henriqueta servia de cavalheiro; ela e Manoel Paulino dirigiam a mim e a Sinhazinha; Emilia tocava. Às vezes deixava o piano e vinha fazer-nos alguma advertência. Creio que era alguma modificação que se fizera na dança depois do tempo em que ambas a haviam aprendido. Ficamos aptos a dançar mais ou menos. Na

festa, contava-se com quatro cavalheiros: Manoel Paulino, Daniel, o irmão e um estudante que se achava no Catu, a quem Daniel convidara. Neste tempo, todos os estudantes dançavam, não se fazendo rogar como hoje.

Esperava-se a chegada do Monsenhor. A vinda deste velho amigo era sempre um grande regozijo para toda a família. Até os escravos se alegravam porque os que lhe prestavam o menor serviço eram remunerados, e demais tratava a todos bondosamente. A bondade era o principal cunho de seu caráter. Às crias — filhos de escravas —, chamava ele a exibir sua viveza e graças: fazia larga distribuição de vinténs, que naquele tempo equivaliam aos níqueis de hoje, tão apetecidos pelas crianças. Vinham com ele o Daniel e o irmão deste, o bacharel Joaquim Batista. O Monsenhor era um convalescente, tanto que pedira, para viajar, uma liteira. Pálido e abatido, nem por isso deixara sua amabilidade natural. O Dr. Joaquim era, como o irmão, de baixa estatura, porém bastante gordo, o que lhe tornava a presença pouco prazeirosa, ao menos na minha opinião. Tinha as feições mais regulares, e, quanto às maneiras, agradavam mais que as de Daniel. Este tinha muito espírito, mas suas críticas e troças eram acres e picantes, ao passo que o irmão, alegre e gracejador, era muito delicado, de sorte que logo gostaram dele meu pai e os outros parentes que vieram visitar o Monsenhor, muito estimado de todos.

Além do traje da noiva, o Monsenhor trouxera muitos adornos e acessórios próprios dos enxovais. Emilia mostrou-se muito satisfeita, ela que andava apreensiva com o casamento. Casos idênticos tenho observado: moças que, levadas por certas circunstâncias, casam-se contrariadas, alegram-se com as magnificências do enxoval! Isto é uma prova da frivolidade do nosso sexo, dirão os homens. Porém devemos consolar-nos, porque o sexo forte em muitas oportunidades dá idênticos indícios de leviandade.

Não se mostraria Emilia tão satisfeita se soubesse da última

informação colhida por Pedro Ribeiro sobre o Daniel. Um estudante, conversando com meu tio, dissera-lhe:

— O Daniel é um *bom rapaz*; tem, porém, um defeito: é gostar muito de jogo.

Deu-se isto quando o Monsenhor comunicara que chegaria naqueles dias para realizar o casamento. Como fazer chegar a ele tal notícia, tanto mais que não vinha revestida de certa gravidade? Minha mãe, consultada, foi de opinião que meu tio nada dissesse:

— Demais, disse ela, sendo Emilia muito ajuizada, é provável que corrija o marido desse vício.

Esta confiança na influência da mulher tem trazido muitas desilusões!

Não me recordo do mês em que se efetuou o casamento. Creio, porém, que foi em março ou abril, porque a Academia e aulas nos colégios já estavam abertas, visto que meu tio e os primos estudantes haviam ido matricular-se. Houve grande azáfama em casa nos dias que precederam a cerimônia. Tínhamos todas feito vestidos de seda, luxo só usado nas grandes ocasiões. Minha tia Jesuina não fora para a Bahia com o marido: ficara para auxiliar-nos na confecção dos vestidos e também a Emilia nos preparativos do enxoval. Meu vestido era de seda lavrada cor-de-rosa, muito viva, com saia e corpete lisos, como então se usava, e renda de seda branca na gola e nas mangas. O Monsenhor quis vê-lo e achou-o impróprio para a minha idade: uma menina de treze anos só devia usar de fazendas finas. Creio que isto pareceu esquisito a todos, mas quem ousaria contrariar o velho e bom amigo da família? Demais, ele me havia trazido um corte de escumilha cor-de-rosa claro e exigiu que se fizesse o vestido. Feito às pressas, não me agradou: o outro pareceu-me muito mais bonito. Mas, como já disse, não ligava grande importância a tudo que se referia a *toilette*, e não dei mostra de aborrecimento. Era o resultado da educação recebida.

Ao raiar do dia designado para o casamento, tudo estava em

movimento em nossa vivenda: os cavaleiros e amazonas que chegavam em animais de preço, bem ajaezados, com lacaios agaloados, porque nesse tempo havia luxo nos trajes de montaria e nos arreios dos cavalos, em que não escasseava a prata; os carros em que vinham as crianças e senhoras que não gostavam de andar a cavalo — tudo, enfim, aumentava o alegre alvoroço da casa.

A cerimônia foi efetuada por ocasião da missa: era o usual. Lembro-me de alguns casamentos a que antes assisti. Para a noiva, era um verdadeiro suplício. Ao lado do noivo, como em exposição, com os olhos baixos, sem falar, nem rir para não incorrer em censuras. Felizmente, Emilia, devido ao seu cultivo intelectual, não se sujeitou a tal martírio. O traje de noiva trazido do Rio pelo Monsenhor destacava-se dos que eu conhecia pelo amplo véu. Até então usavam aqui uma *écharpe de blonde* que, colocada com a grinalda ao redor da cabeça, caía nas costas.[101] A grinalda era feita não de flores de laranjeira artificiais, mas de escamas de peixe. Sobre ela, as flores e botões, que tinham a aparência das flores de laranjeira, mas pareciam feitos de prata. Disse o Monsenhor que essas grinaldas eram fabricadas em Santa Catarina e que estavam em moda no Rio. Creio que esta moda foi efêmera: só a vi dessa vez. Foi bom não prevalecer por longo tempo, porque, embora bonitas, não imitam tão perfeitamente as simbólicas flores de laranjeira.

Quando Emilia, vestida de noiva, apareceu à porta de seu quarto, estava realmente bela. Seus grandes e lindos olhos eram mais brilhantes; sua tez, mais corada que de ordinário. Sobre seus bandós negros, frisados, ostentava-se a capela de argêntea cor donde pendia o amplo véu diáfano que a envolvia como em vaporosa nuvem. O vestido de seda lavrada tinha, nas mangas e no corpete, rendas de seda branca, e no peito brilhava um grande ramo de flores iguais às da grinalda. O Daniel que, com outras pessoas, se achava na sala de jantar, dirigiu-se à noiva, e creio que disse algu-

ma frase galante, porque ela sorriu. Foi um escândalo para algumas senhoras. Uma delas disse à minha mãe:

— Aconselhe a Emilia que não ria e não fique assim com os olhos alevantados. Uma moça de tão bom modo ficará olhada como *saída.*

Minha mãe respondeu-lhe:

— Bem sabe que Emilia teve educação muito diferente da nossa. E enquanto a ter os olhos alevantados, creio que ela não cometeu crime algum para baixá-los.

O ato foi, como sempre, solene e comovedor para as famílias dos noivos. Na hora em que estes abraçavam os parentes e amigos e a música executava uma peça emocionante, não houve pessoa que ficasse com os olhos enxutos, o que foi entendido por alguns como um mau presságio. Recordo-me de ter ouvido meu tio Manoel José dizer dias depois:

— Admirei virem-me lágrimas, porque não sou muito *chorão.* Olhei para todos e vi que tinham os olhos úmidos. Isto não é bom agouro! Também sempre achei imprudência aquela moça casar com um homem quase estranho.

O Dr. Joaquim aproximou-se do irmão, e creio que combinaram dançar-se uma quadrilha, talvez com a idéia de fazer dissipar a nuvem de tristeza que pairava sobre todos. Não era difícil arranjar os pares, que só podiam ser quatro, inclusive os noivos. Outro escândalo no conceito das senhoras idosas: uma noiva dançar! Julgo que dançamos mais um *schottisch* e não nos fomos mal: tínhamos suficientemente ensaiado. Depois foi preciso suspender a dança para cuidar da comida.

A sala de jantar era pequena para todo o pessoal. Procedeu-se à arrumação de mesas na sala de visitas. O jantar, como todos os daquele tempo, não primava pela variedade e delicadeza das iguarias, e sim pela abundância. Houve verdadeira fartura. A mesa, bastante larga, ficava inteiramente coberta de assados e guisados,

etc., restando apenas nas beiras lugar para uma fileira de pratos e os competentes talheres. Nada de flores! Somente nas extremidades dos assados enrolavam papéis recortados, presos por fitas estreitas. Depois de cheia a mesa, às vezes vinha uma senhora modificar a disposição dos pratos, para introduzir um que seria pena não figurar no jantar. Eu que, como todos os velhos, não vejo com bons olhos certas inovações, sou levada a confessar que, nas disposições dos jantares, houve proveitosas modificações.

Os convivas assentaram-se, alternando um homem e uma senhora. Os noivos ocuparam a cabeceira da mesa, como era da praxe. Em outros jantares ficavam sempre à cabeceira as pessoas mais consideradas, e, se havia um padre, sempre a ele era destinado esse lugar. Depois da sopa, foi levantado o primeiro brinde aos noivos. Quem o fez foi Pedro Ribeiro, que se tornaria mais tarde um terrível discursador e já manifestava pronunciadas tendências para isto. Enalteceu as virtudes da noiva e a ventura do noivo em possuir aquele tesouro. Terminando, disse:

— Para abrilhantar esta saúde, peço à minha sobrinha para cantar uma modinha.

Escolhi do meu repertório a que julguei mais adequada e cantei uns versos do Visconde da Pedra Branca.[102] Como era um poeta muito apreciado, transcrevo-os aqui:

A virtude

Brilha a virtude
Na vida pura
Qual na espessura
Do lírio a cor.
Cultiva atenta,
Filha mimosa,
Sempre viçosa
Tão linda flor.

Tudo perece,
Murcha a beleza,
Foge a riqueza,
Esfria o amor.
Mas a virtude
Zomba da sorte,
E até da morte
Disfarça o horror.

Honrosos cargos,
Títulos, nobreza,
É tudo presa
Da Parca dura;
Porém não finda,
Do virtuoso,
O nome honroso
Na sepultura.

Põe na virtude,
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor.
Não dês à sorte,
Que tanto ilude
Sem a virtude,
Algum valor.

Achei em uma revista estes versos; faltava um que, conservando eu de memória, escrevi aqui. A música era bonita. Choveram os aplausos. O Monsenhor, que, em vista do seu estado, não se sentara à mesa do jantar, levantou-se da marquesa onde se achava recostado e veio abraçar-me, tecendo-me um breve e caloroso elogio que me foi muito grato, visto que ele era entendedor de música e muito a apreciava. Ouvi-o uma vez dizer:

— O homem que não gosta de música não pode ter boa índole.

Depois Emilia me disse:

— Nunca te ouvi cantar tão bem!

É que eu, entusiasmada pelos elogios feitos a Emilia, a quem muito queria, deixara o acanhamento, que sempre foi um dos meus grandes defeitos, e dera toda expansão à minha voz, cantando com expressão. Houve ainda outros brindes, porém sem longos discursos: era, como já disse, um tácito acordo na primeira mesa, pois os outros convidados esperavam a sua vez de jantar.

Levantamo-nos, e procedeu-se à disposição da segunda mesa. Era esta, quase sempre, a dos convivas menos graduados: agregados, compadres, etc. Não era que eles fossem desconsiderados. Muitas vezes ouvi o dono da casa perguntar a algum se queria fazer parte da primeira mesa, e este respondia que preferia ficar para a segunda. É que ali se achavam mais à vontade para dar

largas ao bom apetite de homens de trabalho rural. Também alguns rapazes da família tomavam parte na segunda mesa. Eram os que ficavam dirigindo e auxiliando os copeiros escravos. Naquele tempo, pelo menos na nossa terra, eram os cavalheiros que serviam as damas colocadas a seu lado. Se ela desejava de um prato mais difícil de trinchar, como peru, galinha, etc., ele, se não se julgava bastante hábil neste mister, recorria a um dos ajudantes de copeiro, que lhe prestava auxílio e exibia assim a sua perícia.

Os comensais desta mesa também faziam brindes, e os mais *atirados* metiam-se em *palavreados*, dizendo por vezes muita asneira, o que depois era comentado em reserva, porque seria faltar às leis da hospitalidade ridicularizar qualquer convidado. Naquele dia, porém, abstiveram-se de fazer saúdes, sem dúvida acanhados com a presença do Monsenhor e dos dois doutores. Naquela mesa, não tomavam lugar as senhoras. Se alguma não cabia na primeira, preferia comer *lá dentro*. Quanto às mulheres e filhas dos agregados, seria para elas um suplício comer em público, quando algumas nem sabiam pegar em talher. Nos aposentos interiores, jantavam à vontade, não lhes faltando agrados e atenções da dona da casa ou das senhoras que a auxiliavam nessas festividades.

Levantada esta mesa, foi servida a dos doces, que excedeu tudo até então visto em nossa terra pela variedade e delicadeza dos produtos em que primavam os conventos. O Monsenhor havia trazido uma doceira das Mercês, ex-escrava de sua prima Madre Rosa. A mesa foi inteiramente coberta de compoteiras e pratos, tendo no centro magnífica fogueira de cartuchos, entre os quais se elevava um ramo de alcorce e confeitos. Os pratos eram cobertos de papéis recortados a tesoura, parecendo renda ou barafunda, trabalho delicadíssimo. Nesta mesa também houve brindes, porém muito sucintos. Apenas Pedro Ribeiro e Manoel José, cônscios de sua *ilustração*, estenderam-se um pouco. Lembro-me de que cau-

sou reparo os dois doutores, Daniel e Joaquim, não fazerem brindes *pomposos*, como era de esperar de homens formados.

Retiradas as mesas, ficou a sala disposta para a dança. Os quatro pares invariáveis atacaram algumas quadrilhas, *schottisches* e polcas. O Dr. Joaquim dançava admiravelmente. Sendo homem gordo, na dança ele tornava-se leve como uma pena; era a opinião das damas que o tiveram como cavalheiro, entre as quais eu me achava. Nos intervalos, Emilia tocou alguns trechos de música. O Daniel e eu cantamos modinhas.

Era costume, nas grandes festas, virem os escravos pedir ao proprietário licença para brincar em sua presença, e nesse dia os nossos não faltaram a este hábito. Era como que uma demonstração de estarem eles contentes com seus senhores. Devia-se antes dizer resignados com o cativeiro. Ora, os de nossa casa, comparativamente, não eram infelizes. Havia entre as escravas, mesmo as do trabalho do campo, raparigas bonitas, que se vestiam com certo luxo, à moda das crioulas baianas, e que dançavam primorosamente o *lundu*, esta dança especial de nossa terra. As raparigas mais ousadas *topavam* — era o termo usado — até nos convidados mais graduados e nos próprios senhores, que não se davam por ofendidos com esta liberdade. Eles davam algumas pernadas em ar de troça e *topavam* em qualquer outra das boas *dançadeiras*. Lembro que nesse dia, sendo o Dr. Joaquim tirado à roda, dançou com tanta graça e perícia que deu lugar aos gracejos de Pedro Ribeiro; disse meu tio que ele parecia filho de Santo Amaro, terra do *samba*.

Não durava muito tempo aquela dança. Os escravos eram convidados a tomar alguma coisa, e o que se achava na roda *topava* no que tocava a viola: era o sinal da terminação. Todos iam para o interior da casa, onde lhes era servida lauta mesa de doces e vinho. Pode-se fazer idéia de como eles, acostumados a alimentos grosseiros, apreciavam aquele regalo! Saíam contentíssimos e iam continuar o *samba* em uma das senzalas.

Este sarau não se prolongou até o amanhecer, como às vezes sucedia, em razão do estado do Monsenhor, e, quando ele se recolheu ao seu quarto, creio que por volta de uma hora, tudo terminou. Foram convidados todos os hóspedes a passar a noite e participar, no dia seguinte, do almoço dos frios. Nem todos aceitaram. Preferindo aproveitar o luar, voltaram os que moravam mais perto às suas casas. Os que ficaram eram em maior número do que comportavam os cômodos para a dormida. Isto, porém, não era levado em conta. Improvisavam-se dormitórios do modo que se podia, e ninguém se incomodava por tão pouco. Até a falta de cômodos era motivo de galhofa, tal a sem-cerimônia que existia entre os parentes e amigos. O Dr. Joaquim parecia encantado; chegou a dizer que nunca vira tanta harmonia e franqueza, prova da invejável união que existia na família.

No seguinte dia, à tarde, todos já se tinham despedido e começaram os preparativos da viagem do Monsenhor para as Caldas de Itapicuru. Emilia e Henriqueta haviam combinado com o Monsenhor acompanhá-lo às Caldas e, de lá, à Estância, para verem sua mãe, de quem estavam separadas há muito tempo. O Daniel concordara e também propôs ao irmão acompanhá-lo a Sergipe e seguirem juntos para São Paulo. O Monsenhor combinara com tudo.

O dia da partida foi bem triste para todos. Até os escravos choravam porque aquelas moças possuíam o difícil tino de viver em casa alheia sem granjear malquerença nem dos próprios escravos. O que tornava mais triste aquela separação era pensar na dificuldade, ou até impossibilidade, de nos tornarmos a ver. Meu pai e meu tio Pedro acompanharam nossos amigos até certa distância: era um sinal de deferência. Quando meu pai voltou, vendo-me com os olhos inchados e o semblante abatido, disse-me:

— É preciso disfarçar, Filhinha; são voltas do mundo a que nos devemos acostumar.

Depois conversou com minha mãe sobre a probabilidade de não vermos mais as nossas amigas:

— Quanto a Emilia, é bem provável que não a vejamos mais, disse minha mãe, porém Henriqueta, que fica no Rio com o pai, talvez que ele, que costuma vir de vez em quando às Caldas do Itapicuru a traga alguma vez.

— Ora, Henriqueta, você há de ver, casa com o Dr. Joaquim. Percebi que está gostando dela.

E contou que, na véspera da partida, estando o Monsenhor a dividir algumas fazendas que trouxera do Rio para presentear as pessoas de sua amizade, mandara Henriqueta segurar a vara de medir. Aparecendo o Dr. Joaquim, disse este:

— Com tal caixeiro, eu não duvidaria ser mascate.

E como Henriqueta sorrira-se, o Monsenhor advertira-lhe:

— Cuida no que estás fazendo, Henriqueta! Estes paulistas são muito adiantados.

Isto foi dito em ar de gracejo. E meu pai acrescentou:

— Se assim acontecer, ela faz melhor casamento do que a irmã. O Joaquim é outro homem que não é o Daniel.

E desta vez ainda foi confirmado o tino de meu pai para conhecer as pessoas e avaliar as coisas. Pouco tempo depois, o Monsenhor escreveu de Itapicuru participando ter o Dr. Joaquim pedido Henriqueta e que o Barão de Itapicuru lhe dissera: "Você casou uma de suas meninas em casa de um amigo; é razoável casar esta em casa de outro. Portanto, concordará com que este casamento se faça na nossa." O casamento seria feito com brevidade porque o Monsenhor desejava seguir, sem demora, para a Estância.

Capítulo XVII

Os dias que se seguiram à partida de nossos amigos foram, para mim, bem tristes. Era preciso dar nova direção à minha vida. O Monsenhor recomendara a minha mãe:

— É preciso Santinha não interromper os estudos, sob pena de perder o que tem aprendido.

Ela declarou-lhe a intenção de mandar-me para a Capital; ficaria em casa de meu tio, onde receberia lições de música e de desenho. Meu pai, que havia concordado com tal alvitre apresentado por minha mãe, discordou quando ela quis me fazer logo ir com minha tia, que só esperava o casamento de Emilia para seguir com o marido, visto já estar a Academia funcionando havia tempo. Observou-lhe meu pai que havia feito ultimamente muitas despesas e que tinha novas por fazer com a edificação de um engenho que ia construir em umas terras que comprara. De idéias menos acanhadas do que seu pai Manoel José, não duvidava comprar a prazo, como fez na oportunidade em que adquiriu as terras onde edificou o engenho Api, que haveria de tornar-se uma boa e bem montada propriedade. Mas ele e outros proprietários daquela zona entendiam que era desairoso gastar além de seus rendimentos. Assim, quando a safra era farta, não tinha pena de gastar dinheiro e gostava até de dar festas em que reunia os parentes; por outro lado, quando a safra era menor, restringia as despesas, sem que, por isso, faltasse na casa a abundância, pois os lavradores daquela época tinham todos os produ-

tos agrícolas em suas propriedades, só comprando o que não se cultivava no país.

As razões de meu pai naquelas circunstâncias eram tão justas que minha mãe aceitou-as sem dificuldade, o que nem sempre acontecia, porque aqueles cônjuges diferiam muito no modo de pensar. Custou-me, contudo, aquela resolução algumas lágrimas. Consolei-me porém com a promessa de ir no ano seguinte, o último do curso de Pedro Ribeiro, concluir meu aprendizado. É esquisita a idéia que a minha família fazia, nesse tempo, do estudo de música e desenho. Com o limitadíssimo conhecimento que tinha eu de piano e desenho, entendiam que, em oito meses — tanto durava o ano letivo —, eu poderia me tornar grande pianista e exímia desenhista!

A fazenda comprada por meu pai denominava-se Api.[103] Tinha uma casa vasta, porém um tanto deteriorada, que com pequenos reparos tornara-se habitável. Na semana seguinte, fizemos a mudança para o Api, que ficava à distância de uma légua do Coqueiro Novo, que meu pai conservou para a criação de gado e plantação de mandioca, já que ali os terrenos eram para isso próprios. Deixava ali certo número de escravos e prometera a minha mãe irmos passar no Coqueiro Novo os sábados e domingos, porque a ela, como a mim, custava deixar a nossa querida morada. Era com saudade que, nos domingos à tarde, ao chegarmos na elevação fronteira à casa, eu lançava um olhar de despedida àquela aprazível vivenda, e, nos sábados, vindo do Api, era com alegre alvoroço que eu a avistava, branca e rodeada de dupla fileira de altos coqueiros.

Com a esperança de continuar meus estudos, não me descuidava de tirar todo dia uma página de tradução de francês, de desenhar copiando alguns dos modelos deixados por Emilia e de tocar um pouco de piano. O Monsenhor havia-me oferecido o piano no dia da partida. Era um piano de mesa e ainda existe,

completamente inutilizado, em um dos aposentos da casa do Api. Quando, passados tantos anos, me aproximo alguma vez desse velho arcabouço, a mais viva saudade vem invadir-me. Recordo os meus fáceis triunfos musicais, bem mal merecidos, e parece-me ver ali a imagem querida de Emilia, com sua fisionomia séria e seus grandes olhos expressivos, a tomar-me as lições e a fazer-me advertências, sempre com brandura.

A nossa existência corria tranqüila. Minha mãe, tendo menos afazeres domésticos, estava sempre comigo, mesmo quando eu estudava; fazia rendas, trabalho manual que ela preferia. As horas que me sobravam do estudo, eu lia em voz alta para ela ouvir ou cosia. Antes nunca pegara em uma agulha, ainda que para confeccionar roupas de boneca. Minha mãe proibia-o, dizendo:

— Tens a vista curta. Deves reservá-la só para o estudo, uma vez que começaste já tarde. Se Deus quiser que fiques de todo curada, não faltará tempo para aprenderes a coser, o que é facílimo.

Quanto à leitura, fornecia-nos alguns livros o nosso parente Saturnino de Uzeda e Luna que, depois da temporada que passou no Catu com a família, vinha de vez em quando visitar-nos. Quando ali esteve, era ele um dos mais assíduos freqüentadores de nossa casa, atraído pelos alegres serões que nela tinham lugar. Henriqueta falando-lhe da escassez de livros que havia em nossa terra, ele forneceu-lhe alguns, entre outros *O Conde de Monte-Cristo.*[104] Ora, tive um desejo imenso de ler esse romance, que o Padre Uzeda dizia ser o melhor que ele conhecia. Não me animei a pedi-lo a Henriqueta, contando com a negativa. Nem ao menos me foi dado ouvi-lo sem parecer prestar atenção, como havia feito com outros; Henriqueta só o lia para si, à noite. Deixando a moça este, com outros livros, à minha mãe para os remeter a Saturnino, pude cumprir o meu ardente desejo. Com que prazer li em voz alta e minha mãe ouviu aquele romance! É inegável que ninguém excede a Dumas pai no bem-delineado do enredo, no interesse

que despertam os seus romances. Dizem que o filho é mais correto, mas eu, que não lia com preocupações de estilista, preferia os romances do pai. Com que pesar via aproximar-se a noite, pois tinha de interromper a leitura, segundo as prescrições de meus pais, em razão do meu incômodo da vista.

Alguns parentes vinham às vezes à nossa nova morada, mas não com tanta freqüência como iam à outra. É que, além de o Api ser mais distante, faltava-lhe o atrativo das duas moças que, na verdade, animavam a casa, principalmente Henriqueta, com seu desembaraço e jovialidade.

Começou então para mim a transformação moral e física que muda a menina em moça. O meu físico desenvolveu-se francamente, e, em vez da mocinha franzina e pálida, tornei-me robusta, corada, com as formas plásticas próprias da moça na florescência da idade, que tão cedo se dá em nosso clima tropical. Até então não me tinha em conta de bonita. Vendo-me agora ao espelho, era tentada a crer nos elogios dos parentes que se admiravam da mudança em mim operada. Certa vez, indo passar um dia com minha prima Sinhazinha na Conceição, minha tia Guiomar disse:

— Como está Santinha bonita!

E acrescentou:

— É porque engordou; é certo que a carne é que dá a formosura.

E meu tio Manoel José, gracejando, completou:

— Certamente; ossos não podem ter beleza!

Estes elogios deixavam-me pouco satisfeita. Tinha predileção pela forma delgada e esbelta e notava, na família Goes, muita tendência para a *rotundidade*. O moral modificara-se a par do físico. Tornei-me alegre: coisas insignificantes despertavam-me a hilaridade; adquiri viveza no andar e no gesto, isto é, quando estava em casa ou em companhia de outras mocinhas, principal-

mente de minhas primas da Conceição, que eram muito joviais e engraçadas.

Lembro-me com saudade do passeio que minha mãe dava todas as tardes em um sítio do Api denominado Mucunga. Diziam os escravos que assim chamavam os africanos ao conjunto de suas casas ou senzalas. De feito, ali havia uma fileira de senzalas cobertas de palha que pertenceram ao antigo proprietário. Ao fundo de cada casa, havia um pequeno quintal com bananeiras, um algodoeiro, mamoeiros e vestígios de plantações de vegetais de pronta colheita: batata, inhame, etc. Pareciam os escravos compreender a instabilidade de sua vida, toda dependente da vontade ou capricho do senhor, e não plantavam árvores de tardia frutificação.

Minha mãe chamava as raparigas da casa, as crias, que eram em grande número, e íamos a Mucunga colher frutos e o que mais houvesse. Na colheita, eu e minha mãe tomávamos parte. Perto desse local, havia grandes canaviais cercados de mamoneiras, cujo fruto era então indispensável aos engenhos porque, além de fornecer o azeite para a iluminação das casas, a mamona era empregada no fabrico do açúcar. Na volta, as negrinhas vinham cantando qualquer chula, e eu fazia coro com elas e corria e saltava alegremente.

A natureza, de algum modo até ali reprimida, reclamava os seus direitos na transição da infância para a juventude, quadra em que então me achava. Em presença, porém, de pessoas estranhas ou mesmo dos parentes que me inspiravam respeito, revestia-me da costumada seriedade, que não era fingida nem calculada, porém, com certeza, devida ao hábito ou ao acanhamento.

À noite vinham alguns agregados, compadres de meu pai, conversar, às vezes acompanhados por suas mulheres e filhas, que minha mãe recebia com toda benevolência, e eu a isto, segundo seu exemplo, cedo me habituei. A bondade de minha mãe esten-

dia-se sobre todos os que dela se aproximavam. Lembro-me do que se deu com uma de suas agregadas e comadres. Havia minha mãe recebido do Rio de Janeiro um livro e algumas gazetas e dissera a uma senhora que se achava em sua casa:

— Domingo, temos com que nos entreter.

Chegou então a agregada e perguntou-lhe:

— Vossemincê vai domingo à missa?

— Não, respondeu minha mãe, porque o capelão do Tereré fez uma viagem.

— Pois, minha comadre, eu venho com as meninas passar o domingo aqui para vossemincê ficar mais divertida.

— Venha comadre, tornou minha mãe com o melhor modo, muito agradeço.

Quando a mulher se retirou, a outra senhora pôs-se a rir, dizendo:

— Que boa peça lhe pregou sua comadre, cuidando lhe obsequiar!

— Que havemos de fazer, minha amiga? Ela, coitada, imagina prestar-me um serviço. Recusá-lo seria magóa-la e, demais, uma descortesia que ninguém praticaria com um grande ou rico, embora nos aborrecesse ou privasse de qualquer divertimento. Não devemos, portanto, praticá-la com os que estão colocados em plano social inferior a nós.

Assim, a pedido dos agregados, eu algumas vezes tocava e cantava qualquer música que sabia de cor, visto que não me era permitido fazê-lo pela música em razão da fraqueza da vista que não me deixava ler à noite. Esses singelos serões não se estendiam além das nove horas. Todos os homens eram lavradores e precisavam de muitas horas de sono para restaurar as forças gastas nos trabalhos rurais.

Esqueci-me de contar que reatei a amizade que outrora me ligava a minha prima Janinha, com a qual me inimizara pelo fútil

motivo que já relatei. Foi ela uma das criaturas mais infelizes que tenho conhecido. Tendo perdido a vista aos doze anos em conseqüência de uma desastrada operação de catarata, foi aos dezesseis anos submeter-se a uma nova operação efetuada por um médico vindo da Europa, com fama de exímio oculista. Mal-sucedida, como a primeira, voltara Janinha da Bahia muito triste. Isto foi por ocasião do cólera. Minha prima e sua mãe, então viúva, vieram em companhia da família de meu tio Pedro Ribeiro e permaneceram em nossa casa durante o maior incremento da epidemia. Levada pela compaixão que me inspirava a pobre moça, tratei de ser-lhe agradável por todos os meios ao meu alcance. Com ela conversava, dava-lhe o braço quando precisava andar e acabamos por troçar e rir de nossa infantil briga, tornando-nos muito amigas. Ela gostava da leitura, e esta identidade de gosto mais estreitou as relações: lendo para comprazer-lhe, também satisfazia a mim mesma.

Como já relatei, meu primo Saturnino de Uzeda e Luna fornecia-nos alguns livros. Foi assim que li *Os mistérios de Paris,* de Eugène Sue, e *Kossut e os húngaros,* de Mme. Clemence Robert[105] e outros. Com que afã lia eu estes livros! Pedia a meu pai para me levar à casa de minha prima, ou então para buscá-la. Tanto a mãe dela como a minha faziam questão de que não prolongássemos por muitos dias estas ausências de casa, visto que eu, filha única, era natural fazer companhia à minha mãe, e Janinha, pela ausência dos dois irmãos que estavam na Bahia estudando, tornara-se também a única companheira de sua mãe. Com que aborrecimento era forçada a suspender a leitura às horas da refeição! Também eram necessárias as advertências de minha mãe para que eu deixasse o livro e fosse tirar uma lição de francês, tocar ou desenhar, segundo o que havíamos combinado para eu não esquecer o pouco que aprendera.

Capítulo XVIII

Não sei quanto tempo decorreu esta existência tranqüila, até minha mãe receber uma carta de Emilia comunicando achar-se na Bahia, onde Daniel vinha sustentar tese e receber o grau, o que lhe era permitido em qualquer tempo, segundo a concessão do governo feita aos sextanistas que haviam participado das comissões médicas na época do cólera. Dizia mais que, tendo de partir para São Paulo, desejava ver-nos, o que depois seria custoso, indo para tão longe. Foi imediatamente enviada a condução, e, com imenso júbilo, vimo-la chegar. Achei-a emagrecida, e seu ar naturalmente sério tornara-se triste, o que atribuímos à recente perda de sua mãe, de que ela falava, mostrando ainda grande pesar. Referindo-se aos poucos bens pela mãe deixados, disse que lhe coubera um faqueiro com talheres de prata, uma pulseira de esmeraldas e um moleque no valor de quinhentos mil réis. Ao irmão Cazuza, haviam tocado duas voltas de pérolas com uma cruz de brilhantes e uns brincos longos também de brilhantes. Já nos tinham essas moças falado das tais pérolas como muito bonitas. Quando viessem os baús, mostrá-las-ia, prometeu Emilia, pois se encarregara de levá-las ao irmão. Chegando os baús, e indo a moça abri-los, minha mãe e eu aproximamo-nos. Abriu o faqueiro: completamente vazio. Abriu as caixas das jóias: igualmente vazias! Emilia olhou para minha mãe — vimos neste olhar o espanto e o pesar — e, chamando a amiga de parte, falou-lhe durante algum tempo.

Soube depois ter Emilia suspeitado de que o marido vendera aqueles objetos para saldar dívidas de jogo, sua paixão predileta. Então lembrou-se minha mãe das informações que meu tio havia tido poucos dias antes do casamento da pobre moça e que ambos julgaram conveniente ocultar. Antes não o tivessem feito! Durante a permanência na Estância, Emilia constatara o costume do marido e, fazendo-lhe algumas obervações, Daniel irritara-se, tornando-se até grosseiro. Depois desse episódio, a moça receava tocar no assunto com o marido. Ponderou, porém, minha mãe que isto era indispensável.

— Seus baús, disse ela, vieram em barco e depois foram entregues a um escravo que os trouxe até aqui. Acredita você, e eu também, que não houve roubo, mas, em último caso, poderia ter havido, e é isto um motivo plausível para falar a Daniel.

Emilia assim o fez. O marido mostrou-se muito vexado, dizendo que havia penhorado aquilo para remir um compromisso. Não o comunicara à mulher pelo constrangimento que isso lhe causava, deixando para fazê-lo com mais calma.

— Do que é nosso você pode dispor, tornou ela, mas o de Cazuza! Com que cara lhe responderei quando perguntar por esses objetos ao chegarmos ao Rio?

— Já projetei, respondeu ele, empregar-me aqui na Bahia até arranjar o dinheiro para o penhor, e não me toque mais nisto.

Estava Emilia já adiantada em gravidez. Meus pais ofereceram-lhe para ficar conosco até o nascimento da criança. Disse meu pai ao Daniel:

— Há falta de médico no Catu, e você pode ir clinicando; sempre fará alguma coisa. Bem vê que não convém sua mulher viajar neste estado.

Concordaram. Emilia falou à minha mãe para tomar a meu pai certa quantia em nome de Daniel; quando ganhasse na clínica, pagaria. Não me lembro da quantia. Como já disse, minha me-

mória sempre foi rebelde, tratando-se de números. Sei, porém, que meu pai deu menos do que a quantia pedida. Não tinha dinheiro em casa, senão para as despesas. Podia mandar o Daniel tomar na Bahia, mas sabia que ele não lhe pagaria tal dinheiro e tinha seus compromissos. Minha mãe não instou, provavelmente por ver que o marido estava com razão, mas, como o dinheiro era para o enxoval da criança que Emilia esperava ter, tirou ela algumas peças de ouro antigo, o que havia em todas as casas abastadas, e ofereceu-as à amiga, dizendo:

— É para mandar vender e comprar alguma coisa para o novo sobrinho.

Seguiu o Daniel para a Capital, trazendo as fazendas e demais encomendas, menos, porém, do que as pedidas no rol. Calculando, viu minha mãe que não absorviam o dinheiro, quanto mais o valor do ouro.

Começou a jovem senhora a confeccionar o minúsculo enxoval. Como era perita em trabalhos de agulha, fê-lo se não rico, bastante apreciável pela delicadeza e perfeição na confecção. Minha mãe auxiliou-a, pondo ao seu dispor as costureiras e rendeiras da casa.

Ora, quando Emilia resolveu ficar conosco, disse a minha mãe:

— Santinha podia aproveitar para adiantar-se no francês, estudando com Daniel: ele é bem preparado nesta língua, que fala com facilidade, visto tê-la praticado desde menino.

A mãe dele era francesa. O Daniel quis ver a gramática pela qual eu estudava e achou-a muito atrasada. Como tinha de ir à Bahia, ofereceu-se para comprar o *Novo método* de Burgain,[106] que elogiou. Tendo-o trazido, comecei a estudar com o costumado ardor. Era preciso que minha mãe me advertisse para não esquecer o piano. Lembro-me de que, uma vez, tendo eu acabado de tocar, disse minha mãe a Emilia:

— Por que não toca alguma coisa? Deste modo, virá a esquecer o que sabe.

— E para que me serve o piano tocar, tornou ela. Hoje todo o meu ideal se encerra em meu filho, para o qual somente hei de viver.

Absorvida em meu estudo, nenhuma observação fiz sobre as relações daqueles cônjuges, que quase só via juntos às horas das refeições. Estas eram sempre alegres, por causa do gênio prazenteiro do Dr. Daniel. Meu pai, que não fazia dele o melhor conceito, ria *a bandeiras despregadas* de seus gracejos, sempre saturados de humor e espírito. Ia Daniel algumas vezes ao Catu, como médico, mas os chamados foram escasseando. Era desses médicos que não mostram interesse pelos doentes. Deixando-os em estado grave, comprometia-se a ir no dia imediato, e às vezes não cumpria a promessa, preferindo ficar no *dolce fare niente* que era mais conforme ao seu gosto.

Emilia deu à luz uma menina, que foi uma das crianças mais lindas que tenho visto. Parecia inteiramente absorvida nos encantos da primeira maternidade, e Daniel mostrava-se muito satisfeito e carinhoso. Por esse tempo, mudou-se para o Rio o Dr. Brum, de quem já falei e que era então médico de partido no Recôncavo de Santo Amaro.[107] Meu tio arranjou, com o nosso parente D. Rodrigo de Uzeda e Luna, ser o Brum substituído pelo Daniel. Seguiram Emilia, Daniel e a criança para lá. O proprietário do engenho Rio Fundo, próximo ao arraial do mesmo nome, deu ao Daniel uma casa para morar com a família, e o nosso parente D. Rodrigo ofereceu-lhe um cavalo de montaria para fazer as visitas. Soubesse ele se haver, ficaria bem colocado, como seu antecessor. Continuou, porém, no seu desleixo, desagradando a todos. Demais, havia no arraial uma bodega de gente ordinária, e o Daniel, arrastado pelo vício, ia lá jogar. Emilia vivia muito triste e sofrendo faltas, o que nos foi relatado por uma nossa ex-escrava

que a acompanhara como criada. Então escreveu ao pai, pedindo-lhe para arranjar no Rio uma colocação para o marido, ao que o Monsenhor respondeu aconselhando-a a seguir logo. Antes de viajar, mandou Emilia à minha mãe uma carta muito lacônica, desculpando-se por não se despedir e prometendo notícias do Rio. Soubemos que, antes de embarcar, venderam na Bahia o moleque.

Como não terei mais de falar dessas moças, relatarei o que se deu com elas. Pouco tempo depois, adoeceu o Monsenhor. Como já disse, ele considerava as Caldas da Missão da Saúde o seu sanatório, de modo que veio para a Bahia, de onde escreveu pedindo condução. Chegando ele ao Api, achamo-lo muito abatido, e meu tio, que já era médico, fez a seu respeito diagnóstico muito desfavorável. Trouxe o Monsenhor carta de Emilia, dizendo que o pai arranjara para o Daniel colocação como médico de partido em umas fazendas no centro da Província, para onde iam logo seguir.

Em conversas, o Monsenhor mostrou-se muito descontente com os genros. Tinha notado no Daniel os defeitos que já lhe conhecíamos e, quanto ao Dr. Joaquim, contou que, tendo-lhe arranjado com parentes de Sergipe o lugar de Promotor e em seguida de Juiz Municipal do Lagarto, Joaquim descontentara a todos. Depois, chegou carta de Henriqueta, pedindo ao pai que arranjasse uma colocação para o marido no Rio, por não poderem permanecer mais em Sergipe em vista de perseguições políticas. Respondera-lhe o Monsenhor ser isso difícil, por ter ele se retirado completamente da política; que o melhor era o Dr. Joaquim procurar sua família em São Paulo e tratar de ali arranjar-se. E acrescentou:

— Antes tivessem ambas sido freiras, como desejei.

Seguindo o Monsenhor para Itapicuru, soubemos, pouco tempo depois, haver ele falecido.[108] Minha mãe sentiu aquela morte como a de um verdadeiro pai, e assim devia ser, pois, além dos

favores e amizade que despendera com toda a nossa família, foi o Monsenhor Silveira um dos melhores homens que conheci.

A última carta de Emilia não informava o lugar do centro da Província onde ia residir. Só o Monsenhor poderia designá-lo. Quanto a Henriqueta, soubemos por pessoa vinda de Sergipe que seguira com o marido para São Paulo. Passaram-se muitos anos sem termos notícia dessas moças. Minha mãe censurava-as com razão:

— Eu não sei o paradeiro delas, dizia, mas elas sabem de minha residência. Não me admiro de Henriqueta: conheço-lhe a leviandade. Admiro-me de Emilia!

Era eu já casada quando um dia meu tio Pedro, vindo da Capital, disse à minha mãe:

— Tive notícias de Emilia.

Um moço vindo de São Paulo lhe dissera que uma família ali residente falara de nós: "Eram muito nossos amigos", dissera Emilia, "mas foram muito ingratos: esqueceram-nos completamente. Soube até que uma menina que foi minha discípula casou e não me participaram." Ouvindo isso, disse minha mãe:

— Vou escrever-lhe.

Mas meu tio esquecera de pedir ao moço o endereço, e este já seguira para o Norte.

— Fico no mesmo, disse minha mãe muito aborrecida.

Correu o tempo. Estava eu já idosa. Sonhei que via Emilia com o mesmo semblante, inculcando, porém, mais idade, e muito gorda. Dirigindo-se alegremente para mim dizia:

— Santinha, como está você velha!

Eu lhe tornei:

— E vosmecê como está ainda moça! Até parece mais moça do que eu!

E correndo a abraçá-la, acordei. Veio-me então a idéia de que Emilia houvesse morrido e, segundo a crença popular que não é

para ser desprezada, tivesse vindo dar-me aquele sinal, o que acontece com pessoas que verdadeiramente se estimam. Ora, de fato eu quis muito àquela moça e hoje me admiro de não ter feito mais esforços para reatar nossas relações. Só encontro desculpa na permanência de minha vida sempre no campo, na falta de relações fora deste estado da Bahia e nas preocupações com a família.

Demais, esse tipo de afastamento é muito usual. Conheço uma senhora aqui residente que deixou no Rio alguns irmãos. Tem sabido do falecimento deles pelos jornais. Queixava-se ela da ingratidão dos irmãos, mas deve-se notar que ela residia no campo, onde a vida é pouco movimentada, e eles na grande Capital, onde se vive em um turbilhão que arrasta para o Letes todas as sensações do passado, fazendo com que se atente somente ao presente. Ora, calculando a idade daquelas senhoras, Emilia teria hoje noventa anos e Henriqueta, oitenta e seis. É, pois, muito provável que ambas tenham já saído da cena da vida. Todavia, próxima da partida para a última jornada, lembro-me a miúdo daquelas cuja recordação se alia aos belos tempos do despontar de minha juventude e, no cortejo dos companheiros que na memória hoje me cercam, aqueles dois vultos, belos e atraentes, salientam-se envoltos em uma atmosfera de infinda saudade.

Capítulo XIX

Pouco tempo depois da partida de Emilia para o Rio, fui, parece que em maio, para a Bahia. Acompanhou-me minha mãe, creio que para dirigir a minha instalação em casa de meu tio. A viagem foi, como da primeira vez, pela Estrada das Boiadas. Faltou-nos, porém, a companhia de Henriqueta, que a alegrava com o seu gênio brincalhão. Chegamos à Lapinha com um resto de luz crepuscular. Não descansamos, como da outra vez, na roça de Frei Custódio: já estava eu afeita às viagens a cavalo e não senti cansaço.

Noite escura, com a mortiça luz dos lampiões de azeite de peixe, chegamos à casa de meu tio, que residia então nas Portas do Carmo. Guardo desta casa, que não tornei a ver, gratas recordações. A frente dava para a rua das Portas do Carmo, larga e alegre, com boas casas. Um lado dava para o beco do Mota, que não sei se hoje tem a mesma denominação. A vida ali não era triste. Minha tia era de gênio alegre. Meu tio, à parte algumas *venetas*, era um conversador amável, e viviam eles em boa harmonia. Havia mais cinco rapazes, dois sobrinhos de meu tio e três de minha tia: um era acadêmico de Medicina, primeiranista; os outros, estudantes de preparatórios. Os rapazes ocupavam o sótão e só desciam à hora das refeições, que eram muito animadas. Um dos sobrinhos de meu tio, Manoel Paulino, era de uma graça e espírito extraordinários. Contava anedotas do colégio, de modo a fazer rir a todos, e meu tio, até nos seus dias de mau humor, acabava por desenrugar a fronte e rir às gargalhadas.

Trataram logo de arranjar mestres para mim. Inculcaram uma senhora que dava lições de piano e de canto. Foi preferida, embora fossem mais caras as lições. Os professores davam as lições a dois mil réis e ela, a dois mil e quinhentos réis, porque pagava cadeira. As senhoras, nesse tempo, não andavam sós a pé. Entretanto, minha mãe preferiu-a porque, dizia ela, com uma senhora ficaria eu menos acanhada. Esta senhora aceitou, com dificuldade, mais uma discípula, por já ter muitas. Naquela época, creio que ainda havia grande número de meninas como eu, acanhadas, o que hoje é raríssimo.

Quanto ao desenho, observou meu tio que era melhor abster-me deste aprendizado. Tendo a vista curta e mostrando vontade de estudar Geografia, era preferível ocupar-me desta matéria, que, com as aulas de piano e canto, me absorveria o tempo necessário para real aproveitamento. Minha mãe concordou. Segundo opinião da professora, não me fui mal, tanto no piano como no canto. Meu tio, porém, não ficou satisfeito. Ora, já tocava eu umas duas valsas, polcas e umas musiquetas fáceis que Emilia me fizera aprender para satisfazer minha mãe. Desde há tempos que eu cantava modinhas e era por isso considerada muito adiantada. A professora entendeu que eu só devia tocar exercícios e escalas e, no canto, fazer exercícios de vocalização para desenvolver a voz. Achou meu tio que era um grande atraso. Sem discutir, continuei a estudar seguindo as prescrições da professora.

Havia meu pai, logo que chegamos, adquirido tudo que me era necessário, e ele gostava de comprar tudo do melhor, principalmente quando se tratava do que era mister. Quando vinham as coisas para se escolher, minha tia ficava encantada. Igualmente as apreciando, coibia-me eu de manifestar entusiasmo para não parecer frívola e não perder a minha fama de *moça sensata.* Meu tio Pedro foi encarregado de me comprar algumas jóias e convidou o

sobrinho Manoel Paulino, que era por minha tia considerado como tendo melhor gosto, para auxiliá-lo na escolha. Foi quando começaram a usar os diamantes cravados em ouro, que nós ainda não tínhamos visto.[109] Trouxe meu tio para mim broche e brincos na verdade lindos, por seiscentos e cinqüenta mil réis, quantia avultada naquele tempo, e, para a mulher, também brincos e broche de brilhantes menores, por quinhentos e vinte mil réis.

— O aparelho de Santinha é muito mais bonito, declarou minha tia.

— Então fique com ele, disse-lhe minha mãe imediatamente. Ficará o outro para Santinha.

Manoel Paulino, que estava atrás da cadeira de minha tia e defronte de minha mãe, fez-lhe um enérgico sinal negativo, segundo ela me contou, e meu tio disse:

— Não, minha irmã, este é mais caro, e eu tenho de fazer muitas despesas com a minha formatura.

E dirigindo-se à mulher:

— Você não tem razão; este broche é muito bonito, e os brincos, embora com diamantes menores que os de Santinha, também são bonitos.

Ela, como senhora ajuizada que prezava o marido, deu-se por convencida. Sem dizer palavra, exultei interiormente. Relatou-me minha mãe que o sobrinho lhe dissera em particular:

— Que ia vosmecê fazer? Ceder uma jóia bonita, de tão bom gosto, à sua cunhada, uma senhora de idade, tirando-a de sua filha que é moça!

E minha mãe respondeu:

— Eu e minha filha não damos a tais coisas o valor que Jesuina dá; por isto queria eu satisfazê-la.

Havia aí uma criticazinha à frivolidade da cunhada. Quanto a mim, ela se enganava dando tal extensão ao meu desprendimento. Logo que me achei no meu quarto, depois de fechada a porta, tirei

do baú a caixa das jóias, que só vira ligeiramente, e pus-me a contemplá-las, radiante, julgando-me sozinha. Minha ama Geralda, que por ligeiro incômodo de saúde viera deitar-se em uma esteirinha em um recanto do quarto, quando minha mãe entrou, disse:

— Foi muito bom, Iaiá, vosmecê comprar este aparelho para Sinhá; ela tirou-o do baú e levou tempos a olhá-lo com tanta alegria que fazia gosto!

Creio que corei; felizmente minha mãe não me fez nenhuma observação, dando o desconto a este movimento de leviandade tão própria de minha idade. Tinha eu quinze anos incompletos e era considerada moça, e minha tia Jesuina, que havia entrado nos trinta, já era senhora de idade; quanto a minha mãe, que já havia completado quarenta, era uma velha. Parece que tal modo de encarar a idade era somente usado no Recôncavo, ao menos no nosso meio, porque algumas vezes ouvi minha tia dizer a minha mãe quando esta recusava qualquer moda ou enfeite em um vestido: "Aqui é que se vê isto, minha cunhada; na Bahia, vêem-se senhoras de sua idade e mais velhas vestirem-se à moda e enfeitarem seus vestidos como qualquer moça." Eu, que, como velha, dou a preferência aos costumes antigos, não deixo de reprovar este, que reduzia a bem poucos anos a juventude da mulher.

Quando estive na Capital a primeira vez, o teatro São João estava em conserto.[110] Desta vez estava funcionando, e lá trabalhava uma companhia de que meu tio e os sobrinhos falavam com entusiasmo, principalmente de uma atriz chamada Leonor Orsat.[111] Manifestei logo o desejo de ir ao teatro, que minha mãe também não conhecia e de que meu pai muito gostava, tanto que, nas poucas vezes que ia à Capital, sempre assistia a um espetáculo.[112] Disseram-me que era levado à cena um drama intitulado *O naufrágio do Medusa*.[113] Ora, Emilia tocava uma bonita música com esse título, e uma certa que a executava o Dr. Daniel, então

seu noivo, disse que lera um romance tirado daquele assunto e contou-nos alguns episódios que nos pareceram interessantes. Tudo isso me aguçava a curiosidade.

Foi uma das poucas vezes que a realidade correspondeu à minha expectativa. O enredo era bem urdido, tinha momentos comoventes, e o cenário era magnífico. Lembro-me de uma festa na passagem da linha: Netuno e Anfertite, faustosamente vestidos, sentados em um trono; os Tritões e Nereidas vindo render-lhes homenagens e executando, ao som de músicas alegres, danças muito interessantes. No último ato, o mar, muito bem representado, onde vogava uma balsa com os sobreviventes do naufrágio e na qual se dá o desenlace do drama, muito emocionante — tudo encantou-me. Não pude apreciar a beleza da Orsat em razão da minha miopia, mas achei-a graciosa e elegante. O conceito de meu tio e dos outros estudantes era que ela representava primorosamente, e a mim também pareceu. Quanto ao drama, todos o acharam excelente. Meu pai declarou nunca ter visto um tão bom e guardava dele grata lembrança, porque foi o último a que assistiu, sendo depois, durante longo tempo, tolhido pela paralisia.

Aproximava-se o dia 2 de julho, que então se celebrava com verdadeiro entusiasmo patriótico.[114] Minha mãe falara com a professora para me dispensar das lições durante aquela semana. Meu pai, que havia voltado para fora, ficara de vir. Meu tio Manoel José também era esperado com a mulher: vinham só com o fim de assistir à festividade. Quando chegamos à entrada da casa para recebê-los, tive uma agradável supresa: traziam com eles a filha Sinhazinha, minha amiga. A festa de 2 de julho, tenho-a já visto descrita em algumas gazetas, e eu mesma já a descrevi em uma de minhas novelas inéditas, intitulada *Suzana.*[115] Falarei, pois, dela sucintamente, só para dizer a agradável impressão que em mim produziu, o que em parte deveu-se à companhia de minha prima.

Sem ela não teria eu a quem comunicar as minhas observações. Não poderia fazê-lo à minha mãe em razão de meu acanhamento: minha mãe era uma agradável conversadora; nessas ocasiões, sempre dela se aproximavam parentes ou amigos, e diante desse pessoal eu não ousaria expandir-me.

Naqueles dias foi uma revolução em casa de meu tio, com os preparativos da festa. Ele, sextanista, era o comandante do Batalhão dos Acadêmicos, ao qual um de seus sobrinhos, primeiranista, também pertencia. Os outros, estudantes de preparatórios, faziam parte dos batalhões dos colégios que freqüentavam. Todos tinham mandado vir de fora cavalos gordos, destinados aos passeios. O traje, invariável, era um terno de brim branco, e chapéu de palha fabricado na terra, que custava oitenta réis. Fora desse dia, só os usavam moleques ou gente pobre; eram porém cobertos de flores, entre as quais abundava o cróton verde e amarelo que se chamava *2 de julho* e que, nos dias que precediam a festa, tinha imensa procura. No braço, os estudantes todos traziam uma capela de flores e, no peito, uma chapa de larga fita com o nome do batalhão a que pertenciam. O batalhão mais aplaudido era o dos Acadêmicos; e com ele havia sempre grande rivalidade por parte do Batalhão dos Caixeiros, chegando por vezes às vias de fato. Felizmente não havia sangue, porque as armas eram archotes.

Nas janelas e sacadas fartamente iluminadas com lanternas, estendiam-se colchas de seda. As moças trajavam, em geral, vestidos brancos com enfeites verdes ou amarelos. Algumas usavam fazenda toda amarela com enfeites verdes ou verde com enfeites amarelos. E não eram censuradas pelo espalhafatoso do traje; pelo contrário, dizia-se indulgentemente: "É uma patriota!" Todos que tinham casas nas ruas por onde passavam os carros viam-nas repletas de parentes ou conhecidos. Em cada uma delas havia pianos, violões e até realejos, porque em todas, se cantavam modinhas,

tocava-se e dançava-se desde entardecer até a passagem dos carros, de meia-noite a uma hora. Era um espetáculo imponente!

O entusiasmo chegava ao delírio. De todas as janelas choviam flores, e, em algumas, vinham os poetas recitar. Se o poeta era conhecido e conceituado, era logo saudado com vivas e palmas. Tive ensejo de ver o Dr. Luís Alvares dos Santos, um dos mais apreciados nessa época. Morava a poucos passos de nós. Era mulato de cor fina e avermelhada, e bem-apessoado. Trajava-se de branco com esmero. Recitava bem, com voz potente e clara como requeria o assunto.[116] Lembro-me de que, tratando dos veteranos, dizia:

Morreram? Não!
Que morte assim de bravos
É gloriosa vida:
Eles não morrem,
Caem como deuses,
Pra descansar da lida.

Da nossa casa também dois rapazes recitaram: o acadêmico Pedro da Trindade e o estudante de preparatórios, Manoel Saturnino, ambos muito aplaudidos. Quando haviam desfilado todos os batalhões, algumas casas se fecharam, e a nossa foi uma delas. Em outras, continuavam os divertimentos até o amanhecer.

No dia seguinte, foi a passagem solene dos carros, formada pelos altos funcionários, inclusive o Presidente, e todas as tropas de linha. Os oficiais traziam no braço ricas capelas de flores artificiais. Este vistoso e imponente cortejo também despertava grande entusiasmo, porém mais comedido. Choviam as flores de todas as janelas, e o povo que ladeava as ruas repetia alegres vivas à Independência do Brasil. Nesse dia, o traje das moças era luxuoso, sem ter em mira as espetaculosas cores nacionais.

Defronte de nós, morava Miguel de Teive e Argollo, homem

abastado e de tratamento.[117] O pessoal que naquele dia se via em sua casa era, diziam, a *elite* da sociedade baiana. Havia moças elegantes e *toilettes* lindas. Chamou-me a atenção um vestido de seda cor-de-rosa claro fartamente enfeitado de rendas de seda branca. O feitio era o da moda de então: corpete justo terminando em bico na frente. A gola alta ou com pequena abertura na frente; às mangas largas, chamavam-nas mangas de sino. A saia muito ampla com folhos. Não se usava ainda o balão, que pouco tempo depois esteve em moda, mas as múltiplas anáguas com forte goma substituíam-no, fazendo sobressair as cinturas delgadas, o que era então muito apreciado. Também entre as moças que estavam em nossas casas havia *toilettes* deliciosas.

À noite fomos ao palanque onde estavam em exposição os retratos do Imperador Pedro I e de Labatut. Há tempos, os bons poetas haviam deixado de ali recitar. A parte ignara do povo tinha o mau vezo de dar pateadas, às vezes imerecidas. Só não fora vaiada uma menina de onze a doze anos que recitara no ano antecedente com muitos aplausos. Esta menina, contra os hábitos daquele tempo, estudava Geometria no Colégio do Santos, e dois rapazes de nossa casa, seus colegas, diziam ser ela muito inteligente e desembaraçada. Quando chegamos ao palanque, já aí estava o Presidente, que era o Cansanção de Sinimbu.[118] Ficamos colocados perto dele, e pude então ver-lhe as feições, o que não me fora dado fazer na passagem dos carros em razão de minha miopia. Era de elevada estatura, bem parecido, testa ampla, fisionomia altiva. Pouco depois chegou a menina de que falei. Era uma bela moreninha, viva e alegre. Ficou perto do Presidente. Recitou, e eram bons os versos, feitos não se sabia por quem. Era uma colcheia, cujo mote ainda recordo:

Enquanto houver monarquia,
Ser brasileiro é quimera.

No fim, como era costume, a menina deu vivas à Independência do Brasil, etc. O Presidente pediu-lhe:

— Minha filha, diga: "*Viva D. Pedro II, Imperador do Brasil!*"

Ela, um tanto espantada, obedeceu. Poucas vozes responderam ao grito monárquico. Já havia então idéias republicanas, principalmente entre os moços.[119] O Presidente chamou a menina, abraçou-a, com as seguintes palavras:

— Recita muito bem, mas os versos não dizem a verdade. Sem a monarquia é que será uma quimera ser brasileiro.

Terminada a festa, trataram meu tio e meu pai de voltar aos respectivos engenhos. Minha mãe, segundo o que fora combinado, tinha de voltar com meu pai; ficou, porém, tão triste com a idéia de separar-se de mim que meu tio falou ao cunhado dizendo que havia tempos achava a irmã bastante doente, e, embora não parecesse coisa grave, podia tornar-se, com a demora do tratamento; que, na cidade, com recursos mais prontos quanto a medicamentos, mais facilmente poderia ela curar-se. Meu pai concordou. Tive muitas saudades de minha prima Sinhazinha, mas com o estudo consolei-me, também satisfeita por ver adiada a partida de minha mãe. Entretanto, que desgostos se originariam para nós!

Como já disse, o teatro encantou-me. Não falei porém em ir segunda vez por ouvir meu tio dizer que estava muito atarefado com o trabalho da tese.[120] Um dia, porém, vi em uma gazeta que se ia representar *Paulo e Virgínia* e não pude resistir.[121] Pedi à minha mãe que falasse ao irmão para levar-nos. Do aposento imediato ouvi o que ele respondeu:

— Ora, minha irmã, isto me faz grande transtorno! E estou muito atrasado na tese. Que empenho tem Santinha em ver tal drama, decerto tirado de um livrinho muito ruim, muito desenxabido que uma vez me deram para ler! Todavia, para fazer-lhe a vontade, mandarei comprar um camarote.

As senhoras não iam em cadeira. Não esfriei no desejo de ir ao teatro. Tinha lido, não sei em que livro, um grande elogio ao romance considerado como a obra-prima de Bernardin de Saint-Pierre. Vinha até uma anedota sobre Napoleão que, encontrando ele um dia o festejado autor, dissera-lhe: "Ó senhor de Saint-Pierre, quando nos fará outra obra como *Paul et Virginie*?" Desejei desde então ler aquele romance, não tendo, porém, podido obtê-lo. Demais, achava meu tio muito esquisito em seus conceitos, considerando-o muito leigo em literatura. Mas a peça não foi o que eu esperava. A Orsat foi uma Virgína esplêndida; o Paulo, por outro lado, foi representado por um ator muito abaixo do medíocre, segundo o conceito do nosso pessoal e também o meu. Pela falta de conhecimento de teatro, creio que não compreendi bem o enredo. Julguei que Virgínia se havia salvado. Uma onda a arremessava à praia, e Paulo a tomava nos braços. A Orsat estava admirável! Com a cabeça pendida, os longos cabelos a escorrerem água tocavam o chão. As vestes encharcadas, coladas ao corpo, era uma magnífica mulher, morta ou desmaiada. Aí caía o pano. Aplausos entusiásticos pediram para levantar a cortina, e, pela segunda vez, vimos a emocionante cena. O romance fora muito modificado. Sabe-se que Paulo não viu Virgínia depois de morta, nem ao menos soube o local de sua sepultura, onde ia muitas vezes pensar nela, consumindo-se lentamente de uma dor tão inverossímil em nossa época!

Durante o espetáculo, o calor era excessivo. No intervalo do segundo para o terceiro ato, fomos para o terraço. Minha mãe, que havia transpirado muito, colocou-se em lugar onde recebeu um golpe repentino de ar. Constipou-se.[122] Na mesma noite, sentiu febre, mal-estar. Como lhe viessem depois pontadas agudas no peito, o irmão examinou-a e viu que estava atacada de pneumonia. Aplicou-lhe remédios adequados, e começou ela a experimentar melhora. Nisto teve meu tio de ir para fora a tratar de ne-

gócios seus, contando voltar em poucos dias. Surgiram, porém, azares que o levaram a demorar uma semana. Ao chegar, achou minha mãe pior. Sobrevieram complicações devidas a incômodos de que já sofria, de sorte que meu tio censurou não ter sido chamado outro médico. Mandou avisar meu pai, que veio imediatamente, e combinaram de seguir logo para fora. Meu tio acreditava, talvez demais, na influência dos ares do campo. Tinha eu de acompanhar minha mãe; logo que ela melhorasse, voltaria eu a continuar meus estudos.

Experimentei grande abalo, pressentindo que não voltaria mais. Que oposição poderia apresentar? Deixar ir só e doente uma mãe extremosa seria odioso, e, se alguém propusesse tal idéia, seria eu a primeira a repeli-la. Fizemos a viagem por mar. Iniciara-se havia pouco tempo a navegação costeira, a vapor. Meu tio, que já a experimentara, convenceu meu pai a fazê-la, perdendo este o medo que sentia desde que estivera em perigo de morrer em um barco de vela. Eu, que nunca viajara por mar, gostei sumamente, e o mesmo se deu com minha mãe, que se mostrou logo animada. Como, no vapor, ficasse perto de uma senhora idosa, travou logo com ela conversação. Isto sucedia-lhe sempre em viagem, porque era de gênio naturalmente comunicativo. A senhora serviu-nos de *cicerone* e foi nos mostrando as terras e ilhas que avistávamos, nomeando-as.[123]

Para subir o rio, tomamos uma canoa e desembarcamos à entrada de Santo Amaro, perto da casa de um português conhecido de nossa família. Ali já encontramos a condução para o Api, liteira para minha mãe e montadas para os outros. Minha mãe, que já estivera em Santo Amaro e assistira à grande festa de 2 de fevereiro, disse-me: "Se eu não estivesse doente, falaria a teu pai para demorarmos algum tempo a fim de veres a cidade, que é bonita e tem boas casas, principalmente na Praça da Matriz, onde

está a bela igreja de Nossa Senhora da Purificação."[124] Seguimos para a Matta, engenho de D. Rodrigo de Uzeda e Luna, casado com uma prima de minha mãe, Joanna Maria. Por ocasião do *cholera-morbus*, quando a família de D. Rodrigo fora ao Catu fugindo ao terrível flagelo, tive ensejo de relacionar-me com minhas primas Sinhá — Ritta — e Janinha, fazendo com elas boa camaradagem. Passamos no engenho da Matta, agradavelmente, dois dias, tanto mais que minha mãe foi apresentando sensível melhora. Janinha, como eu, gostava de ler e emprestou-me dois volumes do *Panorama*, revista redigida por Alexandre Herculano.[125] Tinham, creio, toda a coleção em volumes encadernados.

— Quando não tenho o que ler, disse-me ela, recorro ao *Panorama* e sempre encontro alguma coisa que agrada. Se gostar, mande buscar outros volumes.

Ignorava eu que Alexandre Herculano fosse autor notável, mas, quando lia contos ou artigos com a sua assinatura, dizia à minha mãe:

— Veja que os escritos assinados por A. Herculano são os melhores.

Já havia, pois, em mim certo gosto nascente.

Dali, seguimos para a nossa casa, onde chegamos sem acidente. No entanto, as melhoras de minha mãe foram interrompidas por algumas recaídas e complicações. Comunicou-se isto a meu tio, e ele deu nova direção ao tratamento. Vindo pela segunda vez vê-la, achou-a livre de perigo e propôs levar-me. Minha mãe concordou; meu pai, porém, se opôs de modo peremptório. Podia minha mãe ter uma recaída e precisar eu vir precipitadamente. Demais, já estávamos em setembro, e meu tio, logo depois de formado, em dezembro, tencionava vir para fora. Em tão pouco tempo, quase nada aproveitaria eu no estudo.

Capítulo XX

Que podia eu fazer? Senti muito, principalmente não ter estudado Geografia, o que desejava ardentemente. Deparou-se-me porém, logo depois, o ensejo de fazê-lo: Manoel Paulino, sobrinho de minha mãe, deixara de estudar. Começara a sofrer de amiudadas cólicas hepáticas; vindo para fora, casou-se e estabeleceu-se como lavrador. Um dia, falando minha mãe do pesar que eu tinha de não ter podido estudar Geografia, ele ofereceu-se para lecionar-me. Ponderando minha mãe que lhe seria penoso vir, pois havia três léguas de distância da nossa à sua morada, que era no termo da Igreja Nova, protestou ele que não; pelo contrário, seria diversão agradável. Combinou-se então que ele viria de quinze em quinze dias. Forneceu-me os livros, um compêndio de Gaultier e um mapa de Andriveau-Goujon que ainda conservo.[126]

É preciso dar algumas explicações sobre nossos costumes do campo nas relações com os parentes, ainda os mais próximos. Nas festividades e até nas visitas, as moças formavam um grupo e os rapazes outro. Não sucedia assim com os primos casados, *becos sem saída*, como por troça se dizia então. Nas cidades, as coisas já corriam de modo muito diferente. Eu, que primava por séria, não dirigia palavra a meus primos; logo que Manoel Paulino casou-se, porém, comecei a tratá-lo mais familiarmente.

As lições de Geografia foram para mim muito agradáveis. Manoel Paulino vinha no sábado, à tardinha. Não se tratava de lição. Conversava-se agradavelmente. Manoel Paulino era de gê-

nio jovial, e meu pai muito apreciava o seu espírito. Até eu, muito sóbria de palavras, às vezes tomava parte na palestra. No outro dia, pela manhã, era a lição. Meu primo achou-a por demais extensa: embora tivesse eu bastante memória, podia não gravar bem e esquecer alguma coisa depois de algum tempo. Era toda a Geografia Física. Não terminamos antes do almoço. Depois do descanso da refeição, ele continuou a lição e marcou a seguinte. Na outra, tudo correu do mesmo modo, e ele, despedindo-se, disse alegremente:

— Até breve!

Nenhum de nós pensava na instabilidade das coisas desta vida! Na véspera do dia em que Manoel Paulino era esperado, recebemos dele comunicação de que se achava doente. Não era incômodo grave: uma constipação. Logo que pudesse viria. Dois dias após, passou em nossa casa Pedro da Trindade. Havia terminado o terceiro ano acadêmico e vinha passar as férias com o irmão. Embora o estado deste não fosse alarmante, seguiu sem demora, apesar das instâncias de minha mãe para adiar a viagem até o dia seguinte. Depois de três dias, recebeu minha mãe uma carta de Pedro da Trindade participando achar-se o irmão muito mal: o sofrimento crônico do fígado de que ele padecia agravara-se, promovera complicações, e não havia esperança de salvá-lo. A notícia caiu sobre nós como uma bomba. O rapaz portador da carta disse que Pedro da Trindade recomendara-lhe a maior prontidão para que minha mãe pudesse ir ver o sobrinho, não demorando a partida a fim de o encontrar com vida.

Foi só enquanto se aparelhava o animal. Minha mãe partiu acompanhada apenas por aquele rapaz; meu pai se achava adoentado, e eu não podia deixá-lo assim. Passei algumas horas no auge da angústia, orando com o maior fervor. Ainda hoje penso, talvez loucamente, que Deus devia atender-nos quando imploramos com tanta aflição. É certo que *enquanto há vida, há esperança.* Quando,

às onze horas, recebemos a fatal notícia, a impressão foi ainda mais terrível. Minha mãe chegara tarde, tendo apenas a triste consolação de abraçar um cadáver. Mandava dizer que voltaria depois do enterro.

Creio que nenhuma irmã sentiria mais a morte de um irmão muito amado do que eu senti a deste primo. Havia eu sempre lamentado, no meu íntimo, não ter um irmão e invejava até minhas primas ao vê-las receber carinhos dos seus. Ora, minha mãe estimava os dois sobrinhos como filhos, e eu, sempre solidária com ela, prezava estes mais do que aos outros primos; não o demonstrava, porém, para não ir de encontro aos nossos hábitos. Estando Manoel Paulino casado e sendo meu professor, estabeleceu-se entre nós certa familiaridade, e a afeição que eu já lhe dedicava tomou a forma de verdadeiro amor fraternal.

Dias bem amargurados passamos então! Finalmente o tempo, como é natural, acalmou aquele sentimento sem extingui-lo, pois, ainda hoje, passados tantos anos, ao recordar-me de Manoel Paulino, sinto-me enternecida e com muita saudade. Tinha ele alguma semelhança com o meu neto Clemente: alto, delgado, cor moreno-pálida.[127] Assemelhava-se também no porte, no contorno da cabeça, mas não nas feições, que eram menos regulares, nem na expressão, que era mais expansiva e alegre. Morreu na idade de vinte e dois anos.

Algum tempo depois, pude continuar o estudo de Geografia: outro primo meu, Paulino, depois Barão de São Miguel, deixara de estudar e, casando-se, viera estabelecer-se em seu engenho Santinho, próximo ao de meu pai. Mostrava-me particular estima e ofereceu-se para me ensinar; morando perto de nós pôde fazê-lo mais a miúdo. Discípulo do Dr. Lisboa, o mais considerado professor de Geografia daquele tempo, Paulino fora um dos seus melhores estudantes.[128] A Geografia, então, compreendia Astronomia e História. De Astronomia, eram noções gerais que vinham

mesmo no compêndio de Geografia Física e Política. De História, havia um volume de História Grega e Romana, resumidas, a História Sagrada e a do Brasil. Uma das lições era sempre aos domingos. Paulino vinha com a mulher, Joanna Delphina, que também era minha prima, e passávamos o dia alegremente.

Parece um pouco fora do natural que uma menina criada no campo tivesse tanta sede de aprender, quando até lhe faltava o estímulo das escolas, que existe mesmo nas casas particulares quando há mais de um aluno. Torna-se necessária uma explicação, ainda que ache impróprio, na minha idade, tratar de certos assuntos. Meu primo Pedro da Trindade, no fim do primeiro ano de Academia, falou à minha mãe da pretensão que, dizia ele, havia tempos alimentava a meu respeito. Estando ainda longe de estabelecer-se — faltavam cinco anos para ele se formar —, esperava completar o quarto ano para fazer o pedido a meu pai, não o deixando para depois de formado por saber quanto me desgostara não haver podido continuar meus estudos. Assim, nos dois anos que ele ainda teria que passar na Capital, poderia eu cumprir meus desejos. Falou também de seus projetos futuros. Depois de formado, pretendia fazer concurso para um lugar de opositor da Faculdade de Medicina, pois o seu *desideratum* era ser lente.[129] Minha mãe comunicou-me tais projetos, e eu não discordei, sendo assentado que meu pai não teria disto conhecimento. Ela esperava da parte dele alguma oposição, que contava vencer. Não houve, pois, alteração no modo por que nos tratávamos, e procurava eu não esquecer o pouco que aprendera e ampliar estes conhecimentos quanto possível.

Aconteceu por esse tempo que meu tio Pedro Ribeiro, depois de ter obtido por concurso lugar de opositor, resolveu deixá-lo, vindo morar em seu engenho Cruz das Almas, perto do nosso.[130] Na oportunidade, quisera ele pedir demissão do cargo, porém

minha mãe convenceu-o a não fazer tal. Sugeriu-lhe pedisse uma licença, porque, não prosperando na lavoura, ficava-lhe um recurso para uma existência honrosa. Teve ele depois de conhecer a utilidade desse conselho amigo, sendo o ordenado de lente aposentado um grande auxílio na sua velhice. Havia meu tio me dado para ler uma obra de Chardel, *A psicologia fisiológica*, em que se tratava de Física;[131] essa leitura despertou-me o desejo de estudar aquela ciência. Ele ofereceu-se para lecionar-me e, vendo que eu mostrava gosto, prometeu ensinar-me depois alguma coisa de Química, o que não lhe foi possível realizar.

No entanto, terminara Pedro da Trindade o seu quarto ano escolar e solicitou a meu tio para fazer o pedido de casamento. Respondeu meu pai que não me casaria com menos de vinte anos e, tendo meu tio dito que o sobrinho esperaria, contanto que tivesse uma promessa formal, tornou-lhe que reprovava tais compromissos, que, com a demora, podiam acarretar desgostos ou arrependimento de uma das partes. Demais, fez algumas objeções: não desejava casar-me com um parente próximo. Então corria já muito a idéia de que as boas famílias de nossa terra estavam degenerando em razão dos consórcios entre próximos parentes. Era um pai extremoso, mas ao mesmo tempo enérgico e intransigente quando se tratava do que ele julgava o seu dever e direito de pai de família.

Creio que meu tio, de gênio exaltado e orgulhoso, escureceu um tanto o fato da recusa, de sorte que meu primo, se não cortou inteiramente as relações com meu pai, foi, dizia ele, por amor da tia, a quem prezava como mãe; mas retraiu-se de modo a só ir à nossa casa de passagem nas férias, declarando à minha mãe que nada mais esperava. Ela tentava animá-lo. Estava ele com a nomeada de ser um dos primeiros estudantes da Academia. Fora mencionado na *Memória histórica* que era remetida para a Academia do Rio de Janeiro, o que era considerado grande distinção.[132]

Fora chamado a falar perante o Imperador quando, por ocasião de sua visita à Bahia, este quisera assistir a uma das aulas. Era muito considerado e, portanto, havia probabilidade de conseguir uma cadeira na Academia. Esperava minha mãe que, uma vez o sobrinho bem colocado, meu pai cederia daquilo que ela considerava um capricho. O mesmo insuflava em meu espírito. Quanto a lutar com a vontade paterna, não podia ela pensar em tal, segundo os princípios que me havia incutido e que tão bem se assimilaram em meu espírito.

Não fora eu consultada; portanto, não tivera ensejo de manifestar-me. Sempre ouvira meu pai dizer que não se devia casar uma moça com menos de vinte anos, e melhor seria depois dos vinte e cinco, opinião que era seguida por muitos, principalmente pelos proprietários abastados, sabendo que às suas filhas nunca faltariam pretendentes. Vivia eu assim conformada, sem desprezar os livros.

Havia o Pedro da Trindade, nos últimos dois anos de escola, dado-se um tanto à literatura. De quando em vez, mandava livros à minha mãe, o que não era de estranhar, porque todos sabiam quanto ela gostava de ler. Enviando um em francês, dizia: "Sei que vosmecê não conhece esta língua, mas pode mandá-lo traduzir por sua filha." Nunca tocava em meu nome, parece que com a idéia de que, se alguma dessas cartas caísse em mão de meu pai, suspeitasse ele que conservava alguma esperança de sua malfadada pretensão. Foi assim que pude ler *Eurico, o presbítero*, *O monge de Cister* e *A história de Portugal*, de Alexandre Herculano.[133] Lembro haver dito, então, à minha mãe, ao ler o capítulo "Meditação sobre o promontório" de *Eurico, o presbítero*:

— Isto saiu no *Panorama.*

Guardava eu aquele capítulo de cor pelo muito que o havia apreciado. Como já disse, quando líamos aquela revista, comentava com minha mãe:

— Repare que os melhores escritos são os deste A. Herculano, que não sabia eu ser escritor notável.

Tinha eu, portanto, desde os quinze anos gosto próprio. Ainda hoje entendo que o gosto é uma cousa inata e deve ser todo pessoal, independente de qualquer opinião alheia. A mim, nunca poderia ser aplicada a moralidade do conto do alfaiate que fez para o rei um traje só visível para os dotados de grande inteligência. Pedro da Trindade enviou-nos *Le monde marche*, de Eugene Pelletan, que estava muito em voga, e *De la longevité de la vie humaine*, de Flourens.[134] Este era científico, mas dizia Pedro da Trindade que nós o compreenderíamos. Outros mais nos eram assim enviados. Um dia recebemos um embrulho de músicas: uma valsa e algumas modinhas então em voga. No invólucro, lia-se: "Manoel Saturnino oferece a Santinha." Minha mãe suspeitou que era oferecido pelo outro sobrinho, e, algum tempo depois, perguntando-o a Pedro da Trindade, este negou, porém de modo a aumentar a suspeita.

Manoel Saturnino, havia algum tempo, tinha adquirido comigo certa familiaridade. Meu pai sabia que ele gostava de uma prima com a qual pretendia casar; portanto, pensava que a súa amabilidade para comigo era sem pretensões. Sempre que vinha à nossa casa, procurava-me para me dar um livro ou gazeta onde vinha qualquer artigo interessante, e conversávamos agradavelmente. Não reparou, pois, meu pai na oferta das músicas, que estudei e tive ensejo de cantar em nossas festinhas familiares, pois era eu a *cantora oficial*, como já tive ocasião de dizer nestas *Memórias*.

Aproximava-se a época da formatura de Pedro da Trindade. Logo que imprimiu a tese, enviou um exemplar com oferecimento a meu pai e a minha mãe e um convite a este, um tanto cerimonioso.[135] Convidava-o e à família para assistirem ao ato do

doutoramento. À tia escrevia, particularmente, instando para que não faltasse. Naquele tempo, os oferecimentos nas teses costumavam ser muito numerosos. Qualquer parente ou amigo que não fosse aí contemplado ficava despeitado ou ressentido, julgando-se desconsiderado.[136] Vinha um à viúva de Manoel Paulino, juntamente com o que me era destinado. Transcrevo-o aqui:

"O sentimento que me inspirais é bem semelhante. Não tenho uma só irmã; uma de vós foi a esposa de meu irmão, e a outra é a filha daquela a quem eu dei todo esse amor imenso que eu tinha para minha mãe! Mas esse sentimento não aparece — porque não chega até vós a necessidade dele! Mas Deus sabe quanto vale e quanto pode!"

A Paulino, que já era casado, dizia:

"Lembras-te, Paulino, do que éramos? Ainda bem cedo encontraste a felicidade que tu merecias; e já bem tarde eu encontrei o desengano que procurava! Mas nossa amizade é sempre a mesma!"

A Manoel Saturnino:

"Eu creio que somos muito amigos. E não admira. Há oito anos que sonhamos juntos! Há oito anos que vemos emurchecerem-se, uma por uma, todas as flores de nossas esperanças! E ainda vívidos e tão valentes nos empenhamos na lida, porém sem ambição e sem cálculo!"

Meu pai nada disse ao ler os oferecimentos; minha mãe, porém, notou que ficara um pouco impressionado. Algum tempo depois, disse-lhe ela em tom decisivo:

— Eu vou à formatura de meu sobrinho. Quanto à sua filha, irá se você quiser, porém eu sigo logo com meu irmão.

Ele respondeu calmamente:

— Pode ir, e se ela quiser também vá logo; eu irei mais tarde porque tenho muitos afazeres. E quando vai seu irmão?

— Dentro de poucos dias, porque Jesuina tem de fazer vestido e nós também.

— Darei uma ordem ao correspondente para pôr à sua disposição o dinheiro que for preciso.

Minha mãe ficou surpreendida, e eu exultei. Havia mais de cinco anos que não ia à Capital. Tivera um desejo ardente de ir ao doutoramento de meu tio, o que não nos foi possível. Minha mãe explicava essa condescendência de meu pai pela minha submissão à sua vontade. Combinamos com minha tia partir dali a quatro dias. Ela estava contentíssima. Havia três anos não ia à Capital, depois de lá ter residido oito. Creio que tinha saudades. Entretanto, coitada, não tinha de ali voltar!

— É preciso, dizia ela, irmos com antecedência para largarmos a *casca de tabaroas*; eu, de três anos, vocês de mais de cinco.

Fomos reunir-nos a meus tios, e meu pai, à última hora, disse-me em particular:

— Sei que sempre se portou bem, espero que assim continue, não dando que falar de si...

Isto indignou-me; entendia que não precisava de advertências. Não respondi, porém, nem disse coisa alguma à minha mãe; ele fora, naquela emergência, condescendente: convinha não apurar.

Saímos à tarde para pernoitar no engenho Remédio, de Manoel Joaquim de Araujo Goes, primo de meu pai, distante três léguas e, no dia seguinte, iríamos tomar o trem em Feira Velha, até onde funcionava a Estrada do São Francisco, a primeira que se fez em nossa então Província.[137] Durante alguns meses o comboio só ia até aquela estação provisória, em razão das dificuldades que surgiram na construção do túnel da Pitanga, devidas à qualidade do terreno. Deram-se diversos desmoronamentos, causando grande número de mortes, de sorte que os construtores lutavam com dificuldade para achar trabalhadores. Partimos do Remédio às oito horas da manhã. Quando avistamos a pequena povoação composta de ligeiras casinhas de palha, porque, sabia-se, não seria estação permanente, o trem já havia chegado. Estava eu radiante. Além

dos motivos que me incitavam ao contentamento, desejava muito conhecer a via férrea e nela viajar. Vira as máquinas e vagões em fotografias e entendera o maquinismo pelas noções de Física que adquirira. Conhecê-los, porém, de vista e ali viajar eram coisas bem diversas.

Dirigimo-nos para o hotelzinho do lugar, que identificamos pela tabuleta. Avistamos à janela Manoel Saturnino, e meu tio Pedro Ribeiro, que ia na frente, fez-nos sinal de parar.

Depois de conversar alguns instantes com Manoel Saturnino, meu tio voltou com as feições alteradas e os olhos cheios de lágrimas. Pedro da Trindade havia tido um vômito de sangue e, muito impressionado, resolvera vir para fora mesmo antes do doutoramento. Recomendou-nos de mostrar rosto sereno e, ao entrar no hotel, parecia quase alegre. Pedro da Trindade estava sentado numa cadeira de braços, abafado em um sobretudo, com o pescoço envolvido por uma manta de lã. Não estava muito pálido, mas o emagrecimento era pronunciado. Apertou a todos a mão, sem dizer palavra, e meu tio, perguntando-lhe como se dera aquilo, fez sinal a Manoel Saturnino para responder. Este disse que o Pedro da Trindade tinha tido a imprudência de fazer pintar a casa ficando ali, apesar do oferecimento que recebera de amigos para mudar de residência; que havia tido, naqueles dias, muito trabalho e, estando à noite na sala, onde corria um vento frio, a conversar com algumas pessoas, sobreviera-lhe um acesso de tosse e deitara sangue, não sendo, porém, em grande quantidade.

— Uma pneumonia, decerto, disse meu tio.

Pedro da Trindade sacudiu a cabeça com um sorriso amargo e um olhar triste, que muito me marcaram. Manoel Saturnino prosseguiu:

— Muito impressionado, Pedro resolvera seguir para fora. Aprovei tal resolução, tanto mais que tinha o Pedro que sustentar

a tese no dia seguinte, e sempre lhe custaria aquilo algum esforço, quando precisava completo repouso.

Meu tio concordou, dizendo que veria o sobrinho em breve restabelecido e então este voltaria para receber o grau. Tratou-se do retorno ao Remédio, onde descansaríamos algum tempo. Arranjou meu primo Alexandre, com um amigo que tinha no povoado, montarias. Escolheu-se para o doente a de melhor andadura — passo macio — e partimos, tão diferentes do que tínhamos vindo, com o desconsolo na alma, embora não se houvesse apagado a esperança. Manoel Saturnino voltara para a Bahia no trem que íamos tomar, para dar algumas determinações em casa do Pedro da Trindade, que de nada cuidara em vista da precipitada partida.

Pusemo-nos a caminho e, como andássemos vagarosamente, chegamos ao Remédio ao escurecer. Tratou-se de arranjar o melhor cômodo para o doente, que logo se instalou ali para descansar. Meu primo Alexandre, que estava administrando este engenho de seu pai, por haver este mudado sua residência para outro, era muito afável e, sendo solteiro, pôs toda a casa à nossa disposição. Minha tia Jesuina assumiu logo o cargo de dona de casa, e coisa alguma nos faltou. Pouco depois de se haver Pedro da Trindade agasalhado, chegou Paulino. Meu tio escrevera-lhe de Feira Velha, comunicando-lhe o ocorrido e pedindo-lhe um animal de montaria, que passava pelo de melhor andadura, para que Pedro da Trindade pudesse viajar mais comodamente. Disse Paulino que tinha urgência de falar ao amigo e foi imediatamente admitido no quarto deste.

Nesta mesma noite, conversou minha mãe, particularmente, com o irmão. Estava este muito desanimado. Havia alguns meses, tinha notado no sobrinho sensível emagrecimento, e o pior de tudo era a ausência de separação que tivera de um colega que morrera tuberculoso. Pedro Ribeiro acreditava no contágio da

tuberculose, mesmo nesse tempo em que muitos nele não criam. Pedro da Trindade passara dias e noites no aposento fechado onde o seu amigo Ernesto se encerrara desde que tivera a primeira hemoptise até morrer. Minha mãe apresentava-lhe a circunstância de, em nossa família, não se haver dado caso algum da fatal moléstia, e creio, sobretudo, que ela contava com a proteção divina, como crente fervorosa. Nesta mesma noite, Paulino chamou minha mãe em particular e falou-lhe:

— Em que ocasião vem esta maldita moléstia ao Pedro! Não imagina de que me encarregou meu tio Mathias! Sabendo que eu seguia logo para a Capital, disse-me: "Pode comunicar ao Pedro da Trindade que estou resolvido a aceder ao pedido que ele me fez, há dois anos, da mão de minha filha. Logo que fizer certos arranjos, efetuarei o casamento. Lendo o que ele diz nos oferecimentos a você e a Manoel Saturnino, fiquei abalado. Afinal, ele é um bom rapaz, minha filha quer e achei que devia desistir de certos caprichos. Logo que o veja, dê-lhe o meu recado, para que não receba o grau sob a impressão triste que parece dominá-lo." Ontem mesmo transmiti tudo ao Pedro.

— E que disse ele? perguntou minha mãe.

— Disse que, se soubesse disto há mais tempo, não teria adoecido. Creio que a perspectiva da realização de seu mais ardente desejo pode salvar-lhe a vida, continuou Paulino.

E minha mãe também acreditou. Quando tive daquilo conhecimento, pude entender a recomendação de meu pai que me aborrecera: ele receava que, considerando-me noiva, saísse *um tanto* de minha reserva, e Pedro da Trindade se tornasse *um pouco* mais ousado. Ao levantar-se pela manhã, Pedro da Trindade mostrava-se animado. Tratou-se da viagem ao Sertão. Meu tio Pedro Ribeiro optava pelo Itapicuru, onde tinha fazendas. Pedro da Trindade preferia o Salgado, fazenda que possuía no termo do Tucano. O clima era de uma salubridade admirável. Tendo ido ali nas férias,

não vira um só caso de tuberculose nos doentes que o procuraram, o que não se dava em Itapicuru. Foi, pois, assentado que ele iria para o Salgado. À tarde seguimos para a residência de meu tio Pedro Ribeiro, e, depois de poucos dias de descanso, partiu Pedro da Trindade para o Sertão; o tio acompanhava-o. Voltando do Salgado, Pedro Ribeiro parecia muito esperançado: a viagem correra bem, e ele verificara a salubridade do clima.[138]

Capítulo XXI

Daqui em diante narrarei sucintamente os acontecimentos ocorridos. Dizem que os velhos vivem de recordações, na suposição que o recordar-se é sempre grato ao velho: engano! As lembranças, se tristes, vêm reabrir feridas que nunca cicatrizaram completamente no coração — tal é a propriedade deste órgão, moralmente considerado. Se alegres, trazem-nos à memória os companheiros da mocidade, e essas imagens são tão vivazes, tão repletas dos sentimentos que outrora as animaram que, ao lembrarmo-nos que desapareceram para sempre da cena da vida, sentimos imensa, infinda saudade!

Dois ou três meses depois, Pedro da Trindade escreveu à minha mãe. Estava radiante. Julgava-se curado e falava da felicidade que o aguardava. Também escreveu a meu pai. Este, porém, mostrou-se frio, como sempre se manteve desde o aparecimento do mal de que fora atingido o malfadado jovem. Minha mãe mencionando que era preciso cuidar de alguns aprestos necessários ao enxoval, ele respondera: "Acho muito cedo para acreditar na cura de um mal tão falacioso. Passo algum darei, por ora, para efetuar esse casamento." Foi um motivo de questão entre os dois. Ela guardava sobre o marido uma prevenção supersticiosa. Ele tinha o que o povo chama *boca de praga*, realizando-se sempre seus conceitos. Aquela falta de fé no restabelecimento do sobrinho impressionou-a penosamente. Não me disse, então, coisa alguma, para não me desanimar.

Aconteceu o que meu pai receava: o terrível mal estava apenas adormecido. Para despertá-lo, bastou uma imprudência. Pedro recebera um chamado para fazer um parto. Fez uma viagem de vinte léguas, passando uma noite ao relento. O mal reapareceu violento, inexorável. No dia 1º de junho de 1863, extinguiu-se aquela existência, tão esperançosa e confiante no futuro, tão falha em suas aspirações! Minha mãe, cuja dedicação não recuava ante qualquer sacrifício, fez, com incrível precipitação, uma viagem de quarenta léguas. Temia chegar tarde, como sucedera quando atendera ao chamado do outro sobrinho. Teve a consolação de prestar a Pedro da Trindade, nos últimos dias, desvelos maternais. Logo que saiu o corpo, acompanhado por meu tio, para o Tucano, em cuja matriz foi sepultado, minha mãe pediu a um seu afilhado para acompanhá-la à nossa casa. Sonhara que me via muito doente e abatida — e realmente estava. Fora, porém, obrigada a passar dois dias em Alagoinhas, sendo atacada de febre provocada pelas aflições e pelo cansaço. Chegou no dia 5 de junho. A volta de minha mãe era, para mim, a certeza do desenlace fatal. Ela, tirando coragem do amor materno e com a força de vontade que lhe era peculiar, tentou iludir-me. Entrando no quarto onde eu já me achava agasalhada, com rosto sereno disse:

— Pedro teve uma melhora considerável. Sonhei que te via doente e fiquei muito aflita, tanto que teu tio concordou com que eu viesse, com a promessa de voltar logo que recuperasses a saúde.

— E com esta melhora de Pedro, perguntei, meu tio tem alguma esperança?

— Um pouco, minha filha, bem sabes que ele é muito desanimado. Mas vai cuidar em dormir, que vou fazer o mesmo, pois estou cansadíssima.

Era o meio de evitar perguntas. Então fiquei na situação anormal a que somos levados em certas ocasiões. A razão dizia-me que minha mãe me enganava, e eu me esforçava por acreditar em suas

palavras. É que o meu ser sensível não se achava com força para suportar o golpe. Será o instinto da conservação que nos leva a fugir à realidade terrível, que poderia aniquilar-nos? Já presenciei situação idêntica com pessoa de minha família. No outro dia, foi-me revelada a verdade. Passamos tempos entregues à mais inconsolável dor.

Meu tio Pedro Ribeiro, que também sentira muito a morte do sobrinho, a quem prezava como filho, pensou que a melhor diversão para meu espírito seria a leitura. Indo à Capital, falaram-lhe dos romances de Camilo Castelo Branco, então muito em voga.[139] Pouco dado à literatura, não os conhecia; comprou, porém, alguns volumes que me ofereceu. Aprendi depois que as obras de Castelo Branco não devem ser lidas por moças, pelo menos por algumas; mas, naqueles últimos tempos, minha mãe já não fazia muita escolha de leitura para mim. Creio que, supondo possuir eu princípios de moral bastante sólidos, entendia não haver perigo. Como se enganava! Se tais leituras não abalavam meus princípios, tornavam-me um tanto romanesca e exaltada, o que é sempre prejudicial. Pessoas de nossas relações emprestavam-nos de quando em vez alguns livros. Foi então que li *Os miseráveis*, de Victor Hugo, *Raphaël*, de Lamartine, e outros de autores hoje menos considerados.[140] A leitura ocupava-me a maior parte do tempo. Comecei a fantasiar uma existência consagrada à caridade — caridade semelhante à do Príncipe Rodolfo, o herói de *Os mistérios de Paris*, isto é, com prévio conhecimento da verdadeira pobreza honesta e fugindo à gratidão do beneficiado.[141] Como não podia pôr em prática este viver filantrópico, contentava-me em auxiliar minha mãe, que nunca deixou de exercer a beneficência. Dediquei-me também ao mister de enfermeira — para o qual creio que tinha algum jeito — com os escravos que, dizia minha mãe, eram os primeiros pobres, e também com os agregados, visitando-os, fornecendo-lhes medicamentos, etc. Os escravos adquiriram ta-

manha fé em mim que diziam: "Sinhá tem tão boa mão, que o doente de que ela toma conta não morre." Eram a dedicação e o cuidado, que me levavam a sacrificar até algumas horas de sono para cuidar do enfermo.

Havia decorrido um ano, e meu organismo de moça robusta tinha reclamado os seus direitos. Voltaram-me as boas cores e o aspecto saudável. Algumas de minhas primas me perguntavam:

— Você não quer mais se casar?

— Não, respondia. E, com as mais íntimas, ajuntava: só se deve amar uma vez.

Era o romantismo, com todo o seu cortejo de ilusões...

Por esse tempo, começou meu pai a sofrer do mal que o fez padecer durante quinze anos, terminando com a morte: um sofrimento da medula que lhe trouxe a paralisia lenta dos membros inferiores. Tinha quarenta e seis anos, estava com a casa em muito bom pé e em caminho de prosperar e gozar o fruto de seu trabalho. Quando a fraqueza das pernas se tornou sensível, ele consultou o cunhado, que, depois de animá-lo com a perspectiva de cura, disse-nos, em particular, ser a moléstia incurável. Iria a fraqueza das pernas aumentando gradualmente, invadiria os membros superiores e, finalmente, todo o organismo. Mesmo assim, não foram poupados esforços para lhe restituir a saúde, mas tudo foi baldado. A previsão se realizou e meu pai faleceu aos sessenta e dois anos, quando a morte já foi para ele um bem, pois a paralisia lhe tomara todo o corpo e começara a invadir até a língua.[142]

Um de meus netos tem o nome de meu pai, Mathias. A ele dirijo-me, repetindo um trecho de uma carta que seu tio materno Antonio Mariani, de saudosa memória, enviou ao sobrinho, ao outro neto meu, Clemente: "Tens o nome de teu bisavô que foi simples fazendeiro. Teve ele um irmão, o Barão da Vila da Barra,

que ocupou elevada posição, sendo além disto cientista e homem de letras.[143] Entendo, porém, que não teve maior valor moral que teu bisavô, que era de uma probidade ilibada, filho e irmão dedicadíssimo e pai exemplar. Deves, pois, ufanar-te de ter o seu nome." Assim, pois, meu neto, podes também te ufanar do nome de teu bisavô Mathias, cujo lema foi, em toda a sua vida, *Honra, Trabalho e Dignidade.*

Meu pai não se iludia sobre a gravidade do mal. Em virtude de certos incômodos de saúde, havia ele se dado à leitura do Chernoviz: é isto um grande mal para os leigos na Medicina.[144] Começou a mostrar-se triste e apreensivo. Entretanto, foram aparecendo pretendentes à minha mão. Estender-me-ei mais, para dar a conhecer como eram feitos, naquele tempo, tais contratos. Ao primeiro, sem me consultar, meu pai retrucou que eu não me queria casar. Era o modo de dar, cortesmente, uma resposta negativa. O segundo era um médico, de boa família, e que podia ser considerado um partido vantajoso. Meu pai disse ao intermediário que, dentro de oito dias, daria a resposta. Este disse-lhe que louvava aquele procedimento de um pai nimiamente zeloso. Compreendeu que desejava ele *obter informações.* Antes mesmo de tê-las, meu pai chamou-me particularmente para me consultar. Conhecia eu o candidato apenas de vista. Retorqui de modo decisivo que não queria casar e que ele podia dar logo a negativa ao pretendente. Meu pai vexou-se:

— Por que não queres? Antipatizas com este moço?

— Não. Simplesmente porque não quero casar.

— Não pensas então na posição precária em que fica uma moça solteira quando perde os pais? Sei que não hei de viver muito, e nem ao menos tens um irmão para te amparar.

Não respondi, mas compreendeu ele que eu não mudara de resolução. Ora, até ali, mais de um ano após a morte de Pedro da

Trindade, meu pai nunca me tocara em casamento, nem mostrara perceber minha resolução de não casar, aliás bem patente. Não me contrariara, contando com o poder do tempo, cuja lima surda tudo gasta ou pelo menos embota as mais acuradas setas que a desdita atira ao frágil coração humano.

Deixou-me meu pai e, pouco depois, foi ter com o meu tio Pedro Ribeiro. Pedro Ribeiro é que então dava o *tom* a todos os negócios de nossa família, particularmente quanto a mim e à minha mãe, que o prezava como filho, tendo-lhe prestado, na infância, desvelos maternais. Pedro Ribeiro deu razão a meu pai e, perguntando-lhe este o que achava do candidato, respondeu que apenas o conhecia de vista e que talvez o Manoel Saturnino, que fora dele contemporâneo na Academia, pudesse dar informações a seu respeito.

Consultado Manoel Saturnino, disse este que o pretendente não era mau rapaz, notando apenas que era violento e orgulhoso. E, sabendo quais eram suas pretensões, acrescentou: "Acho que ela fazia melhor casamento com o Socrates." E relatou a meu pai a conversação que mantivera, havia pouco tempo, com as pessoas da família de Socrates, de quem era muito íntimo. Dizia a mãe, D. Maria Francisca, que desejava, quanto antes, ver o filho casado com uma moça boa, dela conhecida, porque receava que ele se afeiçoasse a alguma com a qual ela não pudesse viver. Era-lhe insuportável a idéia de separar-se do filho único.

— Conheço uma, disse Manoel Saturnino, com a qual sei que a senhora poderia viver perfeitamente: é minha prima Santinha. Se Socrates casar com ela nunca a senhora precisará separar-se de seu filho!

Dissera então Socrates:

— Com ela casaria eu de boa vontade.

— Mas esta, contestou D. Maria, parece que não quer mais casar.

Então o Major Rodrigo, pai de Socrates, homem prático, replicara:

— Uma moça de vinte anos! Mudará de opinião: o caso é encontrar um pretendente que lhe agrade.

Chegando a casa, meu pai logo me relatou a conversação que tivera com o Manoel Saturnino, perguntando-me se aceitava o novo candidato. Respondi que não; mas ele, muito atilado, compreendeu que a minha negativa não fora tão formal como da outra vez e concebeu a esperança de vencer minha resistência, o que depois soube fazer. Sem instar, deixou-me e foi ter com meu tio, que acabou de resolver as dificuldades.

Ora, não estávamos mais no tempo de se casarem dois desconhecidos, como sucedera com minha mãe. Eu conhecia Socrates por haver ele ido à nossa casa em companhia de Manoel Saturnino. Este, como já disse, tratava-me com certa familiaridade, que se estendeu ao seu companheiro, permitindo-me algum desembaraço, e conversamos agradavelmente. Não podia, então, haver a menor idéia de vir ele a ser meu marido. Pedro da Trindade ainda existia; Socrates, que era seu amigo, conhecia sua afeição por mim e sabia finalmente estarem removidos os obstáculos que se opunham à nossa união.

O pedido foi feito a meu pai em fevereiro, e realizou-se o ato a 9 de maio de 1865. O enxoval não era motivo de adiarem-se tais enlaces. Confeccionava-se o que era indispensável para os primeiros dias, e depois ia-se fazendo o mais. Sofri um tanto em meu amor-próprio, ou antes, vaidade. Quando se propalou a notícia do meu casamento, alguns duvidavam, e minhas primas tiveram a franqueza de dizer-me que, a princípio, não acreditaram porque eu sempre cumpria o que dizia. Tive o bom senso de responder que, desta vez, mudara de resolução e, sem dar explicações, tratava de outro assunto. É assim que, nas menores coisas, vemos castigada a vaidade humana.

O ter sido noiva de outro não podia suscetibilizar aquele que me desposara. Amigo íntimo de Pedro da Trindade, tinha conhecimento de que, entre mim e ele, nunca fora trocada uma palavra de amor. Demais, sabia Socrates, pelo que se passara no nosso noivado, que, se fosse este desfeito na véspera do casamento, nada houvera que pudesse melindrar aquele que viesse a ser depois meu marido. No que relatei, não tenho em mira proclamar-me possuidora de um recato excepcional. Outras moças do Recôncavo, nessa época, casavam em idênticas condições. Também não pretendo preconizar esses costumes, que não se coadunam com a civilização atual. Não posso, porém, eximir-me de reprovar a demasiada liberdade de que gozam hoje os noivos. Os noivados que parecem mais realizáveis, às vezes se desfazem, e dessa liberdade só podem advir inconvenientes e aborrecimentos.

Fui feliz em meu casamento, esposa amada e respeitada, mãe a quem os filhos jamais deram desgostos. Se passei trabalhos e aborrecimentos, estes não foram dados pelos membros de minha família e, portanto, são suportáveis.

Capítulo XXII

Socrates, meu marido, nasceu em 19 de abril de 1843. Foram seus pais o Major Rodrigo Soares de Araujo e sua mulher, D. Maria Francisca de Bittencourt Sá e Aragão. O Major Rodrigo era parente dos Goes do Catu — família de meu pai —, com os quais se conservava relacionado. Quanto a minha sogra, que comigo conviveu desde o meu casamento, pude dela colher algumas noções sobre sua família. Estas noções estendem-se até seus avós, D. José Felipe e D. Anna de Sá e Aragão. A esta senhora, minha sogra não poupava elogios, dizendo que era uma mulher de excepcional virtude, espírito generoso e abnegado. Seu filho, D. Francisco, foi homem de notável mérito, e, além do testemunho da filha sobre ele, tive o de minha mãe, cujo pai, Pedro Ribeiro, fora seu companheiro na luta da Independência.[145] D. Francisco foi o primeiro dos briosos baianos que, deixando suas famílias e haveres, foram voluntariamente oferecer seu braço ao serviço da pátria. Contava minha mãe que, os dois sendo designados para uma expedição julgada perigosa, dissera D. Francisco: "Como somos os mais velhos, entendem que estamos mais no caso de morrer." Dizia isto por troça, porque decerto estavam lisonjeados da confiança do General *Santinho*.[146]

Uma das provas que dava minha sogra do caráter honrado do pai era que, tendo ele casado aos quatorze anos com uma senhora de trinta e seis, sempre respeitou e estimou a esposa, sendo marido exemplar. Um de seus parentes disse a minha sogra, depois da

morte de D. Francisco: "Seu pai não podia deixar de ser bom, sendo filho de sua avó, que foi uma verdadeira santa."

D. Maria Francisca herdou o belo caráter de seu pai. Criteriosa, de ânimo enérgico e generoso, sempre mereceu o mais elevado conceito de todos que com ele conviveram. Quando a conheci, tinha sessenta e cinco anos. A velhice, como é natural, já lhe decompusera os traços fisionômicos, aos quais faltavam, ademais, a animação dos olhos, apagados pela cegueira quase completa. Era de estatura bastante baixa. Sobre isto, acode-me uma observação: muita gente acredita que a elevada estatura torna respeitável o aspecto do indivíduo; engano: é a expressão que inspira o respeito. Minha sogra tinha um semblante essencialmente respeitável. Esse ar, porém, altivo ou severo, era modificado pela expressão bondosa do sorriso, que a tornava simpática e atraente.

Além de muito inteligente, fora criada em um meio bastante culto para aquela época. Um de seus primos casara com uma senhora portuguesa de fino trato, e, comunicando-se D. Maria Francisca com ela assiduamente, pois os engenhos em que moravam eram vizinhos, adquirira maneiras corretas e distintas que a salientavam entre as senhoras do Recôncavo, quase todas de cultura muito restrita. Aquela senhora portuguesa prezava a leitura e, conhecendo a língua francesa, tinha muitos romances de autores daquele idioma. Um seu irmão ofereceu-se para ensiná-la a D. Maria Francisca, vendo-a mostrar pesar de não a conhecer.

Na velhice, em completo estado de cegueira, entretinha-se a contar histórias à família e o fazia com graça e clareza, proporcionando-nos horas agradáveis nas noites monótonas do campo. Ao neto que adorava, contava histórias maravilhosas, próprias a interessar a imaginação das crianças. Quando fui avó, escrevi um desses contos — A filha do gigante — para minha neta Anita. Prendera-me a atenção por não fazer parte do repertório que eu, como todas as senhoras do campo, possuo para entreter as crian-

ças. Estou a vê-la, com os cabelos brancos suspensos acima da nuca por um pequeno pente e o vestido de cretone de modelo antigo e invariável, gola baixa e mangas compridas, corpo liso terminando em forma de bico, sobre a saia larga, lisa e franzida na cintura. Ao pescoço, um grande lenço de seda de ramagem cruzado sobre o peito, cobrindo-lhe inteiramente o colo. Sobre os ombos, um xale de lã escura cujas pontas lhe pendiam aos lados. Notava-se nela extremado asseio, e as fazendas de seu uso eram sempre de superior qualidade, em seu gênero.

O seu porte, as suas maneiras, faziam lembrar esses tipos de fidalgos lusitanos que tenho visto descritos pelos literatos de Portugal. E, embora sem fatuidade nem ostentação, via-se que ela se prezava de descender de nobres famílias portuguesas; porém o que mais a distinguia era o amor materno, que parecia absorver a maior parte de seu enérgico sentir. Havia, neste ponto, grande analogia entre ela e minha mãe. Desde que tivera filhos, fizera o propósito de não se separar deles. Deixou tudo, lutando com inúmeras dificuldades, para acompanhá-los à Capital quando foram estudar.

Relato aqui um episódio passado então, não só para provar quanto D. Maria Francisca soube bem educar os filhos, como para mostrar o que eram os mestres daquele tempo. Na Bahia, meu sogro dirigiu-se a Frei Lourenço, tido como professor exímio, porém muito rigoroso. Recomendado por um amigo, foi bem-recebido pelo sacerdote e ousou manifestar-lhe o desejo de que os filhos não sofressem castigos corporais.

— Senhor Major, disse o frade, nenhum pai até hoje tem-me feito semelhante recomendação!

— Se assim procedo, tornou meu sogro, é porque minha mulher educou os filhos de tal modo que nunca precisaram de castigo. O professor de primeiras letras, que começou inclusive a ensinar o latim ao mais velho, poderia dar-lhe disto testemunho. Experimente.

— Ao menos que eles não o saibam! tornou o padre.

Algum tempo depois, Frei Lourenço disse ao Major Rodrigo:

— O senhor tinha razão; nunca vi rapazes mais bem-comportados, e o mais velho é um dos meus primeiros discípulos. Dou-lhe os parabéns por ter esposa que tão bem soube educar os filhos.

Tendo minha sogra a infelicidade de perder o filho mais velho, José, com a idade de dezessete anos, conservou desta perda uma dor tão pungente que, poucos dias antes de morrer, disse-nos: "Hoje faz vinte anos que perdi meu filho!" E havia tal expressão de dor na sua voz e nas lágrimas que lhe brotaram dos olhos, que todos os que ali estavam não puderam deixar de chorar. Conhecíamos o triste aniversário pela profunda tristeza que a acabrunhava e porque, nesse dia, nunca deixou de mandar celebrar uma missa em memória do malogrado moço.

Relatava minha sogra alguns episódios da curta existência do filho, para mostrar quanto era ele bom, brioso, possuindo excepcional força de vontade. Quando o pai lhe declarou que ia levá-lo à Capital para estudar, manifestou grande alegria. Um seu irmão paterno, Rodrigo — nascido do primeiro casamento de meu sogro —, disse-lhe a gracejar:

— Pensam que Cazuza está contente porque vai estudar? Está alegre porque espera passear e divertir-se na Bahia.

Ele tornou-se sério e nada disse. Estando na Bahia, aí chegou uma companhia de teatro com fama de boa, e minha sogra disse-lhe que fosse uma vez ao espetáculo, que isso não lhe prejudicaria o estudo.

— Não irei, respodeu, porque, no fim do ano, quero provar a Rodrigo que vim estudar e não me divertir.

Coitado! Já próximo aos exames, que provavelmente seriam para ele os primeiros louros, foi arrebatado pela morte. Vitimou-o a febre amarela.

Nos últimos anos de sua existência, encontrou minha sogra grande consolação no amor dos netos. Principalmente minha segunda filha, tendo a idade de cinco anos e sendo de gênio muito expansivo, fazia-lhe muitos carinhos, que a encantavam. Um dia disse-lhe:

— Meu anjo, é de ti que levo mais saudades.

— E de seu filho? disse-lhe minha mãe a gracejar.

— Bem sabe, minha prima, respondeu, que o amor dos netos vem do amor dos filhos; demais eu quero igualmente a meus três netos. Mas esta é tão meiga e me faz tantos carinhos...

Morreu aos setenta e cinco anos de idade, sem apresentar nenhum vestígio de caduquice, deixando imensa saudade não só ao filho, que a idolatrava, como a toda a família.

O filho, Socrates, por ela educado em sãos princípios de moral e que herdou seus bons sentimentos, divergia dela em alguns pontos. D. Maria Francisca tinha a seriedade natural que não excluía afabilidade; ele tinha gênio alegre e naturalmente espirituoso, gostava de gracejar. Viera-lhe esta qualidade do pai. Ela acreditava na nobreza do sangue; ele era essencialmente democrata. Lembro-me de um episódio passado entre mãe e filho. Conversava minha sogra com minha mãe e dizia-lhe:

— Minha prima, as pessoas de sangue nobre podem ter muitos defeitos, mas nas grandes ocasiões mostram sempre certa nobreza de caráter.

Chegando Socrates neste momento, replicou-lhe:

— Como se engana, minha mãe! Isto seria no seu tempo. Conheço descendentes das antigas famílias de seu conhecimento que praticam ações mais vis e infames do que a mais baixa canalha.

E apresentou alguns exemplos. Ela sorriu-se com a expressão de quem não está convencida. Vão lá fazer um velho mudar de convicção! Ainda encontrei alguns objetos de Socrates marcados

assim: Socrates de Araujo Bittencourt Sá e Aragão. Entretanto, ele matriculou-se — decerto com alguma resistência dos pais — como Socrates de Araujo Bittencourt. Perguntando-lhe eu a razão disto, respondeu:

— Sou parente do Imperador para ter uma longa série de sobrenomes? Acho uma coisa ridícula. Tendo Araujo, de meu pai, e Bittencourt, de minha mãe, é bastante.

Casamo-nos em maio de 1865, estando Socrates no início do terceiro ano do curso médico, com a idade de vinte e dois anos. Tinha eu a mesma idade, com pouca diferença. Nasci a 31 de janeiro de 1843, e ele a 19 de abril do mesmo ano. Foi o nosso consórcio promovido, como já disse, por um meu primo, o Dr. Manoel Saturnino de Araujo Goes, amigo de ambas as famílias. Propondo o casamento, disse a meus pais:

— Filho de uma senhora tão boa e sensata e por ela educado, Socrates não pode deixar de ser um bom marido.

Socrates foi sempre marido exemplar: poderia tomar como testemunha todo o Catu. Quando minha sogra disse um dia a meu primo Manoel Saturnino que temia casasse o filho com uma moça com a qual ela não pudesse viver, ele lhe respondeu:

— Se Socrates casar com Santinha, nunca a senhora precisará separar-se de seu filho.

De feito, só a morte a separou de nós. Não foi, portanto, desmentido o conceito do Dr. Manoel Saturnino.

Era Socrates dotado de inteligência vigorosa e de extraordinária memória, não sendo porém muito estudioso. Contava ele que o preparatório que mais estudou foi o latim, apavorado com a palmatória de Frei Lourenço. Ignorava a recomendação feita por seu pai, e, quando via o frade, que era alto e corpulento, meter a palmatória até em homens de barba, aos quais saltavam as lágrimas dos olhos, com o excesso da dor, dizia consigo:

— Se este frade me pega, estou morto!

Quando encontrava alguma dificuldade na lição, chorava de ensopar a página do livro.

Desgostosos com a morte do filho mais velho, os pais de Socrates trouxeram-no para o engenho e só depois de dois anos é que se animaram a levá-lo a continuar os estudos. Nestes dois anos, aprendeu um pouco do latim com um velho professor, vizinho de meu sogro, e deu-se muito à caça e à pesca, para as quais conservou muito gosto até idade adiantada. Os pais davam-lhe, para isto, toda a liberdade, com o intuito de robustecê-lo, pois o espantalho que perseguia a pobre mãe era a idéia de perder aquele filho. Minha sogra jamais quis que ele freqüentasse colégios que tivessem *fama de rigorosos*, como os havia nesse tempo. Estudou, pois, folgadamente. Por isso, só se matriculou na Academia aos vinte anos.

Eu, que durante algum tempo estive em casa de meu tio Pedro Ribeiro quando este era acadêmico e observava-o — bem como alguns sobrinhos que com ele residiam — estudar assiduamente, vendo Socrates depois de casado não se entregar inteiramente aos estudos, fiquei apreensiva e pedi a minha mãe para interrogar o irmão, lente de uma das matérias que Socrates estudava. Respondeu meu tio que eu não tivesse receio, que Socrates sempre se saía bem quando era chamado à lição, tinha muita inteligência e desembaraço e, se fosse mais aplicado, seria um dos primeiros da Escola. De fato, sempre teve boas aprovações.

Muito benquisto na Escola, Socrates teve convite de alguns lentes para se propor a um lugar de opositor, que vagara nessa ocasião. Não aceitou, por duas razões: a primeira foi que ele, casando-se, tinha prometido a meu pai — já atacado de paralisia — encarregar-se da administração do engenho, uma vez formado; demais, era usual entre os filhos de proprietários ricos ou abastados, granjearem o diploma médico mais como um título hono-

rífico do que como um meio de subsistência. Preferiam a vida tranqüila e despreocupada do lavrador às vantagens que lhes poderiam advir do diploma. Tarde arrependeu-se Socrates dessa resolução. Exercia a medicina por humanidade e para obsequiar parentes e amigos.

Durante alguns anos, repartiu a existência entre os cuidados da família e a administração dos bens. Antes da formatura de Socrates, já tínhamos um filho — Pedro.[147] Esse meu primeiro filho pouco trabalho me deu, porque minha mãe encarregou-se de criá-lo — ela, que sempre foi mãe exemplar, tornou-se também avó extremosa. O menino com ela dormia, e só o mandava aos meus aposentos para tomar a alimentação infantil, visto ter querido eu mesma amamentá-lo. Era muito afetuosa com os outros netos, mas notávamos alguma preferência para com o mais velho, embora o negasse, porque, em tese, ela reprovava muito a diferença de afeição que alguns pais manifestavam entre seus filhos. Era esse, porém, um dos poucos casos em que a sua teoria estava em desacordo com a prática.

Quatro anos e alguns meses depois, já no engenho, tivemos uma filha, Maria Francisca, e algum tempo depois, outra — Joanna Josefina (Sinharinha). Sempre foi Socrates pai extremoso. Nunca os filhos receberam dele o mais leve castigo corporal, nem mesmo uma repreensão áspera. Pelo contrário, as poucas vezes que empreguei tais meios corretivos sempre lhe mereci censura, argüindo-me ele de impaciência e procurando provar-me que, com meios brandos, tiraria melhor resultado.

Com as duas filhas, o pai nunca poupou cuidados e sacrifícios para sua educação. Ainda mais, empenhava-se em proporcionar-lhes, bem como ao irmão, todos os prazeres lícitos em harmonia com sua idade. Como eu era solidária com ele neste modo de proceder, disse-nos um dia um de nossos amigos:

— Este sistema de fazer em tudo a vontade aos filhos tem um incoveniente: quando chegarem eles à maioridade e tiverem de sofrer as contrariedades e decepções que o mundo fatalmente nos oferece, sentirão duplamente.

Tornei-lhe eu:

— Em qualquer idade as dores e decepções serão para nós igualmente penosas.

E Socrates acrescentou:

— Que ao menos eles conheçam que, enquanto estiveram em minha companhia, fiz o que de mim dependia para torná-los felizes.

Quando o menino chegou à idade de aprender as primeiras letras, Socrates procurou um professor que lecionasse em casa. Não queria sujeitá-lo cedo às disciplinas colegiais, ele que tinha sempre sido tratado com todo o carinho e delicadeza. Aí também interveio minha mãe.

— O internato de uma criança em um colégio, dizia ela, é uma coisa muito perigosa. Poderá encontrar meninos de má índole, viciosos; e, se tem a desgraça de a eles afeiçoar-se, está perdido o menino, principalmente se é de pouca idade. Toda a vigilância do diretor é improfícua. Todos sabem que, nos primeiros anos, a natureza é, como a cera, maleável. Só mais tarde é que adquire alguma consistência para resistir ao contato do mal, que todavia não deixa sempre de ser muito nocivo à mocidade!

Socrates não desejava para o filho um desses professores, como apareciam neste tempo lá por fora, ensinando um português viciado, o que fazia com que os rapazes que tinham de prosseguir nos estudos em colégios lutassem com dificuldade em se libertar de certos erros que lhes acarretavam a troça dos companheiros. Felizmente, encontrou um homem que, tendo feito os preparatórios, não se matriculara em Medicina por falta de recursos, empregando-se em um colégio da Capital para ensinar. Um pro-

prietário, oferecendo-lhe vantagens, convidou-o para um engenho pouco distante do nosso. Como estivesse pouco satisfeito ali, Socrates, que tivera ocasião de apreciá-lo, convidou-o a ensinar ao filho, juntamente com outros filhos de proprietários, com a condição de residir em nossa vivenda. Apto para o magistério, esse professor possuía um dos melhores caracteres que tenho conhecido. Durante os quatro anos que conosco residiu, pode-se dizer que fez parte da família. Chamava-se Guilhermino Augusto Borges.

No fim do terceiro ano, declarou-nos que não podia continuar; sentia-se doente, demais cansado de ensinar:

— Se todos os meninos fossem como o Pedro, disse-nos, não me aborreceria. Mas tenho de lutar com meninos vadios, outros de estupidez invencível. Vou ver se arranjo outro meio de vida.

Manifestei-lhe quanto sentia tal resolução. Contava que ele ficasse mais um ou dois anos, porque, estando meu filho quase preparado, leva-lo-ia a um colégio da Capital onde esperava que, em pouco tempo, ele estaria habilitado a matricular-se.

— Ainda mais sinto, disse-lhe, porque presentemente não podemos levá-lo à Capital, e bem sabe quanto a interrupção do estudo é prejudicial aos meninos.

Então prometeu ele ficar mais um ano para me satisfazer.

Socrates julgando conveniente que o Guilhermino usasse de banhos de mar, auxiliou-o para que fosse a uma praia tomá-los. De fato, no princípio do ano voltou muito melhorado. Infelizmente, depois de alguns meses, foi chamado para ver uma irmã que se achava gravemente doente de tuberculose. Faleceu ela pouco tempo depois, e o irmão voltou abatidíssimo. Explicou seu estado pelo desgosto e trabalho que lhe dera a irmã, a ele muito afeiçoada, não o deixando afastar-se dela um instante. Em poucos meses, declararam-se no Guilhermino os sintomas do terrível mal. E ainda há quem duvide do contágio de tal moléstia!

Examinando-o, Socrates desanimou. Diziam os seus colegas que os diagnósticos de Socrates eram sempre seguros em moléstias pulmonares. Ainda aconselhou Guilhermino a ir para o Pombal, cujo clima é um dos preconizados para as tuberculoses; mas, algum tempo depois, tivemos notícias de sua morte, vinda por uma das pessoas a quem Socrates o recomendara naquele lugar. Estendo-me sobre estas circunstâncias, porque me é grato falar de um homem a quem, com meu marido, dediquei profunda estima e reconhecimento, pela boa direção que deu aos primeiros estudos de meu filho.

Com os netos, Socrates foi também avô dos mais carinhosos. O Clemente, que meu filho nos deu para criar, foi o encanto dos últimos anos do avô. Outra netinha, Maria das Mercês, que minha filha Sinharinha criava, era por ele adorada, sendo porém depois o motivo da mais cruenta dor, quando morreu aos quatro anos de idade. Sofria de um mal incurável. Dizendo um dia alguém a Socrates "deve pedir a Deus que a leve", tornou-lhe ele: "nunca poderei fazê-lo, Deus que é Onipotente, pode dar-lhe a saúde, e é isto que eu peço." Sempre que se falava nessa menina, via-se o profundo pesar que ele experimentava.

Como médico, Socrates foi sempre humanitário e desinteressado. No Catu, principalmente nos arredores de nossa propriedade, ainda hoje os pobres lamentam a sua morte, confessando a falta que a todos fez. Recordo um episódio que se deu pouco antes de sua morte. Tendo tomado ligeira refeição, saíra a cavalo pela manhã. Voltando, encontrou, antes de se apear, um homem que vinha chamá-lo para ver uma mulher que se achava nas dificuldades de um parto. Sem entrar em casa, seguiu o indivíduo a sua residência a mais de uma légua de distância. Ao voltar, muitas horas depois, encontrou à porta Sinharinha e disse-lhe, com a voz enfraquecida:

— Minha filha, dá-me um prato de sopa, estou a cair de fraqueza.

Confortado com esse alimento, contou-nos o que lhe sucedera: feito o parto, o homem, nem pessoa alguma de casa, disser-lhe ao menos *Nosso Senhor lhe pague*, ainda usado pela gente do campo, e apenas perguntara:

— O Senhor Doutor acerta com o caminho, para me dispensar de acompanhar?

— Acerto, respondeu. E teve até vontade de rir, à vista desta prova de ingratidão dos homens.

Quanto à vida pública, foi Socrates sempre de uma probidade sem mácula. Dentre muitos episódios que o provam, relatarei somente um. Por pedido de um amigo, ele fizera uma compra fantástica de uma fazenda pertencente a certo indivíduo que, perante a razão e a consciência, tinha todo o direito, mas que era ameaçado de uma usurpação com probabilidade de bom êxito. Algum tempo depois, esse indivíduo inimizou-se com Socrates, que nunca se lembrou de servir-se daquela circunstância para exercer qualquer vindita. Quando aquele homem precisou, para os arranjos de sua vida, vender a dita fazenda, sem ousar dirigir-se a Socrates, o fez por meio de uma pessoa de nossas relações. "Não receava", dizia ele, "que o Sr. Socrates lhe tomasse a fazenda, porque conhecia a sua probidade, porém temia que não se prestasse a passar a escritura de venda." Socrates respondeu imediatamente:

— Diga-lhe que não precisava empenho algum para isso, que sempre respeitarei o que foi feito no tempo da amizade.

E logo foi passada a escritura, que ele e eu assinamos.

Vendo-se forçado a imiscuir-se na política, como acontece usualmente aos proprietários rurais — dizem que para não serem esmagados por aqueles que acompanham os governos —, Socrates sempre afirmava que as manobras políticas eram contrárias à sua

índole, e algumas vezes deixou de auferir vantagens, para não faltar à sua palavra. Dizia às vezes:

— Não deixo isto inteiramente porque ainda posso precisar para a colocação de meu filho.

De feito, quando meu filho entrou para o Tribunal, ele retirou-se completamente, só se prestando, com o seu prestígio pessoal, a auxiliar a alguns parentes e amigos em ocasiões difíceis.

A sua natural bondade nunca se desmentiu. Indulgente para com as faltas dos outros, sempre achava desculpas para minorá-las quando eu lhe fazia alguma queixa ou observação a respeito, e perdoava de coração limpo as ofensas, diante de qualquer manifestação de afeto ou arrependimento daquele que o ofendera. Se a bondade é a melhor qualidade do homem, segundo diz Ellik Morn — e eu com ele inteiramente concordo —, não hesito em dizer que Socrates foi um dos melhores homens que tenho conhecido.[148] Seus filhos podem atestá-lo, e os netos que deixou ainda na infância devem acreditá-lo mediante o testemunho de seus pais e o meu, que com ele convivi quarenta e dois anos. Podem, pois, comprazer-se de tê-lo ascendente.

Faleceu aos sessenta e quatro anos de idade, entre os mais atrozes sofrimentos, como parece que só deveriam acabar os malfeitores e nunca aquele que jamais fizera mal a pessoa alguma. Isto trazia instantes de revolta a mim e àqueles que o amavam. Felizmente vinha após a crença, consolar-nos com o pensamento de que, em uma nova existência, encontraria a compensação das cruéis dores na recompensa de suas virtudes.

Morreu em 1907, em casa de meu filho Pedro, no Canela, nº 12, nesta Capital. Meu filho trouxera-o como a esperança de ainda encontrar algum recurso; todas as tentativas, porém, foram baldadas. O seu mal era a diabetes, de que padecia havia doze anos. Poucos dias antes de morrer, disse-me:

— Desejo ser sepultado no Catu, onde o foram minha mãe e outras pessoas que nos são caras.

E dirigindo-se a um seu parente:

— Diga ao Vigário que lhe peço um lugar na sua Igreja.

E fizeram-lhe a vontade.

Quando seu corpo, em trem especial, chegou à estação, via-se ali grande aglomeração de povo. "Dir-se-ia", relatou-me uma testemunha ocular, "que a população em peso deixara suas casas para vir receber e acompanhar à última morada aquele que soubera granjear-lhes a simpatia e a afeição". Todos os moradores de nossa propriedade vieram também recebê-lo, e sempre recordei a tocante prova de afeto que deram as mulheres, nossas agregadas, ex-escravas. Não tendo flores de jardim, vieram colhendo pelo caminho flores campestres, que foram depositar chorando sobre o féretro daquele cuja mão nunca lhes infligira um castigo severo e, ainda depois da Abolição, continuava a protegê-las e beneficiá-las.

A Câmara da Vila de Catu, de que Socrates fora Primeiro Intendente, lançou nas suas atas um voto de pesar, creio que sincero, pelo passamento daquele que durante os quatro anos de exercício de seu mandato nunca dera motivo nem a críticas sobre a sua probidade, nem a queixas da parte de seus munícipes, contra os quais jamais exercera a menor perseguição, fosse qual fosse seu credo político. No centro do corpo da Igreja de Sant'Anna do Catu, acha-se a sua pedra tumular.[149]

Capítulo XXIII

Tratarei agora de minha formação religiosa. Aí tocarei em alguns acontecimentos de minha vida; e não irei além, porque a idade e a fraqueza da vista ordenam-me a fazer ponto final. Será muito difícil para uma pessoa que tenha recebido a educação no seio de uma família religiosa tornar-se convictamente incrédula, embora algumas, por estulta vaidade de se mostrarem espíritos fortes, alardeiem a descrença. Não digo que seja impossível, porque tenho presenciado lamentáveis exceções. O mais das vezes chego, porém, a explicá-las pela observação.

Na minha mocidade, via a nossa religião praticada em todos os lares por mim conhecidos. A adoração das imagens, as rezas, as missas, todas as práticas do culto externo eram observadas. Em algumas casas, porém, não ocupava a religião o primeiro lugar; cuidava-se mais das necessidades materiais, do bem-estar das famílias. A religião não podia, pois, lançar fundas raízes nos corações juvenis. Quando, chegados à adolescência, freqüentavam os jovens os cursos superiores e davam-se à leitura dos livres-pensadores que atacavam o cristianismo, acontecia que alguns, com a irreflexão própria da mocidade, ostentavam a descrença e, o que é pior, ridicularizavam a religião de seus pais, que haviam seguido por hábito e não de coração.

Entretanto, àqueles em cujos lares a religião ocupava o primeiro plano, esse acréscimo de conhecimentos podia abalar, mas nunca arrancar a árvore de fé que criara profundas raízes em seus

corações. Com o progressivo desenvolvimento intelectual, poderiam duvidar, mas nunca profanar o que seus pais veneraram e eles próprios respeitaram na feliz quadra da infância. Estes esperarão e quase sempre verão confirmado o dito de Bossuet: "O pouco saber nos afasta de Deus; o muito, d'Ele nos aproxima."[150]

Sem ter eu freqüentado os cursos superiores, a leitura de alguns livros e discussões ouvidas entre pessoas julgadas mais ou menos inteligentes e ilustradas, despertaram-me dúvidas que vieram ensombrar a luz das crenças que recebera nos ensinamentos de minha mãe, crente fervorosa, e na leitura da Bíblia e de outros livros religiosos. Eu procurava combatê-las pela razão natural e, sempre que ouvia qualquer discussão a respeito, diligenciava haurir alguma luz que dissipasse as sombras que me afligiam e torturavam, como acontece a todo aquele que procura a verdade.

As minhas dúvidas eram, principalmente, sobre o pecado original e sobre a Eucaristia. Sobre a existência de Deus, nunca passara em meu espírito qualquer hesitação. A fé infantil, recebida na primeira idade, fora sempre confirmada pelo que lera e ouvira. Tive a ventura de jamais achar-me em contato com ateus. Quanto à imortalidade da alma, tudo parecia confirmá-la. Essa constante aspiração a uma felicidade irrealizável sobre a Terra, esse impulso irresistível que nos leva a invocar a proteção divina nas grandes dores, esse amor que perdura além da morte do ser querido e só se consola com a esperança de encontrá-lo em uma outra existência, tudo vinha confirmar a minha crença. Assim, não me excusava às práticas do culto, nem ostentava a incredulidade; pelo contrário, invejava a fé viva e ardente, que dá tanta felicidade às almas boas e simples.

Ouvi um dia uma conversa entre um padre e dois estudantes de Medicina sobre a origem da alma.

— Não podia crer, dizia o padre, que Deus tivesse um depó-

sito de *alminhas*, expressão dele, para enviar ao mundo por ocasião da formação de cada um dos inúmeros seres gerados na Terra. Disse também o padre que a Igreja não se pronunciava claramente a tal respeito. No seu entender seria preciso que a alma nos fosse transmitida por nossos pais para ser compreendido o pecado original: Deus, insuflando no homem, feito à Sua imagem, o espírito divino, não diminuiu a essência deste, e assim podiam os pais transmiti-la também aos filhos, por maior que fosse o seu número. Os estudantes não discordaram do ponto de vista do padre, versando, depois, a conversa sobre novo tema: se a alma procedia só do pai, ou se a mãe também tinha nela participação. Não dei muita atenção a esse final de palestra.

A primeira parte da conversação, porém, impressionou-me, levando-me a reflexionar, e daí tentei explicar a mim mesma o mistério da Eucaristia. Cristo, parte integrante do Ser Supremo, abençoando o pão na véspera de Sua morte, podia transmitir-lhe uma parcela de Sua Essência Divina; dividindo esse pão em doze pedaços que Ele distribuiu entre os Apóstolos, podia cada um desses pedaços conter uma partícula da Essência Divina, visto que Deus deu o Seu Espírito ao homem, sem que sofresse diminuição. Pensei que esses Apóstolos, que já possuíam Cristo, isto é, o Amor, e aos quais o Mestre enviara o Espírito Santo, a Sapiência, confiando-lhes a propaganda de sua doutrina, poderiam — e assim era preciso — ter dado aos sacerdotes, seus sucessores, o poder de evocar Jesus Cristo no Sacrifício da Missa. Cristo, enviando através da Eucaristia uma partícula do seu Ser Divino, iria assim vigorar a fé na alma daqueles que já o conheciam. Em virtude de tais reflexões, continuei a confessar-me e a comungar com a melhor vontade.

Depois me veio às mãos um livro que produziu uma boa impressão em meu espírito: *A psicologia fisiológica*, de Chardel.[151]

Este livro me fora dado por meu tio Pedro Ribeiro, nessa ocasião estudante de Medicina.

— Podem lê-lo, disse ele à minha mãe e a mim, o estilo é fácil e claro, e o compreenderão, embora não tenham conhecimentos científicos.

Disse-nos também ser este livro muito apreciado pelo lente de Física, apesar de apresentar teorias discordantes das seguidas pela maioria dos físicos. Meu tio achava-as muito razoáveis, admirando-se de não as ver adotadas. Atribuía isto a não ser Chardel sábio de grande nomeada ou a ter sofrido ele algum desequilíbrio mental, manifestado no apêndice da dita obra, no qual citava as maiores extravagâncias de um tal Swedenborg, que ele chama *o profeta sueco* e não passa de um visionário.[152] Foi a leitura de Chardel que me despertou o desejo de estudar Física, não terminando o curso por circunstâncias sobrevindas na minha vida e na de meu tio Pedro Ribeiro, que se prestara a lecionar-me aquela matéria.

Ora, em nosso meio, ao menos, era inteiramente ignorado o espiritismo.[153] Agradou-me sumamente o livro. Já adquirira eu, nessa época, alguns conhecimentos geográficos — a Geografia compreendia nesse tempo, como tive oportunidade de dizer, a História e a Astronomia —, e as noções que eu possuía sobre os astros me levaram à seguinte interrogação:

— Além dessas inúmeras estrelas fixas, que são outros tantos sóis, centros de sistemas planetários, que haverá?

— O espaço infinito, concluía eu. Isto porque, qualquer barreira que possamos imaginar para além dos astros, só poderemos conceber o espaço infinito. A idéia dos três infinitos, O Ser Criador, o Espaço e o Tempo, dos quais não se pode duvidar, embora sem compreendê-los, sendo uma prova da impotência das faculdades mentais do homem, calou em meu espírito.

As teorias físicas de Chardel também me agradaram. A luz, elemento ativo que entra na composição de todos os corpos, a

vida espiritualizada, que é o mesmo que hoje chamam *corpo-astral*, *perispírito*, servindo de intermediário entre o mundo material e o espiritual e as provas históricas disto, que Chardel apresenta na adoração do sol, na conservação do fogo sagrado, mesmo na religião de Moisés, tudo calou em meu ânimo, reforçando as crenças já possuídas. Finalmente, as teorias de Chardel sobre a imortalidade da alma — a radical diferença entre os homens e os animais, ainda os mais aperfeiçoados — muito me satisfizeram.

Cito Chardel, declarando, porém, não concordar com todas as suas teorias, algumas das quais me parecem errôneas, sobretudo no *Apêndice*. Creio, pois, no Cristo como parte integrante do Ser Criador, encarnado em condições especiais. Nele predomina a faculdade de amar e não o poder, tanto que, quando faz os seus milagres, como na ressurreição de Lázaro, Ele recorre, energicamente, a seu Pai Celestial. Nunca cessa de dizer que é enviado de seu Pai e até no Horto, na Cruz, confessa obedecer a uma vontade mais poderosa que a Sua.

A visão do Espírito Santo, descendo sobre o Cristo na ocasião do batismo, parece ter vindo reforçar a sabedoria de que Ele já dera provas quando, no templo, discutiu com os doutores. E, na ocasião de despedir-se dos discípulos, foi Ele quem lhes incutiu o elevado dom da sapiência de que precisavam para derramar sua doutrina: enviou-o por intermédio do Espírito Santo.

Passei logo depois por uma dessas crises que marcam uma data lutuosa em nossa existência. Recorria, às vezes, à leitura de Chardel, que me vigorava a crença na imortalidade da alma. Não fiquei, porém, crente fervorosa como era minha mãe, porque, de vez em quando, voltava a dúvida, como nuvem malfazeja ensombrando o céu da minha fé. Assim, quando tinha necessidade de alcançar de Deus alguma coisa, dizia para minha mãe:

— Peça aos santos de sua devoção esta graça.

Tive nesse mesmo período de minha vida ensejo de conhecer a eficácia da confissão. Olhava-a até então como um meio de obstar o pecado na classe dos ignorantes e, portanto, dispensável aos que estivessem aptos a conhecer seus deveres. Também me parecia difícil que uma partícula da divindade de Jesus Cristo, Ser sumamente bom, viesse ao apelo de certos padres desconceituados, e confessava-me mais para não desgostar a família do que por devoção. Todavia, naquela época, tirei real proveito da confissão.

Observei depois que certos padres, que não primavam por santos, tendo de celebrar em casas particulares e vindo de véspera, só tomavam parte em jantares festivos ou qualquer divertimento até a meia-noite. Então se recolhiam ao aposento que lhes era destinado. Pela manhã, só apareciam para pedir qualquer coisa de que precisavam, não tomando parte em palestras até a celebração da missa. Tive oportunidade de ver alguns quando se paramentavam. Pronunciando as palavras rituais daquele ato, seus semblantes eram graves e pareciam alheios a tudo que se passava em torno. Imaginei então que o sacerdote, apesar da irregularidade de sua vida, naquela abstração, alheado do mundo, podia elevar o pensamento ao Divino Mestre, evocando-o a vir unir-se à hóstia abençoada.

Citarei ainda um trecho de Sílvio Pellico, por achá-lo muito persuasivo:

"Ah! infeliz quem ignora a sublimidade da confissão! Infeliz quem, para não parecer vulgar, se considera obrigado a olhá-la com escárnio! É um erro julgar que a alguém, sabendo já que necessita ser bom, seja inútil ouvi-lo dizer por outrem; que bastam a própria reflexão e oportunas leituras! Não! A fala viva de um homem tem um poder que nem a leitura, nem as próprias reflexões podem conter. A alma sente-se mais abalada; a impressão que experimentamos é mais profunda. No irmão que nos fala, existem uma vida e uma oportunidade que muitas vezes debalde procuramos nos livros e em nossos próprios pensamentos."[154]

O que também me levava, por vezes, a longas reflexões, era o mistério da Santíssima Trindade. Minha mãe, que havia lido a *Vida de Santo Agostinho*, contava-me que ele, ainda após a sua conversão, trabalhava para compreender aquele mistério quando um dia, passeando à beira-mar, viu um lindo menino com uma conchinha na mão. A criança havia feito uma pequena cavidade na areia e ali despejava a água que, com a concha, tirava do mar. Agostinho perguntou-lhe:

— Que pretendes fazer, meu filho?

— Mudar o mar para este lado, tornou a criança.

Rindo o Santo da ingenuidade infantil, replicou:

— Não vês, meu filho, que isto é impossível!

— Mais impossível é compreenderes o mistério da Santíssima Trindade, respondeu o menino e desapareceu.[155]

Não merecendo a visita angélica, eu procurava explicar a mim mesma aquilo, porque é próprio da razão humana insurgir-se contra todo dogma. Pensei que as três pessoas da Santíssima Trindade eram as três faculdades do Ser Divino, que a Igreja chamava pessoas para ser de todos compreendida. O Padre era o Poder; o Espírito Santo a Sabedoria; o Filho, o Amor. Imaginei que estas três faculdades laboraram, conjuntamente, na criação do mundo. O Padre, ou o Poder, criou o universo; o Espírito Santo organizou as leis que o regem tão sabiamente; o Filho, o Amor, deu a faculdade de amar aos seres viventes para a propagação e gozo, principalmente ao homem, como o mais perfeito.

Ora, no princípio predominava o poder, a força, se bem que as outras faculdades não deixassem de funcionar. Deus era mais temido do que amado, mesmo entre os judeus, que guardavam a crença mais pura. Jeová era o vingador que se aplacava com sangue, aproximando-se assim dos deuses do paganismo, felizmente com a atenuante de não ser o sangue humano o moderador das iras celestes. Entretanto, os hebreus, apesar dos benefícios dispen-

sados por Jeová a Abraão e a seus descendentes, às vezes o esqueciam para adorar os ídolos do paganismo. Os terríveis castigos que experimentavam, as cruéis matanças executadas pelos dirigentes do povo, não os impediam de reincidir no crime. É que o temor não é um freio bastante forte para conter a humanidade. O amor é mais poderoso, mais eficaz. E por que não amariam os hebreus a Jeová? É que o homem, para verdadeiramente amar, precisa de um ser que a ele se assemelhe, visível, palpável, a quem possamos recorrer nas nossas dores, nas nossas fraquezas, por que ele as conhece, também as sofreu. Ora, quem poderia conviver com Jeová, que só se mostrava através do fogo, dos trovões e dos raios?

Veio o Cristo; suas doutrinas suaves satisfaziam plenamente as nossas necessidades. Como um feliz prenúncio, todo o mundo estava em paz ao nascer este menino que ia viver e morrer para o bem da humanidade. Daí em diante não recorremos, em nossas tribulações, ao Deus Pai e sim ao Deus Filho e aos espíritos bem-aventurados que procuraram imitá-lo. Ele experimentou nossas fraquezas e hesitações; seu ser carnal sofreu as nossas dores, tanto que, na agonia do Horto, disse: "Meu Pai, se for possível, apartai de mim este cálice." E na Cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparais?" Brado este que levantamos ao céu quando nossas dores nos parecem maiores que as nossas forças. É, pois, de razão, de justiça, que amemos Jesus Cristo.

Ora, principalmente na mocidade, quando a sensibilidade é intensa e o coração governa a cabeça, ao lermos um romance, se deparamos com um personagem com quem simpatizamos sofrendo injustamente, comovemo-nos até às lágrimas. Desvanece-se a impressão ao considerarmos que é um ser imaginário. Se é um ser real, a compaixão nos preocupa por muito tempo. Ora, quem sofreu pela humanidade mais injustamente que Jesus? Não amá-lo seria, pois, imensa ingratidão.

Direi agora por que creio nos Profetas que anunciaram a vinda do Messias, do Deus-Homem, que reinaria sobre o mundo. Tal promessa foi a flor da esperança brotando no deserto árido, foi a centelha de luz animando os corações amedrontados pela perspectiva dos castigos, mais abundantes do que a misericórdia. E por que não se realizou logo a vinda do Messias? A humanidade, sanguinária e feroz, não estava preparada para recebê-lo. Fossem lá dizer ao cruento guerreiro antigo, mesmo entre os hebreus, que era preciso perdoar as injúrias, fazer bem aos inimigos! Fossem falar-lhe em igualdade, fraternidade! Na época mesma em que veio o Cristo, que guerra não sofreu Ele dos grandes e até a própria morte! Mas, já nesse tempo, boa parte da humanidade, cansada do medo, suspirava por uma religião de amor, e os apóstolos puderam assim derramar com eficácia a doutrina do Divino Mestre.

Quanto à encarnação miraculosa de Jesus, que dizem se encontrar até nas tradições de outros povos, sei que é contestada por alguns, sem que por isso todo homem de boa fé deva duvidar da santidade de sua doutrina. É ainda em Chardel que encontro a idéia que utilizo para reforçar minha crença nessa encarnação. Diz ele que um espírito pode encarnar por uma vocação especial fora da união dos sexos, e assim se explica não só a encarnação de Jesus, como a dos Profetas, que tanto fizeram para que não se apagasse a religião de Moisés, com as ameaças dos castigos realizados e, talvez mais ainda, com a esperança de um Redentor.

De fato, nas profecias há coisas admiráveis. Recordo que li em *Jesus Cristo perante o século*, de Roselly de Lorgues, a realização de profecias de Isaías e Jeremias não só sobre a vinda do Messias, como sobre a ruína da Babilônia, que muito me impressionaram e que vêm bem documentadas pelo autor.[156] Sobre a Babilônia, as profecias apontam muitas particularidades, até o nome do conquistador, Ciro. Essa profecia achava-se nos livros hebreus, sécu-

los antes da ruína da grande cidade. É crível que, conhecido o caráter dos hebreus e o acatamento com que guardavam seus livros santos, houvesse neles falsificação de datas ou qualquer outra artificiosa mentira?

Tive também de lutar com a revolta que se levanta no íntimo de todo o ser pensante diante das injustiças, dos sofrimentos imerecidos, da prosperidade e triunfo dos maus. Vinha-me, porém, logo à mente que, provindo o homem de outros homens, seus antepassados, quem sabe se em uma outra existência teremos de nos convencer de que aquilo que julgamos um ato de clamorosa injustiça não foi, senão, da mais perfeita justiça? Com alguns conhecimentos que tenho da História, lembrava-me das grandes catástrofes que têm devastado o mundo; quantos inocentes sucumbindo sob as mais atrozes torturas!

Lembrava-me, principalmente, da Revolução Francesa, como a mais próxima, mais conhecida e, portanto, mais emocionante. Revoltava-me com o suplício de Luís XVI, espírito reto e bom, mas me parecia que ele estava pagando as crueldades de Luís XI, o orgulho e a vaidade de Luís XIV, o egoísmo e as devassidões de Luís XV. Pensava que, enquanto esses reis, com seus cortesãos, gozavam uma vida de prazeres e luxo requintado, infelizes sepultados vivos na Bastilha gemiam clamando aos céus por vingança. Na outra existência, teria o infeliz rei reconhecido a Justiça Divina no que ele e os seus padeceram? Hoje, escrevendo estas linhas, ao pensar nas desgraças da família imperial da Áustria, imagino se pagaria Francisco José com os seus as torturas dos encarcerados de Spielberg, descritas por Silvio Pellico.[157] Na Rússia, o infeliz czar e sua família parecem pagar os inauditos tormentos dos degredados da Sibéria, tão eloqüentemente pintados por Dostoïevsky na *Casa dos mortos.*[158] Figura-se-me que, na outra vida, os infelizes monarcas não se revoltarão com aquilo que, nesta, olharam como

uma grande injustiça. Ora, bem sei que se diz, geralmente, que a idéia de uma outra existência, onde haverá compensação das desgraças aqui sofridas, basta para nos satisfazer. E até Jesus Cristo disse: "Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados."

Apesar disso, entendo explicar melhor estas coisas a mim mesma com a idéia de que nossas almas procedem de nossos pais. Confesso que tais raciocínios, por meio dos quais procuro conciliar-me com a Justiça de Deus, não me convencem radicalmente, como o resultado de uma operação de Aritmética; mas, quando depois vêm as interrogações da dúvida, me acalmo com a idéia da fragilidade incontestável da inteligência humana e me consolo com a esperança de um dia esclarecê-las.

Quando me casei e tive filhos, lembrei-me do que ouvira sobre a origem da alma. O requintado amor que sentia por meus filhos, amor que meu marido igualmente experimentava, levava-me piamente a crer que eles eram uma parte de nossas almas. Parecia-me absurdo que eles só participassem de nossa personalidade corporal.

Daí em diante pensei também, algumas vezes, na criação da mulher. A extração da costela de Adão sempre me pareceu uma fábula, com o louvável fim moral de convencer o homem de sua igualdade para com sua companheira. Imaginava que Deus devia ter tirado ao homem não a costela e sim uma partícula do espírito que lhe dera ao criá-lo. E que em vez de Adão dizer *Eis aqui o osso de meus ossos, a carne de minha carne,* deveria dizer *a alma de minha alma.* Parece que o genial legislador hebreu quis assim, de um modo compreensível para os homens daquela época, abrir o caminho que levaria a mulher à sua emancipação.

Lendo o Antigo Testamento tenho encontrado muitas coisas incríveis e atribuía algumas aos defeitos das diversas traduções por que há passado. A partir do casamento e do nascimento dos filhos,

não cogitei mais de tais questões. Minha vida era toda absorvida pelos cuidados da família, acrescidos dos que despendia com um pai longos anos enfermo. Demais, no campo, onde residia, o mister de dona de casa era bem pesado nas famílias onde não havia os rigores de uma disciplina intransigente, que, felizmente, na nossa não era usada. Assim, a mãe de família tinha de desempenhar até o cargo de enfermeira, não só com os escravos do serviço doméstico, mas também com os muito numerosos do trabalho agrícola. Conservei-me, pois, cristã prática e não fervorosa como minha mãe, tal qual desejaria ser.

Alguns anos depois, deixei de confessar-me. Meu marido sofrera uma perseguição injusta da parte de pessoas de quem menos o poderia esperar. Ódio profundo apoderou-se de mim. Ora, é sabido que aquele que não perdoa não pode ter a absolvição, não podendo, portanto, receber a hóstia consagrada. Como poderia, pois, confessar-me? Isto me foi prejudicial. Incorri muitas vezes no pecado da ira, porque fui sempre de gênio um tanto violento e, em vez de reprimi-lo, lembrando-me de que confessá-lo me causaria vexame, dava largas a movimentos que depois reprovava, segundo a educação que recebera. Um dia, conversando com o vigário, perguntou-me ele:

— A senhora não se confessa é porque não acredita na confissão?

Expliquei-lhe os motivos que me afastavam do confessionário.

— E reza o Padre-Nosso? replicou ele.

— Rezo-o por hábito, tornei, embora reconheça que não devia rezá-lo.

Não deixei de ficar impressionada, pensando que o meu procedimento não era regular. Depois, em palestra com duas senhoras de minhas relações, disseram elas que não se confessavam por não poderem perdoar as queixas que tinham dos maridos. Minha filha, que estava presente, observou:

— Então de que serve dizerem que são cristãs, rezarem, irem à missa, se não seguem o exemplo de Jesus Cristo, que morreu perdoando seus algozes?

Comecei a pensar que andava mal e a cogitar nos meios de mudar de caminho. Uma circunstância retardou minha decisão. Em 1899, veio do Rio de Janeiro uma senhora amiga de minha parenta Rittinha Berenguer, jovem muito inteligente e de elevado mérito. Creio que, então, no Rio, estavam muito em voga as sessões espíritas, ao passo que, na Bahia, ainda que as houvesse, eram feitas com alguma reserva. Talvez os adeptos receassem incorrer na crítica dos espíritos práticos e positivos. O pai de Rittinha, o Desembargador Julio Berenguer, sabendo que a filha era muito dada à leitura, recomendou-lhe que não lesse as obras de Alan Kardec, "visionário perigoso, que já levara muita gente à loucura".[159] Indo Rittinha à casa da amiga, recém-chegada do Rio, instigada pela curiosidade e, talvez, a instâncias daquela senhora, tomou parte em uma sessão espírita, mostrando possuir grande força mediúnica.

Vindo passar alguns dias em nossa casa, minha prima, a meu pedido, fez algumas sessões, tomando como auxiliar minha filha ou meu primo, o Dr. Manoel Ribeiro, médico chegado de São Paulo, onde assistira a sessões espíritas e até tomara parte em algumas delas. Vi coisas que muito me impressionaram. Após algum tempo, já não se serviam das pancadas na mesa, e sim da pena. Presenciei coisas tão extraordinárias que quase me convenceram.[160] Rittinha trouxera livros de Alan Kardec dos quais, por falta de tempo, li apenas alguns trechos que me impressionaram menos do que as sessões.

Depois surgiram as dúvidas. Se os espíritos reencarnavam, como é que todos, até os falecidos há muitos anos, atendiam ao nosso apelo? Algumas vezes nos víamos burlados. Evocando outro espírito, este dizia que um espírito frívolo ou zombeteiro viera

troçar de nossa credulidade. Se já vivemos fartos das mentiras e enganos deste mundo, para que nos sujeitarmos a suportar os que nos vêm do outro? Que vantagem nos pode advir de adotarmos uma religião em que as sombras da dúvida continuam a obscurecer nosso espírito?

Conversando com um cavalheiro de minhas relações, que soube ser espírita, homem inteligente e instruído, apresentei-lhe minhas dúvidas sobre a reencarnação. Disse-me que isto era uma das bases da doutrina espírita e que as almas levavam daqui todos os seus defeitos, dos quais se iam purificando pelo conhecimento da verdade; que o melhor era estudar eu a religião em seus fundamentos, para o que ofereceu-me livros. Convidou-me também a assistir a uma sessão do clube de que fazia parte, porque, dizia ele, em uma sessão de verdadeiros crentes não aparecerão espíritos zombeteiros e enganadores. Nada disso pude fazer. Demais, vinham-me notícias de pessoas que, dando-se a práticas espíritas, acabavam por enlouquecer. Rittinha também suspendeu-as em vista da desaprovação de seu pai e de sua frágil saúde.

Continuei, pois, a ser cristã prática, excetuando a confissão, a que ainda não me decidira. Dentro de pouco tempo, faleceu meu marido. Morreu como verdadeiro cristão, recebendo todos os sacramentos. Poucos dias antes de morrer, disse-me:

— Já perdoei de coração a todos aqueles de quem tinha queixas!

Acreditei, porque ele era bom, e o seu rancor jamais fora tão intenso quanto o meu. Na missa de trigésimo dia de seu passamento, projetei confessar-me. Pedi ao vigário que viesse de véspera. Tive com ele uma explicação. Disse-lhe que desejava perdoar, mas que não podia de pronto banir do coração todo o ódio; que faria, porém, toda a diligência para consegui-lo, prometendo não exercer qualquer vingança se porventura estivesse ao meu alcance. Nessas condições, poderia eu receber a absolvição? Respondeu-me afirmativamente, dirigindo-me palavras que me calaram na alma.

— É muito difícil, disse, à frágil natureza humana perdoar certas ofensas; mas, com perseverança e força de vontade, sempre conseguiremos vencer as paixões que nos arrastam ao ódio e à vingança.

E a voz do padre era comovida, continuando a dar-me úteis conselhos. Senti-me calma e consolada durante algum tempo. Com a morte de meu marido, tive de mudar minha residência para a Capital.

Antes dessa época, tomando professores para meus filhos, tornara-se-me a vida mais folgada, e, para ocupar os longos serões das noites de inverno, dediquei-me a decifrar e compor charadas e logogrifos e também a fazer versos ligeiros para nossas festividades familiares. Meu marido tomava parte nesses pequenos trabalhos porque igualmente aborrecia-se da solidão em que ficaram as propriedades rurais depois da Abolição, visto que quase todos os proprietários iam-se afastando, a procurar nas cidades meios de vida. Depois abalancei-me a escrever alguns romances — *A filha de Jephte, O anjo do perdão* e diversos contos.[161]

Chegando à Bahia, uma senhora de minhas relações convidou-me a colaborar em *A Paladina*, revista religiosa redigida por senhoras, e depois em *A Voz*, outra revista do mesmo gênero.[162] Já em idade avançada, não quis tomar parte nas reuniões e outros trabalhos da Liga das Senhoras Baianas, prestando apenas meu contingente nos humildes artigos, cujos assuntos eram tirados de minhas leituras ou me eram dados pela vice-presidente da Liga, D. Alda Leal, jovem inteligente e de muito mérito e ilustração.[163] Crente quanto aos principais preceitos do cristianismo e acatando os sãos princípios de moral recebidos em minha educação doméstica, fui sempre sincera em minhas opiniões. Se alguma dúvida pairava sobre meu espírito, guardava-a para mim, esperando que a reflexão ou um espírito mais esclarecido que o meu viesse dissipá-la.

Deixei de colaborar no periódico *A Voz* quando a diminuição da vista tornou-me dificultoso qualquer trabalho. É bem certo que aquele que pega na pena para lançar sobre o papel suas idéias e dar-lhes publicidade pode-se crer atingido de incurável mania. Debalde o bom senso lhe mostra que nenhum proveito lhe pode advir de seus escritos; sente-se mal, falta-lhe qualquer coisa, e é assim arrastado a escrever. Imagine-se agora o que acontece àquele que não pode dar-se a nenhuma ocupação, e neste caso me acho eu. Então lanço mão da pena e escrevo com letra quase ininteligível trechos de recordações e pensamentos elaborados em um cérebro combalido pela idade e pela luta da existência. São momentos de trégua ao desconforto de uma longa idade.

Finalmente, louvo a Deus por não ser descrente e sinto profundamente não ser crente fervorosa. Assim seria mais feliz, encarando sem temor a morte.

Notas

Capítulo I

1. As informações sobre a família materna da autora estão na primeira parte de *Longos serões no campo — O Major Pedro Ribeiro.*

2. A nobreza togada era constituída, na França do Antigo Regime, pelos membros da magistratura — conselheiros, oficiais e presidentes das Cortes Soberanas — que haviam recebido, dos reis, títulos de nobreza. Surgiu, associada à burocracia estatal, no início do fortalecimento do poder monárquico; distinguia-se da nobreza de armas, mais antiga, cujas origens remontavam à Idade Média e à consolidação do feudalismo.

3. Através da penhora de bens dos herdeiros de Francisco de Brito de Sampaio, que recebera uma sesmaria em 1709, Lourenço de Araújo Góis, capitão das Ordenanças da freguesia de Nossa Senhora do Socorro da Cidade da Bahia e, a partir de 1790, da vila de São Francisco do Conde, e seu irmão Bernardo de Araújo Góis tornaram-se proprietários, em 1798, de "uma légua de terra por três de comprido no distrito de Terra Nova", vizinha à sesmaria da Ordem do Carmo, e não a ela pertencente (*Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa*, v. V, p. 209, docs. 26.816–26.823). Os engenhos Santinho, Tereré do Bom Retiro e Conceição, situados na freguesia de Santana do Catu, termo da vila de São Francisco da Barra do Sergipe do Conde, distantes de porto de mar oito léguas, estão registrados no *Livro de matrícula dos engenhos desta Capitania, pelos dízimos reais*

administrados pela Junta da Real Fazenda de 1807 em diante, sob os números 362, 478 e 516. Os dois primeiros de possessão de Antônio dos Santos de Araújo Góis e o terceiro de Manoel José de Araújo Góis.

4. O engenho de Nossa Senhora da Conceição dos Arauaris, também situado na freguesia de Santana do Catu, "distante de porto de embarque oito léguas e de propriedade do tenente-coronel Dom Antônio de Uzeda e Luna", está registrado em 1853, sob o nº 362, no *Livro de matrícula dos engenhos desta Capitania, pelos dízimos reais administrados pela Junta da Real Fazenda de 1807 em diante.*

5. O Barão de São Miguel, Paulino de Araújo Góis (1840–1932), era major da Guarda Nacional. Entre 1881 e 1886, foi vereador no município de Catu, sendo presidente da Câmara no último biênio. Foi agraciado com o título nobiliárquico em 15 de agosto de 1888 (cf. Bulcão Sobrinho, "Titulares baianos", p. 35–36; cf. igualmente quadro genealógico III).

6. Cf. quadro genealógico III.

7. Segundo o genealogista Bulcão Sobrinho, a família Araújo Góis se originou do casamento de Gaspar de Araújo e Catarina de Góis, que chegaram ao Brasil no século XVII, fixando-se na Capitania de Ihéus (cf. "Famílias baianas: Araújo Goes", *Revista do Instituto Genealógico da Bahia*, nº 6, p. 63–81, e nº 7, p. 53–87). O quadro genealógico III está baseado nesse trabalho. No "Índice de nomes de cristãos-novos da Bahia", do livro *Cristãos-novos na Bahia*, de Anita Novinski, aparecem dois membros da família: João de Araújo Góis e Jorge de Araújo Góis. Em outra listagem da mesma obra, o "Índice de nomes de testemunhas denunciantes na 'Grande Inquisição' de 1646", reaparece Jorge de Araújo Góis, identificado como cavaleiro fidalgo, tesoureiro, 63 anos, cristão-novo (cf. Apêndice 1, p. 171–172 e Apêndice 3, p. 177).

8. Antônio dos Santos de Araújo Góis (1778–1863) e Inocêncio Marques de Araújo Góis (1784–1860), este último casado com Maria

Joana Calmon de Aragão, cunhada do Marquês de Abrantes, tinham um distante antepassado comum, Simeão de Araújo Góis, batizado em 1627; ao longo de gerações, vários casamentos foram realizados entre os dois ramos da família, reforçando as alianças e a consangüinidade. O segundo Inocêncio Marques de Araújo Góis (1811–1897) recebeu o título de Barão de Araújo Góis em 1886, ao aposentar-se do Supremo Tribunal de Justiça. Ministro dessa Casa desde 1880, após longa carreira na magistratura, associada a intensa vida política e parlamentar, foi também presidente da Câmara Geral do Império entre 1872 e 1875. Era fidalgo cavaleiro da Casa Imperial e comendador das ordens de Cristo e da Rosa (cf. Bulcão Sobrinho, "Titulares baianos", p. 4–5). Seu filho Inocêncio Marques de Araújo Góis Júnior (1839–1897) foi deputado junto à Câmara Geral do Império de 1872 a 1877 e de 1885 a 1889 e presidente da Província de Pernambuco nesse último ano (cf. Bulcão Sobrinho, "Famílias baianas: Araújo Góis", *Revista do Instituto Genealógico da Bahia*, nº 6, p. 63–81, e nº 7, p. 53–87; cf. igualmente quadro genealógico III).

9. No primeiro volume de *Longos serões no campo — O Major Pedro Ribeiro*, a autora narra a história do avô a partir do que lhe fora transmido pela mãe, Dona Ana Maria da Anunciação.

10. Augusto Vitorino Alves Sacramento Blake (1827–1903), escritor e bibliógrafo baiano, médico e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicou entre 1853 e 1865 os sete volumes do *Dicionário bibliográfico brasileiro* — primeira obra do gênero produzida no Brasil —, dedicando-a ao Imperador Dom Pedro II. O verbete sobre Dona Anna está no primeiro volume, p. 94–95. Sacramento Blake deixou, entre outros trabalhos, *Dois casamentos* (romance, 1846), *Reflexões sobre a saudade, considerada como uma moléstia d'alma e dando causa a uma série de afecções patológicas* (1849), *Conselhos contra o* cholera morbus *epidêmico* (1861) e *Estudos militares* (s/d).

11. *Primeira injustiça* foi publicado em edição mimeografada (1981)

por uma neta da autora, Anita Manso Cabral, a quem o texto é dedicado.

12. O relato da morte do avô, em 27 de setembro de 1849, tal como foi observado pela autora aos seis anos de idade, está em *O Major Pedro Ribeiro.*

Capítulo II

13. Sacerdote e jornalista, o cônego Antônio Fernandes da Silveira (1795–1862) nasceu em Estância, Sergipe, e morreu em Itapicuru, Bahia. Educado no seminário baiano de São Dâmaso, foi ordenado presbítero do hábito de São Pedro em 1820, sendo logo em seguida nomeado cônego honorário da Sé Metropolitana. De volta a Sergipe numa época de grande agitação política, foi preso e remetido às autoridades militares da Bahia, como propagador de doutrinas subversivas e suspeito de ser emissário secreto de Dom Pedro. Monsenhor Silveira foi deputado por sua província à Assembléia Geral Legislativa de 1830 a 1841, suplente em exercício em 1843 e novamente deputado de 1850 a 1852. Fundou em 1832 o primeiro jornal de Sergipe, o *Recopilador Sergipano* e entre 1837 e 1839 foi diretor da Biblioteca Nacional. Foi também monsenhor da capela imperial e comendador da Ordem de Cristo (cf. Jackson da Silva Lima, *História da literatura sergipana*, v. 1, p. 237–241, e Sacramento Blake, *Dicionário bibliográfico brasileiro*, v. I, p. 150).

14. Henryk Sienkiewicz (1846–1916), escritor polonês de origem aristocrática, inicialmente dedicou-se ao jornalismo e depois ao conto, ao romance e ao memorialismo. Em *Quo vadis* (1895), sua obra mais conhecida, mundialmente divulgada por inúmeras traduções, descreve os conflitos e os confrontos entre o cristianismo nascente e o Estado romano. Sienkiewicz recebeu, em 1905, o prêmio Nobel pelo conjunto de sua obra, cuja edição crítica, publicada entre 1948 e 1955 sob a direção de J. Krzyzanowski, tem sessenta volumes (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. IV, p. 317–319).

15. A questão do celibato sacerdotal esteve no centro dos debates políticos brasileiros em diversos momentos do século XIX, especialmente a partir da década de 1830. Funcionários do Estado, os sacerdotes freqüentemente desrespeitavam as normas eclesiásticas que proibiam o concubinato e previam punições que iam da admoestação à perda da função (cf. Katia M. de Queirós Mattoso, *Bahia, século XIX. Uma província no Império*, Livro V, capítulo 20).

16. Maria Maximiana, antes de entrar no convento, foi examinada por dois médicos: "Dinheiro dispendido em 8 de novembro com dois médicos que em consulta examinaram seu estado — 16$000" (cf. Inventário de Maria Maximiana Ribeiro de Araújo, item "Conta dos dinheiros dispendidos com a Senhora Dona Maria Ribeiro de Araújo desde sua entrada no Convento até sua morte, e que deve entrar em seu inventário para ser embolsado o Monsenhor Silveira, que os adiantou", APEB, São Francisco do Conde, 2/6255).

17. Sobre o convento das Mercês, situado na freguesia de Nossa Senhora da Vitória, a mais antiga de Salvador, informa Luís dos Santos Vilhena:

> Há nesta freguesia quatro igrejas filiais, e são a capela de Santo Antônio da Barra, São Gonçalo, São Lázaro e a da Madre de Deus, além do Convento de Nossa Senhora da Graça, de religiosas beneditinas, e o de Nossa Senhora das Mercês, de religiosas ursulinas, que por pequeno mais pode passar por prisão de mulheres. (...) No ano de 1745 se instituiu o Convento de Nossa Senhora das Mercês, de religiosas também ursulinas. Foi sua instituidora Dona Ursula Luísa de Monserrate, abadessa e mestra que foi da dita comunidade, a qual, por especial graça do Senhor Rei Dom João V, edificou este convento na Capela de Nossa Senhora das Mercês que lhe foi doada para este fim, tendo-lhe taxado o número de cinqüenta freiras professas para cujo patrimônio concorreram muitos moradores da cidade e capitania. São sujeitas ao Metropolitano. (*Notícias soteropolitanas e brasílicas*, v. I, Carta Primeira, p. 37; e v. II, Carta Duodécima, p. 470–471)

18. O custo da "prontificação de vestimenta própria para sua entrada no Convento e o mais que lhe era necessário — 140$000" (cf.

Inventário de Maria Maximiana no item "Conta dos dinheiros dispendidos com a Senhora Dona Maria Ribeiro de Araújo desde sua entrada no Convento até sua morte, que deve entrar em seu inventário para ser embolsado o Monsenhor Silveira, que os adiantou", APEB, São Francisco do Conde, 2/6255).

19. Segundo informação da neta de Dona Anna, Anita Manso Cabral, a causa do desgosto de Maria Maximiana teria sido o inesperado casamento do filho do Monsenhor Silveira, a ela informalmente "prometido".

20. Os cuidados médicos de que foi objeto Maria Maximiana durante sua estadia no convento das Mercês custaram 40$000 em novembro e dezembro de 1849 e 40$000 em janeiro e fevereiro de 1850 (cf. Inventário de Maria Maximiana Ribeiro de Araújo, item "Conta dos dinheiros dispendidos com a Senhora Dona Maria Ribeiro de Araújo...", APEB, São Francisco do Conde, 2/6255).

21. Os bailes pastoris, tradicionalmente representados no Natal, derivam da tradição européia dos autos religiosos que combinam, em uma mesma representação dramática, a música, a dança e a poesia. Do interior das igrejas ou de seus adros, os autos passaram para os conventos e as casas particulares como bailes pastoris, e o tema do nascimento do Cristo neles aparece mesclado com episódios profanos (cf. Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do folclore brasileiro*, p. 358–359; cf. igualmente Melo Moraes Filho, "Natal, Ano Bom e Reis na Bahia", *in* Pinto de Aguiar [org.], *Bailes pastoris na Bahia*, p. 13–29).

22. Em 1849, Salvador foi atingida de forma epidêmica pela febre amarela, novo nome dado à *bicha*, doença de origem africana que periodicamente atacou a população baiana no século XVII. Os primeiros casos foram diagnosticados entre tripulantes de um navio norte-americano utilizado no tráfico de escravos. A partir do porto, a epidemia alastrou-se pela cidade, matando cerca de 1.600 pessoas, e pelo Recôncavo, onde o número de vítimas foi calcula-

do em 549 (cf. Brás do Amaral, *História da Bahia do Império à República*, p. 185).

23. A precariedade das estradas baianas e a necessidade de construí-las ou melhorá-las são temas constantes nas *Falas* dos presidentes da Bahia (cf. Brás do Amaral, *História da Bahia do Império à República, passim*). Em 1856, passados seis anos da morte de Maria Maximiana, o vice-cônsul britânico James Wetherell registrou suas observações sobre o problema:

> Devido à grande falta de estradas e transporte, a dificuldade de comunicações com o interior é muito grande. As atuais estradas são pouco mais do que um estreito caminho para mulas e em muitos casos não se pode viajar por eles sem a ajuda de um guia. A única maneira de transportar mercadorias é recorrendo ao uso de mulas e cavalos; as mesmas são preparadas em pequenos pacotes que são pendurados em cada lado do animal, e sujeitos naturalmente aos numerosos acidentes decorrentes desse perigoso modo de condução. Em muitos casos as mercadorias devem ser mandadas para o interior por caminhos apertados, e muitas vezes, chega-se a andar centenas de milhas a mais do que seria necessário se existissem boas estradas diretas, ou mesmo qualquer espécie de estrada! A grande extensão da baía e o grande número de pequenos rios que nela desembarcam fazem com que as comunicações sejam fáceis, como também fáceis são as que se realizam por mar, ao longo de uma costa dotada de numerosos portos. As estradas que, desses portos, partem para o interior, são sempre primitivas, e o preço do transporte — dos mais penosos e cansativos — é sempre muito alto. (*Brasil, apontamentos...*, p. 108–109)

24. A feitura de rendas era atividade comum entre as mulheres baianas:

> Uma das grandes fontes de emprego para as mulheres é a manufatura de rendas de almofada. Em cada casa encontram-se algumas mulheres ocupadas na confecção de rendas. As mais resistentes e mais primitivas são usadas para guarnecer almofadas e toalhas de mesa, toalhas, saias, etc., e é fácil imaginar a quantidade de que se necessita quando, conforme eu já disse antes, os vestidos, quando postos de pé sobre o solo, formam um círculo perfeito. Essas rendas são muito resistentes. (Wetherell, *Brasil, apontamentos...*, p. 87)

25. Os "remédios de sabor péssimo" eram provavelmente soluções de tártaro estibiado, indicadas no *Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias* (v. I, p. 666–669), junto com a aplicação de cáusticos na nuca, para tratar os casos persistentes de conjuntivite. Impresso na França, o livro, de autoria do dr. Pedro Luís Napoleão Chernoviz (1812–1881) e por isso conhecido como *Chernoviz*, foi publicado pela primeira vez em 1842 e estava presente em grande número de casas brasileiras, substituindo os médicos, quase sempre inacessíveis. Descrevia as "causas, sintomas e tratamentos das moléstias; as receitas para cada moléstia; as plantas medicinais e alimentícias; as águas minerais do Brasil, de Portugal e de outros países; e muitos conhecimentos úteis" (cf. Licurgo Santos Filho, *História da medicina...*, t. I, p. 156–158).

26. Os inventários de Pedro Ribeiro de Araújo — falecido em 27 de setembro de 1849 — e de Maria Maximiana — falecida em fevereiro de 1850 — revelam patrimônios concentrados em escravos. No de Pedro Ribeiro, encerrado em 6 de dezembro de 1850, depois de pagas as dívidas contraídas em sua vida ou já pelo espólio, o montante a ser dividido entre os descendentes era de 18:952$443, ou seja, dezoito contos, novecentos e cinqüenta e dois mil, quatrocentos e quarenta e três réis. Nessa quantia, 13:820$000 correspondiam ao valor de 44 escravos, "de casa" e "de lavoura", entre os quais idosos e crianças tinham um peso significativo. Os outros bens eram um relicário de ouro, uma jarra, uma bacia, garfos, colheres, resplendores, esporas e uma tabaqueira de prata e poucas cabeças de gado. No inventário de Maria Maximiana — que foi aberto em novembro de 1850 e estendeu-se até maio de 1855, quando, em partilha amigável, foram distribuídos os bens disponíveis — o montante era constituído de duas fazendas (Mucambo, no termo da vila de Tucano, e Poço Grande, no termo na vila de Itapicuru), parte das terras da fazenda São Pedro, também em Itapicuru, jóias de ouro e 28

escravos, entre os quais predominavam escravas "de casa" — bordadeiras e costureiras — e crianças. Na partilha é possível observar que os grupos familiares foram preservados, com exeção de três crianças que foram separadas das mães (cf. Inventários de Pedro Ribeiro de Araújo e Maria Maximiana de Araújo, APEB, 2/6223 e 2/6255).

27. Harriet Elizabeth Beecher Stowe (1811–1896). Filha de um pastor evangélico, professora do colégio mantido pela família, no início de sua carreira colaborou eventualmente com jornais de circulação restrita e escreveu romances históricos de modesta repercussão. Sua vida adquiriu outra dimensão quando, entrando em contato com escravos fugidos de fazendas próximas à que morava, solidarizou-se com a causa destes. *A cabana do Pai Tomás* foi primeiramente publicado em capítulos diários no *National Era,* jornal abolicionista de Washington. Lançado como livro em 1852, provocou grande impacto, tendo sido adaptado para o teatro e traduzido para pelo menos 23 línguas. Foi seguido por outro livro, *A chave para A cabana do Pai Tomás,* coletânea de documentos e testemunhos sobre a condição dos escravos nas fazendas do Sul, respondendo às acusações de falsidade que recebia dos escravistas. Seguiram-se outros ensaios, novelas e poemas sobre o tema. Beecher Stowe usou seu grande prestígio internacional para exigir o fim do regime escravocrata em todos os estados da federação norte-americana. Sua obra foi largamente utilizada pelo Norte abolicionista como elemento de mobilização na Guerra Civil (1861–1865) que provocou o fim da escravidão nos Estados Unidos (cf. *Dictionnaire des auteurs,* v. I, p. 268).

28. José Lino dos Santos Coutinho (1786–1836). Médico, deputado às Cortes de Lisboa em 1821, deputado no Primeiro Império em duas legislaturas, professor da Faculdade de Medicina, autor de *Topografia médica* (1832), dedicado à Academia das Ciências de Lisboa (cf. Afrânio Peixoto, *Breviário da Bahia,* p. 180–181). As *Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um catecismo moral,*

político e religioso foram escritas com o objetivo de orientar a preceptora responsável pela educação da filha do autor. Publicado em forma de livro em 1849, por um amigo da família, João Gualberto dos Passos, quando Cora já tinha seus próprios filhos, o texto contribuiu para difundir na Bahia as idéias de Jean Jacques Rousseau.

Capítulo IV

29. Nos catálogos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro não existe qualquer livro com esse nome. Há três edições diferentes de uma obra, traduzida do francês, que cumpria a função de preencher a ausência de sacerdotes: *Ano cristão, ou exercício de piedade para todos os dias do ano*, do padre Croiset. A primeira edição, em oito volumes, sem data, é do Porto. A segunda, em dois volumes, de 1796–97, é de Lisboa. A terceira, com o título modificado para *Ano cristão, ou devocionário para todos os dias do ano*, em onze volumes, também sem data, foi publicada em Lisboa e traduzida pelo padre Matos Soares.

30. Afrânio Peixoto (1876–1947). Médico e escritor baiano, nascido em Lençóis, na Chapada Diamantina, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi professor das faculdades de Medicina e de Direito e membro da Academia Brasileira de Letras. Suas *Obras completas* foram publicadas em vinte volumes no ano de 1945 e incluem trabalhos nas áreas de medicina, higiene, história, sociologia, memórias e crítica literária, além de romances rurais e urbanos, entre os quais se destacam *Maria Bonita* (1914), *Fruta do Mato* (1920), *Bugrinha* (1922) e *Uma mulher como as outras* (1928) (cf. Pedro Calmon, *História da literatura baiana*, p. 219–220).

31. Dona Anna escreveu diversos romances ou contos cuja temática gira em torno de heroínas femininas: *Helena, Lúcia, Dulce e Alina, Violeta, Angélica, Abigail, Letícia.* Quase sempre ambientados no Recôncavo baiano, são identificáveis nesses textos alguns episódios da vida pessoal ou da história familiar da autora, relatados nas

suas *Memórias* e tratados de forma a servir de exemplos edificantes às leitoras a que se destinavam (cf. Apresentação de *O major Pedro Ribeiro*).

32. Caixeiros eram trabalhadores livres e assalariados, que presidiam aos trabalho de secagem, pesagem, encaixotamento e distribuição do açúcar produzido (cf. Alice P. Canabrava, "Vocábulos e expressões usados em *Cultura e Opulência*" *in* Antonil, *Cultura e Opulência do Brasil,* p. 121).

33. A vestimenta característica usada na Bahia pelas mulheres do povo foi descrita, em 1853, por Wetherell:

> O vestido de gala das pretas é muito original e muito elegante. A parte superior, acima da saia, é feita de fina musselina lisa ou enfeitada, algumas vezes tão transparente que mal chega a disfarçar o corpo, da cintura para cima. A parte que cobre o busto é bordada com largas rendas e pequenos tubos, lindamente trabalhados, reunidos por meio de uma abotoadura de ouro; esta parte superior do vestido é sempre tão folgada que um dos ombros da mulher fica quase sempre inteiramente descoberto. A saia do vestido é muito volumosa, formando, quando colocada sobre o solo, um círculo completo; sua orla é bordada com renda ou leva um arabesco branco sobre a mesma; a saia de baixo também é bordada com rendas. (...) Um elegante pano da costa é jogado sobre o ombro. Estes panos são tecidos com pequenas tiras de algodão colorido, de duas a quatro polegadas de largura, formando desenhos listados ou cruzados; as tiras, costuradas umas às outras, formam o xale. Os panos, importados da Costa da África, chegam a custar, quando da melhor qualidade, no mínimo cinqüenta mil réis, cerca de cinco libras esterlinas. (...) Um grande lenço de renda branca ou de musselina de cor, com uma orla de renda branca ou preta, é transformado da maneira mais elegante num turbante para a cabeça, e curiosos brincos completam esse vestuário. (...) Durante a quaresma o vestido usado é geralmente feito de uma fazenda preta dobrada em pequenas pregas retas que se reúnem na cintura, abrindo-se à medida que o vestido desce. O xale então usado é feito de fazenda preta, bordado com uma seda muito levemente colorida, e cada uma de suas pontas é guarnecida com veludo ou pelúcia. Os xales são usados de

todas as maneiras e sempre com grande elegância. (*Brasil, apontamentos...*, p. 79–80)

34. Segundo Licurgo Santos Filho, no final do século XVIII e início do XIX predominava entre os lavradores baianos o uso do jaleco, ou jaqueta — "casaco bem curto, não ultrapassando a cintura" —, feito de lã ou fustão riscado ou alcochoado (cf. *Uma comunidade rural do Brasil antigo*, p. 403).

35. O artigo "Jantares" está publicado em *A Bahia de outrora*, p. 237–243, e nele está descrito um ritual semelhante ao lembrado por Dona Anna. Mulato, abolicionista militante, o autor do artigo, Manuel Raimundo Querino (1851–1923) foi fundador do Liceu de Artes e Ofícios, da Escola de Belas Artes da Bahia, onde era professor de desenho, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e dos periódicos *A Província* e *O Trabalho*, onde defendeu os direitos da classe operária; foi também um pródigo comentador da história baiana e excelente observador dos costumes de sua terra. *A Bahia de outrora* (1916) é uma coletânea de artigos publicados na *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia* e em jornais de Salvador entre 1913 e 1916. Trabalhos de Manuel Querino sobre a influência da cultura africana na Bahia foram editados em 1938 sob o título *Os costumes africanos no Brasil*.

Capítulo V

36. A igreja matriz de cada freguesia refletia a situação econômica e o gosto da época. Situada no termo da vila de São Francisco da Barra do Sergipe do Conde, a freguesia de Santana do Catu foi criada por desmembramento da freguesia de São Sebastião do Passé na última década do século XVIII. Nela se concentravam engenhos surgidos em um momento de recrudescimento da atividade açucareira. As dimensões avantajadas da igreja e a sobriedade de sua decoração informam sobre a nova realidade que substituiu a opulência barroca, típica do século XVII e da primeira metade do século XVIII.

37. A partir de 1801 foram feitas diversas tentativas para modificar o antigo hábito de sepultarem-se os mortos nas igrejas e conventos — *no sagrado*, como se dizia. Nesse ano, o Príncipe Regente Dom João enviou Carta Régia ao Governador Francisco da Cunha Menezes, ordenando que se fizessem construir cemitérios em "sítio separado desta cidade da Bahia, e cujo terreno não seja úmido mas lavado dos ventos" e proibindo que "dentro dos templos se continue a dar sepultura aos cadáveres logo que estivessem construídos os mesmos cemitérios" (cf. Brás do Amaral, "Anotações feitas à terceira seção das *Memórias...* *in* Accioli, *Memórias históricas e políticas da Província da Bahia*, v. III, p. 161–162). A ordem não foi cumprida, e continuaram os sepultamentos nas igrejas, conforme ordenado pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, Livro Quarto, Título LIII. Em 1832, foi criado o cemitério do Campo Santo, a ser explorado por uma companhia particular. Irmandades e Ordens Terceiras, que tinham até então o privilégio dos enterramentos, mobilizaram um motim popular que ficou conhecido como "Cemiterada", obrigando o governo a suspender o projeto. Na década de 1850, duas epidemias, a de febre amarela em 1850–1852 e a de cólera em 1855–1856, precipitaram a promulgação de leis provinciais que, em nome da higiene, determinaram o fim do antigo costume e a generalização dos cemitérios, antes restritos aos indigentes, lázaros e condenados à forca (cf. Brás do Amaral, *História da Bahia...*, p. 84–85 e 196–197).

38. Os reisados — festa popular de origem européia — encerravam no dia 6 de janeiro o ciclo do Natal, lembrando a visita dos três Reis Magos ao Menino Jesus. Lapinhas, pastoris e outros autos tradicionais como o bumba-meu-boi, as cheganças, os fandangos e os congos exibiam-se pela última vez (cf. Câmara Cascudo, *Dicionário...*, p. 668–669; cf. igualmente Melo Moraes Filho, "Natal, Ano Bom e Reis na Bahia", *in* Pinto de Aguiar [org.], *Bailes pastoris na Bahia*, p. 30–44).

39. Lundu, lundum, landu e londu eram nomes dados a dança e canto de origem africana, trazidos para o Brasil pelos negros bantos,

especialmente de Angola. Difundido em toda a Colônia, o lundu já era conhecido em Portugal no século XVI, tendo a dança sido proibida, por razões morais, pelo Rei Dom Manuel I. No século XVIII, reabilitado, o lundu esteve presente nos palcos e nos salões portugueses e brasileiros (cf. Câmara Cascudo, *Dicionário...*, p. 446–447).

40. As chulas eram canções zombeteiras e até pouco respeitosas. Originariamente eram cantadas quando as solicitações dos participantes do reisado não eram atendidas; depois, transformaram-se em cantos seresteiros (cf. Câmara Cascudo, *Dicionário...*, p. 223).

41. A palavra samba provém de *semba*, umbigada, na língua angolesa. Era usada no Brasil, inicialmente, para designar o batuque africano em que os dançarinos se colocavam em círculo, indo para o centro um homem ou mulher que, depois de executar vários passos, escolhia seu substituto indicando-o com um movimento da pélvis (cf. Câmara Cascudo, *Dicionário...*, p. 689–690).

42. O comerciante francês L. F. Tollenare assistiu, em 1817, a uma representação teatralizada do lundu baiano:

> Essa dança, a mais cínica que se possa imaginar, não é nada mais nada menos do que a representação a mais crua do ato de amor carnal. A dançarina excita o seu cavalheiro com movimentos os menos equívocos; esse responde-lhe da mesma maneira; a bela se entrega à paixão lúbrica; o demônio da volúpia dela se apodera; os tremores precipitados das suas cadeiras indicam o ardor do fogo que a abrasa; o seu delírio torna-se convulsivo, a crise do amor parece operar-se, e ela cai desfalecida nos braços do seu par, fingindo ocultar com o lenço o rubor da vergonha e do prazer. (*Notas dominicais*, p. 290)

43. O fandango e a cachucha eram danças de origem ibérica. O fandango, também chamado de chegança ou marujada, era um auto popular tradicional, mistura de cantigas portuguesas e brasileiras, representado no ciclo do Natal. Tinha um caráter de dança dramática. A cachucha, ou "Maria Cachucha", era uma dança espanhola

de par solto, sapateada, acompanhada com castanholas e canto. A gavota e o minueto eram de origem francesa, mais formais, com coreografia caracterizada pelo equilíbrio dos movimentos. O solo inglês era uma espécie de quadrilha, muito dançada na época da Maioridade e durante o Segundo Império, na Corte e nas províncias. Dançava-se com dois pares e incluía vênias, troca de lugar e volteios (cf. Câmara Cascudo, *Dicionário...*, p. 320, 476 e 717).

Capítulo VII

44. Jeanne Marie Leprince de Beaumont (1711–1780). Escritora francesa, cuja obra se dirigia principalmente para as crianças e as jovens, viveu na Inglaterra entre 1745 e 1762, trabalhando como preceptora junto a famílias aristocráticas. Fundou, em 1750, o *Nouveau Magasin Français*, revista literária e científica destinada à juventude, para a qual reescreveu contos do folclore europeu. Em 1757 publicou, em quatro volumes, *Le magasin des enfants* ou *Dialogue entre une sage gouvernante et ses élèves*, cujo sucesso fez com que fosse traduzido em todas as linguas européias. Também em quatro volumes, *Le magasin des adolescents* veio a público em 1760. Já de volta à França, Mme. Leprince de Beaumont escreveu, em 1766, um livro autobiográfico bastante divulgado na época, *Mémoires de la Baronne de Batteville*; dois anos depois publicou *Le magasin des pauvres artisans et des gens de la campagne* (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. III, p. 115). No Brasil, chegaram as versões portuguesas *O bazar das crianças*, ou *Diálogos de uma sábia preceptora com suas discípulas*, de Mme. Luiza S. Beloc, e *O tesouro das adultas*, ou *Diálogos entre uma sábia mestra e suas discípulas da primeira distinção*, do sacerdote Joaquim Inácio de Frias, ambas publicadas pela Livraria Garnier. Incluídas no Catálogo Antigo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, as duas obras não foram encontradas no acervo da instituição.

45. Sophie Rostopeina (1799–1874), Condessa de Ségur. Nascida em São Petersburgo, de família aristocrática, viveu na França a partir

de 1817, quando o pai, ministro do czar Paulo I, caiu em desgraça política. O título pelo qual tornou-se mundialmente conhecida veio do casamento com o conde francês Eugène de Ségur, realizado em 1819. Depois de toda uma vida dedicada à família, começou a escrever histórias infantis para, através delas, manter contato com dois netos que viviam com os pais em Londres. Essas histórias, publicadas entre 1857 e 1866, alcançaram enorme sucesso e foram traduzidas em inúmeras línguas. Destacam-se *Memórias de um burro* (1860), *Os desastres de Sofia* (1864) e *O general Dourakine* (1866) (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. IV, p. 283).

46. A tuberculose, também chamada "moléstia do peito", atacava mais freqüentemente as senhoras que os homens. Entre as causas que desencadeariam a doença nos "indivíduos predispostos" estavam o frio úmido, a reunião de grande número de pessoas em um pequeno espaço, a respiração de ar impuro, as paixões tristes e os excessos de todos os gêneros. O tratamento incluía a mudança para um local seco e quente, exercícios físicos moderados, banhos frios no mar e nos rios e um regime de carnes assadas, féculas e legumes em partes iguais (cf. Chernoviz, *Dicionário de medicina popular...*, v. II, p. 1.092–1.101).

47. *Flos Sanctorum, abreviado do compêndio das vidas dos Santos de especial veneração na Igreja de Deus, para se elegerem por advogados e protetores em qualquer dia do ano,* do padre Francisco de Jesus Maria Sarmento (1713–1790), foi publicado em Lisboa pela Tipografia da Academia Real de Ciências. A terceira edição, em dois tomos, cujo frontispício do primeiro tomo está reproduzido em edição de 1955 da Livraria Progresso Editora, é de 1852. Como subtítulo, *Com várias reflexões, doutrinas morais e espirituais, exercícios para se imitarem as suas virtudes. E juntamente algumas devoções em benefício das almas do Purgatório.*

48. A *Tribuna Católica* do Rio de Janeiro não consta dos catálogos de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

49. As *Santas Missões*, conduzidas por frades capuchinhos, realizavam-se durante a quaresma — geralmente nas sextas-feiras, sábados e domigos — nas mais distantes freguesias do bispado. Tinham como objetivo "preparar o povo pela penitência, instruí-lo no catecismo, encaminhá-lo pelo batismo, pela prática da virtude e do bem, ao reino de Deus". Atraíam as populações vizinhas às localidades onde eram realizadas, em igrejas ou em altares improvisados ao ar livre, em áreas capazes de receber milhares de pessoas (cf. Melo Moraes Filho, *Festas e tradições populares do Brasil*, p. 103–107).

50. Os capuchinhos, divisão da ordem franciscana criada no século XVI, chegaram ao Brasil nos primeiros anos do século XVII. De início franceses, a partir de 1679 foram substituídos, em decorrência de questões políticas entre Portugal e a França, pelos frades italianos, que fundaram em Salvador a igreja da Piedade e um "hospício" — hospedaria — para abrigar os frades que voltavam das missões no interior. A prefeitura dos capuchinhos da Bahia foi criada em 1712 e, além de controlar nove aldeias de índios, promovia missões itinerantes que percorriam as freguesias do interior, reavivando a fé e difundindo a doutrina católica (cf. Padre Heliodoro Pires, *Temas da história eclesiástica do Brasil*, p. 185–190). Para minucioso relato das atividades do missionário capuchinho frei Apolônio de Todi, que percorreu o interior baiano entre 1781 e 1812, pregando, ministrando sacramentos e levantando ou consertando igrejas, cf. Brás do Amaral, "Anotações feitas ao volume IV das *Memórias históricas e políticas*, correspondendo à história religiosa da Bahia", *in* Accioli, *Memórias...*, v. V, p. 233–239.

51. Sobre os rituais de flagelação, usuais no século XIX, cf. Melo Moraes Filho, "As Santas Missões", *in Festas e tradições...*, p. 139–143.

Capítulo IX

52. Jacques Henri Bernardin de Saint-Pierre (1737–1814), escritor e naturalista, nascido na França, engajado na Marinha francesa, viajou intensamente até encontrar Jean Jacques Rousseau, em 1770, de quem tornou-se discípulo. Seu primeiro livro, *Voyage à l'Ile de France*, foi publicado em 1773; no ano seguinte obteve grande sucesso com *Etudes sur la nature*, no qual pretendeu provar a existência de Deus com argumentos tirados da natureza. O romance *Paul et Virginie*, que se passa na Ile de France, ou ilha Maurício, já descrita em sua primeira obra, foi publicado em 1787 e inaugurou a moda da literatura exótica. Várias de suas obras, entre as quais *Paul et Virginie*, foram adaptadas para o teatro. Depois da Revolução Francesa, foi diretor do Jardim Botânico e do Centro de História Natural de Paris e professor da Escola Normal Superior da França (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. I, p. 313–314).

53. O trapiche das Almas, situado na freguesia de Nossa Senhora do Socorro do Recôncavo da Cidade da Bahia, à margem do rio Cururupeba, era um dos portos fluviais de embarque do açúcar produzido nos engenhos do Recôncavo (cf. "Relação dos logares, povoações, extensão de léguas e rios que há na freguesia de Nossa Senhora do Socorro do Recôncavo da Cidade da Bahia, pelo vigario Inácio Jardim", *Inventário dos documentos relativos ao Brasil...*, v. I, p. 206, doc. 2.695).

Capítulo X

54. *O judeu errante*, de Marie Joseph Sue, dito Eugène (1804–1857), foi publicado em capítulos diários no jornal parisiense *Le Constitutionel* entre 1844 e 1845. O enorme sucesso obtido fez com que fosse transformado em livro, logo traduzido para outras línguas européias e, em 1849, adaptado para o teatro pelo próprio autor. Escritor de origem burguesa, Sue, depois de explorar diversos es-

tilos literários, tornou-se um dos expoentes do gênero nascente, o folhetim popular. Nos seus escritos de tom socializante, disputados pelos maiores jornais franceses, descrevia com inédito realismo os aspectos mais degradados da sociedade européia (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. IV, p. 413–414). Na Bahia, uma edição em cinco volumes, "ornados com estampas", foi anunciada em 1869 por 12$000 no *Novo catálogo das obras que se acham à venda na Livraria Catilina e Cia.*

55. Bandeira estava situada entre Feira Velha (Capuame) e Camaçari, a cerca de sete léguas de Catu e oito de Salvador.

56. Roças eram propriedades meio urbanas, meio rurais, de rendimento ou de recreio, características das freguesias periféricas de Salvador, como Santo Antônio Além do Carmo, Nossa Senhora de Brotas, Nossa Senhora da Vitória, Nossa Senhora da Penha (cf. A. A. Vieira Nascimento, *Dez freguesias...*, p. 39).

57. A viagem do Catu até Salvador era feita pela Estrada das Boiadas, através da qual o gado descia do Sertão para abastecer a cidade (cf. Vilhena, *Notícias...*, v. I, Carta Segunda, p. 101). A estrada terminava no convento da Soledade, da Ordem das Ursulinas, freguesia de Santo Antônio Além do Carmo, ao norte da cidade. Dali podiam ser vistas as torres das igrejas de Santo Antônio Além do Carmo, Boqueirão, Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora dos Passos, Nossa Senhora do Carmo e da capela da Ordem Terceira do Carmo.

Capítulo XI

58. Da Lapinha, na freguesia de Santo Antônio Além do Carmo, até o Pelourinho, na freguesia da Sé Catedral, atravessavam-se as freguesias de Santo Antônio e do Santíssimo Sacramento da Rua do Passo. Na primeira, quase rural, eram muitas as roças onde africanos ou seus descendentes já nascidos no Brasil, libertos ou livres, trabalhavam na lavoura ou como prestadores de serviços. Afasta-

vam-se desse modelo alguns quarteirões mais urbanizados, onde viviam negociantes, funcionários públicos, estudantes e até médicos; em outros, viviam pessoas que exerciam profissões características dos extratos médios da sociedade, como tecelões, alfaites, costureiras, engomadeiras. Já a freguesia do Santíssimo Sacramento da Rua do Passo era inteiramente urbana, tendo sido desmembrada da freguesia da Sé Catedral, da qual guardava as características. Ali viviam profissionais liberais, pequenos e médios comerciantes, artífices, professores e estudantes, já que, além de próxima da Faculdade de Medicina, concentrava diversos colégios. Os lampiões de azeite de peixe, instalados em 1836, distribuídos irregularmente nas diversas freguesias, só eram acesos, por medida de economia, nas noites em que a lua não assegurava um mínimo de luz. Em 1861 começaram a ser substituídos por lampiões de gás, que, em 1867, já eram 2.100 (cf. A. A. Vieira Nascimento, *Dez freguesias...*, p. 77–80, 86–88 e 46–48).

59. José Francisco da Silva Lima (1826–1910), nascido em Portugal mas educado na Bahia, formou, com John Lizertwood Paterson (1820–1882) e Otto Henry Wucherer (1820–1873), um grupo experimentalista que ficou conhecido como *Escola Tropicalista Baiana*. Dotados de visão clínica e espírito de pesquisa, produziram importantes estudos sobre etiologia, sintomatologia e terapêutica de doenças tropicais. Silva Lima estudou especialmente o beribéri, o ainhum, a bouba, o maculo e a dracontíase. Entre 1866 e 1869 publicou diversos artigos na *Gazeta Médica Baiana* e, em 1872, reuniu suas observações sobre o beribéri em *Ensaio sobre o beribéri no Brasil* (cf. Licurgo Santos Filho, "Medicina no período imperial", *in* Sérgio Buarque de Holanda [org.], *História geral da civilização brasileira. O Brasil monárquico,* t. II, v. III, p. 477–478). Como colaborador de jornais não médicos, Silva Lima usava o pseudônimo de Sênio. "A Bahia de há 66 anos – reminiscências de um contemporâneo" foi publicado em capítulos no *Jornal de Notícias* (1907) e editado como livro pela Livraria Vitória (1939).

60. Local do cumprimento das penas de açoite — desde que para lá fora transferida, vinda da Praça do Palácio, a coluna de cantaria, onde eram acorrentados os condenados cujos gritos incomodavam as autoridades — o Largo do Pelourinho, praça triangular no alto da ladeira do Rosário da Baixa dos Sapateiros, estava situado na freguesia da Sé Catedral. Essa freguesia, onde nascera a cidade e estavam os centros religioso, administrativo, judiciário e legislativo, vinha sofrendo sensível processo de transformação: em antigos solares e sobrados, moradias de famílias abastadas, viviam diversas famílias chefiadas por servidores públicos e artesãos. Os andares térreos muitas vezes estavam alugados a comerciantes (cf. A. A. Vieira Nascimento, *Dez freguesias...*, p. 68–72).

61. Descrição minuciosa das "cadeiras de arruar" encontra-se em Wetherell:

> As "cadeiras" oferecem para o estrangeiro mais um aspecto curioso da vida da cidade. Essas cadeiras são feitas de madeira leve e com um trabalho de palha, adaptadas a uma armação suspensa a uma percha que atravessa o alto de ponta a ponta. São carregadas nos ombros dos pretos: o da frente leva um bastão para ajudar a levantar a vara e o detrás muda a percha de ombro tantas vezes quanto deseje. As cadeiras são cercadas por cortinas suspensas num teto, ou tampa, de forma oval. Algumas são muito elegantemente adornadas, pintadas de grená ou azul escuro, com fazendas verdes para as cortinas, cobertas com motivos dourados e forradas de cetim, o assento ricamente ornamentado com esculturas douradas e almofadas de cetim. Esse modo de transportar é elegante e extremamente fácil, uma vez que a pessoa a ele tenha se acostumado. (...) A pessoa que entrar pela primeira vez num desses veículos nunca ficará quieta demais: o hábito lhe ensinará rapidamente que pode espreitar ou mover-se ligeiramente sem o menor perigo. Cada movimento torna, naturalmente, muito mais difícil a tarefa dos pretos em carregar a cadeira. Sua remuneração é das mais baratas: carregam um passageiro numa distância de duas milhas por xelim. (*Brasil, apontamentos...*, p. 36–37)

62. As "caponas", já raras na segunda metade do século XIX, eram antes acessório indispensável às mulheres que saíam às ruas:

... comum a ambos os sexos, o capote era uma larga e longa vestimenta que cobria o indivíduo do pescoço aos pés, ou então até ao meio das pernas. Possuía cabeção e podia, ou não, estar munida de capuz. As mulheres de antigamente, em Portugal como no Brasil, saíam à rua geralmente envoltas no capote, a cabeça coberta por manta, ou lenço, e o rosto parcialmente rebuçado no bioco, ou no lenço. Este era um lenço grande, de cor viva. (Licurgo Santos Filho, *Uma comunidade...*, p. 405)

63. A partir da quarta-feira da Semana Santa, dita de Trevas, os altares das igrejas eram cobertos com véus negros, simbolizando a escuridão que descera sobre Jerusalém quando da morte de Jesus. Descrita em 1855 por Wetherell, a igreja de São Francisco, que forma com o convento dos Franciscanos e a capela da Ordem Terceira um imponente conjunto arquitetônico, construído entre 1686 e 1713, está situada na paróquia da Sé Catedral:

> A Igreja do Convento de São Francisco é a mais linda da cidade. O seu interior é uma massa de escultura dourada e o teto, que é liso, é dividido em painéis ricamente pintados. Infelizmente muitas das peças mais importantes dos adornos esculpidos foram caindo e a igreja vai tomando um aspecto miserável; mas, mesmo ao vê-la nesse seu "estado de abandono", o visitante pode ter uma idéia da imponente grandeza de seu interior quando ele estava intacto e recém-dourado. Ela não é em absoluto de dimensões grandiosas. O convento é atualmente excessivamente pobre e não parece existir, por parte dos brasileiros, nenhum desejo de restaurar as suas igrejas, nem que fosse apenas para mantê-las em bom estado. As balaustradas e as cadeiras da galeria parecem-me ser de pau rosa: são trabalhos com muita arte e das mais elegantes. (*Brasil, apontamentos...*, p. 89)

64. A antiga igreja do Colégio dos Jesuítas estava localizada no Terreiro de Jesus, paróquia da Sé Catedral. O Terreiro de Jesus era uma das três praças da Salvador primitiva, próxima às Portas do Carmo, limite norte da cidade. Ali se encontram também as igrejas da Ordem Terceira de São Domingos e da Irmandade dos Clérigos de São Pedro. Em 1765, seis anos depois da expulsão dos jesuítas,

a igreja do Colégio foi transformada em Sé Catedral. É de 1855 a descrição de Wetherell:

> A Igreja do Colégio dos Jesuítas, chamada Santo Inácio de Jesus, é agora usada como catedral, uma vez que a antiga Sé se acha em muito mau estado. É construída com bela pedra sabão e uma qualidade de mármore branco comum. O interior é muito alto, o teto em arco é ornado com riquíssimas peças de esculturas de madeira pintada e dourada. As paredes do edifício são todas de mármore e as capelas laterais do altar são recheadas de esculturas douradas, todas elas infelizmente agora bastante escurecidas e parcialmente estragadas por terem sido quebradas. Na parte dos fundos acha-se uma larga sacristia na qual se encontra um lindo relicário de puro mármore branco com colunas de pórfiro contendo uma pintura de Nossa Senhora; de cada lado da sacristia acham-se imensos arcazes com incrustações de tartaruga e marfim e por vezes adornadas com pequenas pinturas; suas gavetas servem para guardar as vestimentas e ornamentos dos padres. (*Brasil, apontamentos...*, p. 60)

65. Dom Antônio Romualdo Seixas (1787–1860), Conde e Marquês de Santa Cruz, deputado e ministro do Império, arcebispo da Bahia e primaz do Brasil em 1826, presidiu a sagração do Imperador Dom Pedro II em 1841. A seu respeito escreveu Wetherell em 1856:

> O arcepispo é um velhinho de aparência benevolente e dizem que é muito caridoso mas que não tem a firmeza necessária para pôr freios aos desvios do clero inferior. Veste geralmente uma comprida batina com mangas de seda carmesim, sobre a qual usa uma rica e grande golinha ou palatino rendado; um pequeno barrete carmesim na cabeça e uma grande cruz de ouro colgada a uma corrente que repousa sobre seu peito completam a sua indumentária. Usa, quando em trajes de grande cerimônia, as fitas e medalhas de algumas das ordens brasileiras, punhos de rendas, meias vermelhas e sapatos pretos; carrega na mão esquerda um barrete preto quadrado e leva num dos dedos o anel episcopal. Quando na Catedral celebra missa solene, ele é vestido por seus assessores com hábitos de ouro e damasco, usando uma mitra dourada ricamente adornada de pedras preciosas. Dizem que há muito que deseja ser feito cardeal. (*Brasil, apontamentos...*, p. 120)

66. No antigo Colégio dos Jesuítas, ao lado da igreja de São Salvador, ensinaram, entre outros, Anchieta, Antônio Vieira e Antonil. Desativado com a expulsão da Ordem em 1759, o Colégio foi utilizado, a partir de 1788, como Hospital Real Militar. No Hospital, em 1808, foi instalada a primeira escola médica do Brasil, a Escola Cirúrgica, fundada quando da passagem do Príncipe Regente pela Bahia. Essa escola foi transformada, em 1816, no Colégio Médico-Cirúrgico, transferido para o hospital da Santa Casa de Misericórdia. Em 1832, já no Segundo Império, nova transformação, e o Colégio Médico-Cirúrgico tornou-se Faculdade de Medicina do Império do Brasil, voltando a funcionar no antigo Colégio dos Jesuítas (cf. Licurgo Santos Filho, "Medicina no Brasil Imperial", *in* Sérgio Buarque de Holanda [org.], *História geral...*, t. II, v. III, p. 477–478).

67. No Rio de Janeiro, a cerimônia do lava-pés era praticada não só pelas autoridades eclesiásticas mas também pelo Imperador (cf. Melo Moraes Filho, "Quinta-Feira Santa", in *Festas e tradições...*, p. 123–127).

68. A rua das Portas do Carmo, que acompanhava os terrenos do Colégio dos Jesuítas, situava-se na paróquia da Sé Catedral. O nome "Portas do Carmo" designava o lugar original de uma das portas da cidade, a Porta de Santa Catarina. Porque dava acesso ao convento do Carmo, passou a ser chamada "Portas de Santa Catarina, indo para o Carmo", depois "Portas do Carmo" (cf. Edison Carneiro, *A Cidade do Salvador [1549]. Uma reconstituição histórica*, p. 107). Tradicionalmente, na Quinta-Feira Santa deveriam ser visitadas sete igrejas, em cada uma das quais estava exposta, ao lado de painéis com os Passos da Paixão, a imagem do Senhor Morto, em um cenário especialmente preparado para despertar a emoção dos fiéis, que lhe beijavam as mãos ou os pés (cf. Melo Moraes Filho, "Quinta-Feira Santa", in *Festas e tradições...*, p. 165–169).

69. Inaugurada em 1658, a igreja da Santa Casa da Misericórdia, construída sobre os alicerces da antiga capela da Irmandade, teve suas obras iniciadas em 1654, provavelmente sobre um projeto do irmão beneditino frei Macário de São João. Ao seu lado foi construído, entre 1674 e 1679, o prédio que abrigava, no andar térreo, a sacristia, e no primeiro andar, o salão nobre, ou consistório. O claustro e o hospital foram construídos entre 1684 e 1695. Em 1718 a igreja sofreu uma grande reforma, que tinha como objetivo construir um coro especial para as "recolhidas", órfãs sem recursos que viviam no Recolhimento do Santo Nome de Jesus (cf. Carlos Ott, *A Santa Casa da Misericórdia da Cidade de Salvador*, p. 31–62). Vilhena deixou registradas suas impressões sobre a igreja da Misericórdia:

> É a Igreja da Santa Casa situada naquela rua [Direita]; um templo pequeno, porém asseado suficientemente; tem uma só torre na sua frente; a sua sacristia é quase tão grande como a igreja, e por baixo dela fica o grande carneiro dos Irmãos. A casa do Consistório e secretaria é famosa com onze janelas que deita para o átrio da Sé com grades de ferro todas elas, além de outras para a rua e algumas para o mar. O Hospital, além de abafadiço, é pequeno e pouco próprio. O Recolhimento das donzelas é suficientemente espaçoso. (*Notícias...*, v. I, Carta Segunda, p. 98)

70. O Recolhimento do Santo Nome de Jesus — criado por vontade testamentária de João de Matos Aguiar, um enjeitado que fizera fortuna, para acolher moças pobres que ali seriam dotadas e preparadas para o casamento — funcionava em prédio inaugurado em 29 de junho de 1716, anexo ao Hospital da Misericórdia. No início do século XIX começaram a surgir denúncias de que as órfãs eram vítimas de abusos e que o recolhimento transformara-se "em uma instituição que nada tinha de casa de educação religiosa, moral ou civil". A situação perdurou até 1856, quando chegaram a Salvador, trazidas pela congregação da Irmandade, sete irmãs de caridade francesas que serviriam como enfermeiras no hospital e procurariam, na direção do recolhimento, coibir as práticas de

corrupção, consideradas generalizadas. As novas regras, "baseadas nas práticas religiosas, no ensino, no trabalho e na ordem", não foram bem-recebidas pelas recolhidas, e foi decidido que algumas órfãs mais rebeldes seriam transferidas para os conventos da Soledade e das Mercês. A primeira tentativa foi frustrada. A questão tornou-se de domínio público, e, em 1858, quando de nova tentativa de transferência, desencadeou-se um motim popular — a "Revolução dos Chinelos" — que, insuflado por "pessoas interessadas no antigo estado de coisas", assumiu caráter reivindicatório e foi violentamente reprimido. Só em 1863 iniciou-se a desativação do recolhimento, com a transferência das mais jovens para novas instalações no Campo da Pólvora e gradual colocação das mais velhas em casas de parentes ou protetoras. O recolhimento foi fechado definitivamente em 1869 (cf. Francisco Vicente Viana, *Memória sobre o Estado da Bahia*, p. 373–376; cf. também Brás do Amaral, *História da Bahia...*, p. 203–204).

71. A "Procissão solene do enterro de Cristo Senhor Nosso na tarde de Sexta-Feira Maior" já ocorria na Bahia em 1696, segundo se lê em documento daquele ano, assinado pelo comissário visitador da Sagrada Ordem Mendicante dos Carmelitas Observantes. Em 1869, seguiam a procissão os irmãos noviços, os irmãos terceiros e os religiosos daquela ordem, mais os irmãos terceiros de São Francisco, São Domingos e Santíssima Trindade e as autoridades principais da província, "sendo o lugar destas depois do andor de Nossa Senhora". Abria-se o cortejo com a cruz da Ordem, seguiam-se as imagens do Cristo no Horto, do Cristo crucificado e finalmente o esquife com o Cristo morto, debaixo do pálio, levados pelos irmãos terceiros sacerdotes ou seculares, vestidos com sobrepelizes. Depois do esquife, vinha o andor de Nossa Senhora da Soledade, carregando o Santo Sudário (cf. João da Silva Campos, *Procissões tradicionais da Bahia*, p. 174–177). As procissões eram definidas e regulamentadas pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, Livro III, Título XIII.

72. A Viscondessa da Torre, Ana Maria de São José e Aragão (1814–1884), filha do *Santinho,* Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, casou-se em 1834 com seu tio, o Barão da Torre de Garcia d'Ávila, Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque.

73. As negociações sobre a vinda de doze irmãs de caridade e dois padres da Congregação da Missão, ou dos Lazaristas, para a Bahia começaram em 1851, promovidas pela Confraria de São Vicente de Paula, que havia sido organizada especialmente para trazer a Ordem para o Brasil. Com essa iniciativa, o Arcebispado procurava renovar o seu corpo de sacerdotes, religiosos e religiosas, objeto de freqüentes acusações de corrupção ou relaxamento de costumes (cf. Katia de Queirós Mattoso, *Bahia, século XIX...*, p. 300–307). O próprio arcebispo Dom Romualdo Antônio de Seixas fez os contatos com a congregação, em Paris, solicitando ao padre mestre superior que quatro das irmãs fossem "das mais habilitadas para a instrução das meninas, não só quanto ao ensino religioso, mas também quanto a outros ramos de conhecimentos, como desenho, música, e prendas próprias do sexo", com a justificativa de que "este serviço é o maior e mais importante que elas podem aqui prestar, porque a educação cristã é uma das principais e mais urgentes necessidades deste país" (Brás do Amaral, "Anotações feitas ao volume IV das *Memórias...*", *in* Accioli, *Memórias...*, v. V, p. 363). Luiza Margarida Portugal de Barros (1816–1891), Condessa de Barral e Pedra Branca, era filha do Visconde de Pedra Branca e foi casada com o conde francês Horace Eugène de Barral. Foi preceptora das filhas do Imperador Pedro II e fundadora, em 1854, da Associação das Senhoras de Caridade, da qual foi tesoureira. A Associação mantinha, ao lado da igreja de Nossa Senhora do Rosário da Baixa do Sapateiro, a Casa da Providência, dispensário e casa de educação, onde, em 1855, estudavam gratuitamente oitenta alunas externas, oito órfãs transferidas do Recolhimento do Santo Nome de Jesus e um número impreciso de pensionistas

pagas. As alunas externas estudavam português, história sagrada e pátria, sistema métrico, aritmética e todos os trabalhos de agulha. As internas, além dessas matérias, ainda estudavam francês, história contemporânea, caligrafia, geografia, cosmografia, piano e mais prendas domésticas. As órfãs, que podiam ficar no colégio até dezoito anos, não estudavam piano, mas recebiam todo o necessário para adquirir instrução e hábitos de trabalho (cf. Francisco Vicente Viana, *Memória sobre...*, p. 381–385).

74. O asilo do Santíssimo Coração de Jesus foi criado em 12 de julho de 1856, graças a um donativo feito pelo Imperador, complementado por estabelecimentos de crédito de Salvador. Destinava-se a recolher órfãs desamparadas, principalmente filhas das vítimas das epidemias de cólera, que seriam transferidas do Recolhimento do Santo Nome de Jesus, do Colégio Nossa Senhora dos Anjos e do Recolhimento São Raimundo, onde se achavam até então (cf. Brás do Amaral, *História da Bahia...*, p. 202).

75. A história do convento do Desterro, fundado no final do século XVIII, foi resumida por Vilhena:

> Muitos anos havia que a nobreza e o povo da cidade da Bahia pretendiam houvesse nela um mosteiro, ou convento em que se recolhessem as senhoras principais, que para isso tivessem vocação, ou lhes faltasse o preciso dote para poderem casar, quando no ano de 1677 chegaram as religiosas que haviam de fundar um mosteiro da Reforma de Santa Clara, para o que tinha o Soberano dado permissão. Não era essa fundação menos apetecida de muitas donzelas que pretendiam conservar-se no estado de celibato e, livres das inquietações do século, florescer nas virtudes servindo a Deus sujeitas aos votos e clausuras. Dificultava-se essa pretensão com o pretexto de ser essa cidade colônia em que não era conveniente o obstar a propagação dos naturais, precisa para o aumento dos habitantes dela, e de todo o Estado; vencido finalmente esse obstáculo foi servido o sereníssimo Príncipe Regente o Senhor Dom Pedro conceder a fundação de um convento, com o número somente de cinqüenta freiras professas, o qual depois se ampliou, por conveniências do mesmo mosteiro, que sempre ficou sujeito ao Metropolitano.

Foram fundadoras a Madre Margarida da Coluna, abadessa primeira, com três companheiras mais, religiosas de Santa Clara do Convento d'Évora. Principiou-se o mosteiro no sítio de Nossa Senhora do Desterro, invocação que já tinha a igreja que aí havia, e hoje é do mosteiro. Havia essa sido fundada no ano de 1627 com as esmolas dos fiéis, em terras que doou um devoto, tendo desde então até hoje persistido a mesma confraria da Senhora que já então havia. Não há muitos anos que neste mosteiro havia sessenta e cinco religiosas e educandas, à exceção das servas. (*Notícias...*, v. II, Carta Duodécima, p. 468–469)

76. Questionava-se, em 1855, o direito de os pais imporem às filhas a vida religiosa. O presidente da Província, Álvaro Tibério, recusou pedido de Luís Paulino dos Santos, já aprovado pela Assembléia Provincial, para recolher a filha ao convento das Ursulinas, argumentando que esta não tinha a idade necessária para avaliar a importância de um voto eterno e a própria vocação para a vida claustral (cf. Brás do Amaral, *História da Bahia...*, p. 197–198).

77. O Bonfim, ponto mais elevado e mais ao norte do porto de Salvador, estava situado na freguesia de Nossa Senhora da Penha de Itapagipe, fora dos limites da cidade. Ali viviam pescadores e artesãos empregados em estaleiros e "passavam as festas" famílias cujas moradias ficavam no centro da cidade (cf. A. A. Vieira Nascimento, *Dez freguesias...*, p. 93–95).

78. A primeira imagem do Senhor do Bonfim chegou a Salvador trazida pelo Capitão Teodósio Rodrigues de Faria, que a ofereceu, em 1745, à igreja de Nossa Senhora da Penha de Itapagipe. Considerada milagrosa, a imagem atraiu tal número de fiéis que foi decidida a construção de um templo especial para recebê-la, inaugurado em 1754 (cf. Marieta Alves, "Igreja do Bonfim", *in Pequeno guia das igrejas da Bahia,* p. 14). Centro de romarias, a igreja foi descrita por Wetherell em 1856:

> O grande templo votivo desta cidade é a igreja de *Nosso Senhor do Bonfim,* um elegante edifício branco construído sobre uma elevação ao norte da cidade. Grande número de devotos, principalmente

pretos e mulatos vestindo seus melhores trajes e de pés descalços, pode ser visto subindo até a igreja a fim de dar uma vela como oferta. Eles acham naturalmente que a penitência que estão fazendo deverá pagar por uma multidão de pecados. Na igreja, existe uma sala inteiramente cheia de desenhos em cores reproduzindo acidentes, meio pelo qual as pessoas que escaparam a um perigo provam que foram salvas graças à intervenção de *Nosso Senhor*. Réplicas de cera de braços, pernas, seios, etc., com diferentes doenças nelas representadas, são penduradas ao redor da sala: são ofertas das pessoas que se curaram dessas enfermidades. Num canto amontoadas, há dezenas de muletas oferecidas por pessoas que sararam da manqueira. Existia antigamente o hábito dos marinheiros pertencentes a navios negreiros de trazerem uma das velas de seu navio para ser benta antes da partida; outras vezes, tendo feito o voto de oferecer uma vela num momento de perigo, os marinheiros vinham do porto à igreja, de pés descalços, escoltando a vela toda ornamentada com grinaldas de flores por eles oferecidas e, em seguida, levavam-na de volta. Existe no teto um grande painel que representa, entre outros motivos, marinheiros no ato do oferecimento de uma vela a Cristo. (*Brasil, impressões...*, p. 121–122)

79. Os quadros *A morte do pecador* e *A morte do justo* foram pintados pelos artistas baianos, Bento José (1791–1874) e Tito Nicolau (1822–1876) Rufino Capinam, pai e filho (cf. Marieta Alves, *Dicionário de artistas baianos,* p. 44–45). Expressão de ingênua religiosidade, foram alvo da crítica do Príncipe Maximiliano de Habsburgo:

> Em meio a essa gritaria prazeirosa de baixas emoções, surpreendem-me dois grandes afrescos, embaixo do coro da igreja: um representando *A morte do pecador* e o outro, *A morte do justo*. O *pecador* contorcia-se no leito de morte, com uma doença grave, e os mensageiros cornígeros já estavam prontos para escoltar para o fogo do inferno a alma que se desprendia, enquanto o *justo* partia, muito cômoda e confortavelmente, e anjos serviam de parteiros, nos gemidos do renascimento da alma purificada. As representações eram tão engraçadas que se adaptariam melhor ao teatro burlesco do que às paredes de uma igreja. (*Bahia 1860. Esboços de viagem*, p. 132)

80. Única instituição de ensino superior na Bahia até 1891, quando foi fundada a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina foi um centro gerador e difusor de cultura e poder. O título de lente, obtido através de concurso, abria amplas perspectivas para seus detentores e afirmava o pertencimento a uma elite até então formada apenas por senhores de engenho e grandes exportadores de açúcar e fumo.

81. As *Memórias históricas e políticas da Província da Bahia*, do coronel Inácio Accioli de Cerqueira e Silva, foram publicadas em seis volumes entre 1835 e 1852 pela Tipografia do Correio Mercantil. Entre 1919 e 1940, foram reeditadas pela Imprensa Oficial do Estado com notas do historiador Brás do Amaral. As *Memórias* são uma história cronológica da Bahia, desde os primórdios da colonização portuguesa até 1832, com farta utilização da documentação arquivística oficial, que funciona como fio condutor da narrativa. O volume V — seção quarta — refere-se à história religiosa da Bahia desde a chegada dos jesuítas em 1549 até o décimo sétimo arcebispo, Dom Romualdo Antônio de Seixas, elevado ao cargo em 1826. Relaciona as freguesias da Cidade e de seus subúrbios, do Recôncavo, da Repartição do Sul, do Sertão de Baixo, do Sertão Alto ou de Cima, historia a presença dos franciscanos, beneditinos, carmelitas calçados e descalços, padres da Congregação de São Filipe de Neri, dominicanos, capuchos italianos e agostinhos descalços e, finalmente, descreve o processo de fundação dos conventos da Soledade, da Lapa, das Mercês e dos recolhimentos de São Raimundo e dos Perdões. Não foi encontrada referência à igreja do Bonfim.

82. *A Tarde*, jornal de Salvador, fundado em 1912 por Ernesto Simões Filho, até hoje em circulação.

83. As gôndolas, ou ônibus de tração animal, surgiram em Salvador em 1845, lançadas por uma companhia particular que obteve, por dez anos, concessão do governo para explorar duas linhas, da Cidade Alta até a Barra e da Pedreira até o Bonfim. Durante muito

tempo só eram usadas por homens e crianças. Diz a tradição que a Condessa de Barral foi a primeira mulher que se aventurou nesse meio de transporte (cf. Wildberger, *Os presidentes da Província da Bahia, efetivos e interinos – 1824–1889*, p. 103–104).

Capítulo XIII

84. A ermida de Nossa Senhora das Candeias da Palma tornou-se em 1620 a segunda freguesia da cidade do Rio de Janeiro, por desdobramento da freguesia do Castelo. Administrada a partir de 1634 pela Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, em 1775, por sua modéstia, foi considerada inadequada pelo provedor da Irmandade e bispo da cidade, Dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, que determinou a demolição e a construção de uma nova igreja. O projeto feito no Brasil sofreu transformações no correr do tempo, e a inauguração da fachada e de parte da nave central ocorreu em 1811. A cúpula, de mármore de Lisboa, só começou a ser construída em 1860. A Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária reunia a colônia portuguesa mais abastada, o que explica a imponência da igreja e a importância das obras de arte nela contidas (cf. Augusto Maurício, *Templos históricos do Rio de Janeiro*, p. 83–92).

85. O traslado dos restos mortais da Imperatriz Dona Thereza Cristina, falecida no Porto em 1889, e do Imperador Dom Pedro II, falecido em Paris em 1891, do Panteão da dinastia dos Bragança, na cripta da igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa, ocorreu em 1921, depois da revogação da lei do banimento da família imperial, promulgada quando da Proclamação da República. Chegadas ao Brasil em 8 de janeiro de 1921, as urnas ficaram depositadas no subsolo da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro até serem levadas, em 1925, para a Catedral de Petrópolis, ainda em obras. O jazigo definitivo ficou pronto em 1939 (cf. Pedro Calmon, *História de Dom Pedro II*, t. V, p. 1.913–1.916).

86. *O filho pródigo,* de Sir Hall Caine (1853–1931). O livro, fichado no catálogo antigo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, não se encontra no acervo da instituição. Está descrito no *Catálogo nº 1 da Livraria e Papelaria Catilina,* de 1918:

> Romance original — traduzido por Januário Leite e prefaciado pela eminente escritora Dona Maria Vaz de Carvalho. Não há sucesso de livraria comparável até hoje, do que tem tido esse notável romance. Traduzido em todas as línguas cultas, o número de exemplares vendidos é sem igual nos fastos da bibliografia universal. Um volume de cerca de 650 páginas por 4$000.

87. A Princesa Isabel, que faleceu em 14 de novembro de 1921, foi enterrada na capela real da família Orléans, em Dreux, na França. Seus restos mortais foram trasladados para o Brasil em 1953 e ficaram depositados no subsolo da Catedral Metropolitana do Rio até 13 de maio de 1971, quando foram levados para jazigo perpétuo na Catedral de Petrópolis (cf. Pedro Calmon, *História de Dom Pedro II,* t. V, p. 1.913–1.916).

88. Em dezembro de 1907, o Supremo Tribunal Federal negou pedido do Príncipe Dom Luís de Orléans e Bragança (1878–1920), segundo filho da Princesa Isabel, que viajava no navio francês *Amazone* e desejava desembarcar incógnito no Rio de Janeiro. O Tribunal alegou que estava em vigência o decreto de banimento contra a família imperial, promulgado em dezembro de 1889 e que só seria revogado em setembro de 1920 (cf. Leda Boechat Rodrigues, *História do Supremo Tribunal Federal,* t. II, p. 23–34).

Capítulo XIV

89. Existem duas versões para o início da epidemia de *cholera-morbus* que assolou a Bahia: na primeira, a doença teria chegado a Salvador no final de março de 1855, trazida pelo brigue inglês *Mercury,* cujo comandante morreu a bordo, depois de ter feito escala em Saint Jonh, no Caribe, onde grassava a doença; na segunda, teria sido trazida por um passageiro doente desembarcado, em 21 de

julho de 1855, do vapor *Imperatriz*, vindo de Belém do Pará. Rapidamente a doença espalhou-se pelas vilas do Recôncavo. Santo Amaro e Cachoeira foram as mais atingidas, morrendo na primeira 8.444 pessoas e na segunda 8.293. Houve cerca de 30 mil mortos em toda a Província, sendo 9.332 em Salvador (cf. Francisco de Paula Cândido, "Relatório acerca da saúde pública, compreendendo (1) a história sucinta do cólera-morbus no Império em 1855–1856 e (2) discussão das providências sanitárias que convém adotar-se", *in Relatório apresentado à Assembléia Geral Legislativa na quarta seção da nona legislatura pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império*, 1856, p. 8 a 13).

90. A fumaça era considerada um eficiente desinfetante das "emanações epidêmicas". João da Silva Campos registrou seu uso em Salvador:

> Uma das medidas aconselhadas pelo congresso de esculápios foi de que na via pública se queimassem grandes fogueiras, derramando-se previamente alcatrão sobre a lenha, a fim da fumaça afugentar as emanações mefíticas que acreditavam responsáveis pela difusão da peste. O governo mandou pôr a sugestão em prática sem qualquer demora. De tal jeito, em todas as ruas da Bahia, só faltou morrer gente sufocada de fumaça de alcatrão. (*Crônicas baianas do século XIX*, p. 45)

91. Cachoeira, Santo Amaro, Itaparica, Valença, Nazaré, Feira de Santana e Geremoabo foram as principais vilas baianas atingidas pelo cólera. Com o avanço da epidemia, o governo central impôs uma série de medidas sanitárias que deveriam ser difundidas através de comissões especialmente criadas (cf. Francisco de Paula Cândido, "Relatório acerca...", 1856, *passim*).

92. Daniel Frederico Júlio da Silva foi um dos 55 estudantes de medicina comissionados pelo governo para combater a epidemia de cólera. Daniel colou grau em 1856, beneficiando-se de autorização especial para prestar exames fora do prazo normal (cf. "Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia", *in Relatório apre-sentado à Assembléia Geral Legislativa na primeira seção da*

décima legislatura pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império, 1857).

93. A lei de 1855, como a anterior à qual se reportava, excluía da proibição às inumações nas igrejas os prelados, as religiosas dos conventos ou mosteiros e as recolhidas em estabelecimentos de cunho religioso:

> O Presidente da Província, atendendo a que na presente quadra é reconhecidamente nociva à saúde pública a continuação das inumações nos cemitérios e catacumbas das igrejas, tem resolvido que dora em diante cessem os referidos enterramentos, salvas as exceções decretadas no artigo 2º da Lei Provincial nº 402, de 2 de agosto de 1850, e ordena que nesse sentido se expeçam as comunicações necessárias. Palácio do Governo, 3 de setembro de 1855. *Alvaro Tibério de Moncorvo e Lima.* (Brás do Amaral, *História da Bahia...*, p. 197)

94. Dr. José Wanderley de Araújo Pinho (1890–1967). Advogado, promotor público e ministro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, foi deputado federal em diversas legislaturas e prefeito de Salvador. Historiador, deixou uma importante bibliografia sobre a Bahia, na qual se destacam *Cotejipe e seu tempo* (1937), *Salões e damas do Segundo Reinado* (1942), *História de um engenho do Recôncavo 1552–1944* (1946) e *História social da Cidade de Salvador* (1968, edição póstuma).

95. Manuel de Oliveira Mendes (1793–1867), segundo Barão de Itapicuru (1830), depois Visconde com honras de grandeza (1854), era o filho mais velho do primeiro Barão de Itapicuru, agraciado com o título em 1825 pelo Imperador Dom Pedro I. Grande proprietário de terras em Santo Amaro, onde tinha engenhos e fazendas de criação de gado, participou do movimento pela Independência. Foi comendador da Ordem de Cristo (cf. Bulcão Sobrinho, "Titulares baianos", p. 90–91).

96. Em 1855 o preço médio de um escravo adulto era de cerca de 600 mil réis. Em acelerada alta desde 1840, os preços dos escravos

atingiram seu mais alto patamar na década de 1860 — 650 mil réis — e caíram até 400 mil réis em 1888, quando da Abolição (cf. Katia M. de Queirós Mattoso, *Ser escravo no Brasil*, p. 95).

97. O Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, em Santo Amaro, foi fundado em 1813 por inspiração do padre Inácio dos Santos e Araújo. Começou a funcionar em 1817, graças a uma doação de Maria Soares de Albergaria e Lacerda. No Recolhimento, viviam meninas de seis a dezesseis anos — as educandas — que, ao lado da instrução elementar, aprendiam diversos trabalhos de agulha. Passada essa primeira etapa, continuavam aperfeiçoando-se em prendas domésticas, bordados a ouro, música de canto e piano, se as famílias assim o desejassem. Depois, desde que tivessem 25 anos, as educandas podiam tornar-se "recolhidas", passando a exercer tarefas didáticas (cf. Pedro Tomás Pedreira, *Memória histórico-geográfica de Santo Amaro*, p. 235–237).

Capítulo XV

98. Familiarizado com a ópera e a opereta por causa das apresentações periódicas de grupos líricos no teatro São João, o público baiano do século XIX apreciava especialmente a música italiana. Na livraria de Carlos Pongetti, na rua Nova do Comércio, freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, estavam à venda "álbuns de autores os mais célebres, para canto com acompanhamento de piano e para piano somente, entre os quais estão os do Maestro Verdi e as melhores óperas de Rossini, Bellini, Donizetti, etc. Árias, Duos e Cavatinas para soprano e meio soprano" (cf. Pierre Verger, *Notícias da Bahia — 1850*, p. 177). *A Sonâmbula* (1831), sétima ópera composta por Vincenzo Bellini (1801–1834), um dos principais representantes do romantismo lírico italiano, se passa no começo de século XIX em uma aldeia suíça. Narra, em libreto de Felice Romani, encontros e desencontros entre uma aldeã, seu noivo e o proprietário do castelo próximo (cf. Zito Batista Filho, *A ópera*, p. 40–43).

99. Atribuíam-se às águas de Caldas da Missão, fonte termal do Itapicuru, curas milagrosas de doenças de pele (cf. Relatório do dr. José Lino Coutinho, *in* Brás do Amaral, "Anotações feitas ao volume VI das *Memórias...*", *in* Accioli, *Memórias históricas e políticas da Província da Bahia*, v. VI, p. 161–163).

Capítulo XVI

100. O *schottische* surgiu durante a Regência e foi muito popular na Maioridade e no Segundo Império, existindo mais de mil composições dedicadas ao gênero. Começou como dança aristocrática de salão, incorporando-se depois aos bailes populares e regionais (cf. Câmara Cascudo, *Dicionário...*, p. 699–700).

101. *Blonde* é um tipo de renda de seda.

102. Domingos Borges de Barros (1780–1855), Barão (1825) e Visconde (1826) de Pedra Branca, doutor em Direito pela Universidade de Coimbra, deputado às Cortes de Lisboa (onde advogou a liberdade política das mulheres), embaixador do Brasil na França, senador do Império, negociador do casamento do Imperador Pedro I com a Princesa Amélia de Leuchtenberg e senhor de dois importantes engenhos — São João e São Pedro — no Recôncavo de Santo Amaro. Publicou em 1835, pela editora Livraria Aillaud, uma coletânea, *Poesias dedicadas às senhoras brasileiras*, e um poema, *Os túmulos* (cf. S. A. Sisson, *Galeria dos brasileiros ilustres*, t. II, p. 293–295).

103. Mathias de Araújo Góis e seu cunhado Pedro Ribeiro de Araújo compraram, em 24 de fevereiro de 1855, 480 tarefas de terra, sob o nome de fazenda Api, a Hermenegildo de Azevedo Monteiro. Essas terras tinham sido desmembradas do engenho São Miguel. A sociedade se desfez em 1860.

Capítulo XVII

104. Ao lado de *A Rainha Margot* e de *A Dama de Monsoreau* e *Os quarenta e cinco*, *O Conde de Monte Cristo* integra a trilogia das

guerras religiosas, de Alexandre Dumas, o pai (1802–1870). Nascido na província, Dumas fez carreira literária em Paris, primeiro como autor teatral, depois como romancista. Escreveu cerca de oitenta obras, entre as quais se destacam as trilogias dos mosqueteiros — *Os três mosqueteiros, Vinte anos depois* e *O Visconde de Brugelor* — e das guerras religiosas (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. II, p. 67). Suas obras completas estavam incluídas no *Novo catálogo das obras que se acham à venda na Livraria Catilina.*

105. *Les mystères de Paris* foi o primeiro romance publicado em capítulos diários no *Journal des Débats*, de Paris. O autor, Eugène Sue, estreando no gênero, vinha de uma já longa carreira literária e dominava a técnica de prender o interesse dos leitores (cf. nota 54). Durante os anos de 1842 e 1843 toda a França apaixonou-se pelas aventuras de Fleur-de-Marie. Diante da sede do jornal, formavam-se filas para disputar os primeiros exemplares saídos da prensa (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. IV, p. 413–414). *Povos e reis*, ou *Kossut e os húngaros*, de Mme. Clemence Robert, em dois volumes, estava incluído, por 3$000, no *Novo catálogo das obras que se acham à venda na Livraria de Catilina e Cia.*

Capítulo XVIII

106. Luís Antônio Burgain (1812–1874), nascido na França mas radicado no Brasil a partir de 1829, foi professor de francês e de geografia. Publicou livros didáticos sobre essas matérias e entre os seus alunos esteve o jovem Imperador Dom Pedro II. Autor de peças teatrais de valor desigual, que durante muito tempo alimentaram as companhias dramáticas do Brasil e de Portugal. Entre essas, *O vaticínio, drama alegórico da coroação*, dedicada em 1841 ao Imperador do Brasil (cf. *La Grande Encyclopédie*, t. VIII, p. 462).

107. Em algumas povoações do interior brasileiro existia a figura do médico "de partido", ou contratado, pago mensalmente pela Câmara, que para isso cobrava taxas especiais dos moradores do município. No século XIX surgiram os "partidos" particulares:

fazendeiros alugavam serviços médicos por mês, às vezes incluindo no contrato o compromisso de tratar não só da família mas também dos escravos (cf. Licurgo Santos Filho, *História da medicina no Brasil*, t. I, p. 78).

108. Monsenhor Silveira morreu em 1862 na vila de Itapicuru. Assim, passaram-se seis anos entre os casamentos de Emília e de Henriqueta, provavelmente ocorridos em 1856, e a morte do Monsenhor.

Capítulo XIX

109. Na Bahia, a descoberta, em 1842, de diamantes na região que ficou conhecida como Chapada das Lavras Diamantinas, vulgarizou o uso dessas pedras em jóias, vendidas em casas especializadas na rua dos Ourives, freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Praia (cf. Brás do Amaral, *História da Bahia...*, p. 160 e A. A. Vieira Nascimento, *Dez freguesias...*, p. 76).

110. O teatro São João, localizado na Praça do Teatro, de onde se descortinava a baía de Todos os Santos, começou a ser construído em 1806, no governo do Conde da Ponte, e foi concluído em 1812, pelo Conde dos Arcos. Ofício enviado em 21 de janeiro de 1854 por Francisco Justiniano de Castro Rebelo, administrador do teatro, a João Luís Vieira Cansansão de Sinimbu, presidente da Província, dá conta de melhoramentos realizados no prédio:

> Depois das grandes obras que se fizeram não há muito tempo e nas quais se gastou avultada quantia, o edifício que antes não correspondia à categoria de que goza esta província entre as demais do Império ficou preparado com toda a magnificência e asseio. Tem setenta e seis camarotes distribuídos em quatro ordens, com gradaria de ferro, forrados de muito bom papel, e havendo em cada um deles os precisos assentos de palhinha envernizados. Há mais uma varanda na linha da quarta ordem, que acomoda de oitenta a cem pessoas. A platéia superior consta de setenta cadeiras e a inferior de duzentas e vinte e oito. Todas envernizadas e de palhinha, havendo além destas cinqüenta travessas para as noites de grande concorrência. (Biblioteca Nacional, Documentos sobre a Bahia, II, 33, 32, 40)

111. Leonor Orsat Mendes, uma das atrizes da Companhia Dramática Nacional, atuou com grande sucesso no teatro São João durante o ano de 1853. Na "Tabela de vencimentos mensais dos artistas da Companhia Dramática Nacional", Leonor Orsat é a segunda da lista, percebendo 160$000, precedida apenas por Leopoldina Ribeiro Sanches, que recebia 300$000 (cf. Biblioteca Nacional, Documentos sobre a Bahia, II, 34, 2, 32). Outras informações sobre a Companhia Dramática Nacional constam do ofício do administrador do teatro São João ao presidente da Província (cf. nota 110):

> Até agosto do corrente ano trabalhou o teatro com duas companhias, uma lírica italiana, que findou neste mês o respectivo contrato, e outra dramática nacional, que continuou de então em diante só até o dia 8 de setembro porque estava contratada. (...) Para estas duas companhias foi votada na lei do orçamento Provincial a quantia de 34.000$000, sendo 24.000$000 para a lírica e 10.000$000 para a dramática. As representações daquela são sempre pouco concorridas, de modo que algumas não deram para as respectivas despesas ordinárias; as destas, ao contrário, o são sempre cheias, ora com mais ou menos concorrência, davam sempre para todas as despesas. Os artistas da Companhia Dramática são em geral bons, e nem há melhores em disponibilidade para contratar, porque os que lhe podem ser superiores estão nos Teatros da Corte, onde mais vantagens auferem. Tive que lutar com grandes dificuldades por não encontrar no Teatro um arquivo dramático, e se não fossem alguns dramas com que me obsequiaram os mesmos artistas e algumas traduções que mandei fazer, teria sido forçado a maçar constantemente o público com peças já velhas e repisadas, às quais entretanto recorri algumas vezes para dar aos artistas o tempo preciso para o estudo das novas. (Biblioteca Nacional, Documentos sobre a Bahia, II, 33, 32, 40)

112. O interesse dos baianos pelo teatro foi comentado em 1854 por Wetherell, que, como outros viajantes europeus, expressou admiração pela arquitetura da "Ópera" e desprezo pela peças ali representadas:

> Os brasileiros parecem ser grandes amadores de espetáculos teatrais já que, embora as peças representadas sejam ou péssimas traduções de obras francesas ou estúpidos dramalhões portugueses e os cenários e o vestuário dos atores sejam dos mais pobres, os teatros estão quase sempre repletos. (...) A Ópera [o teatro São João] é um belo edifício, com filas de camarotes perfeitamente distribuídas e tendo cada um uma pequena grade na frente. A totalidade dos espectadores pode assim ser vista de qualquer parte, o que muito contribui para aumentar a beleza e a aparência do teatro. As salas de espera como as de intervalo são muito boas, bem iluminadas e ricamente mobiliadas. O maior luxo prevalece ali e não se permite fumar em nenhuma parte do edifício. As famílias encontram-se e visitam-se nos camarotes. (*Brasil, Apontamentos...*, p. 79)

113. A peça *O naufrágio do Medusa* é uma adaptação, feita pelo próprio autor, Eugène Sue, do romance *A Salamandra*, publicado em 1832. Anterior à fase folhetinesca de Sue (cf. notas 54 e 105), *A Salamandra* é um dos romances de aventuras inspirados na experiência de Sue como cirurgião militar embarcado em navios da Marinha francesa (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. IV, p. 413–414).

114. As forças portuguesas aquarteladas em Salvador, depois de longo período de confrontos com o Exército Pacificador — formado por milicianos e voluntários baianos e soldados pernambucanos e fluminenses —, embarcaram para Lisboa em 2 de julho de 1823, consolidando-se a Independência proclamada pelo Príncipe Regente em 7 de setembro do ano anterior. A cada ano a data era comemorada com um desfile de carros alegóricos, à frente dos quais o da Cabocla, alegoria em que a índia Paraguaçu pisava o dragão do despotismo português. À passagem dos carros — que saíam da Lapinha e chegavam à Praça do Palácio — reproduziam-se as manifestações de apoio à entrada dos soldados na cidade sitiada, que iam da oferta de grinaldas de flores ao repicar de sinos e à construção de arcos de triunfo (cf. Melo Moraes Filho, "O Dois de Julho", *in Festas e tradições...*, p. 62–66). Em 12 de agosto de 1831, decreto da Regência Trina confirmou resolução da

Assembléia Geral Legislativa e oficializou a festa, declarando o 2 de julho como Dia de Festividade Nacional na Província da Bahia, "cessando o despacho dos Tribunais, e fazendo-se todas as outras demonstrações públicas de regozijo que se praticam em dias de tais festividades" (cf. Wildberger, *Os presidentes...*, fac-símile entre as p. 116 e 117).

115. *Suzana* foi o primeiro romance urbano de D. Anna, tendo como cenário Salvador na segunda metade do século XIX, onde as festas religiosas e cívicas tinham grande importância. O manuscrito foi conservado pela bisneta da autora, Ana Amélia Vieira do Nascimento.

116. Médico, deputado provincial, professor da Faculdade de Medicina, Luís Alvares dos Santos (1825–1886) era um dos oradores mais populares nas festas cívicas da Bahia. A seu respeito escreveu Melo Moraes Filho:

> Corretamente vestido, da cor dos califas, de olhar penetrante, e gesto distinto, ninguém há que o desconheça, todos o admiram. É o Dr. Luís Alvares dos Santos. ("O Dois de Julho", in *Festas e tradições...*, p. 67)

117. Miguel José de Teive e Argolo (1794–1868), Barão de Paramirim a partir de 1860, era filho de Maria Luiza de Queirós e Argolo e de José Joaquim de Teive e Argolo, fidalgo da Casa Imperial e vereador mais velho da Vila de São Francisco do Conde. Casou-se em 1819 com sua prima Dona Bernarda Maria de Teive e Argolo, foi capitão de Milícias na Guerra da Independência, comandante superior da Guarda Nacional na Vila de São Francisco (1839), vereador e presidente da Câmara Municipal da Vila de São Francisco do Conde (1841–1844), fundador do Imperial Instituto Baiano de Agricultura (1859) e coronel honorário do Exército (1864). Condecorado com a medalha da Restauração da Bahia, foi também comendador da Ordem de Cristo e cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro (cf. Bulcão Sobrinho, "Titulares baianos", p. 28).

118. O palanque principal situava-se em frente à igreja de São Domingos, no terreiro de Jesus (Melo Moraes Filho, "O Dois de Julho", in *Festas e tradições...*, p. 66). João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu (1810–1906), depois Visconde de Sinimbu, foi o vigésimo segundo presidente da Província da Bahia e governou entre agosto de 1856 e maio de 1858 (cf. Wildberger, *Os presidentes...*, p. 369–386).

119. Em 1835, Antônio Ferreira França, pioneiro abolicionista, apresentou à Assembléia Geral Legislativa projeto que determinava o fim do Império e a realização de eleições majoritárias para escolher o governante do país a cada dois anos. Na sua militância, organizou os primeiros clubes republicanos e foi um dos pioneiros abolicionistas da Câmara (cf. Brás do Amaral, *História da Bahia...*, p. 125–126).

120. Com a transformação, em 1832, das Academias Médico-cirúrgicas da Bahia e do Rio de Janeiro em Faculdades de Medicina do Império do Brasil, os candidatos ao título de doutor em Medicina eram obrigados, depois de aprovados em todas as matérias do curso, a sustentar em público uma tese, escrita em português ou em latim. As teses constavam de dissertação, ou considerações, sobre um dos pontos propostos anualmente pela congregação da faculdade, seguida das proposições — máximas relativas às diversas cadeiras do curso médico — obrigatoriamente escritas em latim ou grego e de seis aforismas de Hipócrates, tidos como regras na medicina (cf. Dinorah d'Araújo Berbert de Castro, *Idéias filosóficas nas teses inaugurais da Faculdade de Medicina da Bahia*, p. 9–25).

121. No prefácio de *Paul et Virginie*, publicado em 1784, Bernardin de Saint-Pierre declara que sua intenção, ao escrever o romance, foi colocar em evidência algumas grandes verdades, entre as quais que a felicidade consiste em viver de acordo com a natureza e a virtude. Ao ambientar seus heróis em um cenário diferente do europeu e ao reunir a beleza do ambiente tropical à beleza moral

de uma pequena sociedade, Bernardin de Saint-Pierre abriu o caminho para o romantismo francês e despertou nos seus contemporâneos a paixão pelo exótico (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. I, p. 313–314).

122. Constipado: "Com esse termo designa-se uma série de sintomas derivados ordinariamente de uma súbita supressão da respiração da pele" (cf. Fernando São Paulo, *Linguagem médica popular no Brasil*, v. I, p. 95).

123. A ligação marítimo-fluvial a vapor entre Salvador e as vilas ou cidades do Recôncavo era tradicionalmente feita em saveiros, barcos de três velas utilizados para transportar o açúcar produzido nos engenhos. Em 1847 foi iniciada a navegação a vapor pela Companhia Bonfim, que oferecia roteiros semanais cobrindo toda a costa da baía de Todos os Santos, tendo como ponto final Nazaré, Cachoeira, Santo Amaro e Valença. Em 1858, a Bonfim fundiu-se com a Companhia Santa Cruz, que fazia a navegação litorânea, formando-se a Companhia de Navegação a Vapor Baiana, com sede em Londres (Brás do Amaral, *História da Bahia...*, p. 130 e 224). Em 1880, Maximiliano de Habsburgo descreveu a partida de Salvador em um dos vapores da Navegação Baiana, numa viagem especial para Cachoeira, com parada em Itaparica:

> Diante de nós, sobre as ondas azuis, flutuava um panorama como o poder de imaginação espera da América, uma paisagem de "Paulo e Virgínia", cujas descrições ardentes alimentaram, tão beneficamente, a fantasia juvenil. Cadeias extensas e longas de colinas delineiam-se no céu azul. A mata virgem farfalha, subindo os morros, e é dominada por algumas árvores gigantes, que se sobressaem. Na praia arenosa, iluminada pelo sol, erguem-se os coqueiros, perfilados, como fantasmas. Alguns pontos brancos, como pérolas cintilantes, fazem-nos antever solares e choupanas, em volta dos quais se estende o verde viçoso das ricas plantações de açúcar. Para conferir ainda mais à cena o cunho de exótico, surgem do mar, à direita da extensa costa, como a dança da fada Morgana, ilhotas com coqueiros altos balançantes. Entre elas, a de Santa Bárbara, um depósito de

pólvora, e a de São Roque. Como cenário, passavam, veloz e alegremente por nós, grandes embarcações carregadas de produtos naturais, as altas velas latinas bem infladas pelo vento da manhã. Curiosos, os barqueiros de todas as cores, apinhados em grupos alegres nos barcos, olhavam para o vapor, que ia fora de rota e em hora fora do comum. (*Bahia 1860...*, p. 152–153)

124. A igreja matriz de Nossa Senhora da Purificação do Sergipe do Conde, entregue ao culto, ainda inacabada, em 1704, foi construída com recursos arrecadados entre os fiéis da freguesia de São Francisco da Barra do Sergipe do Conde, ao lado de uma antiga ermida dedicada ao abade beneditino Santo Amaro. No final do século XVII e início do XVIII, concentravam-se no termo dessa freguesia, separada em 1693 do termo da cidade de Salvador, cerca de quarenta dos maiores engenhos de açúcar da Capitania, serrarias e grandes plantações de fumo e de mandioca. Toda a produção local era escoada pelo porto de Santo Amaro, à margem do rio Subaé, dando origem a um povoado que, em 1727, por sua pujança econômica, foi elevado a vila, trazendo para o seu termo quatro outras freguesias até então pertencentes a São Francisco do Conde. Os períodos favoráveis e desfavoráveis para a economia da região deixaram suas marcas na igreja que se tornaria matriz na nova vila de Santo Amaro:

> É essa Matriz Templo Majestoso pela sua Magnificência, porque na sua grandeza compete com a Freguesia de São Bartolomeu de Maragogipe, e excede a todas as mais Matrizes do Arcebispado, e ainda as da Cidade da Bahia, e se faz mais agradável por fazer frente a uma praça que tem de largo quarenta braças e mais de sessenta de comprido, ornada de uma e de outra parte de casas, além das que há por outras ruas, em que habitam os moradores; tem na frente três portas principais além de duas travessas, que tem para um e outro lado, todas com portadas, remates de pedra mármore, com janelas e semalhas da mesma pedra, e da parte de dentro se sustenta o Coro sobre duas colunas também de mármore de singular artifício, servindo de base a cada uma delas as pias de água benta fabricadas com primorosa arquitetura; o que tudo mandaram buscar os Fregueses

daquele tempo a Lisboa, que com despesa sua fizeram esta majestosa matriz. Vem cinco altares, além destes uma Capela fechada com grades de ferro com retábulos de talha, dourado, com as paredes todas cobertas do mesmo modo, onde está depositado em um primoroso sacrário o Santíssimo Sacramento. Pela decadência dos tempos, não podendo mais os Fregueses por esta Matriz na sua última perfeição, recorreram a Sua Majestade para que fosse servido mandar-lhes dar uma esmola, com que a pudesse acabar, e foi o dito Senhor, por sua Real grandeza, servido de lhe mandar dar doze mil cruzados que se despenderam na fatura de um grande retábulo de talha para a Capela Mór, grades de jacarandá de talha para o corpo da Igreja e seu coro, e nas portas da mesma matriz, que tudo ficou na última preparação. E como o dito Senhor mandou dar a referida esmola com denegação de se lhe pedir outra, se acha o retábulo por dourar, e a mesma Igreja por forrar para o que não podem concorrer os Paroquianos pela impossibilidade dos tempos presentes. ("Relação da Freguesia de Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro do Recôncavo da Bahia, pelo Vigário José Nogueira da Silva", 1757, *Inventário dos documentos relativos ao Brasil...*, v. I, p. 201, doc. 2.691)

125. Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810–1877), poeta, romancista e historiador, um dos introdutores do romantismo em Portugal. Ativista liberal, suas posições políticas obrigaram-no a refugiar-se na Inglaterra em 1831 e 1832 e custaram-lhe problemas com o governo português e a Igreja Católica. Entre 1837 e 1844, dirigiu a publicação *Panorama, Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis* (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. 2, p. 493).

Capítulo XX

126. Gabriel Gustave Andriveau-Goujon (n. 1808). Livreiro e editor, adquiriu notoriedade imprimindo mapas. Os mais conhecidos são o *Plan de Paris et de ses communes environantes strictement geometral* e o *Atlas universel* de Geografia antiga e moderna (cf. *Grande Encyclopédie*, t. II, p. 1.049).

127. Clemente Mariani Bittencourt (1900–1981). Jornalista, advogado, político, banqueiro e empresário. Foi deputado estadual e federal pela Bahia em diversas legislaturas, ministro da Educação e Saúde no governo Dutra, presidente do Banco do Brasil no governo Café Filho e ministro da Fazenda no governo Jânio Quadros. Na iniciativa privada, foi presidente do Banco da Bahia, do Banco da Bahia Investimentos e da Petroquímica da Bahia.

128. João Estanislau da Silva Lisboa (1820–1878). Diretor do colégio São João, educador e professor de Geografia e de História. Em 1847, assassinou — dizia-se que com uma bala de ouro — a jovem Júlia Fetal, por quem estava apaixonado. Admitida a atenuante da paixão, foi condenado a dez anos de prisão e autorizado a continuar a ensinar na prisão do forte do Barbalho, tendo recusado o perdão que lhe foi oferecido (cf. Pedro Calmon, *A bala de ouro, história de um crime romântico, passim*).

129. Os concursos para lente da Faculdade de Medicina, instituídos em 1854 e regulamentados em 1856, incluíam defesa de tese escrita e oral e prova prática. Segundo o decreto imperial 1.387, seriam abertos concursos apenas para lente opositor e, na vacância de um lugar de lente substituto, o Ministério do Império escolhia o opositor que mais se tivesse destacado no exercício de suas funções, segundo lista encaminhada pela Congregação. O lente substituto mais antigo, por sua vez, ocupava a vaga criada por aposentadoria ou morte de um catedrático (cf. Francisco Pinheiro Júnior, *Idéias filosóficas nas teses de concurso da Faculdade de Medicina da Bahia, século XIX*, p. 38–47).

130. Pedro Ribeiro prestou concurso para lente substituto da cadeira de Física na Seção de Ciências Acessórias em 1858, apresentando a tese "A Física poderá ocupar o lugar que lhe compete sem conhecer o elemento de força?". Aprovado mas não nomeado, no ano seguinte obteve o lugar de opositor na cadeira de Química Orgânica e Farmácia, com a tese "O estudo químico da urina interessa ao médico?". Em 1875, fez concurso para lente catedrático de

Botânica e Zoologia, com a tese "Considerações acerca das moléstias e danificações a que estão sujeitos os vegetais cultivados e os meios de remediá-los". Segundo Francisco Pinheiro Júnior, nos seus trabalhos aparecem traços evolucionistas e positivistas, no contexto de uma visão de mundo essencialmente cristã, embora agnóstica em muitos aspectos (cf. *Idéias filosóficas...*, p. 159–172).

131. Chardel é um dos autores em que Pedro Ribeiro baseia a sua argumentação a favor da luz como o elemento central da vida (Francisco Pinheiro Júnior, *Idéias filosóficas...*, p. 160). Não há qualquer obra desse autor catalogada nos fichários da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

132. O artigo 197 do decreto 1.387, de 1854, determinava que, na sessão de encerramento dos trabalhos anuais, a congregação de cada faculdade encarregasse um de seus membros para apresentar, na primeira sessão do ano seguinte, uma Memória Histórica, que devia relatar os acontecimentos notáveis do ano findo e especificar o grau de desenvolvimento a que houvesse sido levada nesse mesmo período a exposição das doutrinas, tanto nos cursos públicos como nos particulares. Em 1857 essas Memórias começaram a ser publicadas em anexo ao relatório anual do Ministério do Império; no ano seguinte, o relator, dr. Antônio José Alves, lente substituto, introduziu uma inovação, a de relacionar os melhores alunos de cada cadeira. O nome de Pedro Ribeiro da Trindade é citado duas vezes, nas cadeiras de Física e de Química Mineral.

133. Na segunda metade do século XIX, além de uma importante Biblioteca Pública, fundada pelo Conde dos Arcos em 1811, e da Biblioteca da Faculdade de Medicina, Salvador dispunha de três livrarias comerciais: duas na Cidade Baixa (as de B. C. da Silveira Lemos e de Carlos Pongetti, na rua Nova do Comércio) e uma na Cidade Alta (de João Batista Martin, na rua Direita da Misericórdia). Ofereciam essas livrarias, em anúncios na imprensa e em catálogos distribuídos pelo correio, livros de autores portugueses, traduções da literatura inglesa e francesa e textos originais nessas

duas línguas (cf. Pierre Verger, *Notícias...*, p. 171–173). Entre as obras de Alexandre Herculano, *Eurico, o presbítero* e *O monge de Cister,* romances históricos, foram publicados em 1843 e 1848; *A História de Portugal,* em três volumes, entre 1846 e 1853 (cf. *Dictionnaire des auteurs,* v. II, p. 493).

134. Pierre Clemente Eugène Pelletan (1813–1884). Político e homem de letras francês, de natureza mística e apaixonada, envolveu-se em intensa polêmica sobre o destino da humanidade, tendo como antagonista o poeta e diplomata Alphonse de Lamartine (1790–1869), de quem se considerava discípulo e seguidor. Comprometido com o romantismo, Lamartine negava o progresso, considerando que as sociedades vinham, com o tempo, se abastardando. Em *Profession de foi du XIX*^{ème} *siècle* (1852), Pelletan desenvolveu uma teoria sobre o inevitável progresso da humanidade, sendo contraditado por Lamartine (cf. nota 140). O rompimento entre ambos se deu em 1857, quando da publicação, por Pelletan, de *Lettres à un homme tombé.* Em 1874 foi publicado *Le monde marche – lettres à Lamartine,* livro em que estão reunidos os argumentos dos dois contendores (cf. *La Grande Encyclopédie,* t. XXVI, p. 274). Jean-Pierre-Marie Flourens, discípulo de Cuvier, mestre em Fisiologia Experimental, titular em 1832 do curso de Anatomia Comparada do Museu Francês, foi eleito membro da Academia Francesa em 1840. A partir desse ano, publicou uma série de tratados filosóficos, científicos e literários que lhe valeram reputação universal. Entre eles, destacam-se *Buffon – histoire de ses travaux et de ses idées, Cuvier – histoire de ses travaux et de ses idées, Cours de Physiologie Comparée. De l'ontologie ou l'étude des êtres. Leçons professées au Musée d'Histoire Naturelle* e *De la longevité humaine et la qualité de vie sur le globe* (cf. *La Grande Encyclopédie,* t. XVII, p. 659).

135. A tese apresentada em 1862 à Faculdade de Medicina por Pedro Ribeiro da Trindade, um espiritualista confesso, tinha por título "Inervação". Contrária às várias formas de vitalismo, é representa-

tiva, segundo Dinorah A. Berbert de Castro, de um período de transição entre as concepções organicista e mecanicista da medicina (cf. *Idéias filosóficas nas teses inaugurais da Faculdade de Medicina da Bahia*, p. 149–155).

136. As dedicatórias das teses inaugurais muitas vezes ultrapassavam em número de páginas as dedicadas à dissertação propriamente dita. Pais, avós, primos próximos e distantes, amigos, conhecidos, amas-de-leite, professores, alunos, autoridades, vivos ou mortos, causas, congregações e instituições eram objetos de emocionadas declarações de gratidão e reconhecimento (cf. Dinorah A. Berbert de Castro, *Idéias filosóficas...*, p. 12–16).

137. Primeira estrada de ferro da Bahia, a *Bahia and San Francisco Railway*, que deveria ligar Salvador ao Sertão, foi construída com capital inglês (cf. L. H. Dias Tavares, *História da Bahia*, p. 156). Iniciadas as obras em 1856, os trilhos só chegaram a Alagoinhas em 1863, percorrendo um trajeto de vinte léguas, ou 123 quilômetros. Partindo da península de Itapagipe, eles passavam por Periperi, Aratu, Mapele, Moritiba, Camaçari, Feira Velha, Mata de São João, Pitanga, Pojuca e Santana do Catu. Feira Velha, a seis léguas de Catu, era a antiga feira de Capuame, passagem obrigatória das boiadas que desciam do Sertão para abastecer Salvador, da qual distava nove léguas.

138. Em 1862, a Memória Histórica da Faculdade de Medicina registra que Pedro Ribeiro da Trindade, "com sintomas de tuberculose, retirou-se para fora da capital e consta que recuperou a saúde" (cf. *Relatório apresentado à Assembléia Geral Legislativa na quarta seção da décima segunda legislatura pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império em 1862*).

Capítulo XXI

139. Camilo Castelo Branco (1826–1890), Visconde de Correia Botelho em 1885. Poeta, romancista e autor teatral. Educado no Seminá-

rio Menor, abandonou a carreira religiosa e se tornou, junto com Eça de Queirós, a mais destacada expressão do romance de costumes português. Publicou cerca de oitenta títulos, entre os quais *Os mistérios de Lisboa* (1853), *O romance de um homem rico* (1859), *Amor de perdição* (1852), *O judeu* (1866) e uma série de doze volumes, *Novelas do Minho* (1875–1877) (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. 1, p. 527).

140. Victor-Marie Hugo (1802–1885), poeta, romancista, autor teatral, polemista e ativista político, talvez o mais destacado representante da escola romântica francesa. Suas principais obras foram *Notre-Dame de Paris* (1831, romance histórico), *Hernani* (1838, drama teatral), *Les misérables* (1862, romance histórico), e *L'Art d'être grand-père* (1877, poemas) (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. 2, p. 550–555). Alphonse Louis Marie Lamartine (1790–1869), diplomata francês que se destacou como poeta, escritor e orador. Em *Raphaël* (1849), misturam-se fantasia e realidade, descrevendo Lamartine seu envolvimento amoroso com uma mulher casada e condenada pela tuberculose. Suas principais obras foram *Meditations poétiques* (1820), *Nouvelles meditations* (1823), *Harmonies poétiques et réligieuses* (1830), *Jocelyn* (1831), *Impressions, pensées et paysages pendant un voyage en Orient* (1833), *La Chute d'un ange* (1838) e *Histoire des Girondins* (1847) (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. 3, p. 16–22).

141. Empenhado em socorrer os miseráveis e redimir as almas, Rodolfo, grão-duque alemão, disfarçado de operário, freqüentava as áreas miseráveis de Paris, para expiar uma antiga culpa.

142. Mathias de Araújo Góis sofria de *tabes dorsalis*, ou ataxia locomotriz, ou ainda ataxia muscular progressiva. A doença é descrita por Chernoviz como "moléstia do sistema nervoso, caracterizada pela impossibilidade em que se acha o doente de dirigir e regrar os movimentos à sua vontade, embora os músculos nada tenham perdido de sua contratibilidade normal" (cf. *Dicionário de medicina popular...*, v. I, p. 242).

143. Francisco Bonifácio de Abreu (1819–1887), Barão da Vila da Barra, grande do Império. Nasceu na Vila da Barra, no Sertão baiano, formando-se em Medicina no Rio de Janeiro. Lente de Geografia no Liceu Baiano, lente de Química Orgânica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, médico da Imperial Câmara e coronel cirurgião mor honorário do Exército por serviços prestados na Guerra do Paraguai. Foi também deputado pela Bahia em diversas legislaturas a partir de 1869, presidente da Província de Minas Gerais de 1876 a 1877, grande dignitário da Ordem da Rosa e comendador da Ordem de Cristo, além de condecorado com a medalha comemorativa da campanha do Paraguai. Autor de teses acadêmicas nas áreas de Medicina e Geografia, de dois romances em versos, *Tersina* (1848) e *Palmira* (1849), de uma ópera lírica, *Moema e Paraguassu* (1860), de uma tradução da *Divina comédia*, de Dante Alighieri (1888) e de diversas composições poéticas (cf. Sacramento Blake, *Dicionário bibliográfico brasileiro*, v. II, p. 413–416).

144. Cf. nota 24.

Capítulo XXII

145. Cf. quadro genealógico IV.

146. O episódio é relatado no primeiro volume destes *Longos serões no campo – O Major Pedro Ribeiro.*

147. Pedro Ribeiro de Araújo Bittencourt (1866–1958). Formado em direito pela Faculdade de Recife, foi sucessivamente promotor, juiz, desembargador e presidente do Tribunal de Apelação e Revista, tendo ocupado este último cargo entre 1920 e 1938.

148. Ellik Morn, psicólogo norte-americano cuja obra foi traduzida para diversas línguas européias no início do século XX. O livro *Se queres viver, desperta e luta! Arte de revigorar a alma e o corpo*, publicado em Paris por Aillaud e Alves, propõe um método para utilizar o potencial energético de cada indivíduo na conquista de

uma vida plenamente satisfatória, do ponto de vista físico, intelectual e material.

149. A igreja de Nossa Senhora Santana, no Catu, sofreu diversas reformas. A última, em 1989, descaracterizou completamente o seu interior. Para que o piso e as paredes fossem revestidos de ladrilhos, as lápides foram removidas de suas posições originais e utilizadas como pavimentação da sacristia.

Capítulo XXIII

150. Jacques Benigne Bossuet (1627–1704). Sacerdote, escritor e orador sacro francês, discípulo de São Vicente de Paula, por quem foi ordenado em 1652. Chegou a Paris em 1660, destacando-se pela qualidade literária dos seus sermões e orações fúnebres. No reinado de Luís XIV, foi preceptor do Delfim, para quem escreveu o *Discours sur l'histoire universelle*, e sustentou a política religiosa, criticando os protestantes e combatendo o quietismo, doutrina mística segundo a qual a perfeição é atingida através da anulação da vontade e da união contemplativa com Deus (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. I, p. 385–388).

151. Cf. nota 130.

152. Emanuel Swedenborg (1688–1772). Cientista, fisósofo e teólogo sueco. Estudou Matemática, Astronomia, Física, Química e Mecânica e realizou investigações na área de Mineralogia, sendo assessor do Real Colégio de Minas da Suécia. Por indução, chegou a conclusões semelhantes às da moderna Física Nuclear, atribuindo ao movimento papel primordial na organização do cosmo. Na busca de um *locus* físico para a alma humana, dedicou-se a estudos anátomo-fisiológicos, deixando importantes contribuições na área da Fisiologia Cerebral. Numa segunda fase, tornou-se teólogo, asseverando que recebera convocação divina para difundir noções que abririam uma nova fase de verdade e razão na religião. Rejeitou a doutrina da Santíssima Trindade, afirmando a unidade di-

vina, e sustentou que a salvação do homem só se faria pela superação do mal através do livre arbítrio; seus escritos teológicos foram resumidos e publicados em 1771, na obra *Vera Christiana Religio*. Não pregou em público nem fundou Igreja, mas depois de sua morte alguns discípulos criaram, em 1784, a Igreja da Nova Jerusalém, que tem seguidores em vários países. Em 1810, foi instalada em Londres uma Sociedade Swedenborg, que tem como objetivo divulgar sua obra (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. IV, p. 425–427).

153. O espiritismo, expressão moderna da antiga crença na possibilidade de invocar a alma dos mortos através de ritos ou práticas mais ou menos secretas, alcançou foros de ciência na América do Norte e na Europa na segunda metade do século XIX. A partir da ocorrência, em 1848, de fenômenos considerados inexplicáveis em Hydesville, vilarejo do estado de Nova York, proliferaram grupos que pretendiam entrar em contato com espíritos e desenvolveu-se vasta literatura com teorias a respeito das aparições. Em 1852, existiam na Filadélfia cerca de trezentos círculos espíritas e, em 1853, os médiuns — intermediários entre vivos e mortos — eram, só nos Estados Unidos, trinta mil. Ali, a importância do movimento era tão grande que a Universidade de Filadélfia criou uma cadeira especialmente voltada para estudar esses fenômenos. Na Inglaterra, sábios se ocuparam do assunto, fizeram experiências e reconheceram como válidas algumas aparições. Na França, o movimento teve o seu mais conhecido sistematizador, Alan Kardec, pseudônimo do médico Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804–1869). Em vasta bibliografia, ele construiu a doutrina que continuou a se espalhar pelo mundo e teve, entre seus seguidores, nomes de peso, como Arthur Conan Doyle (cf. *La Grande Encyclopédie*, t. XXX, p. 402–403).

154. Silvio Pellico (1789–1854). Nascido em Saluccio, no reino da Sardenha, norte da Itália, viveu na França entre 1806 e 1810, onde foi sensibilizado pelas idéias revolucionárias ali correntes. De

volta ao país natal, dedicou-se à literatura, alcançando grande sucesso como autor de obras romântico-patrióticas, entre as quais *Francesca de Rimini*. As conexões políticas do movimento romântico levaram Pellico a tornar-se membro da sociedade secreta dos *carbonari*, que lutava por idéias liberais e pela unificação da Itália. Preso em 1820, acusado no ano seguinte de atividades revolucionárias pelas autoridades austríacas, foi condenado à morte, mas teve a pena comutada para quinze anos de trabalhos forçados, a serem cumpridos na prisão de Spielberg, em Brno. A experiência do encarceramento nas condições mais adversas transformou Pellico, que desenvolveu uma profunda religiosidade e abandonou totalmente as atividades políticas. Libertado em 1830, escreveu *Minhas prisões*, livro em que adota um ponto de vista cristão, condena as revoluções e sustenta que a não-cumplicidade é uma reação suficiente diante da injustiça (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. III, p. 663–664).

155. Santo Agostinho (354–430). Celebrado em 28 de agosto, doutor da Igreja, formulou a Teologia neoplatônica que dominou o Ocidente até que, no século XIV, surgisse, com São Tomás de Aquino, a visão aristotélica do cristianismo. Santo Agostinho marca a transição entre a civilização greco-romana e a era cristã. A erudição de sua obra, que incorpora a cultura antiga e a doutrina do Novo Testamento, fez com que ela ficasse restrita aos estudiosos, mas o caráter dramático de sua vida tornou-o um dos santos mais populares do calendário católico. Jovem de família abastada — pai pagão e mãe cristã —, educado segundo os moldes clássicos, converteu-se ao cristianismo depois de uma juventude libertina que muito fez sofrer sua mãe, Santa Mônica. Esta se tornaria, por sua paciência na adversidade, a padroeira das causas impossíveis.

156. Antoine-François-Felix Roselly de Lorgues (n. 1805). Biógrafo de Cristóvão Colombo, cuja canonização solicitou ao Papa Leão XIII em 1893. *Jesus Cristo perante o século, ou Triunfo da religião cristã pelas recentes descobertas das ciências naturais*, publicado em francês

em 1835, foi traduzido para o português pelo dr. Caetano Lopes de Moura para a casa editora Livraria J. P. Aillaud em 1844 (cf. Cláudio Veiga, *Um brasileiro soldado de Napoleão*, p. 114). A obra, sucessivamente reeditada, era anunciada na *Folhinha Eclesiástica e Civil do Arcebispado da Bahia* de 1851 como "solene e eloqüente voz em defesa do cristianismo".

157. Cf. nota 152.

158. Com outros jovens escritores da vanguarda russa, Fedor Dostoievsky (1821–1881) engajou-se em discussões político-literárias sobre os socialistas franceses e as reformas que se faziam necessárias em seu país. Acusado de conspiração contra o regime do Czar, em 1849 foi preso e condenado à deportação para a colônia penal de Omsk, junto com seus companheiros. Transferido depois de quatro anos de trabalhos forçados para servir como soldado em uma unidade militar estacionada na Sibéria, Dostoievsky foi anistiado em 1859 e passou a viver em São Petersburgo. Os anos de prisão tiveram grande impacto sobre o escritor, que evoluiu para um cristianismo nacionalista, convencido da elevação dos valores espirituais do povo russo. *Recordações da casa dos mortos* foi publicado em 1861 e precedeu os grandes romances da maturidade — *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os irmãos Karamazov*, *O jogador* —, que o consagraram como escritor (cf. *Dictionnaire des auteurs*, v. 2, p. 38–44).

159. As principais obras de Alan Kardec são o *O livro dos espíritos* (1856), *O livro dos médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O céu e o inferno* (1865) e *A gênese* (1867), nas quais estão expostos os princípios da doutrina espírita. Eles acreditam na existência de Deus, inteligência cósmica responsável pela criação e conservação do Universo e da alma (ou espírito), que, envolvida pelo perispírito, é capaz de conservar a memória da vida terrena, mesmo quando "desencarnada", e estabelecer comunicação com os vivos. Acreditam também na reencarnação como forma de aperfeiçoamento moral e intelectual, na lei do carma, ou da

causalidade, pela qual se interligam as sucessivas vidas do espírito, e na existência de vários planos habitados que oferecem oportunidades diversas para a evolução individual (cf. Conan Doyle, *História do espiritismo*, *passim*).

160. O código de comunicação sonora através do qual os espíritos se comunicavam com os médiuns — semelhante ao código Morse, então recém-adotado nas comunicações telegráficas — foi desenvolido pelas irmãs Kate e Margaret Fox, de Hydesville (cf. nota 153). Assustadas com ruídos que se repetiam na casa para onde a família tinha se mudado, desafiaram o autor das supostas mensagens a melhor se fazer entender, terminando por estabelecer uma forma de comunicação baseada em batidas afirmativas ou negativas e cartões com letras do alfabeto. A escrita automática surgiu posteriormente e justificou toda uma literatura "psicografada" que foi difundida internacionalmente (cf. Conan Doyle, *História do Espiritismo*, p. 93–116).

161. *A filha de Jephte, romance tirado da Escritura Sagrada* foi impresso na Tipografia A Rua da Alfândega em 1882. *O anjo do perdão*, de 1855, foi escrito para ser publicado como folhetim na *Gazeta de Notícias* da Bahia (cf. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, v. I, p. 94–95).

162. *A Paladina do Lar*, órgão da Liga Católica das Senhoras Baianas, foi editada pela Tipografia Beneditina entre 1910 e 1917. Na página de abertura do primeiro número é declarado que tinha como objetivo "propagar idéias moralizadoras e conhecimentos úteis" e "auxiliar as mães de família na tarefa de educar os filhos". A Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro tem a série completa. *A Voz* não consta do catálogo de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

163. A Liga Católica das Senhoras Baianas, presidida por Dona Amélia Rodrigues, foi fundada em 1909 e teve seus estatutos aprovados pelo arcebispo da Bahia, Dom Jerônimo Tomé da Silva, em 6 de outubro de 1914.

Bibliografia

ACCIOLI, Inácio ... de Cerqueira e Silva. *Memórias históricas e políticas da Província da Bahia.* Anotador Dr. Brás do Amaral. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1919–1940. 6 v.

ALVES, Marieta. *Pequeno guia das igrejas da Bahia.* — Igreja do Bomfim, v. X. Salvador: Diretoria do Arquivo, Divulgação e Estatística da Prefeitura de Salvador, 1951.

————. *Dicionário de artistas baianos.* Salvador: Universidade Federal da Bahia/ Conselho Estadual de Cultura, 1976.

AMARAL, Brás do. *História da Bahia do Império à República.* Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil.* Intr. e vocabulário A. P. Canabrava. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.

BATISTA FILHO, Zito. *A ópera.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

BERBERT DE CASTRO, Dinorah A. *Idéias filosóficas nas teses inaugurais da Faculdade de Medicina da Bahia (1838 e 1889).* Salvador: mimeo. Trabalho apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBa., para obtenção do título de mestre em Ciências Humanas, 1973.

BULCÃO SOBRINHO, Antônio de Araújo de Aragão. "Famílias baianas: Araújo Góis". Salvador: *Revista do Instituto Genealógico da Bahia,* (6) : 63–81, 1951 e (7) : 53–87, 1952.

————. "Titulares baianos". Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, DL 837.5.

CALMON, Pedro. *A vida de Dom Pedro II.* 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

————. *História da literatura baiana.* Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 1949.

———. *Introdução e notas ao catálogo genealógico das principais famílias, de Frei Jaboatão.* Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1985. 2 v.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro.* 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda/Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CARNEIRO, Edson. *A cidade do Salvador [1549]. Uma reconstituição histórica.* Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.

CHERNOVIZ, Pedro Luís Napoleão. *Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias para uso das famílias.* 6ª ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. 2 v.

CONAN DOYLE, Arthur. *História do Espiritismo.* São Paulo: Editora Pensamento, s.d.

COUTINHO, José Lino dos Santos. *Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um catecismo moral, político e religioso,* publicadas por João Gualberto dos Passos. Bahia: Typographia de Carlos Pongetti, 1849.

DIAS TAVARES, Luís Henrique. *História da Bahia.* 8ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

Dicionário prático ilustrado. Porto: Lello & Irmão Editores, 1972.

Dictionnaire des auteurs de tous les temps et de tous les pays. Paris: Robert Laffont, 1980.

DOSTOIEWSKI, Feodor. *Recordações da casa dos mortos.* São Paulo: Editora Globo.

HABSBURGO, Maximiliano de. *Bahia 1860 – Esboços de viagem.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa. Org. Eduardo de Castro e Almeida. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1914. 7 v.

La Grande Encyclopédie, Inventaire Raisonné des Sciences, des Lettres et des Arts. Paris: Societé Anonyme de la Grande Encyclopédie, s/d. 31 t.

LIMA JUNIOR, Francisco Pinheiro. *Idéias filosóficas nas teses de concurso da Faculdade de Medicina da Bahia (século XIX).* Salvador: 1974 (tese apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBa, para concurso de professor titular do Departamento de Filosofia).

MELO MORAES FILHO. *Festas e tradições populares do Brasil.* Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora Ltda/Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

MORN, Ellick. *Se queres viver, desperta e luta! Arte de revigorar a alma e o corpo.* Paris: Aillaud e Alves, s/d.

NASCIMENTO, Anna Amélia Viera. *Dez freguesias da cidade do Salvador.* Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

NOVINSKI, Anita. *Cristãos-novos na Bahia.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

OTT, Carlos. *A Santa Casa da Misericórdia da Cidade de Salvador.* Rio de Janeiro: Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 21, 1960.

PEIXOTO, Afrânio. *Breviário da Bahia.* Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1945.

PINTO DE AGUIAR (org.). *Bailes pastoris na Bahia.* Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

PIRES, Padre Heliodoro. *Temas da história eclesiástica do Brasil.* São Paulo: São Paulo Editora, 1946.

QUERINO, Manuel. *Bahia de outrora.* Pref. e notas Frederico Edelweiss. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.

————. *Artistas baianos (indicações biográficas).* 2ª ed. melhorada e cuidadosamente revista. Salvador: Oficinas da Empresa "A Bahia", 1911.

RODRIGUES, Leda Boechat. *História do Supremo Tribunal Federal.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991. 3 t.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Vitorino Alves. *Dicionário bibliográfico brasileiro.* Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. 6 v.

SAINT-PIERRE, Bernardin de. *Paulo et Virginie.* Paris: Bibliothèque Larrousse, s/d.

SANTOS FILHO, Licurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo. Aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX.* Brasiliana, série 5ª, v. 9. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SÃO PAULO, Fernando. *Linguagem médica popular no Brasil.* Coleção Baiana. Salvador: Editora Itapuã, 1970. 2 v.

SARMENTO, Padre Francisco de Jesus Maria Sarmento. *Flos Sanctorum.* Bahia: Livraria Progresso Editora, 1955.

SILVA CAMPOS, João da. *Crônicas baianas do século XIX.* Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1937.

————. *Procissões tradicionais da Bahia.* Publicações do Museu da Bahia, nº 1. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1941.

SILVA LIMA, Jackson da. *História da literatura sergipana*, v. I. Aracaju: Livraria Regina Ltda., 1971.

SISSON, S. A. *Galeria dos brasileiros ilustres — Os contemporâneos.* Biblioteca Histórica Brasileira, v. XVIII. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1948. 2 t.

TOLLENARE, L. F. de. *Notas dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818.* Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.

WETHERELL, James. *Brasil, apontamentos sobre a Bahia, 1842–1857.* Apres. e trad. Miguel P. do Rio Branco. Salvador: Edição do Banco da Bahia S.A., s/d.

WILDBERGER, Arnold. *Os Presidentes da Província da Bahia — efetivos e interinos — 1824–1889.* Salvador: Tipografia Beneditina, 1949.

VEIGA, Cláudio. *Um brasileiro soldado de Napoleão.* São Paulo: Instituto Nacional do Livro/Editora Ática, 1979.

VERGER, Pierre. *Notícias da Bahia, 1850.* Salvador: Editora Currupio/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981.

VIANA, Francisco Vicente, *Memória sobre o Estado da Bahia.* Bahia: Tiypographia e Encadernação do *Diário da Bahia*, 1893.

VILHENA, Luís dos Santos. *Notícias soteropolitanas e brasílicas.* Anotadas pelo professor Brás do Amaral. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1922. 2 v.